

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - PPGCOM
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

DANTON JOSÉ BOATINI JÚNIOR

O BOATO NA ERA DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS: UMA ANÁLISE DO CASO GUARUJÁ

Porto Alegre
2016

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – PPGCOM

DANTON JOSÉ BOATINI JÚNIOR

O BOATO NA ERA DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS:
UMA ANÁLISE DO CASO GUARUJÁ

Porto Alegre

2016

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

**O boato na era das redes sociais digitais:
uma análise do caso Guarujá**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dr^a Juliana Tonin

Porto Alegre

2016

Ficha Catalográfica

B662b Boatini Júnior, Danton José

O boato na era das redes sociais digitais : Uma análise do caso
Guarujá / Danton José Boatini Júnior . – 2016.

152 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Comunicação Social, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Tonin.

1. Comunicação. 2. boato. 3. redes sociais digitais. 4. imaginário.
5. jornalismo. I. Tonin, Juliana. II. Título.

DANTON JOSÉ BOATINI JÚNIOR

O boato na era das redes sociais digitais: uma análise do caso Guarujá

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em ____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Juliana Tonin - PUCRS

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva - PUCRS

Prof. Dr^a Aline do Amaral Garcia Strelow - UFRGS

Porto Alegre

2016

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o papel das redes sociais digitais na manifestação de boatos, por meio de uma pesquisa sobre o caso Guarujá. Nosso objetivo é entender como a informação de que uma suposta sequestradora estaria raptando crianças para a prática de magia negra, divulgada na Internet, acompanhada de um retrato falado e de uma fotografia, teve um desfecho trágico com o linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, que viria a morrer em virtude dos golpes, embora nenhuma criança tivesse desaparecido. Como consequência da ampla oferta de tecnologias, as redes sociais digitais tornaram-se uma ferramenta importante na formação do imaginário da pós-modernidade, o que não é diferente no caso da divulgação de informações sem comprovação. Por meio da sociologia compreensiva, utilizando a entrevista de grupo focal e a pesquisa documental, procuramos identificar de que forma as redes sociais digitais influenciaram para que o boato se transformasse em uma situação real de alerta coletivo e levasse um grupo de moradores a fazer a chamada “justiça com as próprias mãos” contra uma pessoa inocente.

Palavras-chave: Comunicação. Boato. Redes sociais digitais. Imaginário. Jornalismo.

ABSTRACT

This research aims to analyze the role of social media in the spread of rumors, by means of a research about de Guaruja case. Our goal is to understand how the information about a supposed kidnapper, who would kidnap children in order to practice black magic, published in the Internet, had a tragic outcome with the lynching of the housewife Fabiane Maria de Jesus, who died because of the injuries, though no child has disappeared. As a consequence of the wide range of technologies, social media has become an important tool in the formation os postmodern imaginery, wich is no different in the case of unproven disclosure. Through comprehensive sociology, using the focus group interview and documentary research, we sought to identify how social media influenced só that the rumor turned into a real collective warning situation and led a group of residents to take the law into their own hands, against an innocent person.

Keywords: Communication. Rumor. Social Media. Imaginery. Journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - “Tourist guy” no World Trade Center	65
Figura 2 – Retrato falado da suposta sequestradora de crianças	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 IMAGINÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE	15
2.1 FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO.....	23
2.2 TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO.....	26
2.3 O IMAGINÁRIO DA VIOLÊNCIA E OS LINCHAMENTOS.....	32
2.4 REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	39
2.4.1 A INFORMAÇÃO NA ERA DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	45
3 O BOATO NA ERA DA COMUNICAÇÃO DIGITAL	50
3.1 COMO SURGEM OS BOATOS.....	59
3.2 O BOATO E AS REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	63
3.3 O BOATO COMO INFORMAÇÃO NEGATIVA.....	69
3.4 POR QUE ACREDITAMOS.....	70
4 METODOLOGIA	74
4.1 O CASO GUARUJÁ.....	79
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	81
4.3 ANÁLISE.....	85
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
APÊNDICE A – Questionário.....	110
APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas.....	111
APÊNDICE C – Reportagens dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo....	125

1 Introdução

O surgimento das redes sociais digitais, somado ao advento dos dispositivos móveis, provocou uma transformação na forma como nos comunicamos. Se antes as notícias chegavam até nós apenas por meio das empresas de comunicação, hoje essa troca de informações se dá, em grande parte, através de indivíduos. Como consequência, utilizamos cada vez mais essas redes para nos manter informados. Na era das redes sociais digitais, o boato, “mídia mais antigo do mundo” (KAPFERER, 1993), encontra-se associado a esta realidade, sendo veiculado em grande parte por meio destas plataformas de comunicação.

Esse estudo pretende analisar de que forma as redes sociais contribuíram para dar verossimilhança a um relato inverídico manifestado a partir da página Guarujá Alerta, no Facebook. No dia 3 de maio de 2014, no Guarujá (SP), a dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, foi linchada por moradores do bairro Morrinhos que a confundiram com o retrato falado de uma suposta sequestradora de crianças. A imagem havia sido publicada dias antes na referida página. Fabiane faleceu dois dias depois. Após o crime, a Polícia Civil informou que a história sobre a sequestradora era falsa. De fato, nenhuma criança havia desaparecido naquela região.

A pesquisa nasce de um questionamento do pesquisador sobre como pode ser possível que uma informação veiculada pela Internet provoque uma consequência tão extrema. Quando surgiram as redes sociais digitais, essa ferramenta passou a ser vista por muitos como um instrumento importante de descentralização da informação. Exemplos não faltam para corroborar essa tese, em especial as grandes manifestações públicas realizadas recentemente no Brasil contra o aumento dos preços das passagens de ônibus, em 2013, organizadas a partir de plataformas como o Facebook. No entanto, devido à facilidade de compartilhar os mais diversos tipos de conteúdo, estas mesmas redes também contribuem com a desinformação, uma vez que a informação não precisa ser verificada para ser publicada.

A adaptação às novas ferramentas não é um processo novo na história da comunicação. Incertezas e indefinições marcaram o período inicial de utilização do cinema, do rádio, da televisão, etc. No caso do rádio, o relato da "invasão de marcianos" transmitido pela CBS, em 1938, que deixou milhares de pessoas em pânico nos Estados Unidos, é um exemplo dessa dificuldade de adaptação. No cinema, espectadores do filme "*L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat*", um dos primeiros da história, assustaram-se ao ver um trem em movimento, imaginando que ele pudesse saltar da tela e atropelar o público. Como afirma

McLuhan, “a mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (1971, p. 22).

O surgimento de novas ferramentas de comunicação, nos últimos anos, veio acompanhado de uma ampliação do acesso à Internet. No Brasil, o número de habitantes conectados mais do que dobrou na última década, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Da mesma forma, o tempo que dedicamos à Internet aumentou, tanto em frente ao computador como nos dispositivos móveis, com a possibilidade de estarmos conectados em tempo integral.

A Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, elaborada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, mostra que a Internet é apontada por 42% dos brasileiros como um dos três meios de comunicação mais utilizados, ficando atrás apenas da televisão (93%) e do rádio (46%). Apesar disso, conforme a pesquisa, ainda é alto o percentual de entrevistados que ainda não utilizam a rede mundial de computadores, chegando a 51%. Mas, entre aqueles que acessam, a pesquisa constatou que há uma exposição intensa ao meio, uma vez que 76% das pessoas acessam a Internet todos os dias, com uma exposição média diária que chega a 4h59min de segunda a sexta-feira e de 4h24min nos finais de semana. Do total de entrevistados, 67% informaram que estão em busca principalmente de informações – notícias sobre temas diversos ou informações em geral. O mesmo percentual de pessoas respondeu que busca diversão e entretenimento, enquanto que 38% informaram que trata-se de uma forma de passar o tempo livre e 24% utilizam a rede para estudo e aprendizagem.

A mesma pesquisa analisou os programas de trocas de mensagens preferidos dos brasileiros. Em primeiro lugar está o Facebook, com 83% da preferência, seguido pelo WhatsApp (58%), YouTube (17%), Instagram (12%) e Google+ (8%). O Twitter, por sua vez, segundo a pesquisa, é popular entre as elites políticas e formadores de opinião, mas foi mencionado por apenas 5% dos entrevistados. Em relação ao suporte utilizado para o acesso à Internet, a maioria dos entrevistados (71%) ainda o faz pelo computador, mas o celular, como 66%, também representa uma grande parcela. Os tablets respondem por apenas 7%. Na comparação com a mesma pesquisa realizada em 2014, porém, nota-se que o uso do celular é crescente, já que naquele ano havia sido citado por 40% dos entrevistados, enquanto que o computador respondia por 84% da preferência.

A pesquisa também revela que, em território nacional, há uma grande desigualdade entre regiões no que se refere ao acesso à Internet. No Maranhão, por exemplo, 67% das pessoas afirmam que acessam a rede apenas um dia ou menos por semana. No Distrito Federal, por exemplo, esse índice cai para 32%. Também é possível observar diferenças

acentuadas no que tange à faixa etária (65% dos jovens entre 16 e 25 anos afirmam utilizar a Internet todos os dias, contra apenas 4% das pessoas com mais de 65 anos), quanto à renda familiar e à escolaridade, entre outros itens¹. Os números, portanto, demonstram que embora a parcela conectada da população seja crescente, o desafio em termos de acesso à Internet ainda é grande, principalmente levando-se em conta as profundas desigualdades sociais que caracterizam o país.

Neste contexto, cada vez mais o real e o virtual fazem parte do mesmo espaço. Ao mesmo tempo, ferramentas como o Facebook e o Twitter tornam-se cada vez mais fontes de informação, que aos poucos substituem os veículos tradicionais de comunicação, como o rádio, o jornal e a televisão.

Embora o boato esteja presente ao longo da História em diversas fases da comunicação humana, novas características são possibilitadas com a utilização das redes sociais digitais, como a superação de barreiras geográficas e a possibilidade de anexar arquivos (áudio, vídeo, fotografia, etc) a uma mensagem. São estas características que nos propomos a investigar neste trabalho. Um dos fatores que favorecem a veiculação deste tipo de conteúdo é o fato de que qualquer indivíduo pode escrever o que bem entende nestas plataformas – podendo, claro, ser responsabilizado posteriormente conforme as leis de seu país. Não há um filtro que permita apenas a publicação de informações verídicas ou que não prejudiquem a reputação de outrem.

De início desconfiados com a Internet – o *e-commerce* é uma prova disso –, passamos a confiar nela como fonte de informação. Baudrillard aponta que há muito a informação ultrapassou a barreira da verdade para evoluir no hiperespaço do nem verdadeiro nem falso, “pois que aí tudo repousa sobre a credibilidade instantânea” (2011, p. 45). O autor conclui que, “logo, nada mais de critérios de verdade ou de objetividade, mas uma escala de verossimilhança” (p. 45).

A veiculação de boatos na Internet tem sido objeto de estudo de diversos trabalhos nos últimos anos. O Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (Portcom) registra seis trabalhos com essa temática apresentados em eventos desde 2007. Boa parte deles abordam as redes sociais digitais. Um deles refere-se a uma crise de combustível ocorrida em 2012, em Macapá, devido à informação divulgada por uma rádio local, que informava a possibilidade de desabastecimento, o que provocou grandes filas nos postos de combustíveis. Também há estudo sobre a utilização do Twitter como fonte de informação

1 Pesquisa disponível em <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf> (acesso em 11 de novembro de 2016)

durante o boato de alagamento de Recife, em 2011. Artigo de autoria de Gabriela Zago (2010) aborda o boato sobre a morte do cantor Dinho Ouro Preto, da banda Capital Inicial, que foi disseminado através do Twitter. Também há registros de trabalho sobre a manifestação de *hoaxes*, como são conhecidas as farsas divulgadas no mundo virtual.

Por meio de consulta ao portal da Capes, identificamos uma série de trabalhos que tiveram o boato como tema principal. Entre eles estão estudos relacionados ao boato do fim do Bolsa Família, boatos na Bolsa de Valores e até mesmo o uso do boato em crônicas publicadas pelo escritor Machado de Assis. Entre os estudos mais recentes, pode-se constatar um interesse crescente na análise da comunicação viral e em casos de boatos transmitidos pelas redes sociais digitais. Um dos casos analisados é a falsa notícia publicada por um site de humor informando que uma senadora buscava a criação de bolsa-prostituição, de R\$ 2 mil, a fim de garantir que o governo federal garantisse uma “vida mais digna” para as profissionais do sexo, caso que se espalhou como se fora uma informação verdadeira, a ponto de o governo emitir nota informando trata-se de um boato². O francês Jean-Bruno Renard é autor de dois artigos sobre o tema publicados na Revista da Famecos: Rumores e Violência (2006) e Um Gênero Comunicacional: os Boatos e as Lendas Urbanas (2007). Em razão do grande número de casos de falsas notícias espalhadas pela Internet que são desmentidas pelos demais meios de comunicação, entendemos tratar-se de um campo ainda vasto para estudos com diferentes abordagens.

Em uma época em que temos acesso a qualquer tipo de informação pela Internet – tanto informações falsas quanto verdadeiras – este é um fenômeno que merece ser estudado. Uma das questões que se impõem é se, afinal, as redes sociais digitais ajudam o cidadão a se manter mais bem informado, ou se contribuem para a veiculação de informações não verificadas. O certo é que muitos usuários, como veremos no caso Guarujá, ignoram a possibilidade de confirmar essa notícia, mesmo tendo à mão a possibilidade de fazer isso pela Internet. Mas onde procurar a informação "correta"?

A imprensa tradicional reagiu ao compartilhamento cada vez maior de informações sem confirmação na internet. A Associação Nacional de Jornais (ANJ) lançou uma campanha em que chama a atenção para o ponto mais fraco da notícia veiculada nas redes sociais, que é a falta de uma apuração eficiente – como se admitisse que está em uma disputa pelo leitor do futuro contra um adversário sem rosto. No dia 22 de agosto de 2014, os principais jornais do país circularam com uma capa falsa, que simulava uma postagem em uma rede social. O tema

2 COSTA, Helton. KONDLATSCH, Rafael. Sujeito emissor: o “bolsa prostituição” como verdade nas redes sociais. Comunicação & Mercado. Revista Internacional de Ciências Sociais Aplicadas da Unigran. Volume 2. Número 4. Jan-Jul 2013. P. 65-76.

do post era a manchete do jornal. Nele, uma usuária da rede escreve: “Tá na capa do jornal de hoje!!! Agora eu acredito!”.

Histórias falsas e boatos inventados ganharam força com o “boom” das redes sociais no Brasil, especialmente no final da década de 2000, época em que o Facebook – criado em 2004 nos Estados Unidos – popularizou-se no Brasil. No intuito de denegrir alguma personalidade, criticar um partido político ou simplesmente confundir os internautas, usuários compartilham em seus perfis informações duvidosas sem citar fontes confiáveis. Sites especializados, como o e-Farsas, criado em 2002, ganharam popularidade desmentindo boatos criados no ciberespaço. As redes sociais multiplicaram essas possibilidades, uma vez que o acesso à informação e a possibilidade de manifestar-se publicamente foi simplificado.

Com mais de 1 bilhão de usuários em todo o mundo, o Facebook despontou entre as redes sociais como um instrumento importante não apenas de informação, mas também de participação. Na Islândia, a nova Constituição do país foi discutida por meio desse site. No Egito, a ferramenta teve papel fundamental nos protestos que culminaram com a queda de Hosni Mubarak, em 2011.

Em um cenário onde boatos e notícias sem confirmação surgem e são compartilhadas com tamanha intensidade, uma repercussão tão extrema – ou seja, a morte de Fabiane Maria de Jesus, no caso Guarujá – deve provocar uma reflexão sobre o tipo de informação que circula na Internet. Compartilhamos, comentamos e curtimos notícias que não contam com apuração detalhada e nem fontes com credibilidade.

De início, um dos desafios que se impuseram à realização desta pesquisa foi o fato de que as postagens que deram origem ao boato do caso Guarujá foram apagadas logo após o linchamento, o que impediu uma consulta direta a este material. No entanto, se por um lado este conteúdo seria importante para a pesquisa, por outro, não seria suficiente para responder a muitos dos nossos questionamentos acerca do tema. Por esta razão, optamos por utilizar a metodologia da sociologia compreensiva, tendo como técnicas a pesquisa documental e a entrevista.

Entendemos, ainda, que como um fenômeno que transformou a maneira como nos comunicamos, as redes sociais digitais são um objeto de estudo do campo da comunicação social, tanto no que se refere à comunicação entre dois ou mais indivíduos quanto à informação veiculada por estas plataformas com o objetivo de alcançar um grande público.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro, vamos nos ater às questões relacionadas ao imaginário e a sua formação na pós-modernidade. Pretendemos explicar como, na era das atuais tecnologias, o ser humano continua a conviver com crenças,

medos e anseios que faziam parte do passado. Para isso, iremos analisar o papel das novas tecnologias na formação do imaginário social. De modo a explicar a influência das redes sociais na formação do imaginário contemporâneo, iremos nos ater às obras de Maffesoli e Baudrillard. A imagem e sua relação com estas novas tecnologias será abordada a partir de conceitos formulados por Català-Domènech e Jaguaribe.

Neste mesmo capítulo, iremos abordar o surgimento das redes sociais digitais, que desde a metade da década de 2000 vem transformando a forma como nos comunicamos. As características específicas de cada uma destas plataformas devem ser levadas em conta para que se faça uma análise aprofundada. O surgimento da cibercultura e das comunidades virtuais serão analisados a partir de conceitos fornecidos por Santaella, Levy, Rheingold e Recuero, entre outros autores.

No segundo capítulo, trataremos do boato e de como ocorre a sua manifestação desde os tempos pré-Internet. Trataremos de conceituar esse fenômeno comunicacional com base em diferentes autores. Da mesma forma, iremos abordar como são veiculadas essas narrativas e o que mudou com o advento das tecnologias atuais, em especial as redes sociais digitais. Também iremos destacar os motivos por que os boatos, em sua maioria, são negativos, e ainda o que faz com que acreditemos em relatos muitas vezes inverossímeis. Pretendemos trazer exemplos de boatos que causaram impacto e que de alguma forma podem estar relacionados com o nosso objeto de estudo, a começar pelo boato de Orleáns, estudado por Morin, na França, em 1969.

O terceiro capítulo será dedicado a explicar os procedimentos metodológicos. A metodologia utilizada será a sociologia compreensiva (MAFFESOLI, 1988), que será executada por meio de entrevistas com pessoas que conviveram com o boato que estamos estudando. Neste capítulo, nos dedicaremos a descrever o caso Guarujá, com base nas informações já coletadas por meio da pesquisa documental. Desta forma, podemos perceber algumas das características deste caso, como a sensação de pânico que foi causada por um boato disseminado através da Internet, mesmo que não houvesse nenhuma ameaça concreta – ou seja, nenhuma criança havia sido dada como desaparecida no bairro onde circulou o boato.

Por fim, o quarto capítulo é dedicado às considerações finais.

2 Imaginário na contemporaneidade

Um conjunto de símbolos, presente de forma coletiva, em uma comunidade, é responsável por boa parte das decisões tomadas por cada indivíduo, ainda que muitas vezes de forma inconsciente. O imaginário, palavra que entrou definitivamente para o vocabulário acadêmico no último século, povoa a consciência humana com sentimentos e inquietudes, elementos essenciais para que possamos compreender quem somos. Na ótica weberiana, só podemos “compreender o real a partir do irreal”, como lembra Maffesoli (2012, p. 93-4). Para Legros et al (2014), “a aptidão e a vontade de agir no mundo social obedecem, com frequência, a motivações distantes e obscuras” (p. 17), o que explica o fato de que as condições fisiológicas e materiais do cotidiano são insuficientes para compreender as experiências vividas.

Neste capítulo, iremos abordar alguns dos principais conceitos de imaginário, a começar por um relato sobre o uso deste termo. Em seguida, vamos tratar dos principais mecanismos de disseminação do imaginário, em especial as tecnologias do imaginário, cujo correto entendimento se faz fundamental para este estudo. Um exemplo destas tecnologias são as redes sociais digitais, da qual também iremos tratar. Como elemento diretamente associado ao imaginário, a imagem e suas diversas definições também serão abordadas. Para isso, iremos destacar o conceito de hiper-real (Baudrillard). Por último, vamos entender como se manifesta o imaginário da violência na contemporaneidade, elemento importante para compreendermos o objeto de estudo deste trabalho, que é o linchamento de uma dona de casa no Guarujá (SP), provocado por postagens sobre uma suposta sequestradora de crianças em uma página do Facebook.

Embora as redes sociais possam ser apontadas como um dos elementos formadores do imaginário da pós-modernidade, esse conceito nos remete a definições surgidas muito antes do advento da Internet. Tão difuso quanta a sua utilização em inúmeras obras, especialmente a partir da segunda metade do século XX, o conceito de imaginário provoca distintas interpretações.

Definir o imaginário não é uma tarefa simples, haja vista que o termo não possui um conceito irrefutável. Com frequência, refere-se a ele com uma certa ambiguidade. Por essa razão, é necessário recorrer a diferentes correntes do pensamento para uma ampla compreensão sobre o tema. Fenômeno social e coletivo, o imaginário circula através da história, uma vez que a vida humana é constantemente submetida a impulsos imaginários e

construções mentais.

Hoje popular no meio acadêmico, o termo imaginário nem sempre gozou do mesmo prestígio. Pensadores de corrente antropológica, como Jung, Eliade, Bachelard e Durand elaboraram uma definição positiva do tema, apontando o imaginário como “produto do pensamento mítico” (LEGROS et al, 2014, p. 10), em contraponto à visão negativa, originária da tradição filosófica do Ocidente, e que foi predominante durante muito tempo, de que o imaginário era algo “inexistente, falso, mentiroso ou irracional” (idem). O pensamento mítico a que se refere a corrente da antropologia do imaginário “se exprime por imagens simbólicas organizadas de maneira dinâmica” (ibid), de modo que os pensadores contestam, neste caso, a ideia de um pensamento primitivo e inferior ao pensamento racional. Dada a confusão entre os termos imaginário e simbólico, houve quem tentasse, em vão, a conciliação entre os dois conceitos com a expressão “imaginário simbólico” (SILVA, 2012, p. 7).

De fato, Durand assinalou que o pensamento ocidental, em especial a filosofia francesa, “tem por constante tradição desvalorizar ontologicamente a imagem e psicologicamente a função da imaginação” (1997, p. 21), classificada como “fomentadora de erros e falsidades”. Por sua vez, a “imaginação é reduzida pelos clássicos àquela franja aquém do limiar da sensação que se chama imagem remanescente ou consecutiva” (idem). Nos anos 1930 e 1940, Bachelard resgatou conceitos então esquecidos, que buscavam demonstrar “como as construções dos espíritos podiam ter um tipo de realidade na construção da realidade individual” (MAFFESOLI, 2001, p. 75), pensando que encontrava resistência frente à cultura então hegemônica na França.

Um conceito importante de imaginário é fornecido por Durand, para quem trata-se do “conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*” (1997, p. 18), que para o autor é o grande denominador fundamental onde encontram-se todas as criações do pensamento humano. Ainda conforme o sociólogo, “o imaginário é esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra” (idem).

Longe de ser produto do recalçamento, a imaginação é, para Durand, “origem de uma libertação” (1997, p. 39), de modo que “as imagens não valem pelas raízes libidinosas que escondem mas pelas flores poéticas e míticas que revelam” (idem).

Um elemento complicador das pesquisas sobre o tema é o que Bachelard chama de “falsa luz da etimologia” (1990, p. 1). Entende-se que a imaginação seja a faculdade de criar imagens, enquanto que, conforme o autor, nada mais é do que o contrário. Sua função é, na verdade, deformar e mudar as imagens fornecidas pela percepção. Logo, para o autor, “se não

há mudança de imagens, não há imaginação, não há ação imaginante” (idem). O epistemólogo ressalta que o vocábulo que deve ser associado à imaginação não é imagem, e sim imaginário.

O valor de uma imagem mede-se pela extensão de sua auréola imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. É ela, no psiquismo humano, a própria experiência da abertura, a própria experiência da novidade. Mais que qualquer outro poder, ela especifica o psiquismo humano. (BACHELARD, 1990, p. 1)

A “criação” das imagens de que fala Bachelard ocorre devido a uma série de fatores, esmiuçados pelo epistemólogo. Bachelard fala em uma lei de quatro imaginações materiais, que atribui necessariamente a um conjunto de elementos da natureza: fogo, terra, ar e água. “Harmônios da imaginação”, por eles se efetuam, segundo o autor, “as grandes sínteses que dão características um pouco regulares ao imaginário” (1990, p. 12).

Um problema essencial apontado pelo autor que deve ser fornecido pelas imagens da duração viva é o de constituir ao mesmo tempo movido e movente. Assim, Bachelard conclui que é preciso “ser” massa imaginária para nos sentirmos donos dos nossos anseios. Desta forma, de acordo com o epistemólogo, “nada melhor que tomar consciência desse poder íntimo que nos faculta mudar de massa imaginária e converter-nos em imaginação na matéria” (1990, p. 268).

Autor-chave para a compreensão do imaginário contemporâneo, Durand o define como “o museu de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (1998, p. 6). Ele aponta a resistência dos valores do imaginário em meio ao cientificismo racionalista, em movimentos como o romantismo, o simbolismo e o surrealismo. No cerne destes movimentos, conforme Durand, houve uma avaliação positiva do sonho, do onírico e da alucinação. O psiquismo humano, para o autor, funciona através do encadeamento racional de ideias, mas também do inconsciente revelado nas imagens do sonho, da neurose ou da criação poética.

Durand – para quem vivemos o ápice da civilização da imagem – considera que o imaginário, nas suas manifestações mais típicas e em relação à lógica ocidental, é alógico. Isso porque os processos do mito consistem na repetição das ligações simbólicas que o compõem. A redundância, por conseguinte, aponta sempre para um mitema, narrativa puramente ficcional, que envolve pessoas ou eventos supernaturais e incorpora alguma ideia popular, referente a um fenômeno natural ou histórico. O mito, conforme Durand, “não raciocina nem descreve: tenta convencer pela repetição de uma relação ao longo de todas as nuances (derivações) possíveis” (1998, p. 86).

Sonhos, desejos, mitos e outros conteúdos imaginários nascem de um percurso temporal e confuso, porém importante, ainda conforme Durand, para se racionalizarem numa “teatralização” de usos legalizados, que recebem seus valores das várias confluências sociais. O imaginário “oficial”, tanto quanto o imaginário “selvagem”, necessita de uma dinâmica que responda pelas mudanças. Neste sentido, o conceito de bacia semântica, conjunto de ideias e de significados de uma época na qual vive o indivíduo, permite a integrações das evoluções científicas, junto com uma análise mais detalhada em seis subconjuntos, que representam o escoamento, a divisão das águas.

Durand lembra que “a mudança profunda do imaginário de uma época foi, muitas vezes, equiparada a uma simples mudança de gerações” (1998, p. 115). No entanto, segundo o autor, esse pensamento é curto demais para “cobrir a amplitude de uma bacia semântica”, que ele calcula tendo uma duração constatada de 150 a 180 anos. Para Durand, “isso permite ao imaginário familiar, sob a pressão de eventos extrínsecos (mudanças políticas, guerras, etc), se transformar num imaginário mais coletivo e invadir a sociedade ambiental global” (1998, p. 116). Durand chega a essa conclusão ao discordar da maneira como eventos históricos são divididos em diferentes eras, levando em conta apenas o aspecto cronológico, em detrimento dos conteúdos estilísticos e semânticos.

A primeira fase da bacia semântica é denominada *escoamento*. Este período é caracterizado pela movimento de “pequena correntes descoordenadas” e “frequentemente antagonistas” (1998, p. 105), tal como ocorreu em momentos como antes da metade do século XVIII, quando múltiplas correntes passaram a escoar por meio de movimentos literários ou filosóficos “em oposição ao ideal clássico e ao século das Luzes”.

A segunda fase corresponde à *divisão das águas*, momento em que, conforme o sociólogo, ocorre a junção de alguns escoamentos que formam uma oposição “mais ou menos acirrada contra os estados imaginários precedentes e outros escoamentos atuais” (1998, p. 107) – divisão enfatizada, na modernidade, pelas guerras franco-alemãs. Esta fase é seguida pelas *confluências*, uma vez que, tal qual um rio, “uma corrente nitidamente consolidada necessita ser reconfortada pelo reconhecimento”, o que inclui o apoio de autoridades e instituições. O *nome do rio*, quarta fase, surge quando o nome de um determinado personagem pode ser utilizado para caracterizar a bacia semântica como um todo. No caso da modernidade vivida por Durand, o autor aponta Freud como o nome que melhor se encaixa ao momento.

Segue-se a *organização dos rios*, que consiste na “consolidação teórica dos fluxos imaginários” (DURAND, 1998, p. 113), onde não raro ocorrem exageros de certas

características da corrente, como no prolongamento dos Evangelhos. Chega-se, enfim, à sexta e última fase, caracterizada como os *deltas e os meandros*, que se manifesta quando “a corrente mitogênica” - o inventor dos mitos – se desgasta após todo o curso do rio, atingindo uma saturação limite.

O imaginário seria, portanto, “o trajeto antropológico de um ser que bebe numa 'bacia semântica' (encontro e repartição das águas) e estabelece o seu próprio lago de significados” (SILVA, 2012, p. 11).

Bachelard (1993) propõe considerar a imaginação como uma potência maior da natureza humana. Se por um lado o autor adverte que “nada esclarecemos ao dizer que a imaginação é a faculdade de produzir imagens”, por outro ele afirma que “essa tautologia tem pelo menos a vantagem de sustar as assimilações entre imagem e lembrança” (p. 18). Ainda conforme este autor, “as mudanças não aceitam ideias tranquilas, nem sobretudo ideias definitivas”, uma vez que “incessantemente a imaginação imagina e se enriquece com novas imagens” (p. 19).

As grandes imagens têm ao mesmo tempo uma história e uma pré-história. São sempre lembrança e lenda ao mesmo tempo. Nunca se vive a imagem em primeira instância. Toda grande imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal coloca as cores particulares. (BACHELARD, 1993, p. 50)

Ao abordar a questão da poética da casa, com seus móveis e aposentos, Bachelard explica que ela “é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões da estabilidade” (1993, p. 36). Deste modo, reimaginamos a realidade, de forma que “distinguir todas essas imagens seria revelar a alma da casa; seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa” (idem). Por meio da casa, onde grande parte das nossas lembranças estão guardadas, especialmente as da primeira infância, o autor visa explicar que a imaginação aumenta os valores da realidade. Uma série de nuances ajudam a formar a realidade do nosso apego a cada local predileto dentro da casa, por exemplo. São essas nuances que mantêm viva a nossa memória de um determinado local, mesmo na fase adulta – ainda que modificada.

Isso posto, Bachelard conclui que “toda grande imagem simples revela um estado de alma” (1993, p.84). Desta forma, é a imaginação e a memória que temos destas imagens que nos levam a construir o mundo à nossa imagem, porém num patamar um tanto transformado, tornando essa memória imaginária. Para ilustrar esse raciocínio, o autor cita o caso de um varredor de ruas que segurava a sua vassoura “com o majestoso gesto de um ceifeiro” (1993, p. 81). Recorrer ao devaneio, neste caso, torna-se reconfortante, ainda que de forma

aparentemente irracional. Ou, como afirma o autor em outro momento, “os devaneios e os sonhos são, para certas almas, a matéria da beleza” (1989, p. 18).

Discípulo de Durand, Maffesoli aponta que a substituição da verticalidade pela horizontalidade é o denominador comum de todos os fenômenos sociais contemporâneos (2012, p. 19). Conforme o autor – para quem o imaginário é sempre coletivo, nunca individual –, isso ocorre em um momento de saturação do providencialismo, que é a crença de que instâncias superiores ou divinas poderão resolver nossos problemas. Desta forma, a horizontalidade remete a jogar esses problemas para a tribo, para a irmanação. Esse movimento, segundo Maffesoli, encontra apoio nos suportes tecnológicos. O autor cita os sites comunitários da Internet, incluindo o Twitter, para afirmar que “o coração que bate da cotidianidade é o copertencimento” (p. 19), o que equivale a dizer que esse fenômeno “não se dobra às habituais injunções da hierarquia vertical” (idem). As injunções, “vindas do alto”, são questionadas na pós-modernidade.

Maffesoli chama a atenção para o que ele afirma ser uma volta do misticismo, baseado no que ocorre com a mística societal. O autor explica que, assim como a revivescência é a capacidade de certos animais voltarem à vida após um período de adormecimento, o mesmo se dá com a mística da sociedade, vista aqui não como uma característica individual, mas coletiva, o que inclui a “capacidade de vibrar com os outros, de partilhar mitos em comum e, para entrar na proximidade semântica, de ficar mudos em relação aos poderes dominantes” (2012, p. 37).

Para Maffesoli, é o misticismo que delimita a ambiência pós-moderna. Em exemplos diversos, como o candomblé afro-brasileiro e ou no *Black Metal*, a magia simbolista tende a prevalecer. Como o autor faz questão de salientar, essas emoções são essencialmente coletivas, manifestando-se “como expressão desses instintos animais que, constantemente, continuam a atormentar o corpo social” (2012, p. 38). Maffesoli lembra o adágio de Pascal – “o coração tem razões que a própria razão...” – para afirmar que pode haver nobreza nas emoções coletivas. Quem souber analisá-las, conforme o autor, estará “em congruência com o espírito do tempo” (2012, p. 39).

Conforme Legros el tal (2014), o imaginário intervém nos processos de socialização porque os afetos governam as crenças e os desejos, estimulando a ação dos sujeitos e determinando um movimento em que se combinam a repetição e a diferenciação. Neste contexto, Le Bon (1841-1931) e Tarde (1843-1904) são considerados pioneiros ao analisarem o comportamento do indivíduo na massa. Ambos denunciam a vulnerabilidade do indivíduo diante da onipotência dos meios de comunicação.

Em seus estudos sobre o tema, no final do século XIX, Le Bon (1980) apontou o caráter impulsivo do grupo de indivíduos, que difere do comportamento individual. O autor afirma que o pensamento humano está em vias de transformação devido a dois fatores essenciais: “a destruição das crenças religiosas, políticas e sociais de onde derivam todos os elementos da nossa civilização” (1980, p. 6) e a “criação de condições de existência e de pensamento inteiramente novas” (idem), possibilitadas pelas então recentes descobertas da ciência e da indústria. Naturalmente, os meios de comunicação fazem parte das novas ferramentas que, à época da pesquisa, eram introduzidas na sociedade.

Le Bon chama a atenção para o fato de que constituir uma multidão concede ao indivíduo uma “alma coletiva” (1980, p. 13). A sugestibilidade e a credibilidade excessivas são apontadas entre as características da massa. Os estudos de Le Bon apontam que o inverossímil não existe para a massa, uma vez que “ela sucumbe facilmente às alucinações partilhadas porque a imaginação dos indivíduos”, seja de forma homogênea ou heterogênea, “deforma, frequentemente, um evento de proporções insólitas” (LEGROS et al., 2014, p. 45).

Mais tarde, Gabriel De Tarde ressaltaria o papel dos meios de comunicação de massa em organizar as multidões. Em sua obra *Opinião e as Massas* (2005), o autor destaca que a opinião resulta, entre outras ações, da conversação. A principal fonte atual de conversação, conforme o autor, é a imprensa. De acordo com ele, geralmente o leitor não tem ideia da influência persuasiva que sofre do jornal que lê habitualmente. As teorias formuladas por Le Bon e Tarde dialogam com a teoria hipodérmica, uma vez que no entendimento destes dois autores os meios de comunicação de massa exercem grande influência no comportamento das massas estudado pelos dois pensadores franceses, sendo que a sugestibilidade e a credibilidade excessiva nestes meios são apontadas como características da massa.

Embora tenham contribuído para aprofundar o debate sobre o tema, as ideias de Le Bon e Tarde apontam a existência de um receptor visto como “alvo”, que simplesmente reage à informação através de estímulos, portanto sem juízo crítico. Essa ideia de plateia cativa foi durante algum tempo defendida pela teoria hipodérmica, elaborada tendo em vista principalmente períodos de exceção democrática, como a Alemanha nazista. Naturalmente, esta teoria perde espaço quando as sociedades passaram a se organizar de forma mais democrática, especialmente na era das redes sociais digitais, em que a comunicação não é mediada por apenas um único emissor.

Para Legros et al (2014), a investigação sociológica do imaginário se justifica porque tanto o passado quanto o futuro “têm uma existência virtual no presente, e que a força de cada

um desses fatores que agitam a experiência dos grupos humanos só é evolutiva se interpretadas as tendências latentes que as sustentam” (2014, p. 81). A imaginação, afirmam os autores, nos leva a recriar o mundo a nossa imagem, tornando-a imaginária.

Tacussel acredita que o imaginário conta com uma racionalidade do ponto de vista simbólico, embora haja elementos que não são racionalizados de um ponto de vista científico ou tecnológico. Diferente do período que a antecedeu, na pós-modernidade a imagem não é mais associada à ideologia profética que moveu milhões pela crença do progresso, em nome do comunismo, do positivismo e de outros “ismos”. Na modernidade, pensava-se que o desenvolvimento da ciência, da indústria e da tecnologia iria corrigir os problemas sociais. Esse imaginário profético é substituído, na pós-modernidade, por um cenário em que a imagem não é mais associada a ideologias. A linha que separa o falso do verdadeiro torna-se mais tênue.

(Na modernidade) Eram ideologias associadas a imaginários que atravessaram todo o planeta, na qual as pessoas acreditavam. Elas acreditavam nessas ideologias, senão não teriam feito todos esses sacrifícios, essas lutas, etc. (...) Ao contrário, para aqueles que estão na pós-modernidade, a projeção assegurada do futuro não funciona mais. Não há mais coisas que nós poderíamos prever, adivinhar, etc. (TACUSSEL, 2006, p. 8)

Para este autor, certas crenças e ideias podem parecer irracionais sob determinado ponto de vista, enquanto são perfeitamente racionais. Por trás do que se entende por irracional, “há também um ponto de vista que passa pela linguagem e que obedece, efetivamente, a uma irracionalidade simbólica já que a linguagem é um meio simbólico de comunicação” (2006, p. 7).

A resistência do mito em uma era de grandes avanços tecnológicos é um exemplo de como o imaginário se comporta na contemporaneidade. Em contraponto à crença de que os povos que cultuavam um pensamento mítico-mágico ignoravam a racionalidade, Morin (2008) defende que esses dois modos de conhecimento, um simbólico e o outro empírico, não apenas coexistem, mas também dependem um do outro – chegando, por vezes, a confundirem-se. O pensamento simbólico/mitológico/mítico, segundo o autor, integrou-se no pensamento religioso ao longo do desenvolvimento das grandes civilizações históricas, permanecendo vivo no mundo contemporâneo.

O pensamento mitológico torna-se carente se não consegue ter acesso à objetividade. O pensamento racional torna-se carente se não consegue ver o concreto e a subjetividade. O primeiro está desprovido da imunidade empírico-lógica contra o erro. O segundo, do sentido que percebe o singular, o individual, o

comunitário. O mito alimenta mas confunde o pensamento; a lógica controla, mas atrofia o pensamento. O pensamento lógico não pode superar o obstáculo da contradição; o pensamento mitológico supera-o bem demais. (MORIN, 2008, p. 193)

Neste contexto, Morin afirma que a relação entre o real e o imaginário é de uma complexidade surpreendente, uma vez que tratam-se de opostos.

Do mesmo partem dois mundos antagônicos e complementares, o da percepção e da exploração empírico-racional do real e o da fantasia, do sonho e do mito (...). A humanidade, portanto, utiliza as mesmas aptidões cerebrais para desenvolver simultaneamente um conhecimento cada vez mais objetivo do universo e as mais fabulosas construções de universos imaginários; coisa extraordinária, esses dois desenvolvimentos interferem sem parar um no outro. (MORIN, 2008, p. 124)

O imaginário da pós-modernidade, como vimos aqui, contém diferenças fundamentais em relação ao que o termo representava na modernidade – época em que foram extraídos muitos dos conceitos acima. Enquanto na modernidade o imaginário se caracterizava pela crença em ideologias e pela crença na “salvação”, que se manifestavam através da imagem, a pós-modernidade caracteriza-se pelo excesso de imagens. Por esse fenômeno ainda estar em curso, defini-lo torna-se ainda mais desafiador.

As reflexões apresentadas até aqui, sejam elas oriundas da sociologia do imaginário ou do campo da epistemologia, revelam-se de grande valor para estudar a formação do imaginário contemporâneo, como pretende este trabalho. Por meio deste mapa amplo e muitas vezes conflituoso que procuramos traçar, percebemos que, pela amplitude da sua reflexão, a obra de Durand e sua reflexão sobre o trajeto antropológico contém elementos que poderão nos apontar os caminhos para a disseminação do imaginário em meio à pós-modernidade.

2.1 Formação do imaginário

Discutido o conceito de imaginário, vamos tratar de como se dá a sua formação no indivíduo e no grupo. Para Silva (2012), a construção do imaginário individual ocorre mediante três fatores: identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si). No imaginário social, por sua vez, a estruturação dá-se por contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma

parte).

Para Legros et al (2014), é preciso distinguir os mecanismos da simples representação da criação imaginária. A amplificação dos elementos narrativos e icônicos está presente nas criações fictícias irrealizáveis, como a narração fantástica. Quando o criador não executa a natureza imaginária de sua produção, utiliza-se de códigos simbólicos determinados pelas representações coletivas. O trabalho do imaginário, segundo os autores, consiste em amplificar essa simbolização.

Os autores ressaltam que, se o imaginário tende em direção ao irreal, não o alcança jamais em sua plenitude, uma vez que é submetido aos suportes de criação. A imagem e a linguagem, por sua vez, limitam essa tarefa de tornar real um mundo fictício. Acrescentam, ainda, que o imaginário depende dos seus motores de criação, que são o sonho, a demência, o fantasma e o mito.

Na pós-modernidade, as marcas cotidianas parecem desprovidas de temporalidade e saturadas de impressões habituais. Em contraposição, construímos marcas “inúteis”, que vêm apenas preencher o vazio de cada instante. Desta forma, “as figuras da sedução, tanto quanto os contos, são vistas como construções imaginárias que passam a ocupar nossa preocupação de estar no mundo” (LEGROS et al, 2014, p. 189).

Don Juan é citado pelos autores como um exemplo de mito que se encaixa na descrição acima, como um personagem que, mesmo nascendo na imaginação literária, não pode ser separado do contexto social de sua época. A literatura é, neste caso, responsável por criar um determinado número de códigos estéticos e éticos que regem as relações afetivas. Assim, “antes de representar o real, ela o cria; antes de propor a representação dos códigos latentes, ela tem por função impor os modelos de comportamento” (LEGROS et al, 2014, p. 193). Outros exemplos de mitos podem ser encontrados na formação cultural das nações modernas, particularmente na Europa. Levado pelas circunstâncias, “um país acaba sendo, às vezes, levado a constituir uma genealogia imaginária ou a reabilitar as origens há pouco tempo escondidas” (idem, p. 210). Esses mitos acabam por serem legitimados, inclusive, nos textos constitucionais e nos órgãos oficiais dos respectivos países.

Durand (1997) entende por mito “um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas (p. 62-63)”, que tende a compor-se em uma narrativa, de modo a formar o esboço de uma racionalização.

O sonho e o devaneio, alvos de estudo de Bachelard, constituem-se em elementos importantes para dimensionar o imaginário social. Quanto ao primeiro, trata-se de uma atividade social, já que mesmo que o sonhador esteja sozinho, ele “interage” com elementos

do seu cotidiano. Raramente revelado, o devaneio, por sua vez, representa uma atividade mais íntima. Porém, da mesma forma que o sonho, faz parte do orgânico (LEGROS et al, 2014).

Sobre a relação com a imagem, Maffesoli afirma que não é ela que produz o imaginário, e sim o contrário. Para o autor, a “existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens” (2001, p. 76). Desta forma, Maffesoli vê a imagem (cinematográficas, pictóricas, esculturais, tecnológicas, etc) antes como resultado, e não como suporte.

Uma vez que o imaginário é alimentado por tecnologias, a técnica pode ser encarada como um fator de estimulação imaginal. Maffesoli entende que, por esse motivo, o termo encontra repercussão na trajetória do desenvolvimento tecnológico, “pois o imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação” (2001, p. 80). A internet, por seu turno, “é uma tecnologia da interatividade que alimenta e é alimentada por imaginários” (idem).

Embora entenda que o imaginário é sempre coletivo e nunca individual, Maffesoli admite que ele repercute em cada indivíduo de forma particular. No entanto, o autor argumenta que, quando se analisa o tema com atenção, percebe-se que “o imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo”, ou seja, “partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não-racional” (2001, p. 80). Desta forma, pode-se observar que o imaginário pós-moderno reflete o que o sociólogo chama de tribalismo.

Para Legros et al, a história não é construída pela racionalidade, não sendo portanto real, mas sim definida “a partir de sentidos imaginários” (2014, p. 208). Desta forma, concepções de mundo que representam os mitos, a religião e a ciência dão um sentido à “deriva social”, oferecendo uma resposta à indagação de Castoriadis - “Por que existe alguma coisa mais que nada?”. A esse respeito, o próprio Durand escreve que “a história não explica o conteúdo mental arquetípico, pertencendo a própria história ao domínio do imaginário (1997, p. 391).

A cultura válida, ou seja, aquela que motiva a reflexão e o devaneio humano, é, assim, aquela que sobredetermina, por uma espécie de finalidade, o projeto natural fornecido pelos reflexos dominantes que lhe servem de tutor instintivo. (DURAND, 1997, p. 52).

Desta forma, Durand cita o que parece ser um acordo entre as pulsões reflexas do

sujeito e o seu meio que enraíza de maneira tão imperativa as grandes imagens na representação e as carrega de uma felicidade suficiente para perpetuá-las.

Longe de ser epifenômeno passivo, aniquilação ou então vã contemplação de um passado terminado, o imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor. Tal é o grande desígnio que a função fantástica nos revelou. (DURAND, 1997, p. 432)

Vimos, portanto, que o trajeto antropológico definido por Durand encontra em elementos como o mito, os sonhos e os devaneios instrumentos de manifestação do imaginário social. Desde a invenção da imprensa, o desenvolvimento das tecnologias da comunicação tem se mostrado uma forma importante de veiculação deste imaginário, como veremos a seguir.

2.2 Tecnologias do imaginário

O imaginário da pós-modernidade encontra suporte em uma série de tecnologias, que se ocupam em transmitir e preservar normas sociais e padrões de conduta vigentes. Esses mecanismos podem ser classificados como tecnologias do imaginário, tendo em vista que a denominação “aparelhos ideológicos de Estado”, proposta por autores como Althusser, hoje soa datada (SILVA, 2012). Não se tratam, portanto, de imposições. Esse conceito se contrapõe ao termo tecnologias de controle, proposto por Foucault, que descreve “um esquema de reflexo condicionado, operando a golpes de estímulo, recompensa e punição, no qual a possibilidade de escolha é diminuta” (idem, p. 23). Ainda assim, Silva observa que o imaginário preserva uma margem de independência, “e nunca se reduz ao controle absoluto do agente tecnológico emissor” (ibid., p. 57).

Às tecnologias do imaginário são atribuídas características como estimuladora, cognitiva, afetiva, sedutora, cultural, concreta e publicidade, em oposição a adjetivos que indicam maior controle do meio sobre o indivíduo, como manipuladora (tecnologias da crença e do espírito), ideológica, verdade (crença) persuasiva, apassivadora e judicativa (espírito), ou ainda propulsora, cognitiva e intelectual (inteligência), conforme Silva (2012, p. 60). As teorias da manipulação, conforme o autor, integram o universo da modernidade, “era da crença na razão como forma e valor” (idem). Assim, enquanto o receptor daquela era era subjugado, conforme o entendimento da Escola de Frankfurt, o pós-moderno se deixa seduzir,

participando do processo de sua própria “dominação”. Enquanto a ideologia está vinculada à manipulação, o imaginário relaciona-se com as “tecnologias da sedução”. O preço é o “prazer imediato” (p. 25).

Surgido na Grécia Antiga, o teatro constitui a fase primitiva das tecnologias do imaginário, enquanto que a imprensa inaugura, por meio do livro, no século XV, a fase industrial. O surgimento do rádio, do cinema e da televisão, impulsionados pela crescente migração das populações em direção aos centros urbanos, intensificou essa trajetória industrial desde o fim do século XIX (cinema) até a maior parte do século seguinte. Nas palavras de Silva, essas tecnologias “abriram as portas às tecnologias pesadas e poluentes do imaginário” (2012, p. 67). As televisões a cabo e digital, com a consequente segmentação, conduzem ao período pós-industrial, segundo o autor, enquanto que a Internet daria sequência, com um “retorno ao limpo” (idem, p. 68), já que funde o pós-moderno ao arcaico representado pela participação e pela possibilidade de interação.

Para Silva, essas ferramentas constituem-se nos afluentes das bacias semânticas, que vêm a desaguar nas culturas. Essas tecnologias contrapõem-se às fases primitivas da tecnologia do imaginário, época em que “o imaginário era fruto puro das relações interpessoais, sem mediação maquínica, sem meio, finalidade em si” (idem, p. 75).

O pecado original estabeleceu-se com a mediação. A tela entrou na vida do homem como um divisor de águas. Passou-se da fluência à fruição, da conjunção à intermediação e do todo ao meio. Aos poucos, tudo virou meio. O meio tornou-se fim. (...) A mensagem converteu-se em suporte, canal, veículo. (SILVA, 2012, p. 75).

Canais de televisão, provedores de Internet, fluxos comunicacionais, as redes informativas e de contato e as correntes de significados são citados como exemplos de afluentes das bacias semânticas (SILVA, 2012, p. 77).

Nos imaginários, tudo é movimento e correnteza. As bacias semânticas deságuam nos grandes oceanos que são as culturas. Estas, fertilizadoras e fertilizadas, irrigam os imaginários ribeirinho, espalhando o húmus necessário à germinação simbólica. A água salgada torna-se doce; a doce flui para o mar. O imaginário é um processo de dessalinização social. (SILVA, 2012, p. 77)

Silva, ao citar a definição de Lacan de que a sexualidade ocorre no imaginário, afirma que “o ser humano é movido pelos imaginários que engendra” (2012, p. 7). O autor adverte, contudo, que o imaginário deve ser entendido como algo mais amplo do que um conjunto de imagens. Para o autor, não se trata de um mero álbum de fotografias mentais, tampouco deve

se restringir ao exercício artístico da imaginação sobre o mundo. Trata-se, na verdade, de “uma rede etérea e movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente” (2012, p. 9).

A partir do momento em que esse imaginário passa a ser cada vez mais influenciado pelos meios de comunicação, estudar as tecnologias do imaginário é fundamental para entender a dinâmica do mundo pós-moderno. Entre os principais meios e procedimentos encontram-se o rádio, a televisão, a publicidade, a literatura, o cinema e o teatro, entre outros. Na definição de Silva (2012) essas tecnologias são “dispositivos (elementos de interferência na consciência e nos territórios afetivos aquém e além dela) de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida” (p. 22).

Tomando emprestado conceitos de Foucault, Morin, Maffesoli e Debord, Silva (2012) descreve as tecnologias do imaginário como dispositivos de intervenção, formatação, interferência e construção das “bacias semânticas” que determinarão a complexidade dos “trajetos antropológicos” de indivíduos ou grupos, de modo a estabelecer “laço social” e impor-se como o principal mecanismo de produção simbólica da “sociedade do espetáculo” (p. 20-1). Em síntese, são “dispositivos (elementos de interferência na consciência e nos territórios afetivos aquém e além dela) de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida” (p. 22).

Ao citar a linha de raciocínio de Maffesoli, Silva observa que a pós-modernidade é a sinergia do arcaico com a tecnologia de ponta. Desta forma, o mundo pós-moderno, conforme o autor, forja tecnologias do afeto e domina os sujeitos pela adesão. Por isso as tecnologias do imaginário tendem para a sedução. Ainda de acordo com Silva, as tecnologias do imaginário são “magmas estimuladores das ações e produtores de sentido”, que “dão significado e impulso a partir do não racional, a práticas que se apresentam também racionalmente” (2012, p. 47). Em outras palavras, tornam real o sonhado e sonham o real.

A partir do início do século XXI, com a popularização da Internet ao redor do mundo, as redes sociais (Facebook, Twitter, YouTube, etc) tornam-se um dos principais elementos de formação do imaginário contemporâneo, somando-se à ainda maior variedade de tecnologias do imaginário. Pensador das tribos, Maffesoli dedica ampla reflexão ao tema do imaginário nas redes sociais. Descritas como “redes de Internet”, Maffesoli observa que elas testemunham a forma como é preciso estar “atento à epidemia emocional” (2012, p. 39) surgida após um período em que, na modernidade, o contrato social se fundamentava “no encerramento do indivíduo na fortaleza de seu espírito” (idem).

Seja nos sites comunitários, nas listas de divulgação, nos “blogs” de discussão e no Twitter, pode-se dizer que “gorjeia” uma língua dos pássaros em que a razão não está ausente, é claro, mas em que a emoção desempenha um papel primordial. Pode-se bater papo infinitamente por meio de mensagens cuja brevidade condensa o essencial: a partilha de emoções comuns. Pois são estas que são capazes de emocionar e, portanto, de desestimular, em sua totalidade, a ação do homem. (MAFFESOLI, 2012, p. 39).

Com isso, Maffesoli constata uma recusa da separação entre sensível e inteligível, de forma que o que era poetizado pelo romantismo do século XIX tende a capilarizar-se na atualidade.

O autor aponta que a navegação eletrônica possibilita a criação de um Novo Mundo, a exemplo do que a circum-navegação representou na época dos grandes descobrimentos, “o que não deixará de ter influência sobre os modos de vida e imaginários sociais” (p. 88). Para Maffesoli, as tecnologias pós-modernas – aí incluídas, por óbvio, as redes sociais – participam do “reencantamento do mundo” (2012, p. 86). Neste contexto, conforme o autor, pode-se observar a existência de um surrealismo na utilização cotidiana dos meios de comunicação, com o virtual tendo uma eficácia real e elaborando um laço. Isso se deve a duas características que, segundo Maffesoli, são essenciais à nossa espécie animal: “a capacidade de imaginar e, a partir disso, a de entrar em comunhão com o outro” (2012, p. 88).

A cibercultura é transformada numa esfera que desempenha o papel de uma praça pública, que testemunha o poder da imagem.

A rebelião do imaginário se manifesta, com esplendor, nas brincadeiras de encenação, nos fóruns de discussão e nos diferentes blogs e home pages, onde a fantasia, os fantasmas e outras fantasmagorias ocupam o lugar central do espaço e do tempo. A razão, a funcionalidade, o utilitarismo não estão ausentes, mas lhes atribuímos uma parte conveniente. Ou, mais exatamente, por uma interessante inversão de polaridade, eles vão servir como auxiliar a um real lúdico. (MAFFESOLI, 2012, p. 90)

Na era das *selfies*, a imagem torna-se descartável. Está em todo o lugar, mas ao mesmo tempo vê seu papel enfraquecido. Crítico da “civilização da imagem”, Durand já alertara para os seus efeitos na década de 1980. Para ele, um dos grandes dilemas trazidos pelas tecnologias do imaginário é o seu poder de anestesiar a criatividade do receptor. Antes mesmo da popularização da Internet, o sociólogo chamara a atenção para os “efeitos perversos e perigosos que ameaçam a humanidade” (1998, p. 118), referindo-se à explosão do vídeo. Na opinião dele, o vídeo impunha sentido a um telespectador passivo, de modo que a programação anestesia a criatividade do imaginário e o nivelamento de valores. Ainda

conforme o autor, em meio às “gerações do *zapping*”, a imagem sufoca o imaginário e nivela os valores do grupo.

Baudrillard, pertencente à geração francesa de 1968 que desencantou-se com o socialismo soviético, é um dos autores que dedicaram-se a entender os efeitos das tecnologias do imaginário sobre o indivíduo. Tendo o paradoxo e a ironia como características, o sociólogo aborda o imaginário contemporâneo por meio do conceito de hiper-realidade. Na era dos *reality shows*, o excesso de real provoca o hiper-real. A imagem do simulacro, para o autor, representa o fim da imagem. Baudrillard sustenta que a falta de realidade podia ser compensada pela utopia e pelo imaginário, enquanto que para o seu excesso – fruto, entre outros fatores, da virtualidade – “não há nem compensação nem alternativa” (1996, p. 93). Pessimista, o autor afirma que a imaginação coletiva encontra-se de tal forma amedrontada por toda a aparelhagem digital que “o virtual e os media são a nossa função clorofílica” (p. 52).

Baudrillard, conhecido pelo sarcasmo, relaciona a Alta Definição como conceito-chave desta virtualidade. Alta Definição não apenas da imagem, mas também do tempo, da música, do sexo, do pensamento, da linguagem e do corpo. “Por todo o lado”, assegura o autor, a Alta Definição assinala a passagem “para um mundo em que a substância referencial se torna cada vez mais rara” (1996, p. 54).

O surgimento de novas tecnologias do imaginário (como as redes sociais) vem a transformar nossa relação com o virtual, e a relação deste com o real. Se no século passado costumávamos “entrar” na Internet, hoje esse termo não faz sentido, uma vez que vivemos constantemente conectados. De início desconfiados com a rede, passamos a confiar nela como fonte de informações do cotidiano. Baudrillard aponta que há muito a informação ultrapassou a barreira da verdade para evoluir no hiperespaço do nem verdadeiro nem falso, “pois que aí tudo repousa sobre a credibilidade instantânea” (2011, p. 45). O autor conclui que, “logo, nada mais de critérios de verdade ou de objetividade, mas uma escala de verossimilhança” (p. 45).

Lançada a informação, enquanto não for desmentida, será verossímil. E, salvo acidente favorável, nunca sofrerá desmentido em tempo real; restará, portanto, credível. Mesmo desmentida, não será nunca mais falsa, porque foi credível. Contrariamente à verdade, a credibilidade não tem limites, não se refuta, pois é virtual. (BAUDRILLARD, 2011, p. 45)

Baudrillard (2011) defende que não pensamos mais o virtual, e sim somos pensados por ele. Desta forma, ficamos sem saber o quanto o virtual já modificou, desde o seu

aparecimento, todas as representações que temos do mundo.

Não podemos imaginá-lo, pois o virtual caracteriza-se por não somente eliminar a realidade, mas também a imaginação do real, do político, do social – não somente a realidade do tempo, mas a imaginação do passado e do futuro. (...) Estamos, assim, muito longe de ter compreendido a ocorrência do fim do desenrolar da história com a entrada em cena da informação, do fim do pensamento com a entrada em cena da inteligência artificial etc. (BAUDRILLARD, 2011, p. 57)

Assim como não há mais distinção entre real e virtual Baudrillard (2011) ressalta não haver mais separação entre homem e máquina. A Internet, segundo o autor, apenas simula um espaço de descobertas, uma vez que todas as perguntas e respostas encontram-se preestabelecidas, sendo fornecidas automaticamente.

Em contrapartida, o fato de que a identidade seja a da rede, não a dos indivíduos, e que a prioridade seja dada antes à rede do que aos seus protagonistas, implica a possibilidade da dissimulação, do desaparecimento no espaço impalpável do virtual, e de assim não ser mais localizável, inclusive por si mesmo, o que resolve todos os problemas de identidade, sem contar os problemas de alteridade. (BAUDRILLARD, 2011, p. 132-3)

Ao discorrer sobre o hiper-real, Baudrillard afirma que “o grande acontecimento deste período, o grande traumatismo é esta agonia dos referenciais fortes, a agonia do real e do racional que abre as suas portas para uma era de simulação” (1991, p. 60).

O imaginário era o alibi do real, num mundo dominado pelo princípio de realidade. Hoje em dia, é o real que se torna alibi do modelo, num universo regido pelo princípio de simulação. E é paradoxalmente o real que se tornou a nossa verdadeira utopia – mas uma utopia que já não é da ordem do possível, aquela com que já não pode senão sonhar-se, como um objeto perdido. (BAUDRILLARD, 1991, p. 153)

Segundo o autor, já não é possível partir do real e fabricar o irreal, o imaginário a partir dos dados do real. O processo será antes o inverso: será o de criar situações descentradas, modelos de simulação e de arranjar maneira de lhes dar as cores do real, do banal, do vivido, de reinventar o real como ficção, precisamente porque ele desapareceu da nossa vida.

No momento em que o processo de cooptação do receptor passa a se dar por meio da sedução, e não mais pela manipulação, o imaginário torna-se elemento indispensável na busca por audiência, seja nos meios de comunicação de massa ou nas redes sociais. Desta forma, nos deixamos seduzir mesmo tendo à mão a possibilidade de uma escolha diferente. No

entanto, percebemos que alguns autores, notadamente Baudrillard, têm uma visão mais negativa acerca do imaginário contemporâneo. Uma vez que sobra o real, conforme o autor, falta ilusão. Por isso, para este autor, não há uma solução possível, senão a revolução por meio do pensamento.

À visão pessimista de Baudrillard, opõe-se o pensamento de Maffesoli, que vislumbra na navegação eletrônica a possibilidade de criação de um Novo Mundo. Criticado por sua visão, o teórico do tribalismo acredita que o espetáculo une, sendo a imagem um totem em torno do qual nós orbitamos.

2.3 O imaginário da violência e os linchamentos

As novas tecnologias da informação estão atreladas ao cotidiano das grandes cidades de tal forma que torna-se difícil negar o seu papel na formação do imaginário contemporâneo. Como instrumento de manifestação desse imaginário, as redes sociais digitais contribuem para propagar imagens relacionadas a esta realidade. Associada a narrativas do cotidiano, as imagens veiculadas por esses meios contribuem para garantir verossimilhança a um relato, desenvolvendo um efeito que pode ser considerado um "choque do real" (JAGUARIBE, 2007).

Jaguaribe chama a atenção para a crise de representação engendrada pela crescente complexidade e importância metropolitana oriunda do pensamento de que as cidades ganham projeção além da moldura do Estado-nação, sendo encaradas como “arenas de novos estilos de vida, consumo, agendas políticas, inovações técnicas e culturais” (2007, p. 98), enquanto as narrativas nacionais se esgarçam frente aos imaginários da globalização. Conforme a autora, as cidades também são “territórios minados pela presença de uma cultura do medo forjada pelo risco, incerteza e violência” (idem), além da desterritorialização, da circulação de bens de consumo global, da presença de novas tecnologias e dos meios de comunicação.

Esta cultura do medo, por sua vez, dissemina-se não apenas pela comprovação empírica da ocorrência de assaltos, roubos, violações, ataques terroristas, bombas, balas perdidas e sequestros, como também por meio dos imaginários midiáticos e enredos ficcionais televisivos, filmicos e literários que propiciam a divulgação destas notícias, bem como a invenção de histórias, personagens e crimes. (JAGUARIBE, 2007, p. 98).

Neste cenário, conforme a autora, quanto mais ficcionalizada e estetizada é a vida cotidiana, mais se procura a saída para tornar a experiência “real” - visão oposta, portanto, à de Maffesoli, que, como vimos, chama a atenção para o retorno do misticismo na pós-modernidade. Para Jaguaribe, a produção de retratos contundentes da realidade funciona como uma “pedagogia do real” e da realidade, o que potencializa narrativas de significação em tempos de crise. A saturação da mídia e o excesso de imagens espetacularizadas geram seu próprio antídoto.

Neste contexto, o choque do real é produzido “pelas estéticas do realismo literário e cinematográfico que visam dar conta das conflitivas experiências da modernidade urbana no Brasil” (p. 99). Jaguaribe define o choque do real como “a utilização de estéticas realistas visando suscitar um efeito de espanto catártico no leitor ou espectador” (p. 100) e que, de certa forma, busca provocar incômodo e sensibilizar o receptor. A autora associa o termo a ocorrências cotidianas, históricas e sociais.

Jaguaribe alerta, contudo, que as invenções estéticas do choque do real não apresentam “consolo metafísico, utopia histórica ou projeto alternativo de futuro” (p. 105). Ao analisar experiências do cinema brasileiro, como o filme *Cidade de Deus* e o documentário *Ônibus 174*, Jaguaribe ressalta que além de provocar choque, a realidade “bruta” também “canaliza a percepção para vocabulários específicos de interpretação e códigos estéticos de fácil compreensão” (p. 123). Desta forma, o mecanismo visa aguçar uma experiência que vivíamos na indiferença. Ela cita como exemplo que, ao transitarmos pela cidade, executamos ações como trancar a porta do carro, fechar a janela, apressar o passo ou nos esquivar dos mendigos, o que é resultado de uma cultura do medo.

O impacto do “choque” decorre da representação de algo que não é necessariamente extraordinário, mas que é exacerbado e intensificado. São ocorrências cotidianas da vivência metropolitana tais como violações, assassinatos, assaltos, lutas, contatos eróticos, que provocam forte ressonância emotiva. (JAGUARIBE, 2007, p. 100)

Em artigo sobre o efeito de real, Barthes recorre à literatura de Flaubert e à história de Michelet para referir-se aos detalhes “supérfluos”, deixados de lado pela análise estrutural, mas que como elementos da narrativa possuem um papel importante para simular o real. Entre as técnicas, obras e instituições fundadas na necessidade incessante de autenticar o “real”, da qual o realismo literário é um precursor, o autor cita a fotografia (testemunha bruta “do que foi lá”), a reportagem, as exposições de objetos antigos, o turismo dos monumentos e lugares

históricos, e outros.

Tudo isto diz que o “real” é suposto bastar-se a si mesmo, que é bastante forte para desmentir qualquer ideia de “função”, que sua enunciação não tem nenhuma necessidade de ser integrada numa estrutura e que o ter-estado-lá das coisas é um princípio suficiente da palavra. (BARTHES, 1972, p. 42)

Conforme Jaguaribe, a noção de “choque do real” está intimamente ligada ao pensamento de Barthes. No entanto, segundo a autora, o “choque do real” visa produzir “intensidade e descarga catártica” (p. 103), enquanto o efeito de real procura reforçar a tangibilidade de um mundo plausível por meio do detalhe da ambientação, do fluxo da consciência ou de quaisquer outros meios narrativos. Refere-se, para Jaguaribe, a certas narrativas e imagens que desprendem uma carga emotiva “intensa, dramática e mobilizadora”, mas que, porém, “não dinamitam a noção da realidade em si” (p. 103). Ainda conforme a autora, “o elemento do 'choque' reside na natureza do evento que é retratado e no uso convincente do 'efeito de real' que abaliza a autenticidade da situação-limite”. (idem).

Esse imaginário da violência, que hoje nos leva a tomar precauções de forma inconsciente no dia a dia, tem sido transmitido não apenas pela safra recente do cinema nacional, mas também, e de forma especial, pelo telejornalismo e seus programas dedicados a demonstrar a realidade “nua e crua”, entre os quais poderíamos citar uma série de exemplos. Junto com a violência “real”, que presenciamos no dia a dia, as redes sociais digitais, portanto, somam-se a esses elementos na construção desse imaginário.

Entendemos, portanto, que o cenário descrito acima cria condições para que se estabeleçam situações de perda de controle da informação, tornando imprevisível a reação do receptor – que poderá, inclusive, estar associada ao sentimento de medo da violência urbana. Esses elementos, somados, contribuem para que as redes sociais digitais, por meio da imagem, possam apresentar um efeito de “choque do real”, como descrito por Jaguaribe. Isso equivale a dizer que, por meio dessa representação, nos relacionamos com o real.

Fenômeno de alta carga simbólica, o linchamento representa um ponto de ruptura entre o desejo por vingança e a confiança nas instituições que regem a vida em sociedade. Embora seja um ritual primitivo, sua ocorrência tem sido registrada desde os tempos antigos até os dias atuais, no Brasil e no mundo³. Caracterizado principalmente pelo espancamento de uma ou mais pessoas por uma multidão, motivados geralmente por um crime anterior, o linchamento obedece, no entanto, a uma complexa trama que pode servir para classificá-lo

3 No primeiro semestre de 2014, foram registrados pelo menos 50 casos no Brasil. (Fonte: <http://g1.globo.com/politica/dias-de-intolerancia/platb>)

quanto à motivação, grau de brutalidade, nível de preconceito contra classes sociais, entre outros fatores.

No Brasil, o primeiro linchamento data do período colonial, embora na época o termo ainda não fosse utilizado. No ano de 1585, em Salvador, um índio que se dizia papa, de nome Antônio Tamandaré, e que atraía vários adeptos, foi executado por uma multidão. A prática só passou a ser chamada de linchamento no século XVIII, nos Estados Unidos, após o justicamento difundido por um homem chamado William Lynch. No campo da pesquisa, a maior parte da literatura encontrada sobre o tema é americana. No Brasil, só recentemente o tema despertou o interesse do campo da sociologia e da história.

O caráter endêmico do linchamento contrasta com a quase invisibilidade que o fenômeno encontra no noticiário. Conforme Martins (2015), “o linchamento é crime que só aos poucos vem sendo reconhecido aqui como fenômeno social peculiar e significativo, revelador do que esta sociedade é” (p. 173), o que impacta na dificuldade para coletar evidências acerca destes acontecimentos. Mais recentemente, o advento dos dispositivos móveis e da Internet tem permitido uma nova forma de documentação de casos de violência extrema, como é possível observar no caso que estamos estudando, o linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, que foi registrado em imagens de celular que depois foram postadas em redes sociais.

Se é verdade que no Brasil, diferente dos Estados Unidos – país que mais lincha no mundo, segundo Martins (2015) –, a pena de morte está abolida desde o período imperial, por outro lado, o país é marcado por profundas desigualdades e problemas sociais, fatores que influenciam a percepção que temos de justiça. A trajetória do linchamento no Brasil, portanto, deve ser analisada à luz destas observações.

Nas sociedades primitivas, antes do desenvolvimento do sistema judiciário que ocorreria em Roma e na Grécia, o sacrifício ocupava um papel importante na resolução de conflitos que clamavam por vingança. Na sociedade atual, por sua vez, o sistema judiciário afasta a ameaça da vingança, limitando-se “a uma represália única, cujo exercício é confiado a uma autoridade soberana e especializada em seu domínio” (GIRARD, p. 29). Deste modo, tanto o sistema judiciário quanto os ritos sacrificiais compõem o abismo entre as sociedades primitivas e o que pode ser entendido como civilização.

Por que, em qualquer lugar onde graça, a vingança do sangue constitui uma ameaça intolerável? Face ao sangue derramado, a única vingança satisfatória é o derramamento do sangue do criminoso. Não há diferença nítida entre o fato que a vingança pune e a própria vingança. Ela é concebida como uma represália, e cada

represália invoca uma outra. Muito raramente o crime punido pela vingança é visto como o primeiro: ele é considerado como a vingança de um crime mais original. (GIRARD, p. 28)

Após analisar a catalogar 2.028 ocorrências registradas no Brasil nos últimos 60 anos, o sociólogo José de Souza Martins considera que a frequência desta prática no país é endêmica. Com base nesta pesquisa, o autor afirma que o número de pessoas que participaram de linchamentos no Brasil, neste período, pode chegar a um milhão, o que, entre outros fatores, “confirma que o linchamento é hoje um componente da realidade social e vem perdendo sua eventual caracterização como fato anômalo e excepcional” (p. 12). Os estudos foram realizados levando-se em conta informações de jornais de várias regiões do país, uma vez que, conforme o autor, não há outra fonte consistente sobre o tema, já que os registros policiais, até pelas restrições legais, acabam muitas vezes classificando o fenômeno como homicídio.

A totalidade dos casos analisados abrange 2.579 pessoas que foram alcançados por linchamento ou por tentativas durante este período. Apenas 1.150 (44,6%) foram salvas. Outras 1.221 (47,3%) foram de fato atacadas, entre as quais 782 foram mortas e 439 foram feridas. Um percentual de 8,1% conseguiu escapar por seus próprios meios. Entre os linchamentos consumados, estão incluídos procedimentos extremos, como é o caso da cremação de vítimas ainda vivas, castração e até mesmo a extirpação das orelhas (p. 12). Tais métodos cruéis têm como objetivo desumanizar a vítima.

Entre as principais conclusões da pesquisa de Martins estão a observação de que os linchamentos, ao contrário do que pode afirmar o senso comum, ocorrem prioritariamente nas regiões metropolitanas de grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, e não nos rincões mais afastados. Outra característica atribuída aos casos registrados no Brasil é a preferência dos linchadores pelo período noturno, como se a escuridão servisse para acobertar o delito. Nos casos ocorridos à luz do dia, a violência empregada tende a ser menor. O caráter espontâneo é uma característica marcante do linchamento, e que o diferencia de outras formas de violência extrema, como a chacina e as mortes cometidas por justiceiros, por exemplo. De acordo com o autor, o linchamento “resulta da decisão quase sempre repentina, impensada, de motivação súbita e, de modo geral, imprevisível” (p. 22). Porém, conforme Martins, há casos em que a busca por “justiça” somente ocorreu semanas após o crime original, que motivou o linchamento.

Um fator não menos simbólico, citado pelo mesmo autor, é a presença de mulheres e até mesmo crianças participando das execuções, o que parece confirmar o caráter ritualístico

do linchamento. Em um dos casos, citado por Martins, um jovem foi capturado por moradores após ter atacado e matado uma garota que tomava conta do bar da família. Ao iniciarem o procedimento, os agressores deram à mão da garota a primazia pelos primeiros golpes.

Uma das questões centrais que colocam-se à pesquisa sobre o tema é: por que a população lincha?

Para Martins, a hipótese mais provável é a de que as pessoas recorrem a esse método para punir, “mas sobretudo para indicar seu desacordo com alternativas de mudança social que violam concepções, valores e normas de conduta tradicionais, relativas a uma certa concepção do humano” (p. 27). Deste modo, conforme o autor, o linchamento “não é uma manifestação de desordem, mas de questionamento da desordem” (idem).

O imaginário, ao contribuir com a criação de medos e temores de fundamentos arcaicos, exerce papel importante na ocorrência deste fenômeno. Martins entende que há, no justicamento popular, “evidências da força do inconsciente coletivo e do que estou chamando aqui de estruturas sociais profundas” (p. 9).

Nos linchamentos se faz presente a dimensão mais oculta do nosso imaginário, sobretudo nas formas elaboradas e cruéis de execução das vítimas. A centralidade do corpo nesse imaginário explode nas ações de linchamento, quando pacíficos transeuntes, pacíficos vizinhos, devotados parentes e pais se envolvem na execução de alguém a quem, às vezes, estão ligados por vínculos de sangue, às vezes o próprio filho. (MARTINS, p. 41)

A irracionalidade do ato esconde, ainda, a busca pela afirmação mudanças na estrutura social pretendida, de forma incipiente, pelo linchamento.

Os participantes de um linchamento anunciam em sua ação coletiva um imaginário social referido ao primado da ordem e não ao primado da ruptura e da desordem. Nela anunciam sua interpretação do que a sociedade deveria ser mas não é. Ou deveria continuar sendo, se é que alguma vez o foi. O ato de linchar é uma tentativa de “consertar” a sociedade para colocá-la no rumo da sociedade imaginada. (p. 65)

Ao mesmo tempo, o ato de linchar pode ser analisado como um momento de comunhão, entre diferentes atores dispersos e anônimos. Para Martins, é pouco provável que haja na sociedade atual “momentos de sociabilidade tão densa quanto no da prática da violência coletiva, sobretudo quando se estende ao preenchimento ritual dos vazios decorrentes da supressão da eficácia de valores e normas de conduta” (p. 65).

Por trás de grande parte dos linchamento, esconde-se uma intolerância a quem não

compartilha dos mesmos valores ou da mesma origem que o agressor. Não por acaso, grande parte das ocorrências está relacionada a questões raciais ou de religião. Girard (2004) cita os textos do poeta francês Guillaume de Mauchat, que, no século XIV, em uma de suas obras, narra uma sequência de acontecimentos inverossímeis, os quais, de fato, são difíceis de serem tomados como verdadeiros. Em uma cidade de nome não revelado, muitas mortes ocorrem devido à “perversidade” dos judeus, que envenenam os rios e as fontes de água potável. Cabe lembrar que a peste negra foi durante muito tempo associada à população judaica. Os supostos autores da barbárie foram, então, massacrados pela população. Conforme Girard, “é o terror universal da doença que dá peso suficiente a esses rumores para desencadear tais massacres” (2004, p. 6). Em algumas cidades, o massacre dos judeus ocorreu de forma preventiva, antes da chegada da peste.

Girard salienta que algumas acusações são tão características de perseguições coletivas que, à simples menção, os observadores modernos suspeitam que há violência no ar.

À primeira vista, os motivos de acusação são bastante diversos, mas é fácil indicar sua unidade. De início há crimes de violência que tomam como objeto os seres cuja violação é a mais criminal, seja de modo absoluto, seja em relação aos indivíduos que os comete: o rei, o pai, o símbolo da autoridade suprema, por vezes também nas sociedades bíblicas e modernas, os seres mais fracos e desarmados, particularmente as crianças. (GIRARD, p. 22)

A relativa fraqueza de um determinado grupo social não é, portanto, obstáculo para que os perseguidores empreendam uma acusação estereotipada.

A multidão tende sempre à perseguição, pois as causas naturais daquilo que a perturba, daquilo que a transforma em turba, não podem interessá-la. A multidão, por definição, procura a ação, mas não consegue agir sobre as causas naturais. Procura, então, uma causa acessível e que satisfaça seu apetite de violência. Os membros da multidão são sempre perseguidores em potência, pois sonham purificar a comunidade de elementos impuros que a corrompem, de traidores que a subvertem. (GIRARD, 2004, p. 24)

O relato acima reforça a relação existente entre violência e imaginário. Deste modo, a violência original, que motivou o ato de linchar, pode ter sido encarada de maneira distorcida pela turba, que anseia por fazer “justiça” com as próprias mãos. De fato, em alguns casos, o estopim sequer ocorreu, sendo o linchamento motivado por preconceitos e temores infundados.

2.4 Redes sociais digitais

O advento da Internet e dos dispositivos móveis, que estão entre os principais acontecimentos das últimas décadas, provocaram uma transformação na maneira como nos comunicamos. Contando apenas com o acesso à Internet, qualquer indivíduo passa a ter a possibilidade de fazer parte de uma rede, interagindo com usuários de todo o planeta. O compartilhamento de conteúdo a um grande público, que durante muito tempo permaneceu nas mãos de poucos, agora pode ser feito por qualquer cidadão. A ausência de limitações geográficas, uma característica deste processo, tem sido vista desde as primeiras “comunidades virtuais” (RHEINGOLD, 1993), o que permite unir indivíduos conforme afinidades e interesses. Esse processo, ainda em andamento, deve-se em grande parte ao surgimento das redes sociais digitais.

Essas ferramentas, popularizadas no início da década de 2000, contam hoje com um número crescente de usuários em todos os países e foram incorporadas de tal forma ao cotidiano que hoje ideias e comportamentos circulam de forma instantânea. Por meio de sites como Facebook, Twitter, LinkedIn e Instagram – para citar alguns dos mais populares –, que permitem o cadastro gratuito de qualquer indivíduo, ocorrem boa parte das nossas relações sociais do cotidiano. Na era da ubiquidade e da conexão em tempo integral, torna-se difícil distinguir o real do virtual.

Como se não bastasse, essas ferramentas são cada vez mais utilizadas não apenas para nos manter em contato com o nosso círculo social, mas para nos informar e compartilhar notícias – tanto dos veículos “tradicionais” quanto dos não profissionais. Como consequências, essas plataformas são acessadas muitas vezes em substituição ao jornal, rádio, televisão, etc. A enorme quantidade de informação disponível a um simples clique, porém, faz com que a qualidade deste conteúdo seja motivo de atenção. Assim como é possível obter notícias de jornais e blogs de diversas partes do mundo, também é possível receber informações que não foram devidamente checadas.

A velocidade com que as mudanças ocorreram nos últimos anos faz com que a análise do tema torne-se ainda mais desafiadora, já que há muitos pesquisadores dedicados a compreender o fenômeno. Primo (2013) lembra que os fenômenos da cibercultura modificam-se radicalmente no momento em que são observados, citando como exemplo o caso do Second Life, ferramenta que se tornou bastante popular na metade dos anos 2000, mas que hoje já não provoca a mesma repercussão.

A popularização das redes sociais no Brasil, e consequentemente sua atuação na

formação do imaginário pós-moderno, ocorrem em um momento em que a Internet passa a se popularizar no país. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de usuários da Internet passou de 32.109.939, em 2005, para 85.572.000 em 2013⁴ – ou seja, cresceu mais do que o dobro em um período de oito anos, alcançando hoje cerca de 49% da população brasileira acima dos 10 anos de idade. O tempo que passamos em frente ao computador, hoje, é cada vez maior⁵. Além de uma audiência massiva (somente o Facebook conta com 89 milhões de usuários no Brasil⁶), as redes sociais representam grande parte deste período gasto na internet.

Santaella (2013) atribui as inovações tecnológicas que fizeram surgir das redes sociais à popularização da Internet banda larga, que teve como principais consequências: a) permitir o armazenamento de informações na nuvem; b) impulsionou o comércio eletrônico; e c) difundiu os espaços virtuais de sociabilidade, onde estão inseridos os sites de redes sociais. A autora destaca que os usuários se relacionam principalmente ao redor de uma temática, o que pode ser caracterizado como um laço fraco.

De modo a compreender melhor o fenômeno que estamos estudando, vamos abordar alguns dos principais conceitos existentes sobre as redes sociais digitais. Garton, Haythornthwaite e Wellman (2006) afirmam que “quando uma rede de computador conecta pessoas ou organizações, isso é uma rede social”⁷.

O uso destas plataformas de comunicação se dá, em grande parte, por meio dos sites de redes sociais. Boyd & Ellison (2007) definem estes sites como serviços baseados na Internet que permitam aos indivíduos: a) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema delimitado; b) articular uma lista de outros usuários com quem compartilhar a conexão; e c) visualizar suas listas de conexões, bem como de outros perfis dentro do mesmo sistema. Para os autores, o que torna estes sites únicos não é o fato de permitirem que os usuários conheçam “estranhos”, mas sim o fato de possibilitar ao usuário articular e visualizar as suas redes – o que irá resultar em conexões que, de outra forma, não teriam como serem

4 Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

5 Um estudo da consultoria comScore (<http://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Eventos-e-seminarios-Web/Webinar/2014/Brazil-Digital-Future-in-Focus-2014>) denominado Brazil Digital Future in Focus mostrou, em 2015, que os brasileiros gastam 9,7 horas por mês nas redes sociais. Acessado em 30/04/2016.

6 <http://info.abril.com.br/noticias/internet/2014/10/domingo-de-eleicoes-gerou-numero-recorde-de-interacoes-no-facebook.shtml>

7 Tradução nossa para “When a computer network connects people or organizations, it is a social network”. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.1997.tb00062.x/full>, acessado em 01/05/2016.

feitas.

As redes sociais digitais operam a partir da criação de perfis que representam cada usuário, para quem são oferecidos serviços como mensagens instantâneas, murais de mensagens, compartilhamento de fotos e vídeos, entre outros (SANTAELLA, 2013). Ao criar um perfil nestas redes, conforme aponta Viana (2010), passamos a responder e a atuar como se esse perfil fosse uma extensão de nossa vida. Para o autor, muito mais do que uma simples caixa de correio, esses perfis passam a ser “como estandartes que representam a pessoa que o mantém” (p. 137). Para este autor, o sucesso das redes sociais digitais está relacionado ao fato de seu uso ser gratuito e de fácil acesso. Quem participa da rede, acrescenta Viana, o faz de forma voluntária, porém acaba por gerar conteúdos de valor histórico, etnográfico e sociológico, uma vez que as redes retratam o dia a dia dos seus participantes. Ainda conforme Viana, essas redes “chegam a ser confundidas com a realidade ou funcionam como parte complementar do cotidiano” (p. 61).

Para Recuero (2009) uma rede social digital “é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”, sendo que “redes sociais possuem elementos característicos que servem de base para que a rede seja percebida e as informações a respeito dela sejam apreendidas” (p. 24). Fragoso, Recuero & Amaral (2013) afirmam que os sites de redes sociais “são caracterizados pela construção de um perfil com as características identitárias (que são percebidos como atores sociais) e com a apresentação de novas conexões entre esses perfis (as arestas na rede social)” (p. 117).

Na definição de Santaella e Lemos (2010), as redes sociais da internet (RSIs) são

plataformas-rebentos da Web 2.0, que inaugurou a era das redes colaborativas, tais como wikipédias, blogs, podcasts, o YouTube, o Second Life, o uso de tags (etiquetas) para compartilhamento e intercâmbio de arquivos como no Del.icio.us e de fotos como no Flickr e as RSIs, entre elas o Orkut, My Space, Goowy, Hi5, Facebook e Twitter com sua agilidade para microblogging. (2010, p. 7)

As autoras (2010, p. 57) apontam que a modalidade predominante na década de 1990 era a da navegação unidirecional. Na época, saíamos de um ponto em direção a outro, muitas vezes nos distraíndo pelo caminho. O período caracterizava-se, ainda, por um aumento exponencial dos nódulos de rede e pela estruturação de canais de comunicação entre esses nódulos, o que ocorria devido a aceleração do uso de ferramentas de busca e das comunidades digitais.

A intensa velocidade da extensão e interconexão entre os nódulos informacionais da rede fez com que comunidades se formassem ao redor de nódulos estratégicos de interesses compartilhados. A partir desse movimento de “tribalização” digital é que as primeiras plataformas de redes sociais foram surgindo. (SANTAELLA E LEMOS, 2010, p. 57)

As autoras ressaltam ainda que durante a segunda parte da década de 1990, a possibilidade pioneira de interatividade em tempo real, com ferramentas como o ICQ (ao qual acrescentamos as salas de bate-papo e o IRC), deu origem às RSIs 1.0. O salto em direção às redes 2.0, com perfil mais colaborativo, viria com o surgimento de plataformas como o Orkut, My Space e LinkedIn, que passaram a possibilitar o compartilhamento de arquivos online. Com o Facebook, criado em 2004, dá-se início às RSIs 3.0, “caracterizada pela integração com outras redes e pelo uso generalizado de jogos sociais” (SANTAELLA E LEMOS, 2010, p. 58), bem como de aplicativos para mobilidade. O cenário atual, conforme Santaella e Lemos, agrega todas essas modalidades de forma simultânea. O Twitter, que começou a se consolidar a partir de 2009, é tido pelas autoras como um exemplo da transição monomodal para a multimodal.

As RSIs 2.0 foram pioneiras ao reunir em uma mesma interface todas as possibilidades de comunicação disponíveis até então: comentários, fóruns, chats, mensagens de membro para membro, quadro coletivo de recados, repositório coletivo de documentos, mensagens coletivas, indexações personalizadas etc. As redes sociais 2.0 representam a transição entre esses dois modelos por trazerem múltiplas monomodalidades de interação integradas em uma mesma plataforma. Essa foi uma etapa fundamental na evolução das RSIs, responsável pelo amadurecimento da sociabilidade em rede, que acabou por provocar a emergência de multimodalidades de interação nas RSIs 3.0. (SANTAELLA e LEMOS, 2010, p. 58-9)

O diferencial das redes 3.0 é justamente, segundo as autoras, a sua possibilidade de integração com múltiplas redes e diferentes funcionalidades por meio do uso de aplicativos e de mídias móveis. A estrutura da interface muda, uma vez que o acesso não se dá mais a partir de pontos fixos, como nos anos 1990, pois ele passa a ser ubíquo. Soma-se a isso o “entrelaçamento entre coleta de dados pessoais em tempo real e análise estatística via inteligência artificial *always on*” (idem, p. 59).

As autoras chamam a atenção, ainda, para uma mudança de temporalidade em relação ao que era verificado nas redes 1.0 e 2.0. Nas redes 2.0, a dinâmica de renovação de conteúdo ainda é pontual: organiza-se a partir de posts localizáveis em arquivos pertencentes a um passado catalogado através de datas, e da renovação periódica de conteúdo. A evolução das redes 3.0 traz um deslocamento temporal radical em direção à experiência midiática de um

presente contínuo: na era da mídia always on o passado importa pouco, o futuro chega rápido e o presente é onipresente. (p. 61). Desta forma, a dinâmica de renovação do conteúdo passa a ser “contínua e coletiva” na era das redes 3.0.

Conforme Recuero (2009), a grande diferença entre sites e outras formas de comunicação mediada pelo computador “é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço off-line” (102-3). A autora, no entanto, chama a atenção para o fato de que os sites, por si só, não são redes sociais. Os atores que utilizam essas plataformas é que constituem as chamadas redes sociais digitais.

Desde a sua popularização, a partir da metade da década de 2000, as redes sociais digitais apresentaram impactos em diversos aspectos da vida social. Cabe ressaltar que muitos movimentos populares recentes foram organizados a partir destes sites, como o Occupy Wall Street, a Primavera Árabe e os protestos de junho de 2013 contra o aumento da passagem de ônibus, no Brasil. Esses exemplos demonstram que a interação mediada pelo computador também ajuda a provocar uma ação presencial por parte dos atores envolvidos, o que torna ineficaz a tentativa de separar o real do virtual na contemporaneidade. O Facebook, por contar com um número maior de usuários, despontou entre as redes sociais como um instrumento importante não apenas de informação, mas também de participação.

A democratização das ferramentas de comunicação recebeu interpretações diversas dos autores que estudam o tema. Levy e Lemos (2010) tomam emprestado um conceito de Habermas para classificar o ciberespaço como uma “esfera pública” (p. 9), no sentido de que constitui-se num ambiente onde os assuntos são discutidos livremente pelos mais diversos atores. Nas palavras de Castells (2001), “a Internet põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças” (p. 135). Recuero (2009) aponta que, mais do que permitir que os indivíduos se comuniquem, essas ferramentas amplificaram a capacidade de conexão, permitindo que fossem criadas redes.

Ao questionar se as comunidades virtuais são de fato comunidades reais, Castells explica que, embora não sejam comunidades físicas, não se tratam de redes “irreais”, funcionando em um outro plano de realidade. Tratam-se, nas palavras do autor, de “redes sociais interpessoais, em sua maioria baseada em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermediário da dinâmica da interação sustentada” (1999, p. 445-6).

Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e

espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. (...) A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primária da morfologia social sobre a ação social. (CASTELLS, 1999, p. 565).

Cabe destacar que as redes sociais refletem comunidades, em grande parte, desterritorializadas. Como afirmam Levy e Lemos (2010), no ciberespaço as proximidades não chegam a desaparecer, “porém são redefinidas como uma classe importante de proximidades semânticas, ao mesmo título que a língua, a disciplina, a orientação política, sexual etc” (p. 105).

Martinuzzo & Ribeiro (2015) salientam que as redes sociais digitais são “lugares” ou territorialidades (ou a experiência que se constitui em determinado território, aqui, território informacional, registre-se) no ciberespaço que se destinam a “reunir” pessoas para compartilhamento, entre amigos, organizações e comunidades, de mensagens diversas, com narrativas a partir de fotos, textos, vídeos, animações, entre outros.

Quanto à territorialidade, Castells (2001) afirma que “a prática do individualismo em rede pode estar redefinindo as fronteiras e o significado de instituições tradicionais de sociabilidade, como a família” (p. 110), uma vez que a Internet traz a possibilidade de nos comunicarmos com indivíduos que podem não estar presentes fisicamente. Por outro lado, é possível pertencer a diferentes redes, conforme o interesse de cada usuário, ao mesmo tempo em que constata-se uma grande flexibilidade no termo sociabilidade, devido ao compromisso relativamente baixo do usuário com esses grupos (idem).

Para Castells (2001), a ascensão do individualismo é uma tendência dominante na evolução das relações sociais. As redes sociais digitais, portanto, ocupam um papel central ao se observar esse tipo de comportamento. O autor afirma, inclusive, que “o novo padrão de sociabilidade em nossas sociedades é caracterizado pelo individualismo em rede” (2001, p. 108), enquanto que, ao menos na tradição da pesquisa sociológica, as comunidades se formavam amparadas no compartilhamento de valores e organização social.

Com isso, constata-se o surgimento de um novo padrão dominante, após a predominância das relações primárias e secundárias, que é o que Castells chama de “relações terciárias”, organizadas a partir de redes egocentradas. Nas palavras do autor, trata-se da “privatização da sociabilidade” (p. 108).

Cada vez mais, as pessoas estão organizadas não simplesmente em redes sociais,

mas em redes sociais mediadas por computador. Assim, não é a Internet que cria um padrão de individualismo em rede, mas seu desenvolvimento que fornece um suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade. (CASTELLS, 2001, p. 109)

Criado em 2004, na Universidade de Harvard, o Facebook (inicialmente *the facebook*) tinha como objetivo transferir o círculo social da vida real para a internet, por meio de uma rede social interativa. Mark Zuckerberg, um dos mentores, pretendia criar um site onde as próprias pessoas colocassem as fotos que quisessem, bem como perfil, amizades e informações pessoais. A ideia inicial, porém, estava bem restrita ao ambiente da própria Universidade de Harvard (MEZRICH, 2010). Mas, em bem pouco tempo, a nova ferramenta ultrapassou barreiras geográficas e provocou uma verdadeira revolução nas interações sociais deste início de século.

O seu alcance global e a facilidade de acesso fizeram do Facebook também uma ferramenta para difundir informação pela internet, utilizada com esse intuito por usuários que não veem as demandas da sua comunidade contempladas nos grandes meios de comunicação e seguem a linha do jornalismo participativo, ou jornalismo cidadão.

2.4.1 A informação na era das redes sociais digitais

Por meio dos sites de redes sociais, como o Facebook, temos acesso de forma instantânea ao que amigos e conhecidos estão fazendo e compartilhando, quais suas recomendações, que vídeos viram e onde podemos, inclusive, interagir (RECUERO, 2013). Porém o uso das redes sociais tem ido além de assuntos que possam ser considerados banalidades do cotidiano. Ao mesmo tempo em que os veículos de comunicação tradicionais (TV, rádio, jornal, etc) sofrem oscilações nas suas médias de público, com visível retração no caso dos jornais (SANT'ANNA, 2008), ferramentas como o Facebook e o Twitter têm sido cada vez mais utilizadas para consumir informação.

Para Castells, a partir do momento em que as novas tecnologias tornaram possível a fábrica e a grande corporação como os fundamentos organizacionais da sociedade industrial, “a Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede” (2003, p. 7).

Dados da pesquisa “*How social media is reshaping news*”⁸, do Pew Research,

8 Disponível em <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2014/09/24/how-social-media-is-reshaping-news>. Acesso em 01/05/2016.

publicada em setembro de 2014, revelam como as redes sociais estão mudando a forma como consumimos notícia. O Facebook, conforme o estudo, é utilizado por 64% dos adultos nos Estados Unidos, sendo que 30% deles obtêm notícias por meio desta ferramenta. O YouTube aparece em segundo lugar, com 10% de utilização como fonte de notícias. O Twitter é o terceiro, com 8%. O estudo define a rede criada por Mark Zuckerberg como uma “potência” no que se refere às notícias publicadas em redes sociais. A pesquisa também questionou como os usuários de redes sociais interagem com a notícia. Metade deles (50%) respondeu que compartilha ou reposta notícias, imagens ou vídeos, enquanto 46% discutem temas relacionados ao noticiário. Os usuários que postam fotos de acontecimentos tiradas por eles mesmos somam 14%; vídeos, 12%.

Particularmente, as páginas com enfoque em notícias relacionadas a crimes têm obtido uma penetração expressiva junto ao público das redes sociais. No Brasil, conforme o Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo, 20 milhões de pessoas seguem 5 mil páginas nacionais que tem como tema a divulgação de casos violentos no Facebook. Em alguns casos, a página é administrada por um jornalista. Em outros, porém, o autor não é identificado⁹. Cabe ressaltar que esse processo se dá em um cenário onde “as novas tecnologias deram-nos um mundo em que quase toda a gente pode publicar uma página de aspecto credível na internet” (GILLMOR, 2005, p. 174).

Os números dão um bom panorama da mudança que está em curso. Paralelamente, o número de amadores que publicam conteúdo na internet, atraídas pelas novas ferramentas tecnológicas, é crescente, seja em sites, blogs ou perfis de redes sociais. Para Levy, “um dos principais significados da emergência do ciberespaço é o desenvolvimento de uma alternativa às mídias de massa” (LEVY, 1999, p. 239). Em uma era em que o público passou de mero receptor para produtor de informação, a humanidade assiste a uma avalanche de conteúdo somente comparável à invenção da imprensa por Gutemberg, no século XV.

A quantidade de informação disponível hoje na grande rede mundial de computadores nos coloca em uma esfera comunicacional ímpar e rica, onde, pela primeira vez, podemos ter acesso a obras (sob os mais diversos formatos) mediadas pelos instrumentos da indústria massiva (editoras, gravadoras, jornais, revistas, televisão, rádio), mas, também, e é aqui que podemos ver a riqueza da cibercultura, produtos livres, criados por qualquer pessoa, sob qualquer modulação midiática, de qualquer parte do globo, circulando livremente, alimentando os nichos excluídos da cultura massica (LEVY E LEMOS, 2010, p. 93-4).

Neste cenário, conforme Levy e Lemos, a comunicação pública, até então enquadrada pelas mídias (jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão, etc), passa a ser “polarizada por pessoas que fornecem, ao mesmo tempo, os conteúdos, a crítica, a filtragem e se organizam, elas mesmas, em redes de troca e de colaboração” (2010, p. 13). Outra consequência desta nova forma de comunicação, apontada pelos autores, é o “apagamento da distinção público/privado, ou mesmo simplesmente, a erosão da esfera privada” (idem).

Jenkins (2014) observa que, enquanto os jornalistas “pagos”, ligados aos veículos de comunicação tradicionais, são compensados financeiramente pela sua atividade, muitos desses membros do público mantêm os seus blogs a partir de interesses sociais, e não econômicos, uma vez que as suas contribuições são valorizadas dentro das suas comunidades. A rede, portanto, é movida principalmente por pessoas envolvidas em causas. O autor refere-se ao conceito de *spreadability*, que pode ser traduzido como propagabilidade, para classificar a capacidade de o conteúdo se espalhar por diversos canais, em oposição à era do *stickness*, ou seja, a capacidade de “prender” a atenção do espectador.

A “propagabilidade” se refere aos recursos técnicos que tornam mais fácil a circulação de algum tipo de conteúdo em comparação com outros, às estruturas econômicas que sustentam ou restringem a circulação, aos atributos de um texto de mídia que podem despertar a motivação de uma comunidade para compartilhar material e às redes sociais que ligam as pessoas por meio da troca de bytes significativos. (JENKINS, 2014, p. 26-7)

Jenkins chama a atenção para a existência de um modelo “híbrido e emergente de circulação, em que um mix de forças de cima para baixo e de baixo para cima determina como um material é compartilhado” (p. 24). O autor também destaca o caráter participativo e coletivo destas redes.

Essa mudança – de distribuição para circulação – sinaliza um movimento na direção de um modelo mais participativo de cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginados antes. E estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica. (JENKINS, 2014, p. 24)

Neste contexto, a qualidade da informação que circula na rede merece atenção detalhada. Pioneiro dos estudos sobre as comunidades virtuais, Rheingold (1993) já havia

alertado, no início da década de 1990, que, enquanto muitos veem na Internet a possibilidade de revitalizar a democracia, a comunicação mediada pelo computador (CMC) também é alvo de contestações. Entre as críticas estão a mercantilização do espaço virtual, a utilização destas ferramentas como instrumentos de controle e desinformação e, por último, a transformação da realidade em uma simulação.

Castells (2001) aponta a existência de um número crescente de sites editados por jornalistas independentes e ativistas, possibilitado pelo fato de a Internet permitir uma comunicação não-horizontal. Estes sites são utilizados como “um canal para difundir informação e rumores políticos” (p. 129). Se por um lado, a quantidade de informações sem confirmação é cada vez maior, o que se observa especialmente nas inúmeras teorias conspiratórias que povoam blogs e salas de bate-papo, por outro, também é verdade que muitas notícias relevantes não encontrariam reverberação se isso dependesse apenas dos meios tradicionais de comunicação (TV, rádio, jornal, etc).

Dois casos são citados como exemplo. O primeiro é relativo às informações sobre o caso Monica Lewinsky, que foram citadas primeiro por um jornalista freelancer, enquanto os jornais avaliavam o tema. O segundo, é a divulgação das memórias de médico do ex-presidente francês François Mitterrand, proibidas pela Justiça, mas que foram disseminadas pela Internet.

Não existem mais segredos políticos na Era da Internet a partir do momento em que escapam de um círculo muito estreito. Por causa da rapidez da difusão de notícias pela Internet, a mídia tem de ficar de sobreaviso, e reagir a esses rumores, avaliá-los, decidir como noticiá-los – não pode mais descartá-los. A fronteira entre mexerico, fantasia e informação política valiosa fica cada vez mais difusa, complicando assim ainda mais o uso da informação como arma política privilegiada na Internet. (CASTELLS, 2001, p. 130)

Desta forma, Castells constata que em vez de fortalecer a democracia, a Internet e o uso das redes acabam por “aprofundar a crise da legitimidade política ao fornecer uma plataforma de lançamento mais ampla para a política do escândalo” (p. 130).

Vimos neste capítulo que as novas tecnologias fornecem um suporte para a substituição da verticalidade pela horizontalidade, uma característica da pós-modernidade, como aponta Maffesoli (2012). Neste contexto, o tribalismo assume um papel importante, já que nossos problemas são repassados para a tribo. No caso da comunicação, esse conceito encaixa-se no surgimento das redes sociais digitais, que servem como totem ao reunir no seu entorno indivíduos com afinidades e interesses semelhantes. Em meio à tecnologia de ponta, o

arcaico sobrevive. A presença do mito é uma prova disso. Crenças e ideologias associadas à modernidade permanecem vivas na pós-modernidade, não raro utilizando-se das novas ferramentas de comunicação, como as redes sociais. Nosso objeto de estudo, o caso Guarujá, é um exemplo disso.

No que se refere ao modo como o imaginário da pós-modernidade é propagado e disseminado, as tecnologias do imaginário – dentre as quais a Internet e, especialmente, as redes sociais – ocupam um papel preponderante, que na contemporaneidade conta, necessariamente, com a cumplicidade do receptor. Maleável, o imaginário se modifica ao sabor destas técnicas de representação da imagem. Além de ajudar a moldar o imaginário cotidiano, essas tecnologias vieram a eliminar a distância entre o real e o virtual, o que contribui para diminuir nossa desconfiança em relação a tudo o que é publicado na rede.

De forma permanente, encontramos-nos expostos ao “trajeto antropológico”, sujeitos a ferramentas que atuam na formação do imaginário – ainda que com o nosso consentimento – sejam elas as lembranças da casa onde crescemos, que permanecem vivas na memória durante a vida adulta, ou o contato “cara a cara” com outros indivíduos, além, é claro, das chamadas tecnologias do imaginário (cinema, TV, Internet, livros, etc). São esses mecanismos que, como vimos, adquirem uma importância crescente na pós-modernidade na veiculação de valores, crenças e pensamentos.

3 O boato na era da comunicação digital

Uma quantidade considerável das informações que recebemos no dia a dia, seja na comunicação oral ou através dos meios eletrônicos, está baseada no “ouvir dizer”. São informações que podem ou não ser verídicas, mas que carecem de comprovação. No entanto, como geralmente o emissor é alguém próximo, deixamos de lado a necessidade de verificação. Negligenciado durante muito tempo pela academia, o boato, “mais antigo mídia do mundo” (KAPFERER, 1993), passou a ser estudado particularmente após o surgimento dos meios eletrônicos, no século XX, já que nem mesmo a popularização do rádio, da televisão e da Internet fizeram com que ele caísse em desuso. A partir do advento das redes sociais, no século XXI, o fenômeno encontra outros formatos e permanece presente no imaginário.

Não cabe afirmar que todo boato é uma invenção – por óbvio, o contrário também não seria correto. De fato, ao longo da história, muitos boatos transmitidos sem comprovação revelaram-se, por fim, verdadeiros. O boato é, no entanto, antes de tudo, uma informação não verificada. Ou seja, um conteúdo passado adiante sem provas de que aquilo que está sendo relatado realmente ocorreu. Acreditar nele ou não irá depender de cada receptor, com base em uma série de elementos, como a credibilidade da fonte, o nível de detalhamento da história e a verossimilhança do relato. O certo é que, falso ou verdadeiro, esse “gênero comunicacional” (RENARD, 2007) não raro provoca consequências que extrapolam a imaginação de quem transmitiu.

Neste capítulo, iremos abordar os diversos conceitos de boato, de modo a explicar como este fenômeno ocupa durante tanto tempo um papel de destaque no imaginário. Buscaremos respostas, junto aos principais autores da área, de como se desenvolvem os boatos, quais as suas principais características e o que faz com que uma grande parcela da população acredite neles. Em seguida, iremos destacar o que faz com que a grande maioria dos boatos seja negativa. Por fim, vamos entender como se dá a manifestação de boatos na era da Internet, em especial com o surgimento das redes sociais digitais, a partir da segunda metade de década de 2000.

Os primeiros estudos sobre o tema tiveram origem nos Estados Unidos, no contexto da Segunda Guerra Mundial (KAPFERER, 1993). Na época, os efeitos dos boatos sobre as tropas norte-americanas provocaram o interesse dos pesquisadores, sendo Allport e Postman pioneiros na área (idem, p. 5). Os dois estudiosos trabalharam, na época, para o Office of War Information. Ao analisar diversos casos surgidos naquela época, eles chegaram a conclusão de

que a maioria dos boatos partem de um relato real, sendo poucos os casos que decorrem “de invenção pura e simples” (1953, p. 122). Allport e Postman constaram que, em tempos de guerra, o cenário torna-se propício para a proliferação de boatos, uma vez que “o segredo militar, junto à natural confusão de uma nação em armas e os movimentos imprevisíveis do inimigo, ajudam a criar uma profunda ambiguidade” (1953, p. 3).

O boato tem sido estudado pela sociologia e pelas ciências da comunicação, sobretudo na escola francesa. Morin escreveu uma obra de referência em 1969, *La Rumeur d'Orléans* (O boato de Orleans), ao analisar uma onda de boatos referente ao sequestro de mulheres na pacata cidade de Orleans. A narrativa tinha como alvo lojas de roupas femininas, acusadas, segundo o relato, de sequestrar jovens brancas. O boato foi recebido como verdadeiro por boa parte da população daquela cidade, embora não houvesse nenhum registro de que alguma moça tivesse desaparecido.

Todo boato está condenado a se extinguir, já que ele mesmo cria os mecanismos do seu desaparecimento. No entanto, como aponta Kapferer (1993), certos boatos parecem resistir ao tempo, retornando posteriormente para ser absorvido por um novo público. Um caso emblemático neste sentido ocorreu na França em 1969 e foi estudado por Morin, ficando conhecido como o boato de Orleans.

Em maio daquele ano, propagou-se na cidade o boato de que uma loja de roupas femininas estaria praticando o que se chamou de Tráfico de Brancas. Logo o rumor atingiu um total de seis estabelecimentos semelhantes. O boato constituía-se no seguinte:

Moças são drogadas por seringas nas cabines de vestiário e, depois, levadas para um porão de onde são encaminhadas, à noite, para pontos de prostituição exóticos. As lojas acusadas são mantidas por comerciantes judeus. (LEGROS ET AL, 2014, p. 194)

O fato de que nenhuma mulher havia sido sequestrada na pacata Orleans não impediu que o boato provocasse impacto, transformando comerciantes em alvo de discriminação. Seguindo a velha máxima de Goebbels, segundo a qual uma mentira contada mil vezes torna-se uma verdade – não por acaso, as vítimas eram judeus –, o rumor espalhou-se apesar de uma narrativa inverossímil, porém localizada temporalmente em uma sociedade que dispunha de menos informação do que hoje para confirmar a informação.

A nova estruturação simbólica que moderniza o arquétipo (do Tráfico das Brancas) ao modificá-lo transforma um fantasma erótico em mito moderno erótico. Moderno não apenas por causa do seu figurino, que é o da vida cotidiana de hoje, mas sim

porque ele implica o problema de emancipação das moças, que contém, de um lado, o da emancipação da mulher, e, de outro, o da emancipação da juventude; moderno, também, porque situa no coração da cidade moderna, e afeta, por isso mesmo, todos os problemas vividos no meio urbano, além dos problemas ocasionados pela transformação das cidades do interior. (LEGROS ET AL, 2014, p. 194-5)

A repercussão em torno do boato de Orleans foi tamanha que a imprensa parisiense, associações e organismos públicos precisaram se mobilizar a fim de silenciar ou, ao menos, minimizar o seu impacto.

Semelhante ao sino, o boato é um alerta: uma informação urgente deve ser comunicada. Ele tem tantas implicações que não se tem tempo de verificá-lo antes de transmiti-lo aos outros. Mesmo se desconhecemos se a informação é verdadeira, o simples fato de ela exigir uma resposta imediata justifica sua divulgação. (KAPFERER, 1993, p. 55).

No caso do relato acima, o boato não encontrou barreiras geográficas. Antes da história chegar a Orleans, uma boutique de roupas foi acusada de servir de “isca” para o tráfico de mulheres brancas. O caso ocorreu em fins de 1966, em Rouen. Após várias ameaças telefônicas de moradores, sem conseguir desmentir o boato, o gerente da loja prefere deixar a cidade.

Um caso idêntico foi registrado duas décadas mais tarde, em 1985, na cidade de La Roche-sur-Yon. Na ocasião, o boato teve como alvo a Boutique Malva, loja um pouco afastada do centro. Na época, o prefeito da cidade acusou a oposição de ter forjado o relato de modo a criticar as ações da administração municipal direcionadas à segurança pública e à imigração. Entretanto, o mesmo boato também circulou em Toulouse, Arras, Lille, Valenciennes, Strasbourg, Chalon-sur-Saône, Dinan, Laval e nas ruas de Paris onde se concentra o comércio de confecção (KAPFERER, 1993, p. 103).

Kapferer afirma ser normal que as boutiques de roupas sejam escolhidas como bodes expiatórios, uma vez que são lugares bastante “erotizados”. Além disso, tais lojas são vistas como locais que fomentam a mudança e a modificação dos costumes, de modo que a roupa marca “a perda do controle dos pais e da cidade sobre a juventude, seduzida pela possibilidade de pertencer a movimentos vindos do exterior” (1993, p. 85).

A irritação com esse modelo de vida, ainda segundo o mesmo autor, irá encontrar no boato o seu veículo de justificação e liberação, de modo que as boutiques “vão pagar pela inevitável evasão de jovens da cidade” (p. 85) – o mesmo acontecendo com as discotecas e os centros culturais.

O eterno reaparecimento deste boato pode ser explicado pela ação da memória, que fornece respostas a uma opinião pública ansiosa por explicações. Indivíduos entrevistados anos após o caso de Orleães referiram-se à história como sendo verdadeira. Nos dizeres de Kapferer (1993), “o eterno retorno do boato comprovaria a atualização, a partir de acontecimentos propícios, de um sistema explicativo profundamente enraizado na consciência coletiva” (p. 106).

O autor pondera que, na verdade, os receios e angústias jamais abandonaram o corpo social, o que pode ser comprovado pelo aparecimento do mesmo boato em diferentes situações.

O aparecimento continuado de boatos se deve a fatores conjunturais fortuitos, que escapam aos mecanismos habituais de controle, de contenção (de recalque), e de canalização. O latente não é mais inibido: ele se exprime. O retorno do rumor é, portanto, um índice da permanência de mal-estar da cidade, do grupo social, do país. Assemelha-se ao reaparecimento episódico de um rio subterrâneo desde que haja uma fissura. (KAPFERER, 1993, p. 107)

O autor cita, ainda, outros casos de boatos que aparecem de forma sucessiva, em locais diferentes. Entram neste grupo histórias de intoxicação alimentar (lanchonetes que serviriam ratos), o cachorro ou gato esquecido em um micro-ondas e a lenda de que colecionar certos objetos (como pontas de cigarro) daria direito a prêmios (1993, p. 109). Versões recentes desta última podem ser encontradas ainda hoje, inclusive no Brasil, com objetos como o lacre de latas de refrigerante.

O caso do boato de Orleães, com todas as suas especificidades, demonstra que não podemos responsabilizar a Internet pelo surgimento ou pela amplificação de um mesmo boato em diferentes locais. Histórias semelhantes ao relatado em Orleães circularam em pelo menos uma dezena de cidades francesas, conforme Kapferer (1993), em um intervalo de tempo de 15 anos. Tudo isso ocorreu antes do surgimento da Internet. Por outro lado, entendemos que as redes sociais digitais produzem alterações no conteúdo compartilhado. Neste aspecto, a imagem ocupa um papel central. No boato de Orleães, o relato era contado de boca em boca, porém sem a presença de um retrato ou fotografia que viesse a comprovar a autenticidade da afirmação. As redes sociais digitais colocam essa possibilidade (anexar uma imagem a um relato inverídico ou não) ao alcance de qualquer pessoa.

O conceito de boato tem sido discutido por uma série de pesquisadores da área da comunicação. Allport e Postman afirmam tratar-se de “uma afirmação específica para crer, que é passada de pessoa a pessoa, em geral oralmente, sem meios probatórios para

demonstrá-la” (1953, p. 11). Para Kapferer (1993), trata-se do “mais antigo dos meios de comunicação de massa” (p. 4), ou, em outras palavras, “o mercado negro (clandestino) da informação (p. 11). Para este autor, o boato “fascina, subjuga, seduz, excita”, exercendo sobre os homens um modo de ação próximo ao da hipnose (p. 3). Conforme Kapferer, os conceitos então existentes sobre o fenômeno apontam que se trata antes de mais nada de uma informação que “traz elementos novos sobre uma pessoa ou um acontecimento ligados à atualidade” (p. 5).

Legros et al (2014) definem boato ou lenda urbana como “um enunciado ou uma breve narrativa, de criação anônima, que apresenta múltiplas variáveis, de conteúdo surpreendente, contada como sendo verdade e recente em um meio social que exprime, simbolicamente, medos e aspirações” (p. 195). DiFonzo e Bordia (2007) definem o fenômeno como “informações não verificadas e instrumentalmente revelantes em circulação que surgem em um contexto de ambiguidade, perigo ou ameaça potencial, que ajudam as pessoas a gerenciar riscos” (p. 13). Dizem os autores:

Um boato é uma informação não verificada sobre um assunto de importância para um grupo. É semelhante à notícia em várias características, exceto por não ser verificada. Pode ser propagada pela comunicação oral, fax, correio eletrônico ou qualquer outro canal de comunicação. Normalmente, inicia com a frase “ouvi dizer que...” (DIFONZO e BORDIA, 2007, p. 63, tradução nossa)

Um conceito mais direto é fornecido por Iasbeck (2000), para quem boatos “são ondas noticiosas disformes que circulam ao sabor das contribuições coletivas, segundo uma ética bem definida e uma estética bastante esgarçada, capaz de conter uma variada gama de produtores/fruidores” (p. 11).

Renard (2007, p. 97) observa que, quando um amigo nos conta alguma novidade, nosso primeiro impulso é acreditar na informação, não apenas porque confiamos na fonte, mas também porque é “materialmente impossível, na vida cotidiana, checar todas as informações que recebemos”. Trata-se, segundo Renard, de uma “confiança social obrigatória”, pois sem ela estaríamos fadados a mergulhar em uma paranoia e numa suspeita sistemática de qualquer informação que recebemos no dia a dia. O autor explica que o termo boato possui dois sentidos, que são necessários distinguir: o boato como informação não verificada e o boato como informação falsa. No primeiro caso, a informação não é necessariamente falsa, diferente do segundo termo.

Conforme Iasbeck (2000), os boatos são predominantemente narrativas orais, que não são escritas, sob pena de perderem a perecibilidade, sua principal característica. Isso

não impede, porém, que “estejam impregnados pelas marcas do texto escrito, condição que lhes assegura certa credibilidade em maio às incertezas de toda ordem”. Ainda segundo o autor, a narrativa também está associada à linguagem cinematográfica e televisiva, contados em sequências editadas, o que pode inclusive “modificar o curso das 'cenas' seguintes” (p. 12).

O boato, ou a lenda contemporânea, “apresenta uma estrutura narrativa simples e forte, assentada na ruptura da normalidade da vida cotidiana” (LEGROS et al, 2014, p. 197). Conforme Renard (2007), podem-se distinguir três tipos de boatos de acordo com a extensão de sua área de difusão: as fofocas, que são observadas em um meio restrito (casa, trabalho, cidade); os boatos propriamente ditos, que interessam a um meio social mais extenso; e as lendas contemporâneas, que, por sua vez, podem adquirir inclusive uma dimensão internacional.

Percebe-se, com base nestas definições, que a ideia de uma informação não verificada como definição de boato perpassa diferentes autores. Chamamos a atenção, ainda, para o caráter anônimo do boato. Nota-se que uma característica primordial é o fato de ele surgir de forma coletiva, o que está muito relacionado à maneira como aquela informação será interpretada pelo receptor. Afinal, uma informação que não se propaga não pode ser considerada como um boato. Kapferer (1993) afirma que o boato diz respeito, particularmente, a um grupo, e por isso “aderir a um boato é manifestar sua solidariedade à voz do grupo” (p. 96). Logo, segundo o autor, questionar uma informação no contexto destes grupos equivale a “questionar os seus parceiros, e romper, dessa maneira, a unidade: o cético é um dissidente” (idem). Nos dizeres do autor, “o boato é, antes de tudo, um comportamento” (p. 44). Estes grupos, no entanto, não são necessariamente restritos, uma vez que o seu efeito deve ser percebido por um número maior de pessoas. Isso porque, segundo Iasbeck (2000), os boatos “são clamores que chamam a atenção de um número relativamente grande de pessoas e incomodam o fluxo rotineiro da comunicação ao atropelarem relações previsíveis ou desalojarem expectativas” (p. 12).

Embora alguns autores coloquem boatos e lendas urbanas no mesmo patamar, a bibliografia sobre o tema apresenta diferenciações que devem ser consideradas. Para Renard (2007), os boatos podem tomar a forma de um simples enunciado ou apresentar uma estrutura mais elaborada, contada por uma narrativa. No primeiro caso, um sujeito x (pessoa, grupo ou um objeto) é associado a um predicado y, que representa estado ou ação. Por exemplo: forno de micro-ondas envenena os alimentos. Já a narrativa é apresentada no formato de uma pequena história. A estes boatos narrativos chama-se lendas (2008, p. 98).

Um exemplo pode ser dado pela história segundo a qual jacarés ou crocodilos habitam os esgotos de Nova Iorque, que em seu formato mais extenso inclui a explicação de como os répteis foram parar naquele local.¹⁰

Essa distinção, conforme Renard, aproxima duas correntes de pesquisa: a psicológica e sociológica, desenvolvida a partir da Segunda Guerra Mundial, e a etnográfica, que estuda as narrativas populares. Para se diferenciar as lendas da atualidade das lendas antigas, usa-se os termos lendas contemporâneas ou lendas urbanas – embora não necessariamente elas ocorram sempre nas cidades.

Em contrapartida, a fofoca, segundo DiFonzo e Bordia (2007), é formada por conteúdos sem relevância ou sem objetivos a serem alcançados, muitas vezes com o simples intuito de passar tempo. Embora tanto o boato quanto a fofoca possam ser enquadrados na comunicação informal, baseados no “ouvi dizer”, os dois conceitos não são equivalentes. Uma diferença é o fato de a fofoca sempre estar relacionada à vida pessoal dos indivíduos. No caso do boato, isso pode ou não acontecer. Kapferer, por sua vez, afirma que nas lendas urbanas, ou “estórias exemplares”, como ele se refere ao termo, o personagem é anônimo, enquanto que o boato pode ter como protagonista um cidadão ilustre (1993, p. 248).

Um dos primeiros desafios que se colocam à pesquisa sobre os boatos é a coleta da informação em si, já que trata-se de um tema difuso, que desperta interpretações variadas entre diferentes receptores. Kapferer aponta que uma das dificuldades é o fato de que, diferente da imprensa, do rádio ou da televisão, as mensagens não estão conservadas, restando ao pesquisador o papel de realizar entrevistas “para tentar captar a 'lembrança' deste boato” (1993, p. 5). Esse problema, porém, muda de aspecto com a manifestação de boatos nas redes sociais digitais. Com o advento da Internet, e, particularmente, de ferramentas como o Facebook, o Twitter e o WhatsApp, o boato passa a ser veiculado em formatos que podem ser, sim, armazenados e estudados. Não raro, o boato nestas plataformas surge acompanhado de detalhes que ajudam a dar verossimilhança ao relato, como fotografias (que podem ser montagens) ou vídeos. Neste aspecto, as redes sociais oferecem um campo que facilita a pesquisa sobre o rumor. No entanto, deve se ressaltar que, como tudo na Internet, o boato também é efêmero, de modo que está propenso a ser apagado com um simples clique – o que não acontece no caso dos jornais, por exemplo.

10 Kapferer comenta que variantes desta narrativa dão conta de que uma família trouxe os animais após voltar de férias na Flórida. Um dia, cansados da presença dos répteis, resolveram jogá-los no vaso sanitário, onde eles teriam se proliferado alimentando-se de ratos e de detritos. O boato foi desmentido diversas vezes pelo departamento sanitário (1993, p. 35).

Iasbeck (2000) pondera que, se por um lado, é difícil ou impossível localizar a origem de um boato, por outro, é possível, “sem grande esforço, pesquisar o ambiental no qual surgiu e para o qual produz efeitos”.

Outra característica marcante que desafia o pesquisador que se debruça sobre o tema é o fato de serem encontradas variações de cada narrativa em diferentes cidades e em diversas plataformas de comunicação. Em 1970, por exemplo, surgiu em Amiens, na França, um caso idêntico ao boato de Orleans, que havia sido registrado um ano antes (KAPFERER, 1993, p. 219). As duas cidades estão separadas por cerca de 300 quilômetros de distância. A esse respeito, Renard (2008) afirma que “a coleta das variantes de uma narrativa já é suspeita de uma lenda, porque as diferentes versões de um mesmo acontecimento não podem ser todas verdadeiras” (p. 99).

Uma das definições presentes em conceitos de diferentes autores é a possibilidade de o boato provocar um “alerta” no receptor para uma situação de perigo. Estudos sobre o tema apontam a estreita relação entre a manifestação de boatos e a intenção de chamar a atenção sobre riscos, sejam eles climáticos, de segurança, econômicos, etc. Em uma empresa, o boato de que um dos fornecedores está enfrentando problemas financeiros pode levar a direção a adotar algumas medidas preventivas, por exemplo. Os comentários sobre uma possível falência podem levar o trabalhador a procurar emprego em outro local. O mercado de ações trabalha de forma constante com os riscos transmitidos por boatos.

De forma mais dramática, portanto, é possível pensar no boato como uma resposta a ameaças, inclusive físicas. DiFonzo e Bordia (2007) classificam as situações ameaçadoras como aquelas em que as pessoas observam que o seu bem-estar está em perigo. Eles também podem incluir informações sobre a saúde de alguém ou catástrofes naturais como terremotos, enchentes ou acidentes nucleares. Exemplos disso são os boatos que surgiram após o terremoto ocorrido na Índia em 1934 e o acidente nuclear de Chernobyl, em 1986. De fato, os autores apontam que “a essência do boato tem a ver com fazer sentido e gerenciar a ameaça em meio à incerteza” (p. 15). Em razão disso, não é de se estranhar que os estudos sobre manifestação de boatos tenham ganhado força durante a Segunda Guerra Mundial.

Essa característica de alerta faz com que, muitas vezes, o fato de o boato corresponder à verdade seja um mero detalhe. Kapferer (1993) cita uma história recorrente na França segundo a qual uma criança teve as duas pernas amputadas devido ao frio, depois que os pais foram esquiar e deixaram-na no automóvel (p. 141). O relato foi desmentido pelo jornal *Les Dernières Nouvelles d'Alsace*, mas a resposta de uma leitora chamou a atenção. Ela disse que

deu a notícia para a filha ler “a fim de preveni-la contra os perigos do frio” com o seu bebê de dez meses (p. 142), mesmo sabendo que a notícia era falsa, pois considerou importante passar o alerta adiante.

A crença popular de que por trás de todo boato há um fundo de verdade revela-se correta em muitos casos, já que a informação não verificada pode ser verdadeira ou falsa. Kapferer avalia que, se todos os boatos fossem falsos, ninguém se importaria com eles. Pelo contrário, acredita-se neles, segundo o autor, porque têm um fundo de verdade, o que pode ser comprovado, por exemplo, pelo vazamento de segredos políticos (1993, p. 9). Um relato falso sobre um sequestro, por exemplo, pode encontrar eco na realidade ao escancarar uma sensação de insegurança já vivenciada pelo ouvinte no momento em que ele recebe a informação. Por outro lado, ainda segundo Kapferer, muitos pesquisadores incorreram em um erro ao tratar unicamente dos boatos que são considerados inverídicos.

Essa ausência de verificação se dá em contraponto à atividade de jornalista, em que “o mínimo exigido é se verificar a autenticidade do que será divulgado a milhares de pessoas” (KAPFERER, 1993, p. 94). De fato, DiFonzo e Bordia (2007) afirmam que o boato é, em muitas características, parecido com a notícia, com a exceção de que não é verificado (p. 63). Desta forma, ao acreditar em uma informação que lemos no jornal ou ouvimos no rádio, estamos de certa forma terceirizando a verificação da mesma, confiando que a notícia foi apurada antes da divulgação. No caso do boato, nem sempre isso é possível.

Embora possamos nos perguntar como agir frente ao o boato, deve-se ter a consciência de que, fora dos regimes totalitários, não há maneiras de controlar a informação que é passada de cidadão a cidadão. É preciso destacar que, muitas vezes, o boato atua no papel de contestar a informação oficial, propondo outras realidades e descentralizando a comunicação. Nas muitas vezes em que o boato se revelou uma informação verídica, não raro a notícia foi negada pelas fontes ditas “oficiais”. Os falsos boatos, neste ponto de vista, seriam o preço a pagar “pelos rumores fundamentados” (p. 242).

De fato, só há uma maneira de se evitarem os boatos: impedindo as pessoas de falar. A preocupação aparentemente legítima de só deixar circularem informações confiáveis liga-se diretamente ao controle da informação, em seguida ao da palavra: os mídias se tornariam a única fonte de informação autorizada. Dessa forma só existiriam informações oficiais. (KAPFERER, 1993, p. 241).

Embora estudos conduzidos pelo próprio autor tenham demonstrado que desmentir os boatos pode ter o efeito reverso para uma organização (ou seja, mais pessoas terão acesso à informação original a partir do desmentido), informar de forma transparente ainda deve ser

encarada como a melhor alternativa para combater a desinformação.

3.1 Como surgem os boatos

Mas de que forma surgem os boatos e como eles são transmitidos?

DiFonzo e Bordia (2007) afirmam que várias tentativas foram feitas no sentido de definir os boatos pelo modo como ocorre a sua transmissão. O conceito antigo, segundo o qual a informação era transmitida no “boca a boca”, hoje já aparece superado, uma vez que a imprensa, a mídia eletrônica e a Internet somaram-se aos canais de comunicação pelos quais os boatos fluem.

Conforme Kapferer, o boato está em todos os lugares e em todas as esferas da vida social (1993, p. 4). o autor lembra que, antes mesmo de existir a escrita, o “ouvir dizer” era o único veículo de comunicação das sociedades primitivas. Conforme o mesmo autor, o surgimento das mídias contribui para tornar o boato mais especializado.

No dia a dia, raramente verificamos as informações que recebemos. Kapferer explica: “Jesus Cristo, ele próprio, não censurou São Tomé que queria ver antes de crer, dizendo-lhe: 'Felizes são aqueles que acreditam sem ver?'” (1993, p. 7). Quando relatamos uma notícia lida num jornal, supomos que ela tenha sido verificada, embora não tenhamos nenhuma prova. (idem). O boato, ainda segundo Kapferer, nos chega sempre através de um amigo, colega ou parente, “que não é nunca a testemunha direta do acontecimento narrado, mas um amigo dessa testemunha” (ibid). “O que existe de mais crível que uma testemunha ocular?” (1993, p. 7), questiona Kapferer. Para o receptor, raramente é possível imaginar uma fonte mais confiável.

Kapferer (1993) lembra que, apesar de haver uma fonte inicial, quem cria o boato são as pessoas que, ao tomar conhecimento, repassam a história adiante (1993, p. 44). Como “animal social”, nossa primeira reação diante de uma notícia repeti-la a outra pessoa. Para o mesmo autor, a maioria dos boatos possui, antes de tudo, uma função de divertir, de levar a conversa adiante, de afugentar o aborrecimento e o vazio. (1993, p. 97). Quanto à origem, Kapferer divide o boato em espontâneo e provocado (1993, p. 244). Em cada um destes casos, no entanto, a fonte pode ser parte de um acontecimento, parte de um detalhe ou imaginário puro, totalizando seis classificações principais.

Allport e Postman (1953) apontam duas condições básicas e necessárias para que o boato surja: a importância do assunto e a ambiguidade do relato.

Embora possa ter um nascimento “espontâneo” em muitos casos, não raro provocado por ruídos na comunicação, há inúmeras evidências de que o boato também pode ser “plantado”, com a clara intenção de atingir a reputação de uma empresa ou de um indivíduo. Kapferer afirma que o boato é frequentemente uma produção social espontânea, mas chama a atenção para boatos que “acontecem na hora certa e não se deram por acaso” (p. 23), como aqueles que versam sobre a vida íntima de um candidato às vésperas de uma eleição, por exemplo.

DiFonzo e Bordia (2007) têm uma visão diferente ao afirmarem que, embora os boatos tornem as pessoas mais sociáveis, eles não são criados para “passar o tempo”, mas, na realidade, descrevem assuntos que as pessoas consideram mais urgentes, significativos e importantes (p. 17). Para Iasbeck (2000), as motivações localizadas, mas dificilmente localizáveis, são as responsáveis pelo acionamento desse “motor”, desejando com isso reverter, inverter ou subverter a sequência de fatos ou situações que conflitam com interesses específicos. O único limitante para a disseminação do boato, nas palavras de Iasbeck, é o contexto, “território no qual o boato age e tende a produzir consequências” (2000, p. 12).

Uma característica essencial do surgimento do boato é o fato de que, ao longo do seu percurso, ele adquire formas que inicialmente não estavam descritas. Como numa espécie de “telefone sem fio”, o relato está sujeito a ganhar detalhes cada vez que é contado novamente, a cargo de cada transmissor.

O termo boato, em si, denota inexatidão (DIFONZO e BORDIA, 2007, p. 145). Um dos fatores que levam a esse resultado é o fato de uma história ganhar diversos contornos e acréscimos conforme ela é transmitida de emissor para receptor, conforme a mensagem que se deseja passar. Assim, um relato que a princípio é verídico pode chegar a diversos receptores completamente deformado e inexato. DiFonzo e Bordia (2007) identificaram quatro padrões de mudança constatados ao longo do trajeto de um boato. São eles o nivelamento, adição, aguçamento e assimilação (p. 135).

Iasbeck (2000) avalia que o boato “cria na mente da pessoa que o recebe uma outra versão equivalente ou mais desenvolvida, que seguirá em frente alterada, adulterada e adensada” por contribuições diversas.

Kapferer nota que as versões evoluem, se enriquecem, se adaptam, se ajustam (p. 217). O autor constata que o boato “está destinado a ser aumentado” (p. 5). Para este autor, o acréscimo de detalhes é resultado da persuasão provocada pelo boato.

Ao tomar conhecimento do boato, o ouvinte concorda com a versão e ainda fornece

outros argumentos, que reforçam a tese. Isso constitui a base do efeito da “bola de neve”: cada um dá sua própria contribuição à tese do boato. É dessa forma que o boato, iniciado por um único argumento, herda outros no decorrer de sua transmissão. (KAPFERER, 1993, p. 126)

DiFonzo e Bordia (2007) recorrem à literatura da psicologia para citar cinco variáveis relacionadas à transmissão dos boatos. São elas a incerteza, os resultados relevantes do envolvimento, falta de controle, ansiedade e crença. Conforme os autores, as pessoas transmitem os boatos para preencher essas lacunas (p. 69).

Os boatos, no entanto, atendem a uma série de objetivos, ainda conforme os mesmos autores:

Às vezes, eles são parte de uma busca por informação válida. Em outras, a interação por meio do boato ajuda a formar ou fortalecer relações. Ainda, o boato ameniza uma ameaça ao sentimento de auto-estima ou propõe um ponto de vista prejudicial a excluir um grupo externo. A força e a influência de uma motivação depende de diversas características do contexto, incluindo as características do narrador, do receptor, a relação entre eles, o conteúdo do boato e assim por diante. (DIFONZO e BORDIA, 2007, p. 87, tradução nossa).

A partir do boato surgido em uma espécie de conjunto habitacional francês, Kapferer cita alguns dos atores possíveis de serem identificados na ocorrência deste fenômeno. São eles o instigador, que teve a sua liderança ameaçada pela informação; o intérprete, que propõe uma explicação coerente e convincente; o líder de opinião, que age como um *gatekeeper*, cujo parecer determina a opinião do grupo; os apóstolos, que se identificam totalmente com o boato; e o recuperador, que faz de tudo para que o boato continue mesmo sem acreditar nele; o oportunista, que apresenta uma forma rápida de recuperação; o galanteador, que não acredita em boatos, mas se delicia com eles; os receptores passivos, que desconfiam mas não militam contra o boato; e os resistentes, responsáveis pela oposição aberta ao boato.

A manifestação dos boatos, portanto, obedece uma lógica complexa que está relacionada à necessidade do ser humano de se comunicar e conviver em sociedade. Conforme os diferentes autores citados acima, transmitir um boato significa fazer parte de um grupo. Cada membro deste grupo, porém, terá sua própria visão sobre o “acontecimento”, o que irá influenciar na forma como esse boato será transmitido ao próximo receptor. Assim, um boato que inicialmente apresenta uma estrutura narrativa simples pode evoluir para uma formatação complexa, com o acréscimo de diversos elementos que não estavam presentes no relato original e que podem ou não garantir

verossimilhança aos ouvidos do público.

“O boato importa?”, perguntam DiFonzo e Bordia (2007, p. 41), questionando se o fenômeno realmente contribui para influenciar processos comportamentais. A resposta é claramente sim, uma vez que a literatura está repleta de casos em que o boato exerceu uma poderosa influência.

Os efeitos provocados pelos boatos podem ser inúmeros, que incluem a redução do índice de natalidade em muitos países, provocada por informações sobre recessão econômica, até quedas significativas na venda de determinados produtos associados a informações negativas. As atividades comerciais de cada indivíduo, bem como as ações de investidores, são em grande parte influenciadas por boatos, segundo os autores. O mercado de ações é particularmente atingido por esse mecanismo constantemente. Kapferer (1993) cita o caso dramático, e bastante conhecido na França, de Marie Besnard, que ficou anos presa acusada de envenenamento após um julgamento baseado somente em boatos (p. 157). A Procter & Gamble, conhecida empresa norte-americana de artigos de grande consumo, acabou tendo de mudar o seu logo, na década de 1980, após ser vítima de um boato segundo o qual a companhia tinha parte com o demônio. Na época, consumidores denunciaram que a marca da empresa trazia o número 666 invertido.

Para DiFonzo e Bordia (2007), casos como estes demonstram que é necessário ter cuidado com o que se escuta, uma vez que “evidências que inicialmente parecem firmes podem facilmente desmoronar” (p. 17). Embora o boato frequentemente tenha uma “base”, ela costuma ser simplesmente fraca ou ausente, de modo que não se torna uma evidência segura. Os autores lembram que a evidência segura ou estável, por seu turno, costuma ser demonstrada de forma empírica ou está baseada no testemunho de uma fonte confiável.

Um caso emblemático de consequências produzidas por uma informação inverídica pode ser observado na encenação radiofônica chamada *A Guerra dos Mundos*, adaptada por Orson Welles para a rádio CBS, em 1938. Apresentada em forma de programa jornalístico, a peça narrava uma invasão de extraterrestres à Terra, o que provocou pânico em milhares de pessoas, que sobrecarregaram as linhas telefônicas e provocaram congestionamentos, fruto da desordem provocada pela informação, causando aglomerações nas ruas de ouvintes que, desesperados, tentavam fugir da suposta invasão¹¹. Na verdade, tratava-se de uma adaptação, em formato jornalístico, de livro de ficção científica escrito pelo inglês H.G. Wells.

Uma consequência extrema observada recentemente está relacionada ao nosso objeto

11 <http://www.dw.de/1938-p%C3%A2nico-ap%C3%B3s-transmiss%C3%A3o-de-guerra-dos-mundos/a-956037>

de estudo, quando a dona de casa Fabiane Maria de Jesus foi linchada, vindo a falecer dois dias depois, após ser confundida com uma suposta sequestradora de crianças. Um grupo de moradores do bairro de Morrinhos, no Guarujá (SP), tentou, na ocasião, fazer a chamada justiça com as próprias mãos depois que o boato, surgido nas redes sociais, provocou repercussão naquela comunidade – embora nenhuma criança tivesse sido sequestrada na região. O boato do caso Guarujá guarda semelhanças com o caso de *A Guerra dos Mundos*, já que ambas as narrativas provocaram pânico a partir de uma história irreal, com a diferença de que, no caso brasileiro, o boato teve um desfecho trágico.

3.2 O boato e as redes sociais digitais

Se há até bem pouco tempo a transmissão de boatos entre indivíduos dava-se quase que exclusivamente por meio da comunicação oral, esse cenário começa a mudar com a popularização da Internet. Os sites e blogs, e posteriormente as redes sociais digitais, transformaram-se em uma plataforma propícia para a veiculação deste tipo de conteúdo, haja vista que, para publicar qualquer conteúdo online, não há a exigência de que aquela informação seja verdadeira. Tudo irá depender da forma como ela é assimilada pelo receptor.

Fenômeno “tão antigo quanto a palavra humana”, nas palavras de Renard (2007, p. 97), o boato se mantém vivo na pós-modernidade, adaptado às novas tecnologias. Não cabe aqui afirmar que as redes sociais aumentam a disseminação dos boatos. Porém, é inegável que a Internet traz uma nova perspectiva para a pesquisa sobre o tema, uma vez que agora as informações compartilhadas podem ser facilmente encontradas pelo pesquisador, como se estivesse analisando o conteúdo de um jornal. Seja qual for a mídia utilizada (texto, vídeo ou imagem), o acesso ao seu conteúdo está ao alcance de qualquer usuário, diferente do que ocorria quando o relato oral era a única possibilidade de acesso ao boato.

Se por um lado a Internet possibilitou uma facilidade de acesso aos meios de comunicação, uma vez que hoje qualquer indivíduo pode disponibilizar conteúdo na rede, por outro, a quantidade de informação inverídica é grande, já que não há restrições em relação ao que é publicado na rede. Sem filtros e nem ferramentas de controle, a Internet tornou-se um manancial de notícias falsas, incluindo os inofensivos, até boatos de cunho difamatório, podendo alcançar consequências extremas.

A difusão de notícias por não-jornalistas na internet ocorre desde que a rede mundial

de computadores tornou-se popular. Cabe lembrar que, antes do Facebook, a blogsfera desempenhou um papel importante relacionado à democratização da comunicação. A esse respeito, Braga (2009) escreve que “se a informação na internet é livre, é também duvidosa”, uma vez que a ausência de uma regulação formal torna bastante flexíveis os limites para a produção jornalística na internet. As redes sociais multiplicaram essas possibilidades, uma vez que o acesso à informação e à manifestação foi simplificado, já que o cadastro em sites como Facebook e Twitter é gratuito – basta ver que quase metade da população brasileira é usuária do Facebook.

Da mesma forma, a divulgação de notícias sem veracidade comprovada não nasceu com as redes sociais. Tornou-se comum, após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, uma foto em que um turista aparecia em uma das torres do World Trade Center, enquanto um dos aviões utilizados no ataque se aproximava. Tratava-se de uma montagem, mas que por muito tempo pareceu verdade a muitos internautas¹². O fenômeno, porém, ganhou força com a ascensão do Facebook e do Twitter, no final da década de 2000 – época em que as duas ferramentas popularizaram-se no Brasil. No intuito de denegrir alguma personalidade, criticar um partido político ou simplesmente confundir os internautas, usuários compartilham em seus perfis informações duvidosas sem citar fontes confiáveis. Recentemente, sites especializados ganharam popularidade desmentindo boatos criados no ciberespaço. O E-farsas, criado em 2002, tem 200 mil visitas por semana e recebe cerca de 150 pedidos de pesquisa por dia.¹³

12 <http://www.todayifoundout.com/index.php/2013/02/11-popular-urban-legends-dispelled/>

13

<http://www.e-farsas.com.br>



Figura 1: The tourist guy: exemplo de boato surgido antes das redes sociais digitais

Ao analisar os boatos estudados por Patricia Ann Turner, sobre empresas supostamente racistas, Jenkins (2014) ressalta que o surgimento de computadores ligados em rede ampliou essas mensagens e as expandiu, o que em alguns casos permite que se promovam causas comuns dentro de grupos minoritários, como na comunidade do público afro-americano, que utilizou o caso para demonstrar sua preocupação com o preconceito racial. Jenkins acrescenta que os textos que são particularmente produtores e engajantes frequentemente conduzem a um engajamento profundo e têm grande tendência a se espalhar (2014, p. 270).

Iasbeck considera que a troca rápida de correspondência, possibilitada pela Internet, acelera em muito o tempo de propagação do boato.

Porém, se há, na economia de tempo, um ganho de eficiência na disseminação, há também considerável perda de qualidade quando verificamos que a ausência do contato físico, da proximidade que a transmissão oral proporciona, compromete a credibilidade e, por consequência, frustra a continuidade da divulgação do boato. (IASBECK, 2000, p. 24)

Herdado da tradição oral, o boato tende a ganhar novas formas na era da Internet. Segundo Iasbeck, isso ocorre sem que o fenômeno perca a sua área de atuação já consagrada, que são os espaços proibidos da transgressão e da subversão da ordem constituída.

Esses espaços, que sempre foram virtuais, não sofreram – como não sofre –

nenhum tipo de estranhamento diante das novas tecnologias da comunicação. De certa forma, não é totalmente descabido afirmar que já esperam por eles. (IASBECK, 2000, p. 25)

Na era do Facebook e do Twitter, o processo de apuração jornalística é cada vez mais substituído pela instantaneidade das redes sociais. Neste ponto, tanto o jornalista cidadão¹⁴ quanto a imprensa tradicional apresentam o mesmo interesse em ser o primeiro a divulgar, o que pode comprometer a qualidade da informação veiculada na internet. A criação de sites especializados, que visam transmitir ao leitor os últimos boatos sobre temas como esportes ou tecnologia (SILVERMAN, 2015), demonstra o fascínio que esse tipo de informação desperta mesmo na era da Internet.¹⁵

O conteúdo propagado nas redes sociais interfere até mesmo na qualidade da informação produzida pelos grandes grupos de comunicação, já que muitos sites acabam “replicando” rumores antes de realizar a devida apuração. Para Silverman (2015), o caminho dos boatos em direção ao seu público ocorre com uma rapidez e com um nível de abundância jamais vistos na história da comunicação.

Uma fonte de tensão entre buscar cliques e estabelecer credibilidade é a abundância de informações não-verificadas, meias-verdades, sem fontes ou não claras, que circulam constantemente em tempo real. Isso é resultado de uma trindade sagrada: o avanço do acesso à Internet, a explosão das redes sociais digitais e a utilização massiva dos smartphones. (SILVERMAN, 2015, p. 8, tradução nossa)

Segundo o autor, as organizações da mídia têm um papel fundamental na propagação de *hoaxes*, como são chamadas em inglês as farsas surgidas na Internet e que acabam se tornando virais. De fato, para que muitos destes conteúdos se tornem virais, a contribuição destes websites é visível.

O recente surto do vírus Ebola na África Ocidental provocou uma avalanche de boatos em mídias como o WhatsApp. Em um deles, o texto informa que a doença chegou ao Reino Unido e fornece uma lista de hospitais que possuem pacientes com esta enfermidade. Ao final, o emissor pede que a mensagem seja compartilhada com outros usuários do aplicativo

14

Rosen (2008) afirma que o jornalismo cidadão ocorre “quando as pessoas anteriormente conhecidas como o público empregam as ferramentas de imprensa que têm a sua disposição para informar um ao outro”.

15 A rede de transmissões esportivas ESPN criou em seu site o Rumor Central (central do boato), onde divulga e analisa os últimos boatos sobre equipes, jogadores e esportes em geral (SILVERMAN, 2015).

(SILVERMAN, 2015). Mensagens muito semelhantes também foram compartilhadas no Brasil, durante a mesma época.

Silverman destaca o papel dos grandes veículos de comunicação ao afirmar que as organizações deste setor fazem um trabalho pobre de voltar-se ao boato dando ao público as informações corretas de modo a “fechar o ciclo” do fato narrado. Uma das constatações é de que falsas reclamações são constantemente noticiadas como verdadeiras, mas nunca são atualizadas ou corrigidas (2015, p. 145).

Outra observação do autor é que o surgimento de sites especializados em notícias falsas estão “poluindo” a informação na rede ao gerar *hoax* que atraem um número significativo de compartilhamentos e visualizações (idem). No Brasil, esse gênero encontrou grande repercussão nas redes sociais digitais nos últimos anos. Conforme Silverman, não é raro que as grandes organizações de mídia divulguem essas informações como se fossem verdadeiras, contribuindo para aumentar a desinformação na Internet.

Denúncias de maus-tratos a animais também têm surgido em grande número na rede. Em alguns casos, a informação é acrescida do nome e da imagem do suposto agressor. Como o tema naturalmente desperta a comoção de milhares de pessoas, a informação pode desencadear uma ação violenta contra um indivíduo que pode não ter cometido nenhum crime¹⁶. O fato de não haver uma fórmula pronta para descobrir se um boato é falso ou verdadeiro ajuda a fazer com que essas mensagens se espalhem. O mais recomendado, porém, é sempre desconfiar de informações que não tenham uma fonte fidedigna.

Tacussel (2015) define como gigantesca a influência das redes sociais digitais na formação do imaginário da pós-modernidade – e por consequência, na manifestação de boatos. Conforme o autor, ao menos um quarto das informações que circulam na Internet é composto por boatos. Soma-se a isso o fato de que qualquer indivíduo, na atualidade, pode desempenhar papel de jornalista, publicando informação na rede, contando com o fato de que muitos usuários não verificam a veracidade da notícia. Esse grande volume de conteúdo dá margem ao que ele chama de “imaginário do complô”, onde, conforme várias narrativas, sociedades secretas, como os *Illuminati*, estariam por trás de algumas das grandes controvérsias da atualidade. Esse tipo de informação pode ser encontrada a exaustão após grandes tragédias, como os recentes ataques terroristas a Paris¹⁷.

A manifestação do chamado “imaginário do complô” dá margem a situações de

16 <http://g1.globo.com/tecnologia/blog/tira-duvidas-de-tecnologia/post/o-perigo-de-se-compartilhar-denuncias-de-maus-tratos-animais-nas-redes-sociais.html>

17 Entrevista de Patrick Tacussel ao autor realizada no dia 17 de novembro de 2015, durante o XIII Seminário Internacional de Comunicação da PUCRS.

xenofobia e intolerância religiosa na rede. Segundo Tacussel (2015), casos recentes reforçaram o antissemitismo e a islamofobia, como na lenda de que os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, foram planejados pelo serviço secreto israelense.

Uma das mudanças introduzidas pelas novas tecnologias, e que se soma ao relato tradicional do boato, é a possibilidade de anexar imagens a uma narrativa. Um retrato falado falso ou a fotografia de um indivíduo podem ser manipuladas ou tiradas de contexto a fim de criar uma situação embaraçosa para a vítima, como tem sido visto em casos recentes no Facebook e no WhatsApp. O recurso visual aparece como forma de aproximar ficção da realidade, garantindo verossimilhança ao relato. É como se, a partir daquele momento, não fosse mais permitido desconfiar da narrativa, não importando a credibilidade de quem estivesse divulgando a informação.

A ferramenta da edição da imagem, embora não seja nova e já tenha sido consagrada por regimes totalitários, ganha força na pós-modernidade. Hoje universalizada, a manipulação pode ser executada a partir de qualquer computador, o que exige atenção redobrada com relação à imagem que circula na rede. Se antes a imagem era vista como uma prova incontestável, hoje é necessário “desconfiar da imagem”, como afirma Gerbase (1998, p. 42). As redes sociais digitais apresentam uma imagem “fluida”, como descreve Catalá Domenéch (2011), e que portanto deve ser observada com ressalvas. Este cenário cria condições para que se estabeleçam situações de perda de controle da informação, tornando imprevisível a reação do receptor.

Uma das curiosidades em relação à manifestação do boato na era da Internet é que, ao mesmo tempo em que dispomos de vários canais para receber informações falsas, também contamos com mecanismos para comprovar a veracidade destas. Mesmo assim, o inverossímil ainda encontra formas de demonstrar coerência aos olhos do receptor. Tacussel (2006) ressalta que um ponto interessante na questão do imaginário pós-moderno é que “a distinção entre o verdadeiro e o falso não é tão forte quanto nós poderíamos imaginar, apesar dos meios de comunicação e de verificação que nós temos” (p. 9).

Quanto ao imaginário, eu diria que as pessoas têm uma necessidade de acreditar em coisas excepcionais, inverossímeis, têm necessidade de sonhar e de sentir medo. E os meios tecnológicos dos quais nós dispomos, ao invés de controlar essa situação, amplificam-na. (TACUSSEL, 2006, p. 9).

A manifestação de boatos nas redes sociais digitais demonstram que o boato se adapta

rapidamente aos meios, já que diferentes plataformas têm sido utilizadas com essa finalidade desde o surgimento dos meios de comunicação de massa.

Mesmo quando são comprovadamente falsos, os boatos revelam muito sobre quem somos e como agimos, demonstrando nossos medos e esperanças. Ou, nas palavras de Silverman (2015), eles são “janelas para nosso estado de espírito e crenças” (p. 21).

3.3 O boato como informação negativa

Uma característica marcante dos boatos é o fato de que, em sua grande maioria, eles são negativos. É justamente esse um dos fatores que faz com que a narrativa seja propagada, amparada por uma situação de risco iminente ou de ameaça. Kapferer aponta que a maioria dos relatos aponta “um dano, uma catástrofe, um perigo, uma traição” (1993, p. 118), de modo que a coloração que domina os boatos é “negra” (idem). O “negror” dos boatos é justamente apontado como uma necessidade para que haja a notícia.

Observando o boato como uma declaração, segundo a qual alguém (P) faz alguma coisa (F), Kapferer explica que P pode ser negativo ou positivo, da mesma forma que o ato (F). Neste caso, negativo pode ser morrer, matar, roubar, organizar o tráfico de mulheres), enquanto que exemplos de positivo são ajudar, socorrer, casar, etc. Conforme o autor, durante a circulação de um boato, as informações evoluem necessariamente. Essa evolução tende a construir a forma de um relato considerado bem construído, de modo a respeitar os estereótipos do grupo no qual ele circula. O rumo que essa evolução irá tomar é considerado um fator essencial para a sobrevivência do boato em meio ao grupo.

Se elas tendem em direção ao positivo-positivo, elas perdem seu interesse e deixam de ser boatos; se elas se tornam proposição negativo-negativo, sua utilidade para a coletividade é o combustível de sua propagação. Dessa maneira, na maioria dos casos, só sobrevivem como boatos as proposições negativas. (KAPFERER, 1993, p. 120-1)

Dado que o boato é uma construção coletiva, a unanimidade se faz mais facilmente “contra” algo, do que a favor de alguma coisa. Por isso, nas palavras de Kapferer, “o boato negativo é uma poderosa alavanca para reforçar a coesão social ameaçada” (1993, p. 121).

Não raro, o boato aparece associado a uma forma de reforçar estereótipos dominantes. Para Kapferer, a concepção negativa do boato aparece associada a “uma preocupação moralizadora e posições dogmáticas” (p. 241). A moral dos rumores e das lendas urbanas é,

frequentemente, conservadora e muitas vezes xenófoba, conforme apontam Legros et al (2014, p. 198), embora existam também, narrativas aquelas que criticam o racismo e a ordem moral.

O impacto do boato negro e a força de sua propagação podem ser observados no caso que iremos destacar a seguir.

3.4 Por que acreditamos

A explicação sobre como surgem os boatos, porém, não nos responde totalmente por que as pessoas acreditam neles – mesmo nas histórias mais inverossímeis. Sobre os motivos que nos levam a acreditar nos boatos ou lendas, Renard (2008) enumera quatro fatores. O primeiro é que o boato ou lenda revela uma situação surpreendente, comumente associado a uma advertência ou aviso de perigo. Além disso, há o fato de o boato evocar um problema social real e atual, ainda que indiretamente. Conforme o autor, os boatos que circulam melhor são aqueles que trazem à tona, de forma simultânea, vários problemas sociais. O terceiro ponto é que o boato traz uma mensagem moral, o que permite distinguir bons e maus e “coloca em cena uma justiça imanente”. Por fim, há o retorno de temas folclóricos antigos, na forma de narrativas lendárias. Legros et al (2014) observa que estas narrativas terão tanto ou mais sucesso do que os contos do passado “se tiverem uma estrutura narrativa simples e uma carga simbólica forte” (p. 207).

Lendas recentes, como as dos terroristas compassivos¹⁸, evocam, por exemplo, conforme os mesmos autores (2014, p. 206), “as formas modernas dos temas folclóricos antigos, às vezes até uma natureza fantástica”.

DiFonzo e Bordia (2007) apontam que o boato ajuda as pessoas a “fazer sentido” sobre o mundo de duas maneiras: individualmente e coletivamente. No primeiro caso, a produção de sentido adequa-se às próprias convicções de cada indivíduo. Na forma coletiva, o processo tem a ver em como as pessoas fazem sentido do mundo interagindo com os outros (p. 113). Kapferer observa que o boato “seduz” porque dá margem a se compreender melhor o mundo, simplificando-o de forma considerável e descobrindo nele uma ordem ajustada, segundo o autor:

18 Conforme o relato, uma mulher encontra uma carteira e a devolve a seu dono, um homem de feições árabes. Como agradecimento, o homem afirma à ela: “não vá ao Polígono no dia 15 de dezembro”. (LEGROS et al, 2014, p. 203-4)

Sua capacidade em reunir num mesmo cenário explicativo um grande número de fatos é um dos fatores essenciais de sua sedução. O espírito humano parece estar à procura permanente de esquemas explicativos equilibrados, permitindo a reunião de acontecimentos percebidos esparsos e desordenados. (KAPFERER, 1991, p. 72-3)

Di Fonzo e Bordia (2007) identificam quatro elementos que contribuem para que se acredite no boato: a) o relato está de acordo com atitudes do receptor, b) vem de uma fonte “confiável”, c) é ouvido ou lido diversas vezes, e d) não vem acompanhado de um desmentido (p. 111). Para DiFonzo e Bordia (2007), a função do boato é dar sentido a uma situação ambígua ou ajuda o indivíduo a se adaptar a uma potencial ameaça. Em contrapartida, a fofoca serve à formação e manutenção de laços sociais. Enquanto o boato é entendido como uma hipótese para clarear uma situação obscura, a fofoca entretém, une e influencia os membros de um grupo (p. 22).

Di Fonzo e Bordia (2007) apontam ainda que a credibilidade da fonte influencia diretamente o fato de o receptor acreditar ou não no relato. Os autores destacam que uma série de experimentos investigou o grau de confiança a questões que são repetidas, de modo que evidências demonstram que a repetição (ou seja, o número de vezes em que um boato é ouvido) está associado ao fato de acreditar ou não. Kapferer considera a atribuição a uma fonte confiável também constitui um traço característico da evolução do boato, com a utilização de referências incontestáveis, ainda que falsas, em vez de anônimas (p. 127). Um exemplo que podemos observar na atualidade são as mensagens sobre surtos de doenças que são atribuídas a autoridades da área da saúde, que na verdade nunca se manifestaram sobre o tema.

Silverman (2015) nota que desastres naturais, como ocorreu com os furacões Sandy e Katrina, costumam dar origem a inúmeros boatos, assim como países misteriosos, como a Coreia do Norte.

Em torno dessas situações, estamos tentando entender o que acontece, mas falta informação para fazê-lo. Engatamos a conversa para melhor entender o que não compreendemos completamente, o que não sabemos. Boatos emergem para nos ajudar a preencher o vazio de conhecimento e informação. Eles também são um mecanismo de enfrentamento, uma válvula de escape, em situações de perigo e ambiguidade. (SILVERMAN, 2015, p. 19, tradução nossa)

A busca por uma forma de interpretar os acontecimentos de um mundo complexo é, portanto, um dos motivos que favorecem a aceitação do boato, já que estamos sempre em

busca de respostas que possam dar sentido a situações que muitas vezes se tornam difíceis de explicar. Ao repassar certos boatos, no entanto, não raro veremos a situação evoluir de uma simples troca de informações dentro de um grupo para consequências mais graves, como veremos a seguir.

Ao falar de boatos, é preciso que nos desfaçamos de estereótipos e preconceitos que são utilizados para discriminar esse gênero comunicacional. Somente desta forma iremos compreender a importância da circulação de informação entre indivíduos possibilitada pelas redes sociais digitais. Como vimos neste capítulo, o boato nem sempre pode ser caracterizado como uma informação negativa, ou que tenha o intuito de denegrir outrem.

A conversa "ao pé do ouvido" e o "ouvir falar" revelam-se, muitas vezes, formas de driblar a comunicação mediada, que encontra-se sob a guarda de governos e empresas jornalísticas. Neste sentido, o surgimento das redes sociais digitais representam um passo importante para a democratização da informação, como defende Levy (1999), uma vez que qualquer cidadão pode manifestar na rede suas ideias, crenças, anseios, etc.

Porém, assim como ocorre com a comunicação "face a face", os excessos são inevitáveis na comunicação mediada pelo computador. O boato circula pelas redes sociais digitais da mesma forma com que se manifesta fora dela, o que inclui consequências extremas em algumas situações, como é o caso do linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus.

O que muda neste caminho entre a comunicação oral e as redes sociais, no entanto, é a possibilidade de compartilhar conteúdos oferecida pela Internet. Graças às ferramentas disponíveis hoje, pode-se anexar à informação qualquer tipo de arquivo, especialmente fotografias, vídeos e áudios. A relação entre o boato e a imagem, neste sentido, adquire uma nova dimensão.

Antigamente, quando alguém nos contava sobre a loira do banheiro¹⁹, por exemplo, cabia a cada um imaginar como seria essa personagem. Tínhamos, então, uma imagem imaginada (LEGROS et al, 2014), diferente para cada um dos indivíduos que recebiam a informação. Hoje, com as redes sociais digitais, podemos anexar uma imagem à informação que estamos repassando - ainda que esta imagem não tenha relação com a narrativa. Neste sentido, o boato, na era das redes sociais digitais, ganha um importante instrumento para obter verossimilhança, uma vez que torna-se difícil contestar a imagem.

Em nosso objeto de estudo, o caso Guarujá, o relato encontrou suporte nas redes sociais para que surgisse em diferentes cidades do país. Porém, o boato de Orleães e seus

19 Antiga lenda que nos Estados Unidos é conhecida como Blood Mary. Trata-se de um personagem acusado de "assombrar" banheiros e que já foi inúmeras vezes retratado no cinema e na literatura.

assemelhados em uma dezenas de cidades francesas, ocorridos muito antes da popularização do acesso à Internet, demonstram que não foram as redes sociais as responsáveis por amplificar a transmissão de informações não verificadas. O mesmo tem sido verificado no Brasil com boatos que já se tornaram populares, como o caso das seringas infectadas com HIV.

Outra crença que podemos refutar, conforme já fizeram Allpost e Postman (1953), é a de que o boato surge onde falta informação. Por este raciocínio, o boato não encontraria espaço na Internet, uma vez que, assim como têm acesso a informações não confirmadas, os usuários também podem recorrer à rede para obter informação de qualidade, inclusive para confirmar a veracidade dos boatos.

4 Análise

Neste capítulo, faremos uma breve exposição a respeito da metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Em seguida, iremos demonstrar como pretendemos realizar a análise na prática. Este estudo tem como objetivo analisar de que forma as redes sociais digitais participaram do boato no caso Guarujá. Nosso propósito, portanto, vai além de quantificar as informações coletadas. O objetivo é, principalmente, compreender essas informações.

Os desafios deste objeto exigem uma análise em que não há respostas prontas ou que possam ser enquadradas em sistemas teóricos pré-estabelecidos. Por se tratar de um tema que percorre, ao mesmo tempo, o real e o imaginário, é necessária a adoção de uma metodologia aberta, que nos permita trabalhar desta forma. Trata-se, aqui, de enxergar a sociedade não como coisa, mas sim compreender as suas individualidades.

Conforme afirma Maffesoli, a imperfeição da dinâmica societal requer, para a sua expressão, “instrumentos igualmente flexíveis e moventes” (1982, p. 99). Por esses motivos, o método utilizado para esta pesquisa será a sociologia compreensiva. Entendemos que, desta forma, será possível analisar o cenário complexo criado com a divulgação de um boato – e suas consequências – em uma determinada sociedade.

Para Morin, “o conhecimento sociológico necessita de uma dimensão compreensiva para conhecer os significados das situações e das ações vividas, realizadas, percebidas, concebidas pelos atores sociais, individuais e coletivos” (2008, p. 162). Uma vez que a vida das sociedades está cada vez mais baseada em um número elevado de desacordos e antagonismos, que resultam em uma cinestesia, é natural que utilize-se “uma abordagem igualmente constituída de heterogeneidades e paradoxos” (MAFFESOLI, 1982, p. 190), de modo a perseguir um equilíbrio.

Em contraponto ao positivismo sociológico, a corrente de pensamento da sociologia compreensiva foi elaborada por Weber, no final do século XIX, como uma ferramenta de análise da ação social e dos indivíduos. Tinha como objetivo o autor “a compreensão interpretativa da ação social de maneira a obter uma explicação de suas causas, de seu curso e dos seus efeitos” (WEBER, 2002, p. 12).

Para Weber, há algo de próprio somente do comportamento humano que é o fato de que “o decurso das conexões e das regularidades pode ser interpretado pela compreensão” (p. 314). Esse modo de agir, portanto, requer um método adequado ao estudo desta sociedade.

Para as disciplinas empíricas, os limites do “compreensível” são flutuantes. O êxtase, a experiência mística e também certos tipos de conexões psicopatas, ou o comportamento de crianças pequenas (...) não são acessíveis, do mesmo modo como outros processos, à nossa compreensão e à nossa explicação compreensiva. Pelo contrário: aprender o absolutamente “compreensível” e, ao mesmo tempo, “mais simples”, na medida em que corresponde a um “tipo regular” (...), pode ser, precisamente, a obra daquele que se sobressai da média. (WEBER, 1973, p. 312)

O ramo da sociologia criado por Weber foi explorado por Maffesoli, no século XX. O sociólogo francês esmiuçou o tema no livro *O Conhecimento Comum*. Para este autor, a sociologia compreensiva está centrada em cinco pressupostos teóricos, que são a crítica do dualismo esquemático (referência ao embate entre a razão e a imaginação), a “forma” (contornos, limites e a necessidade das situações e representações da vida cotidiana), a sensibilidade relativista (frente a um contexto de saturação dos grandes sistemas explicativos), a pesquisa estilística (levando-se em conta gestos, palavras, teatralidade, etc) e o pensamento libertário (no sentido de trabalhar pela “liberdade do olhar”) (1982, p. 22-49).

Ao invocar a preocupação de fundadores da sociologia como Simmel, Weber, Durkheim e Pareto, Maffesoli propõe um caminho que visa evitar “a petrificação do objeto analisado” (1982, p. 19). Ao afirmar que a sociologia compreensiva “descreve o vivido naquilo que é, contentando-se, assim, em discernir as visadas dos diferentes atores envolvidos” (p. 25), o autor coloca o método em contraposição ao positivismo sociológico, onde, nas palavras do sociólogo, “cada coisa é apenas um sintoma de uma outra coisa” (idem).

Maffesoli afirma haver representações intelectuais que repousam sobre a abstração, enquanto outras remetem ao que a tradição alemã chama de *Einfühlung* (empatia). Enquanto no primeiro dá-se ênfase à construção, à crítica, ao mecanismo e à razão, no segundo, “é costume insistir-se na natureza, no sentimento, no orgânico e na imaginação” (1982, p. 22). Por isso, segundo o autor, “é preciso uma dosagem sutil entre as duas atitudes descritas para que se possa ter uma visão mais bem construída, seja de um período, seja de um fenômeno particular” (p. 23). A busca por esse equilíbrio, portanto, constitui uma das características fundamentais da sociologia compreensiva, tendo o indivíduo como ponto de referência obrigatório. Nas palavras de Maffesoli, o indivíduo permanece como “a mônada irreduzível que permite, dependendo de que caso se trate, explicação ou compreensão” (1982, p. 24). Em resumo, o autor afirma que

sem ser forçosamente participante ou ator – tal como o exigem certas metodologias –, há uma certa interação, que se estabelece entre o observador e seu objeto de estudo. Há conivência; às vezes, cumplicidade; diríamos mesmo que se trata de empatia (al. *Einführung*). É isto mesmo que talvez constitua a especificidade de nossa disciplina. A compreensão envolve a generosidade de espírito, a proximidade, a “correspondência”. É justamente porque, de certo modo, “somos parte disso” que podemos aprender, ou pressentir, as sutilezas, os matizes, as descontinuidades de tal ou qual situação social. (MAFFESOLI, 1982, p. 43-4)

Ao recusar “a redução demasiado frequente do conhecimento à ciência”, Maffesoli destaca que a sociologia também tem a ver com a paixão, com o não-lógico e com o imaginário, “que estruturam, igualmente, a atividade humana de que somos atores ou observadores” (1982, p. 57). O autor lembra que, ao mesmo tempo em que a nossa época apresenta uma saturação em termos de métodos, isso deve nos levar a buscar uma alternativa “mais apta a acercar-se da vida de todos os dias” (idem, p. 57).

Maffesoli pondera que, ainda que o progresso possa ser observado no desenvolvimento científico e técnico, o mesmo não se dá nas suas aplicações na vida cotidiana. A questão, segundo ele, é constatar “que a existência individual e coletiva permanecem, num e noutro casos, sempre ambivalentes” (1982, p. 65), consistindo, por exemplo, numa mistura de intensidade e banalidade. Por isso, conforme o autor, “é urgente que o discurso sobre o social saiba escutar, com atenção redobrada, o discurso social” (p. 72), mesmo que ele possa chocar “os espíritos rigorosos formados pelo racionalismo das Luzes” (p. 72).

Afinal, como prossegue o sociólogo, “talvez fosse preciso considerar que nosso conhecimento do mundo é uma mistura de rigor e poesia, de razão e paixão, de lógica e mitologia” (p. 90). Cabe ao pesquisador – categoria na qual nos identificamos –, segundo ele, apreciar todas as histórias, justificações e legitimações que “constituem o discurso do social” (idem, p. 90), na medida em que ele não deve decretar o dever-ser (ou seja, a ética) de uma sociedade.

Indo além da atitude reducionista que caracteriza a epistemologia moderna e contemporânea, nós nos dispomos a descrever a vida social como uma mistura inextricável de inteligível e de sensível, de *sapiens* e de *demens*. Trata-se de uma linha de pesquisa que reintroduz na análise social dimensões míticas e imaginárias, que o racionalismo ocidental cria haver apagado há muito tempo e para sempre. (MAFFESOLI, 1982, p. 91)

Afinal, segundo o autor, há evidências de que “estas dimensões imaginárias continuam presentes, ou até mesmo ressurgem com grande força no nosso tempo” (1982, p. 91). É este

olhar atento ao inteligível e ao sensível que pretendemos desenvolver neste trabalho.

Ao não se restringir à crítica e superar o reducionismo positivista, o método proposto é, segundo o pensador francês, o mais apto a captar um fôlego social que varia conforme a época. Para Maffesoli, é essencial nas associações humanas a “interpenetração” da qual fala Durkheim:

Se a compreendermos de maneira aberta, é esta mesma “interpenetração” que serve de fundamento aos mitos, às ideologias e às representações, que permitem a perduração da socialidade. Em consequência, dedicar-se à sua compreensão é fincar pé no aspecto bizarro, ruidoso, passional, polifônico da vida de todos os dias. (MAFFESOLI, 1982, p. 102)

Um dos preceitos elencados por Maffesoli, o formismo constitui – ao lado do vitalismo – o polo mais seguro em torno do qual se estrutura uma sociologia compreensiva (p. 109). Trata-se, conforme o autor, de uma reação à monovalência racionalista, que “destaca a polissemia do gesto, o aspecto variegado da vida de todos os dias” (1982, p. 123). Isso se dá em oposição a ideia de “depurar, reduzir, condensar o complexo na mais pura brevidade” (idem).

Ao optarmos pela sociologia compreensiva, estamos cientes de que a este trabalho é importante levar em conta elementos como a chamada sabedoria popular e dos mitos que habitam o imaginário.

Ora, a existência cotidiana é fragmentada, polissêmica, feita de sombras e luz ou, numa só palavra, o que é cada vez mais admitido, obra de um homem, ao mesmo tempo *sapiens* e *demens*. A não ser que se queira miniaturizá-la, para contemplá-la ou para exercer domínio sobre ela, para canalizá-la ou torná-la asséptica (fantasmas constantes nas histórias humanas) – é preciso admitir que tudo o que a constitui integra uma arquitetura, que pode ser de natureza hierárquica, mas que não pode dispensar, de forma alguma, qualquer elemento que seja, ainda que considerado de menor importância. (p. 203)

Afinal, segundo Maffesoli, diversos aspectos da vida social enfatizam o pluralismo inerente às abordagens destes mesmos aspectos. De forma mais “moderna”, o autor sugere que “a unidimensionalidade do pensamento não serve para compreendermos a polidimensionalidade do vivido” (1982, p. 218). Ao contrário, é por conter o heterogêneo “e encerrar a tensão entre sistemas diferentes que a vida se vai constituir” (p. 220). Por isso, Maffesoli observa que não ha razões para se estranhar que isso nos remeta a diferenças de interpretação, ainda que seja necessário reconhecer que é a sensibilidade intelectual que “terá mais condições de dar-se conta da pluralidade das razões e das

sensações” (idem).

Por isso, Maffesoli conclui que a socialidade é uma categoria necessária em plena situação social vivida na atualidade (p. 224). Na opinião do sociólogo, o momento vivido é dos mais interessantes, posto que convida a um conhecimento plural, onde a “análise disjuntiva, as técnicas de segmentação e o apriorismo conceitual devem ceder lugar a uma fenomenologia complexa” (p. 244), integrando as histórias de vida e as manifestações do imaginário coletivo.

Silva afirma que o pesquisador das tecnologias do imaginário, mais do que demonstrar isso ou aquilo, “deve mostrar, dar a ver, fazer vir, desentranhar, fazer emergir, revelar, descobrir, desvendar, expor à luz” (2012, p. 73). Cabe a ele, conforme o autor, “captar e narrar a fluência, o extraordinário e a complexidade do vivido”, agindo de modo a “narrar bem o presente” (idem). Um dos desafios que se impõem é como descrever e captar os choques perceptivos provocados pelas tecnologias do imaginário.

A intuição conta muito nesse trabalho de coleta. Não basta. Como passar da intuição ao conhecimento? Como sistematizar o disperso, examinar o desconexo, condensar a repetição, capturar a diferença, decantar o objeto? (SILVA, 2012, p. 73-4)

Daí a diferença, explicada pelo autor, entre explicar e compreender, o que fortalece a utilização da sociologia compreensiva como metodologia para estudar as tecnologias do imaginário. Enquanto a explicação é abstrata e recorre a procedimentos lógico-dedutivos, reduzindo o fenômeno à sua racionalidade, a compreensão, concreta e empática, “explora a identificação, a descrição, o reconhecimento e a etnografia” (p. 74).

Desta forma, ainda conforme Silva, “compreender é sempre incerto, impreciso, arriscado, mas necessário”, enquanto que “a explicação tende para a precisão (ou está errada), embora tente se apresentar sempre como necessária” (idem).

Morin observa que, com efeito, “não há compreensão sem explicação” (p. 165). Embora estes dois conceitos parecem justapor-se em uma primeira análise, o autor afirma que “a relação compreensão/explicação comporta uma complementaridade não menos fundamental que sua oposição” (p. 158). No entanto, enquanto a compreensão implica subjetividade e afetividade, envolvendo “todos os atos, sentimentos, pensamentos de um ser percebido como indivíduo-sujeito” (idem), a explicação é adequada aos objetos, ou aplicável “aos seres vivos quando estes são percebidos, concebidos, estudados como objetos” (ibid).

O pesquisador das tecnologias do imaginário, conforme Silva, deve fazer a narrativa

do vivido, tal qual “um etnógrafo das emoções e das práticas, a exemplo de um repórter de todas as paixões e acontecimentos do cotidiano” (2012, p. 79).

Silva aponta que, durante muito tempo, o discurso da sociologia sobre o social se pretendia científico, preditivo e propositivo, de modo que a sociologia “queria explicar, transformar e reger o vivido” (2012, p. 80). Hoje, conforme o autor, esta ciência resume-se “a um discurso social sobre o social que se quer somente rigoroso” e transparente (idem). A sociologia compreensiva da qual falamos, por seu turno

pretende ser um discurso “do” social. O pesquisador atua como mediador que faz falar o social, mais do que como o cientista capaz de explicá-lo e de curá-lo. A sociologia avançou do Iluminismo e da iluminação para a luz do dia. Ficou mais modesta, menos arrogante e mais clara. O pesquisador de imaginários banha-se principalmente nas águas dessa sociologia compreensiva e da fenomenologia. (SILVA, 2012, p. 80).

Ramo da sociologia compreensiva, as narrativas do vivido podem trabalhar com as seguintes técnicas de pesquisa, conforme Silva: observação participante (antropológica), participação “observante” (sociológica), pesquisação (comunicação), histórias de vida (antropologia social), entrevistas dialógicas (antropologia social), etnografia e grandes reportagens do cotidiano (SILVA, 2012, p. 82-3). Na definição do autor, as narrativas do vivido são “biografias de atores sociais contemporâneos em movimento” (p. 83).

A possibilidade de descrição de um fenômeno compreensivamente surge, de acordo com Silva, de uma dialógica *estranhamento/entranhamento*, “ou seja, por uma observador/ator ou, mais rigorosamente, observador/quase ator” (p. 84). O autor explica que, na situação narrativa, sempre dialógica, deve ocorrer primeiro o *estranhamento*, e depois o *entranhamento*, ou seja, o mergulho total “no outro”, para em seguida ocorrer o retorno a si mesmo.

4.1 O caso Guarujá

O linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, ocorrido no dia 3 de maio de 2014, no bairro de Morrinhos, em Guarujá, cidade litorânea do Estado de São Paulo (SP), ficou conhecido como o caso Guarujá. A dona de casa de 33 anos, mãe de dois filhos, foi espancada por moradores depois que a página “Guarujá Alerta”, do Facebook, começou a publicar informações sobre uma suposta sequestradora de crianças que estaria agindo na

região para praticar rituais de magia negra. Fabiane morreu dois dias após o linchamento. Mais tarde, a Polícia Civil do Estado de São Paulo informou que a história da sequestradora era um boato. Na região onde ocorreu o crime, nenhuma criança havia sido dada como desaparecida.



Figura 2: Retrato falado publicado na página Guarujá Alerta

As publicações sobre a suposta sequestradora feitas pela página, que então contava com 55 mil seguidores, mudaram a rotina de um dos bairros mais pobres da cidade do litoral paulista. “Disseram que ela tinha arrancado o olho de um bebê de dois meses”, disse uma jovem de 14 anos em entrevista²⁰. O ajudante geral Lucas Rogério Fabrício Lopes, 19 anos, que foi preso e admitiu ter golpeado a cabeça de Fabiane duas vezes, disse que “a acusação era de que ela (a suposta sequestradora) arrancava o coração e os olhos de criança para rituais”²¹. No dia 25 de abril, a página publicou uma postagem informando que uma mulher estaria raptando crianças para realizar magia negra. “Se é boato ou não devemos ficar alerta”, finaliza o texto²². A essa mensagem, que posteriormente foi apagada, seguiram-se 139 comentários e 765 compartilhamentos²³. Na mesma postagem, muitos internautas sugeriram fazer justiça com as próprias mãos.

Após prestarem depoimento, algumas testemunhas identificaram um motivo bastante vago para a morte da dona de casa: “a culpa foi da internet”.²⁴ A página Guarujá Alerta, que veiculou a notícia, apresentava-se como “página de fatos, acontecimentos, notícias, reclamações e sugestões do morador e turista de Guarujá”. Também divulgava informações como perda de documentos e cães desaparecidos. A maior parte das publicações, no entanto,

20 Folha de São Paulo, 10 de maio de 2014.

21 Folha de São Paulo, 9 de maio de 2014.

22 Folha de São Paulo, 8 de maio de 2014.

23 Idem.

24 Ibid.

era relacionada a crimes ocorridos na cidade.

Usuários publicaram na página um retrato falado com uma mulher jovem e negra. Posteriormente, uma foto foi postada na página, colorida, relacionada à suspeita. A imagem, porém, foi apagada da página após o linchamento. Em ambos os casos, as mulheres retratadas não tinham ligação com os supostos sequestros ocorridos no Guarujá. O dono do Guarujá Alerta alegou em depoimento que a foto de uma mulher loira, publicada pela página, foi postada por usuários²⁵.

A publicação, no entanto, deixou de ser apenas um dos tantos boatos que povoam a Internet. A situação começou a ganhar novos contornos com a publicação de uma imagem, o retrato falado da suposta sequestradora, em um dos comentários da mensagem citada acima. Fabiane foi confundida com este retrato. No entanto, conforme a polícia esclareceu posteriormente, tratava-se de uma imagem produzida dois anos antes, no Rio de Janeiro. O objetivo, na época, era localizar uma mulher que tentara sequestrar um bebê.

Reportagem publicada pela Folha de São Paulo no dia 11 de maio de 2014 mostra como o boato divulgado pela página provocou o pânico entre os moradores de Morrinhos.

“De cada dez, oito conhecem o Guarujá Alerta”, diz a dona de casa Ivete dos Santos, 37. “No caso desse post, uma pessoa foi falando para a outra e a história cresceu”. “A toda hora chegavam novas histórias de crianças sequestradas”, diz Fabiana Ferreira, 36, funcionária de uma creche no bairro. “Fiquei com medo de entregar alguma em mãos erradas.” Na escola, a segurança Alessandra Rodrigues, 33, já havia recomendado que a filha tomasse cuidado com estranhos. “Até hoje as crianças continuam com medo que alguém venha pegá-las.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 11 DE MAIO DE 2014, FOLHA 10, p. 6-7)

Em reportagem publicada pelo Folha de São Paulo no mesmo dia, familiares da vítima contam que também estavam com medo dos boatos sobre a falsa sequestradora. O espancamento foi registrado em fotos e vídeos, alguns deles disponíveis na Internet. Isso ajudou a Polícia a ajudar alguns dos suspeitos do envolvimento na morte de Fabiane. Nos dias que seguiram-se ao crime, o linchamento de Fabiane recebeu ampla cobertura midiática em veículos de comunicação de todo o país.

4.2 Procedimentos metodológicos

No caso deste trabalho, objetiva-se como as redes sociais digitais participaram da

25 Revista Época, 12 de maio de 2014. Esta imagem não foi publicada pelos veículos que analisamos, e por esta razão não será reproduzida neste trabalho.

manifestação de boatos entre a população do bairro de Morrinhos, em Guarujá (SP), de modo que eles acreditassem na informação veiculada pela página Guarujá Alerta, segundo o qual uma mulher estaria sequestrando crianças para a prática de magia negra.

Conforme Legros et al (2014), a análise dos boatos e das lendas contemporâneas dá-se por meio de seis itens primordiais. O primeiro passo é a coleta da narrativa e de suas variantes, que pode ser espontânea, quando se conhece uma história por acaso, ou suscitada. É preciso, no entanto, evitar o uso de termos como “boatos” e “lendas”, que poderão levar os personagens interrogados a relatar apenas narrativas nas quais eles não acreditam. Conforme os autores, pode-se recolher boatos na imprensa e na Internet.

Em seguida, ocorre o estudo do contexto em que o boato foi difundido. Ou seja, estuda-se aqui a cronologia da extensão da narrativa, sua extensão geográfica e fixação social. A terceira etapa é a medida do grau da veracidade. Para isso, o pesquisador deve se apoiar no trabalho de jornalistas, policiais, historiadores ou outros especialistas que possam estabelecer o que é realidade entre os fatos narrados.

A quarta etapa é o estudo do paratexto, relacionado a aquilo que os narradores do boato dizem a respeito deste, o que pode ajudar a entender as motivações que o levaram a transmitir a história. A quinta etapa é a análise da estrutura narrativa. A última fase é dedicada à interpretação dos boatos e lendas contemporâneas, por meio da qual irá se dar a compreensão profunda da narrativa (2014, p. 196-8).

Fase de pesquisa	Explicação
1. Coleta da narrativa e suas variantes	Pode ser espontânea e suscitada. Podem-se recolher boatos pela imprensa ou Internet, inclusive com a verificação de narrativas parecidas.
2. Estudo do contexto	Cronologia da extensão da narrativa, sua extensão geográfica e social.
3. Medida do grau de veracidade	Estabelecer o que é realidade entre os fatos narrados.
4. Estudo do paratexto	O que os narradores do boato dizem a respeito dele.
5. Análise da estrutura da narrativa	Está assentada na ruptura da normalidade da vida cotidiana.
6. Interpretação dos boatos e lendas	Busca uma compreensão profunda da narrativa.

Fonte: LEGROS et al, 2014, p. 196-8

As técnicas da coleta de dados para este trabalho são a entrevista e a pesquisa documental.

A pesquisa de campo deste trabalho está baseada em duas entrevistas de grupo focal realizadas em uma escola de Guarujá (SP). Inicialmente, realizou-se um levantamento pela Internet, em maio de 2016, das escolas localizadas no bairro de Morrinhos, local onde ocorreu o caso que estamos estudando.

Uma vez que a segurança das crianças foi uma das motivações do caso Guarujá, optamos verificar o seu impacto junto à comunidade escolar. Foram identificadas nove escolas e uma creche. Todas foram contatadas, por e-mail ou telefone, com o objetivo de agendar entrevistas com dois grupos distintos: um de pais de alunos e outro de professores. A solicitação era para que cada grupo fosse composto por oito a doze pessoas. Após o contato, duas escolas da rede municipal de ensino responderam afirmativamente, concordando em participar da pesquisa. Ambas as escolas solicitaram a autorização da Secretaria Municipal de Educação para que as entrevistas fossem agendadas. Após contato do pesquisador com a secretaria, a pesquisa foi autorizada em agosto de 2016. Porém, a pedido do órgão, o nome das escolas participantes não será revelado neste trabalho.

A pesquisa foi registrada na Plataforma Brasil, sistema eletrônico do governo federal. Cabe destacar, ainda, que a pesquisa segue os parâmetros estabelecidos pela Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, no que diz respeito aos procedimentos metodológicos nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais que envolvem a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes, especialmente no que se refere aos princípios éticos que devem ser observados em estudos deste gênero.

A visita à primeira escola participante ocorreu no dia 5 de setembro de 2016. O pesquisador foi recebido pela diretora da instituição e, então, conduzido a uma sala onde realizou-se a primeira entrevista de grupo focal, com um grupo de pais de estudantes daquela instituição. Inicialmente, sete pais aceitaram o convite feito pela direção da escola para participar da pesquisa e compareceram à sala onde seria realizada a entrevista. Embora todos tenham assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), dois dos presentes decidiram não participar da entrevista, por motivos alheios à vontade do pesquisador²⁶. A entrevista, com os cinco pais que aceitaram participar, teve duração de 25 minutos.

Concluída a primeira entrevista, o pesquisador foi levado a outra sala para uma entrevista com um grupo de professores. Estavam presentes 14 docentes. Porém, alguns optaram por não preencher o TCLE e não participar da pesquisa porque alegaram que não

26 Todos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) encontram-se de posse do pesquisador.

estavam na escola à época dos acontecimentos em estudo e julgaram que não teriam informações a acrescentar. Oito professores assinaram o TCLE, porém deste grupo apenas quatro responderam as perguntas do pesquisador. E entrevista teve duração de 20 minutos. A segunda escola com a qual contatamos não respondeu as mensagens enviadas por e-mail na véspera da data das entrevistas, para que os detalhes da visita ao local fossem combinados. Por este motivo, esta instituição foi excluída da análise.

Costa (2009) afirma que o grupo focal, quando bem orientado, “permite a reflexão sobre o essencial, o sentido dos valores, dos princípios e motivações” (p. 180) das pessoas. Conforme a autora, trata-se de um tipo de pesquisa qualitativa que visa perceber aspectos valorativos e normativos de um grupo. Recomenda-se a elaboração de um questionário com até 12 questões, a ser abordado em uma reunião com 8 a 12 participantes. Devemos respeitar, conforme aponta Costa, a confidencialidade das informações e a identidade dos participantes, que serão identificados não pelo nome, mas por números. Por seu formato, que permite a interação entre os participantes, trata-se de uma técnica “valiosa para quem quer ouvir, perceber e compreender as experiências e crenças” (COSTA, 2009, p. 192) de um grupo.

Optou-se pela técnica de grupo focal por diversos motivos. Como o boato é naturalmente uma ação coletiva, entendemos que a manifestação em grupos pode tornar mais fácil o desenvolvimento do tema, despertando lembranças que em um primeiro momento estavam adormecidas. Além disso, por se tratar de um assunto de difícil entendimento, muitos entrevistados poderiam sentir-se reprimidos aos serem abordados isoladamente. As informações coletadas nestes encontros serão analisadas posteriormente conforme os preceitos explicitados por Legros et al (2014).

Além das informações coletadas com os participantes, será necessário contextualizar as informações postadas na página Guarujá Alerta durante aquele período. De início, um dos desafios que se impuseram à execução desta pesquisa foi o fato de que as postagens que alertavam sobre a atuação de uma sequestradora de crianças, e que desencadearam o linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, não estavam mais disponíveis na página Guarujá Alerta do Facebook à época do início deste trabalho. Assim sendo, iremos utilizar a pesquisa documental para encontrar respostas que não poderão ser respondidas na entrevista. Para isso, utilizaremos edições de dois periódicos que cobriram o caso para reconstituir os relatos que motivaram o caso. Foram pesquisados os dois jornais de maior circulação no Estado onde ocorreu o caso: a Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.

Sendo assim, selecionamos seis edições do jornal Folha de São Paulo e sete edições do jornal O Estado de São Paulo. As edições selecionadas abrangem o período compreendido

entre os dias 6 de maio de 2014 (portanto três dias após o linchamento e um dia após a morte da dona de casa) e 11 de maio de 2014, no caso do jornal Folha de São Paulo, e entre os dias 6 de maio de 2014 e 13 de maio de 2014, no caso do jornal O Estado de São Paulo.

4.3 Análise

Para a etapa 1 da análise, a coleta da narrativa, iremos utilizar predominantemente a técnica da entrevista, com o intuito de obter dos entrevistados detalhes sobre como as redes sociais digitais contribuíram para a manifestação do boato em estudo. Na etapa 2, poderão ser utilizadas tanto a entrevista quanto a pesquisa documental. No entanto, acreditamos que um aspecto importante neste item será o fato de visitarmos in loco a localidade onde surgiu o boato, o que irá permitir uma relação direta com aquele ambiente. Com relação à etapa 3, trata-se de uma fase que não poderá ser respondida pela técnica da entrevista. Por este motivo, utilizaremos a pesquisa documental.

A etapa 4 será realizada com a técnica da entrevista, já que interesse aqui a percepção daqueles que conviveram com o boato. Por último, as etapas 5 e 6 serão realizadas pelo pesquisador com base no conjunto das informações coletadas até aqui, procurando demonstrar por que as pessoas creem no boato.

4.3.1. Coleta da narrativa e suas variantes

Para a coleta da narrativa que constitui o caso Guarujá serão utilizadas como fontes as edições já mencionadas dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, nos dias posteriores ao ocorrido²⁷. A importância da utilização de mais de uma fonte dá-se em função de haver informações complementares em cada um destes objetos. Assim, pretendemos evitar ficar restrito a apenas uma versão dos fatos, possibilitando uma visão mais ampla do nosso objeto de estudo.

Como já mencionamos anteriormente, a coleta da narrativa fica, em parte, prejudicada pela inexistência das postagens originais, que informavam sobre o boato da suposta sequestradora. Estas postagens foram apagadas pelo administrador da página após o linchamento. Pelo menos uma destas postagens foi reproduzida por um jornal da época.

O jornal Folha de São Paulo, no dia 8 de maio de 2014, reproduz uma publicação da

²⁷ As reportagens sobre o caso encontram-se no reproduzidas no apêndice.

página Guarujá Alerta, postada no dia 25 de abril de 2014. O texto diz: “BOATOS ROLAM NA REGIÃO DA PRAIA DO PERNAMBUCO, MARÉ MANSA, VILA RÃ E AREIÃO, QUE UMA MULHER ESTÁ RAPTANDO CRIANÇAS PARA REALIZAR MAGIA NEGRA. DURANTE TODA ESSA SEMANA RECEBEMOS DIVERSAS MENSAGENS DE SEGUIDORES SOBRE O FATO. SE É BOATO OU NÃO DEVEMOS FICAR ALERTA²⁸.”

Ainda conforme a reportagem, o texto foi compartilhado 765 vezes e recebeu 139 comentários. Abaixo da reprodução da postagem, é possível ler os comentários de sete seguidores da página, em datas diferentes. Os cinco primeiros comentários, publicados entre os dias 25 e 27 de abril (portanto antes de ocorrer o linchamento), pedem que seja feita chamada a justiça com as próprias mãos. “Mata essa fila da puta. Quem achar, sem dó”, pede um usuário. “Divulgue aí vamos pegar essa vagabunda safada”, conclama outro. Os dois últimos comentários, postados no dia 5 de maio (portanto dois dias após o linchamento), trazem um tom de reprovação pela divulgação do boato e pelo linchamento de Fabiane. “Espero que estejam satisfeitos com o estrago que causaram, seus animais”, escreve um usuário. “Parabéns pela morte da mulher INOCENTE”, afirma outro, em tom de ironia²⁹.

Conforme noticiado três dias após o linchamento, a dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, morreu após ser espancada “por moradores insuflados por notícias falsas divulgadas em redes sociais”, tendo sido confundida com um retrato falado de uma suposta sequestradora de crianças³⁰. A mesma reportagem informa que, segundo a polícia, não havia o registro de desaparecimento de crianças na região. Sob o olhar de dezenas de pessoas, Fabiane “foi agredida com pauladas, socos e chutes”³¹. Na mesma reportagem, o advogado da família de Fabiane, Airton Sinto, atribui à página Guarujá Alerta a divulgação da informação sobre a suposta sequestradora de crianças. A página, por sua vez, informou em nota ter citado o caso como rumor, avisando que “se é boato ou não, vamos ficar alertas”.

Em outro texto, no dia seguinte, a Folha de São Paulo informa que o retrato falado da suposta sequestradora fazia mães do bairro de Morrinhos “tremem de medo há pelo menos duas semanas”³².

Crimes macabros passaram a ser atribuídos à figura do desenho em preto e branco divulgado pela página do Facebook “Guarujá Alerta”. Ela era descrita como uma

28 A grafia original foi preservada.

29 Na reportagem, não é possível identificar os usuários pelo nome.

30 Folha de São Paulo, dia 6 de maio de 2014, p. C 1.

31 Idem.

32 Folha de São Paulo, dia 7 de maio de 2014, p. C 8.

suposta sequestradora que matava crianças em rituais de magia negra. “Disseram que ela tinha arrancado o olho de um bebê de dois meses”, contou à Folha uma jovem de 14 anos. (FOLHA DE SÃO PAULO, 7 DE MAIO DE 2014, p. C. 8)

Outra entrevistada pelo jornal, funcionária de uma creche do bairro, relata que “a toda hora chegavam novas histórias de crianças sequestradas”³³. A funcionária afirma, inclusive, ter ficado com medo de entregar alguma das crianças em mãos erradas. “Até hoje as crianças continuam com medo que alguém venha pegá-las”, disse outra funcionária.

Uma das pessoas presas acusadas de participar do linchamento, o ajudante geral Lucas Rogério Fabrício Lopes, disse em depoimento à polícia, segundo a Folha de São Paulo, que “a acusação era que ela arrancava o coração e os olhos de crianças para rituais”.³⁴

Em entrevista à Folha de São Paulo, o criador da página Guarujá Alerta, que não quis ser identificado, contou que o primeiro texto sobre o caso foi publicado no dia 25 de abril de 2014. A página informava ter recebido “informações de que uma sequestradora agia em bairros como Pernambuco, Maré Mansa e Areião”. O texto finalizava advertindo que “se é boato ou não, devemos ficar alerta”³⁵.

Na entrevista, porém, o dono da página informa que, quando recebeu a informação da Polícia de que não haviam desaparecido crianças, começou a informar diariamente que tudo não passava de um boato.

Começaram a cobrar que colocássemos fotos da suposta sequestradora, afirmavam que ela tinha passado na casa de alguém, que arranhou os braços de uma criança, depois pintou o cabelo. Nossa equipe nunca afirmou nada. Mas as pessoas têm preguiça de ler. No dia 29, colocamos a matéria totalmente detalhada sobre como tudo começou em uma cidade do Rio. (FOLHA DE SÃO PAULO, 8 DE MAIO DE 2014, p. C 5)

Perguntado sobre por que não aguardou a confirmação da Polícia antes de iniciar as publicações, o dono da página respondeu que o intuito era tranquilizar a população. Ele também afirma que em nenhum momento citou o bairro de Morrinhos nas postagens³⁶.

Outras versões sobre o boato da sequestradora de crianças haviam sido registradas em diferentes cidades do país. O mesmo ocorreu com o retrato falado que foi divulgado como sendo da suposta sequestradora. Reportagem da Folha de São Paulo do dia 8 de maio de 2014 conta que a mesma imagem havia circulado no Paraná, onde o blog Pontal Notícias, de Pontal do Paraná, publicou a imagem no começo de abril daquele ano. O boato, conforme a

33 Idem.

34 Edição de 9 de maio de 2014, C 2.

35 Folha de São Paulo, dia 8 de maio de 2014, p. C 5.

36 Idem.

reportagem, correu a região. Em nota reproduzida pelo jornal, a Promotoria desmentiu a ocorrência e alertou os cidadãos a não adotarem medidas extremas, “pois, além do risco de cometerem injustiças, podem ser responsabilizados criminalmente.”

Algumas passagens da entrevista com o grupo 1 (pais de alunos) nos dão mais detalhes sobre a proporção tomada pela história. A entrevistada de número 5 afirma ter ouvido o comentário de que uma criança havia sido levada pela suposta sequestradora, no bairro Morrinhos 4. A entrevistada 1 refere-se, neste momento da entrevista, a um caso que teria ocorrido na Vila Baiana. Neste momento, a entrevistada 5 afirma que o caso teria ocorrido “algumas ruas na frente da nossa, que tinha uma criança desaparecida, mas não sabia onde tava”. Conforme o relato, este suposto desaparecimento teria ocorrido no mesmo dia em que Fabiane foi linchada.

As considerações feitas pelos entrevistados a respeito das imagens que estiveram relacionadas com este caso merecem atenção especial, uma vez que entendemos se tratar de um fator decisivo para os desdobramentos dos acontecimentos ocorridos em maio de 2014. Após o pesquisador perguntar ao grupo 1 o impacto das imagens – o retrato falado de uma mulher negra e a fotografia de uma mulher loira – as opiniões divergem. A entrevistada 1 afirma que “não parceria nenhum pouco com a Fabiane”. A entrevistada 3, então, pondera que Fabiane “havia pintados os cabelos naquele dia”, o que a tornou supostamente parecida com a fotografia da mulher loira. “Os cabelos dela não pareciam com o do retrato falado. Ela teve vontade de pintar os cabelos, pintou os cabelos e saiu”, complementa a entrevistada 3. “Foi a mesma cor que postaram”, ressalta a entrevistada 4. A mesma entrevistada acrescenta que a foto da suposta sequestradora apresenta uma mulher com o “cabelo pintado, cacheado”. “E aí, no dia da banana, ela estava com o cabelo ruivo, só que ela tinha acabado de pintar o cabelo”, observa. “Então, assim, juntaram uma coisa com a outra e foi xeque-mate.” A entrevistada 5, então, faz uma ressalva de que os cabelos de Fabiane não estavam “tão ruivos”. “Estava mais abóbora do que ruivo”, afirma.

No grupo 2 (professores) houve apenas uma menção tímida à imagem, quando a entrevistada 1 afirma que “nunca tinha visto aquela foto”. No que tange à imagem, portanto, as manifestações colhidas junto ao grupo 1 demonstram-se mais valiosas para descrever a importância que especialmente a fotografia teve para o desfecho do caso. Algumas das informações manifestadas pelos entrevistados

Podemos concluir, portanto, que a narrativa teve como uma de suas principais características a riqueza de detalhes, muitos deles que demonstravam a crueldade com que a suposta sequestradora agiria contra suas vítimas. Estes detalhes ajudaram a construir um

cenário que deram verossimilhança ao relato, tornando uma narrativa fictícia em uma ameaça real.

4.3.2. Estudo do contexto

Para esta etapa da pesquisa, entendemos ser de grande importância o fato de termos nos deslocado até o local onde ocorreram os fatos analisados, de modo a ouvir dos próprios moradores a versão para os acontecimentos e verificar, *in loco*, as condições sociais e de infraestrutura com as quais convive a população do bairro de Morrinhos. Por meio da visita ao local, pode-se verificar, por exemplo, que é grande a preocupação com a segurança pública, em especial das crianças. Isso se verificou na visita do pesquisador à escola, por meio da preocupação dos pais em não deixar os estudantes a sozinhos após o término da aula e em reiteradas advertências feitas ao pesquisador, em especial por parte dos professores, com relação a assaltos na região.

Em reportagem publicada pelo jornal O Estado de São Paulo, o bairro de Morrinhos é caracterizado como uma comunidade pobre, com cerca de 20 mil habitantes, que tem parte das ruas de terra e alguns prédios de habitação popular³⁷. Outra reportagem, publicada pelo mesmo jornal no dia 7 de maio de 2014, aponta que o bairro conta com uma grande presença de olheiros do tráfico.

Paralelamente às condições sociais verificadas naquela comunidade, as entrevistas de grupo focal deixam claro a influência que as redes sociais digitais exercem sobre o primeiro grupo entrevistado (pais de alunos).

Também é possível destacar a proximidade que os moradores do bairro tiveram com relação ao caso. Três dos entrevistados no primeiro grupo relataram ter alguma relação direta com o ocorrido. A entrevistada 1 relatou trabalhar no hospital para onde Fabiane foi levada. A entrevistada 3 disse morar no mesmo prédio de uma familiar de Fabiane, onde a própria Fabiane havia estado no dia em que foi linchada. E a entrevistada 5 afirma ter visto a vítima sendo linchada, tendo sido inclusive solicitado a ela que abrisse o portão para que a vítima fosse levada para sua casa. A esse respeito, uma comerciante entrevistada pelo jornal O Estado de São Paulo, que não quis ser identificada, disse que “é hipócrita quem diz que não viu nada”³⁸.

37 O Estado de São Paulo, 11 de maio de 2014, p. A 27.

38 Idem.

À época dos fatos, a página Guarujá Alerta, do Facebook, contava com 56 mil leitores, conforme reportagem da Folha de São Paulo³⁹. O número representa mais de um terço da população do Guarujá, município que conforme o Censo de 2010 do IBGE contava com 138.753 habitantes.

Na já referida entrevista dada pelo dono da página à Folha de São Paulo, ele informa que não é jornalista e que criou o Guarujá Alerta após sofrer um assalto em uma praia, em 2012. O objetivo, na época, era utilizar a Internet como forma de alertar a população com relação à violência urbana.

Já nas primeiras respostas da entrevista com o grupo de pais, fica evidente a preocupação destes com a violência urbana, particularmente em relação ao tráfico de drogas e a assaltos que envolvem os seus filhos. Uma das entrevistadas (de número 3), inclusive, chega a relatar um drama pessoal vivido com a filha, alegando que a perdeu para as drogas. “A gente sabe que a gente morando onde a gente tá a gente corre o risco, né. Cada esquina agora é isso”, relata a entrevistada 4. A entrevistada 1, por sua vez, relata em determinado momento que seu filho encontra-se na Febem. Portanto, mais do que uma mera sensação, o problema da criminalidade é algo presente de forma marcante no dia a dia dos entrevistados. Mais de um entrevistado menciona o fato de ficar preocupado em deixar o filho sozinho na rua. “Até mesmo quando meu filho vai do lado de casa ali comprar um doce eu fico no portão olhando”, comenta a entrevistada 5.

Muitas das respostas dadas por pais e professores descrevem a preocupação com diversos problemas sociais, como é o caso da menção à ausência de alternativas de lazer para as crianças, a preocupação com o assalto e com as drogas, o que não chega a surpreender, já que este é o cenário encontrado na maior parte das periferias das grandes cidades do país. Os entrevistados do grupo 1 acreditam que, havendo opções de lazer gratuitas para as crianças, os riscos de envolvimento com a criminalidade seriam menores. “Quanto mais tempo ele ficar ocupado e se cansando, pra gente é melhor. Menos tempo ele tem pra olhar o que pode ser um atrativo”, comenta a entrevistada 3.

Outra informação importante relacionada ao contexto diz respeito ao impacto causado pelo linchamento de Fabiane naquela comunidade. A entrevistada 4 menciona o fato de que teria ocorrido uma desvalorização dos imóveis localizados naquela região. Informação semelhante é citada em reportagem do jornal O Estado de São Paulo.

Ao responderem a primeira pergunta, sobre os riscos que eles mais temem em relação aos filhos, a questão das drogas é citada, de forma direta, por três dos cinco entrevistados do

39 Edição de 8 de maio de 2014, p. C 5.

grupo 1, embora os outros dois também se refiram ao problema indiretamente. Uma das entrevistadas, de número 4, dá a entender que há um temor com relação à cooptação de crianças para o tráfico. A primeira resposta, da entrevistada 1, refere-se ao medo de que o filho seja "roubado" (assaltado), dando a entender que um dos maiores riscos está relacionado ao roubo do telefone celular.

Ao mesmo tempo, os pais demonstram uma sensação de impotência frente ao medo crescente da violência urbana. Perguntados sobre o que seriam capazes de fazer para proteger o filho, eles ressaltam a necessidade de não deixar o filho nas mãos de estranhos, mas reconhecem que com o passar do tempo essa tarefa será cada vez mais difícil. "Vamos levando, só que a preocupação está mais adiante, porque eles não querem ser prisioneiros da gente", diz a entrevistada 3. "Uma hora eles vão crescer", complementa a entrevistada 5, ao que a entrevistada 3 complementa: "e o trabalho vai ser dobrado. Será que conseguiremos?". Neste ponto da entrevista, as entrevistadas 4 e 5 manifestam a ausência de ambientes próximos e gratuitos para que as crianças pratiquem atividades esportivas.

Perguntados sobre quais meios utilizam para buscar notícias, os pais destacam a influência das redes sociais digitais. A primeira resposta vem da entrevistada 1, que responde "Facebook". Em seguida, a entrevistada cita também a utilização do Whatsapp. A mesma entrevistada ressalta que quase não assiste televisão. A entrevistada 3 complementa: "Facebook, Internet e tevê". A entrevistada 5 acrescenta que, além das redes sociais, costuma assistir à TV Tribuna, emissora da região.

O uso das redes sociais como forma de alertar conhecidos sobre riscos relacionados ao dia a dia é destacado por duas entrevistadas. A entrevistada 5 relata, inclusive, um acontecimento ocorrido com ela, em que soube pela irmã, que havia acessado as redes sociais, que havia ocorrido um tiroteio próximo ao local onde ela estava esperando o ônibus. "Então é assim que a gente fica sabendo das notícias, pra poder se precaver também", justifica. A entrevistada 3, que afirma ter mais interesse em notícias sobre violência, corrobora com esta visão. "Então acontece muito isso mesmo. Whatsapp... um já passa pro outro, já avisa", explica.

Em relação ao tipo de informação que mais chama a atenção, os entrevistados do grupo 1 respondem que são aquelas relacionadas à violência. A entrevistada 3 chega a relatar que em muitos casos essas informações são repassadas entre os próprios moradores, pelo Whatsapp. Os comentários reforçam o papel que as redes sociais digitais ocupam naquela comunidade e, da mesma forma, demonstram a preocupação com a violência, apontada como "um medo constante". "É muito raro encontrar notícia boa em relação ao nosso bairro, à nossa

cidade", justifica a entrevistada 5.

Ao analisarmos o contexto traçado pelo grupo 2, formado pelos professores da mesma escola, constatamos que as respostas apontam para um cenário diferente. A preocupação com as drogas ainda está presente. A entrevistada 2 menciona uma preocupação já demonstrada no grupo 1, de que as crianças sejam utilizadas como "aviõezinhos" do tráfico. Porém, outro risco é citado pela entrevistada 1, que é o abuso sexual. A mesma entrevistada queixa-se, ainda, da morosidade dos serviços públicos destinados ao atendimento das vítimas deste tipo de crime. Complementando a mesma fala, a entrevistada 2 afirma que uma série de vídeos foi apresentada a alguns alunos com orientações para prevenir este tipo de prática.

Quando o grupo 2 é perguntado sobre os meios preferenciais para se obter informação, observamos uma resposta claramente oposta ao grupo 1. A entrevistada 2 cita a Internet, porém com uma ressalva: "sites seguros, né". Também cita revistas e jornais (sites). Já a entrevistada 1 cita a preferência pelos telejornais, em especial de emissoras de TV por assinatura, e revistas. A mesma entrevistada afirma que não costuma recorrer à Internet, exceto quando quer se aprofundar em um determinado assunto. A entrevistada 4 cita Internet, revistas, jornais e telejornais, mas ressalta que na Internet recorre aos "sites seguros".

O tipo de informação que é buscada nestes meios também demonstra diferenças em relação ao primeiro grupo. Entre as preferências são citadas notícias de economia, política e educação. As entrevistadas não citam as notícias relacionadas à violência urbana, que, como vimos é uma preocupação latente no grupo 1.

Cabe ressaltar ainda que, pouco antes do linchamento, diversos casos de agressão de populares a supostos criminosos haviam sido noticiados pela imprensa. O jornal Folha de São Paulo lembra de alguns destes casos em reportagem do dia 7 de maio de 2014. No dia 13 de janeiro daquele mesmo ano, um jovem acusado de assalto havia sido espancado e preso a um poste no Rio de Janeiro. No dia 13 de fevereiro, um jovem suspeito de roubar uma lanchonete foi amarrado a um poste e espancado em Itajaí (SC). No dia 18 de fevereiro, agressões semelhantes ocorreram em Goiânia, contra um adolescente de 16 anos acusado de roubar uma moto. No dia 20 de fevereiro, um homem suspeito de roubo a uma casa foi jogado em um formigueiro em Teresina (PI), fato que foi registrado em vídeo. Por fim, no dia 21 de fevereiro, um homem foi agredido por moradores de Natal, acusado de assaltar uma padaria. Estes relatos demonstram que, embora não seja novidade, a fúria popular continua presente no tecido social do país, sendo que mais recentemente algumas destas ocorrências passaram a ser influenciadas pelas novas tecnologias, seja na disseminação de informações que levem aos crimes como na divulgação de imagens e relatos da própria agressão.

4.3.3. Medida do grau de veracidade

As respostas obtidas por meio da entrevista de grupo focal são insuficientes para dar conta da medida do grau de veracidade do boato divulgado no Guarujá. Isso porque, embora mais de um entrevistado tenha mencionado o fato de que as informações não eram verídicas, cabe à autoridade policial responder ao questionamento sobre a existência ou não da sequestradora – e, principalmente, se alguma criança chegou a desaparecer naquela região. A Polícia Civil do Estado de São Paulo se manifestou, neste sentido, por meio dos órgãos de imprensa durante os dias que sucederam o ocorrido, informando que a ameaça da sequestradora não era real. Reportagem da Folha de São Paulo do dia 6 de maio de 2014 informa que, “segundo a polícia, não há registro recente de desaparecimento de crianças na cidade e as histórias sobre sequestros na região são falsas”.

Conforme reportagem do jornal O Estado de São Paulo do dia 9 de maio de 2014, o dono da página Guarujá Alerta avisou à Polícia Militar sobre os boatos por e-mail. A Polícia Militar, no entanto, informou para a reportagem que a mensagem, que pedia que a corporação se manifestasse sobre o caso, foi enviada no feriado de 1º de maio para um endereço que só funciona em horário administrativo. Portanto, a mensagem não teria sido lida. “É importante ressaltar que, mesmo pensando se tratar de boato, a administração do perfil não retirou a postagem, como deveria”, diz a PM, em nota, conforme a reportagem do Estadão.

Em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, publicada no dia 8 de maio, o dono da página Guarujá Alerta afirma que “seu papel durante os dias que antecederam o espancamento de Fabiane foi informar que as histórias que circulavam pela internet não eram verdadeiras”. Na versão dele, o que ele fez foi repercutir a onda de histórias sobre a suposta sequestradora, “até constatar que os casos não eram verdadeiros”. O responsável pela página afirma que algumas pessoas publicaram informações nos seus próprios perfis, inclusive afirmando terem visto a sequestradora.

“O que fizemos? Detalhamos direitinho, dissemos que no Rio havia o mesmo boato, que uma foto que haviam publicado era de um site de humor, mas não teve como segurar esse boato. O pessoal começou a extrapolar”, continua. “Nem é nosso papel segurar boatos.” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 8 de maio de 2014, p. A27).

A mesma reportagem informa que moradores do bairro e familiares de Fabiane afirmam que somente tomaram conhecimento da história da suposta sequestradora por meio

das postagens do Guarujá Alerta.

Outras informações que corroboram a inexistência da sequestradora são fornecidas por reportagem publicada pelo jornal O Estado de São Paulo⁴⁰. O texto informa que o retrato falado divulgado como sendo da sequestradora, que ilustrava uma mulher negra e de cabelos cacheados, havia sido feito na verdade em 2012 pela Polícia Civil do Rio de Janeiro. A mulher que aparece na imagem, segundo a reportagem, foi identificada como acusada de tentar sequestrar um bebê recém-nascido em Ramos, zona norte carioca. À época da reportagem, o caso ainda estava em investigação, segundo a Polícia.

Com o intuito de obter da Polícia Civil do Estado de São Paulo um comunicado oficial sobre o caso, dois e-mails foram encaminhados, nos dias 1º e 10 de novembro, para a Secretaria de Segurança Pública daquele Estado. Porém, não houve resposta. O levantamento feito com base na pesquisa documental permite concluir, apesar disso, que não havia nenhuma sequestradora de crianças agindo na região.

4.3.4. Estudo do paratexto

Nesta fase da pesquisa, conforme Legros et al (2014), o pesquisador se interessa por aquilo que os narradores de um boato dizem a respeito deste, independente da própria narrativa.

O relato das entrevistas realizadas por meio de grupo focal permitem complementar as informações obtidas pelos jornais. Quando perguntados sobre o impacto da informação de que uma suposta sequestradora de crianças estaria agindo no bairro, os pais recordam que os comentários causaram “medo” e “preocupação”. “Todo mundo ficou com medo”, diz a entrevistada 1. “Todo mundo colocava as crianças cedo dentro de casa, não deixava ficar fora, acrescenta a entrevistada 4. Outra mãe, a entrevistada 5, revela que ligou para a sua mãe, avisando para que não deixasse as crianças saírem. Esta mesma mãe, quando perguntada sobre o que a levou a acreditar naquela informação, afirma que houve “muita notícia ao mesmo tempo, dizendo que era verdade, e a história com relato e tudo”. Neste momento, a entrevistada 3 faz uma menção a “páginas”, sem deixar claro a que tipo de páginas estava se referindo.

A entrevistada 5 acrescenta, enquanto outras mães concordam, que houve relatos de casos, inclusive o comentário de que a suposta sequestradora teria levado uma das crianças do

40 Edição de 7 de maio de 2014, p. A15.

bairro. Um destes comentários teria sido feito no dia 3 de maio de 2014, data em que Fabiane Maria de Jesus foi linchada. A entrevistada 3, no entanto, pondera que “ninguém procurou saber se foi verdade”, nem se haviam de fato desaparecido crianças daquela comunidade. Conforme o relato desta mãe, Fabiane teria saído do mesmo prédio em que ela mora, onde fora buscar uma bíblia, e em seguida parou em uma quitanda para comprar banana. Mais adiante, ainda conforme o relato da entrevistada 3, Fabiane teria visto uma menina sentada com a mãe e teria oferecido a banana à criança. A mãe, achando se tratar da sequestradora, teria começado a gritar. “Fizeram a condenação, deram a sentença, e foi esse absurdo que virou notícia no mundo inteiro”, complementa.

Ao analisarmos o conteúdo da entrevista feita com o segundo grupo, composto por professores da mesma instituição de ensino, constata-se um distanciamento com relação às respostas obtidas no primeiro grupo. Conforme o relato dos professores, o surgimento das informações relacionadas à ação de uma sequestradora de crianças no bairro não chegou a causar impacto. “Isso não apareceu em momento nenhum”, conta a entrevistada 1. “Eu nunca acompanhei esse Guarujá Alerta porque justamente você via o tom sensacionalista”, complementa a professora. Nota-se, porém, que a entrevistada cita o nome da página que foi acusada de divulgar as informações sobre o boato, ainda que o entrevistador não a tenha mencionado. A entrevistada 2, por sua vez, diz que chegou a ver algumas páginas, compartilhadas por outras pessoas, mas que desconfiou da veracidade das informações. A entrevistada 1 relata, ainda, que antes de ocorrer o linchamento não tinha visto a foto que foi compartilhada como sendo da sequestradora. Os demais entrevistados deste grupo não se manifestaram com relação a esse tema.

O relato feito pelo jornal O Estado de São Paulo, no dia 10 de maio de 2014, guarda semelhanças com a versão apresentada durante as entrevistas.

Ela foi violentamente espancada no momento em que voltava da igreja, onde tinha ido buscar uma *Bíblia*. No meio do caminho, ela parou sua bicicleta na frente de um bar para tomar um copo de água. Na ocasião, encontrou um garoto e, depois de passar a mão em sua cabeça, ofereceu uma banana, da penca que havia comprado em um sacolão. Uma mulher que estava perto gritou que se tratava da “bruxa da internet”. Começou então o linchamento. A dona de casa foi arrastada e golpeada com paus e pedras por adultos e crianças. Ela foi resgatada pela Polícia Militar, que a encaminhou ao Hospital Santo Amaro, onde chegou em estado gravíssimo. Morreu na madrugada de segunda-feira, em consequência do traumatismo craniano e de escoriações por todo o corpo. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 10 de maio de 2014, p. E11)

Conforme Legros et al, é também através do estudo do paratexto que se pode deduzir

os motivos que levaram os narradores do boato a transmitir a história. Neste aspecto, entendemos que a motivação está relacionada ao medo provocado pelas informações de que uma sequestradora de crianças estaria agindo no bairro, somado às condições de vulnerabilidade social que podem ser observadas nesta localidade, a qual já abordamos no item relacionado ao contexto. Nos deparamos, portanto, com um caso que se encaixa naquilo que foi comentado no capítulo 3 deste trabalho, em que destacamos que o boato é repassado como forma de chamar a atenção para um risco iminente, seja ele climático, de segurança ou econômico, entre outros.

Por outro lado, observamos uma grande discrepância entre as respostas apresentadas pelos grupos 1 e 2. Enquanto o primeiro grupo, formado pelos pais de alunos, relata ter havido grande preocupação com a narrativa, o segundo grupo, formado pelos professores, minimiza o impacto provocado pela história, já que os seus componentes não costumavam utilizar os meios em que o boato foi transmitido.

4.3.5. Análise da estrutura da narrativa

Conforme já mencionamos, a análise sobre a narrativa em si fica prejudicada pela inexistência das postagens originais que deram origem ao boato. No entanto, por meio dos jornais da época e do relato dos entrevistados, é possível traçar um cenário que acreditamos estar próximo da realidade, uma vez que uma das postagens mais importantes para o desdobramento do caso Guarujá foi publicada em uma das edições de jornal analisada.

Voltemos a analisar a postagem da página Guarujá Alerta do dia 25 de abril de 2014, publicada pelo jornal Folha de São Paulo, e que segundo o periódico desencadeou os acontecimentos que envolveram Fabiane Maria de Jesus. O texto começa afirmando que “boatos rolam” em alguns bairros da cidade, sem fontes ou qualquer elemento que torna a informação digna de credibilidade. Em seguida, informa que a página recebeu diversas mensagens de seguidores, o que parece ter sido a origem da informação. Ainda conforme o texto, o boato dá conta de que uma mulher estaria raptando crianças para realizar magia negra. No entanto, não há qualquer informação sobre crianças que supostamente teriam desaparecido.

Note-se que a palavra “boato” aparece duas vezes no texto, o que indica que o próprio autor tem conhecimento de que se trata de uma informação sem comprovação. Cabe destacar ainda que todo o texto foi escrito em caixa alta, o que não é usual para a linguagem

jornalística. Por fim, o texto encerra informando que “se é boato ou não devemos ficar alerta”, o que, como vimos com Kapferer (1993), é uma afirmação típica da transmissão de boatos, especialmente quando há a intenção de provocar um alerta no receptor.

A narrativa, seja no seu formato original ou nas suas variações, o que inclui a utilização da imagem, preenche os requisitos definidos por Renard (2014), que fala de “um enunciado ou uma breve narrativa, de criação anônima, que apresenta múltiplas variáveis” (p; 195), e que geralmente é contado como sendo verdade. Quanto ao texto reproduzido pelo jornal Folha de São Paulo, verificamos a ausência de uma preocupação com a linguagem jornalística, artifício que é empregado em muitos boatos como forma de aumentar a credibilidade do relato. As únicas fontes citadas pela postagem são comentários recebidos de seguidores.

4.3.6. Interpretação dos boatos e lendas

Como já referimos na etapa do paratexto, a manifestação do boato que culminou com o linchamento de Fabiane Maria de Jesus foi potencializada pela sensação de medo que a informação sobre a suposta sequestradora de crianças provocou, fazendo com que a história fosse passada adiante com o objetivo de alertar para um risco iminente.

Um elemento importante para a compreensão do boato, no entanto, é a questão da imagem. Embora ela não tenha sido citada com veemência pelos entrevistados, entendemos que foi a partir da sua divulgação na página Guarujá Alerta (segundo o proprietário da página, feita por seguidores), que o linchamento tornou-se possível de ocorrer, uma vez que os responsáveis pelo linchamento associaram a imagem de Fabiane aos crimes que supostamente haveriam sido cometidos pela sequestradora.

O fato de os moradores daquela comunidade não desconfiarem de que nenhuma criança havia desaparecido no bairro pode ser entendido como um sinal de descrença no Estado e nas suas instituições. Essa descrença pode ser exemplificada pela quantidade de obras que os entrevistados do grupo 1 citam como necessárias, como o asfaltamento, a criação de um terminal rodoviário e opções de lazer para as crianças, mas que não foram executadas pelo Poder Público. “Promessa tem um monte”, afirma a entrevistada 1. A entrevistada 5 dá a entender que essa desilusão diz respeito especificamente ao bairro de Morrinhos, e não à cidade do Guarujá como um todo, o que corrobora esta visão de distanciamento destes moradores com relação ao Poder Público.

O distanciamento dos órgãos públicos é reforçado por manifestações coletadas junto ao grupo 2 (professores). A entrevistada 1 reclama da morosidade na atuação de serviços de prevenção e proteção a vítimas de crimes sexuais. A mesma entrevistada, em outro momento, ressalta que a própria natureza do linchamento denota uma ausência do Poder Público. Tanto que, nos dois grupos pesquisados, foi comentado que os policiais foram chamados para atender à ocorrência, mas hesitaram ao intervir. “Até que chegou o corpo de bombeiros, a polícia, e eles falaram: vocês têm 20 minutos pra decidir o que vocês querem”, conta a entrevistada 5, do grupo 1 (pais de alunos).

É plausível imaginarmos que, num bairro localizado na periferia de uma grande região metropolitana, onde os serviços públicos raramente chegam com eficiência (vide as declarações obtidas na entrevista de grupo focal relacionadas à educação e à segurança, por exemplo), os moradores acreditem que o desaparecimento de uma criança não provocaria grande comoção, a ponto de ser noticiado pelos meios de comunicação tradicionais? Qualquer análise que seja feita neste sentido deve levar em conta o contexto social em que ocorreram os fatos aqui estudados.

Outro aspecto que cabe ser analisado diz respeito à credibilidade da fonte, um dos critérios que influenciam a nossa capacidade de acreditar ou não em uma informação. Como vimos por meio das reportagens que foram citadas, a página Guarujá Alerta possuía grande influência entre os moradores do Guarujá, contando com 55 mil seguidores no Facebook – o equivalente a um quarto da população da cidade. O número expressivo de interações registrado na postagem que informou sobre a suposta sequestradora é um exemplo disso. Porém, nas entrevistas realizadas com os dois grupos, apenas um dos entrevistados (de número 1, no grupo 2) cita o nome da página de forma espontânea – mesmo assim, para mencionar que não costumava acompanhar a página devido ao seu tom “sensacionalista”. Quando refere-se à foto de uma mulher de cabelos loiros, que teria sido confundida com a vítima do linchamento, a entrevistada 4 refere-se apenas a “eles”. Ela afirma que “*eles* tinham postado a cor que ela saiu com o cabelo naquele dia” e que “*eles* mandaram uma foto dessa sequestradora, com o cabelo pintado, cacheado...”⁴¹. Em outro momento, a entrevista 3 do grupo 1 (pais de alunos) afirma que “foram as redes sociais” as responsáveis pelo desfecho trágico do caso.

Neste sentido, um comentário da entrevistada 5 chama a atenção para outros detalhes da suposta ação da sequestradora. Ela afirma que, momentos antes de Fabiane ser linchada, “surgiu” o comentário de “que tinha pegado uma criança ali perto”. A entrevistada refere-se a

41 Grifo nosso.

um caso que teria ocorrido no Morrinhos 4. Segundo ela, a narrativa dava conta de que “tinha uma criança desaparecida, mas não sabia onde tava”. A entrevistada 1 também refere-se a um caso, ocorrido, segundo ela, na Vila Baiana. Nenhuma das duas, porém, cita a fonte da informação.

Aceitando a hipótese contada pelo dono da página, de que as imagens foram postadas por usuários, podemos afirmar que a disseminação da informação relacionada à suposta sequestradora não foi obra exclusiva do Guarujá Alerta, uma vez que a história, após as primeiras postagens, ganhou o que se poderia chamar de “vida própria”. O comentário da entrevistada 4, reproduzido acima, vai ao encontro desta hipótese. Embora saibam relatar com detalhes os acontecimentos do dia 3 de maio de 2014, nenhum dos entrevistados cita nominalmente a página Guarujá Alerta.

Neste contexto, o boato em estudo corrobora a tese de vários autores citados no capítulo 3 deste trabalho, que afirmam que o boato está longe de ser uma narrativa estática, tendo na adição de informações ao longo do seu percurso uma das suas principais características. Kapferer, por exemplo, considera que o boato “está destinado a ser aumentado” (1993, p. 5), sendo a adição de elementos à história original um efeito de bola de neve que contribui para aumentar a persuasão. Além disso, este relato reforça o caráter anônimo do boato, que também mencionamos no capítulo 3.

Um elemento que salta aos olhos na entrevista com o grupo 1 é a grande utilização das redes sociais digitais como forma de se obter notícia. Tanto que, quando perguntados sobre como fazem para buscar informação, as respostas são os nomes de redes como o Facebook e o WhatsApp. Neste aspecto, nota-se uma discrepância em relação ao relato feito pelo grupo 2, onde uma das integrantes chega a fazer a ressalva da preferência por sites “seguros”. Desta forma, constatamos que a informação relatada pelas redes sociais digitais faz parte do dia a dia de pelo menos uma parte daquela comunidade, aqui representada por pais de alunos de uma escola da rede municipal de ensino.

Dois anos e quatro meses após o linchamento, quando as entrevistas foram realizadas com os grupos focais, percebe-se uma grande preocupação em ambos os grupos com relação à segurança das crianças que vivem no bairro Morrinhos. Essa preocupação é relatada especialmente pelos pais de alunos, que descrevem o temor de deixar o filho sozinho até mesmo em atividades corriqueiras, como ir “comprar um doce”, conforme descreve a entrevistada 5. A criação dos filhos, segundo estes pais, assume ares de “vigilância”, conforme citado pela mesma entrevistada, embora a entrevistada 3 afirme que, quando crescerem, estas crianças não irão querer ser “prisioneiros” dos pais.

Tal preocupação pode até ser um reflexo do que ocorreu em maio de 2014 naquela comunidade, porém o que acreditamos ser o mais provável é que o problema relacionado à segurança pública – e, em especial, à segurança das crianças – esteja ligado a questões historicamente enraizadas no corpo social, de modo que essa preocupação possivelmente já existia antes de começar a circular o boato sobre a suposta sequestradora. Assim como Kapferer afirma a respeito do eterno reaparecimento do boato de Orleans, podemos afirmar que os anseios e angústias jamais deixaram de estar presentes no corpo social.

Por outro lado, esse contexto de medo em relação à segurança dos filhos pode ter favorecido a propagação do boato, fazendo com que a narrativa encontrasse eco na situação de vulnerabilidade enfrentada no dia a dia por aquela comunidade. Como vimos anteriormente no capítulo 3, a crença popular de que todo boato tem um fundo de verdade não é de todo descabida, haja vista que muitos boatos tiveram a sua veracidade confirmada. Para Kapferer (1993), uma das razões para se acreditar em boatos é exatamente o seu fundo de verdade. Desta forma, ainda que falsa, uma narrativa pode potencializar um sentimento ou um temor já vivenciado pelo receptor da informação.

Por outro lado, em diversos momentos da conversa os entrevistados do grupo 1 manifestam um sentido de repreensão com relação à manifestação de informações não verificadas nas redes sociais. A entrevistada 4 afirma que tanto o WhatsApp e o Facebook representam um risco, e conta que recebeu, recentemente, a informação de que um homem estaria sequestrando crianças. Ela conta ter sido alertada pelo marido de que a informação poderia ou não ser verdadeira. “Então assim, às vezes o Whats é bom, mas às vezes também não”, complementa.

Neste mesmo sentido, a entrevistada 3 afirma que, no caso da suposta sequestradora, ninguém procurou saber se a informação era verídica e se havia de fato alguma criança desaparecida. “O povo já fez o julgamento, já condenou e já matou”, afirma. “Cabeça das pessoas que não se deram conta de parar pra pensar no que podiam estar fazendo”, completa. Já a entrevistada 5, em outro momento da entrevista, afirma acreditar que o caso “deixou vários alertas”.

Cabe ressaltar, ainda, a utilização maciça dos dispositivos móveis na transmissão da informação. Quando perguntada sobre quais meios utiliza para buscar informação, a entrevistada 5 do grupo 1 (pais) cita, além de canais de televisão, o uso do aparelho celular. No grupo 2 (professores), a entrevistada 3 menciona o fato de que viu algumas das imagens do linchamento (gravadas por celular) no telefone de muitos dos seus alunos. As diversas menções ao WhatsApp, citado cinco vezes na entrevista com o primeiro grupo, também

demonstra a grande utilização dos dispositivos móveis, uma vez que o aplicativo de troca de mensagens somente pode ser usado por este tipo de aparelho. Tal realidade aponta para um cenário de agilidade na troca de informações do dia a dia, o que, em contrapartida, pode desfavorecer a apuração destas informações. Ao mesmo tempo, representa uma alternativa para obter informações relacionadas ao bairro, o que nem sempre poderá ser possível nos meios tradicionais de comunicação (TV, jornal, rádio, etc).

5 Considerações finais

Em uma era em que não faz mais sentido distinguir o real do virtual, as redes sociais digitais constituem-se em uma ferramenta decisiva na formação do imaginário da contemporaneidade. Somada à popularização dos dispositivos móveis – celulares, tablets, etc –, estas ferramentas provocaram um impacto na forma como nos comunicamos que ainda está distante de ser compreendido em sua plenitude, principalmente se considerarmos que novas ferramentas surgem a cada dia.

Como um fenômeno relativamente recente, a manifestação de boatos nas redes sociais digitais ainda é um campo com grande potencial de estudo pelo campo da comunicação. A cada dia, novas informações sem comprovação são compartilhadas na Internet, não raro exigindo um desmentido público de instituições e personalidades. A crença nestes conteúdos, porém, é capaz de superar a ausência de verossimilhança, fazendo prevalecer anseios, opiniões, preconceitos, etc. É plausível imaginarmos que muitas das opiniões que acreditamos estar bem fundamentadas tenham como base um boato.

Este trabalho se propôs a analisar, a partir de um estudo do caso Guarujá, de que forma as redes sociais digitais influenciam na manifestação de boatos na contemporaneidade. Pensar que ferramentas como o Facebook e o Twitter são as responsáveis por amplificar o efeito dos boatos seria subestimar o potencial destas narrativas, uma vez que ao longo da história inúmeros casos de notícias sem comprovação superaram as barreiras geográficas e do tempo muitos antes do advento da Internet. Um dos casos mais notórios neste sentido é o já citado rumor de Orléans.

A própria natureza do caso Guarujá ajuda a entender que a Internet não foi a única responsável pelo ocorrido no bairro de Morrinhos, haja vista que ao relato original publicado pela página Guarujá Alerta somaram-se as versões de moradores, com detalhes cruéis das ações da suposta sequestradora, que também tiveram um papel importante para garantir a verossimilhança da narrativa. Neste sentido, a propagação do boato que estudamos não pode ser atribuída apenas à página Guarujá Alerta. A utilização das novas ferramentas tecnológicas, no entanto, contribuiu para que o caso adquirisse uma condição *sui generis*.

O que há, com o advento das redes sociais digitais, é uma mudança no patamar da credibilidade alcançada pelo boato publicado na Internet, que por meio de instrumentos como imagens, vídeos ou áudios conquista uma verossimilhança que dificilmente será transmitida apenas por meio da conversa ao pé do ouvido. Por mais que confiemos na fonte, a narrativa oral não conta com os mesmos elementos das redes sociais digitais para fazer com que

acreditemos na história. É o caso, por exemplo, de compartilhar uma narrativa falsa ao lado de uma imagem que não esteja relacionada com o texto.

O caso Guarujá, com seu desfecho trágico, é um sintoma da profunda transformação que as novas tecnologias – particularmente os dispositivos móveis e as redes sociais digitais – provocaram na forma como o boato é transmitido. Se antes, ao ouvirmos um boato ou uma lenda, tínhamos de imaginar a imagem, agora ela nos é fornecida junto com a narrativa, sem deixar margens para a imaginação, tornando real a situação representada pelo boato. O sentimento de pânico citado por moradores do bairro de Morrinhos, tanto nas entrevistas quanto nas reportagens utilizadas na pesquisa documental, retratam um cenário em que se destaca o caráter coletivo da narrativa, elemento que, conforme os autores que estudamos, faz parte da essência do boato.

Embora as duas imagens associadas à suposta sequestradora de crianças – o retrato falado de uma mulher negra e a fotografia de uma mulher loira – não estivessem associadas à postagem publicada pela página Guarujá Alerta, tendo sido divulgada por seguidores da página, segundo o dono, o efeito das postagens foi tal que logo uma situação de pânico se instaurou especialmente no bairro de Morrinhos, periferia do Guarujá, onde os pais passaram a se preocupar em não deixar as crianças sozinhas. A imagem, portanto, somada aos relatos das crueldades cometidas pela suposta sequestradora, tornou real uma ameaça fictícia, culminando com o linchamento de uma pessoa inocente, a dona de casa Fabiane Maria de Jesus, confundida com a imagem.

Um fator que reforça essa hipótese é o entendimento de que, como verificamos, a narrativa original publicada pela página Guarujá Alerta era pobre em detalhes, sem elementos que viessem a garantir verossimilhança ao relato, de modo que esse papel foi desempenhado, com maior força, pela imagem.

A análise realizada no capítulo anterior faz transparecer o caráter espontâneo e anônimo do boato, uma vez que, mesmo considerando que a informação inicial tenha sido divulgada por uma página do Facebook, inúmeros detalhes surgiram posteriormente (tanto na forma de texto, como de imagem) que acrescentaram informações à narrativa original, o que contribui para aumentar junto à população a sensação de que estavam diante de uma ameaça real.

Qualquer análise sobre a manifestação do boato do caso Guarujá, e o conseqüente linchamento de Fabiane Maria de Jesus, deve levar em conta os aspectos sociais envolvidos na localidade onde ocorreram os fatos, ou seja, o bairro de Morrinhos, um dos mais pobres da cidade do Guarujá (SP). Entendemos que o distanciamento em relação ao poder público,

manifestado reiteradas vezes por entrevistados dos dois grupos e pelas reportagens utilizadas na pesquisa documental, foram um fator determinante na forma como o boato foi recebido pela comunidade, que ignorou o fato de que nenhuma criança havia desaparecido na região recentemente. Apesar disso, nosso entendimento é de que os boatos, em geral, não escolhem classe social, o que pode ser comprovado por inúmeras situações, algumas delas citadas por esta pesquisa, como é o caso de Orléans.

Entendemos, ainda, que a análise do caso Guarujá permite traçar uma reflexão sobre o jornalismo contemporâneo. Embora não tenhamos um estudo mais aprofundado sobre a popularidade dos meios de comunicação tradicionais no bairro de Morrinhos, é possível observarmos que estes têm a sua importância diminuída, enquanto observa-se uma grande tendência à utilização de redes como o Facebook e o WhatsApp não apenas para manter contato com amigos, mas também para buscar informações sobre o dia a dia daquela comunidade – papel que, durante muito tempo, pertencia ao jornalismo.

Acreditamos que a emergência destas novas mídias como meios de circulação de notícias, evidenciado por meio da entrevista de grupo focal com o grupo de pais de alunos, decorre em grande parte do distanciamento da imprensa em relação à periferia das regiões metropolitanas. Não raro, bairros como o de Morrinhos costumam ser retratados pelo noticiário apenas em relação aos crimes cometidos nestes locais. Páginas como o Guarujá Alerta, criada em 2012, surgem das mãos de jornalistas amadores, moradores destas comunidades, em parte devido à falta de espaço que estas localidades encontram nos meios tradicionais. No entanto, embora tenham como objetivo retratar outras versões deste cotidiano, muitas destas páginas tenham como grande foco exatamente as notícias sobre violência, como nos mostrou estudo já citado feito pela Universidade Federal do Espírito Santo.

O caso Guarujá aponta para a necessidade de prudência ao analisarmos as informações lançadas na Internet, que em razão de seu formato acabam muitas vezes sendo recebidas como fato noticioso pelo público. Por outro lado, a qualidade da informação que circula nos veículos tradicionais não nos permite afirmar que apenas estes são confiáveis. Não são raros os casos em que a chamada mídia tradicional divulgou, em seus meios, boatos ou informações com falhas na apuração. Cabe, por outro lado, estimular o juízo crítico com relação às diferentes fontes de informação.

“Proibir” o boato seria tarefa inócua e, acima de tudo, antidemocrática, uma vez que a informação estaria à mercê unicamente das fontes oficiais. Não por acaso, a tentativa de proibição é observada apenas em países com restrições às liberdades individuais, como

ocorreu recentemente na China⁴². Afinal, como já mencionamos, nem sempre o boato é uma informação negativa ou que tenha o intuito de denegrir alguém, já que em muitos casos a informação revelou-se verdadeira ou, ainda, uma forma de driblar o controle das instituições de Estado e da imprensa.

A técnica do grupo focal, utilizada neste estudo, se mostrou eficiente na análise de perguntas para as quais não existem respostas exatas, mas sim uma série de interpretações que podem nos fornecer pistas importantes para o sucesso da pesquisa – ainda que, no grupo de professores, nem todos tenham tomado parte da discussão. Um exemplo pode ser visto na fala de uma das entrevistadas do primeiro grupo, que em um primeiro momento afirma não ter dado importância à informação de que haveria uma falsa sequestradora no bairro. Momentos depois, após o comentário de outros pais de alunos, a mesma entrevistada revela que telefonou para familiares, recomendando que não deixassem as crianças saírem de casa sozinhas devido à preocupação com a suposta sequestradora.

É possível discutirmos se a velocidade com que as tecnologias atuais chegaram às mãos do público, que vivencia na prática a transição do mundo analógico para o digital, tenha influenciado a nossa capacidade de acreditar em qualquer informação que é lançada na rede. Como se fôssemos os espectadores que temiam ser atropelados pelo trem, nos primórdios do cinema, acabamos tornando real uma experiência fictícia, baseada em uma informação sem qualquer comprovação, cujo poder de convencimento encontra-se principalmente no meio em que é transmitida: a rede social. Considerando esta hipótese, o caso Guarujá seria um dolorido passo para que passemos a desconfiar, ou no mínimo tomar mais cuidado, com aquilo que nos dizem os smartphones ou tablets. A resposta não virá antes de uma longa travessia.

Entendemos, por outro lado, que a era dos boatos nas redes sociais digitais representa uma oportunidade para o jornalismo contemporâneo, uma vez que o trabalho de apuração jornalística tem o potencial de se diferenciar as informações sem comprovação divulgadas na rede. Neste sentido, inúmeras campanhas de publicidade de veículos de imprensa têm chamado a atenção para esta diferenciação. Cabe ao jornalista, portanto, filtrar a informação confiável em meio à avalanche de conteúdo que circula nas redes sociais. Não se trata, porém, de confiar mais ou menos na chamada imprensa tradicional. Afinal, os jornais e as emissoras de TV também cometem erros. No entanto, estes encontram-se sujeitos a regramentos ainda pouco observados quando se fala na Internet.

Uma das regras mais recentes a respeito do conteúdo publicado na Internet, a Lei 12.965/2014, conhecida como Marco Civil da Internet, está em vigor desde junho de 2014 –

42 <http://oglobo.globo.com/mundo/china-impoe-muralha-virtual-boatos-na-internet-19681435>.

portanto após o linchamento de Fabiane. O texto prevê que qualquer conteúdo somente pode ser retirado da Internet pelo provedor mediante decisão judicial. Até então, sites de redes sociais poderiam tirar do ar postagens que não estejam de acordo com as suas regras. A capacidade de difusão das informações publicadas nas redes sociais, porém, desafia a velocidade das decisões judiciais no Brasil. No caso Guarujá, como vimos, transcorreram apenas nove dias entre a primeira postagem publicada pela página Guarujá Alerta, no dia 25 de abril de 2014, e o linchamento de Fabiane, no dia 3 de maio. Além disso, a eficácia do novo Marco Civil ainda está longe de ser consenso, uma vez que estão em jogo uma série de questões relacionadas às liberdades individuais e à privacidade do usuário.

Por fim, nosso entendimento é de que o chamado jornalismo cidadão, praticado por amadores, deve ser valorizado em sua condição de um importante instrumento de cidadania, e não diminuído em razão de um episódio.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. O ar e os sonhos. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARTHES, Roland. Efeito de real. In: Literatura e semiologia: pesquisas semiológicas. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

BAUDRILLARD, Jean. crime perfeito. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1996.

_____. Simulacros e Simulação. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

_____. Tela total: mito-ironias do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. Social networks sites: definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 2007. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/full>.

BRAGA, Adriana. Todo mundo pode ter um blog? Práticas de legitimação na blogsfera. In: RODRIGUES, Carla. Jornalismo online: modos de fazer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2009.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. A sociedade em rede. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATALÁ DOMENECH, Josep M. A forma do real. São Paulo: Summus, 2011.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. In: JORGE DUARTE, Antonio Barros. Métodos e técnicas

DIFONZO, Nicholas; BORDIA, Prashant. Rumor psychology: social and organization approaches. Washington: American Psychological Association, 2007.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de Pesquisa para Internet. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GERBASE, Carlos. Por uma pedagogia da imagem. In: LEVACOV, Marília et al. Tendências na Comunicação. Porto Alegre: L&PM, 1998.

GILLMOR, Dan. Nós, os media. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

GIRARD, René. A violência e o sagrado. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

_____. O bode expiatório. São Paulo: Paulus, 2004.

IASBECK, L.C. Os boatos – além e aquém da notícia. Lumina, Juiz de Fora, v.3, n.2, p. 11-26, jul/dez. 2000.

JAGUARIBE, Beatriz. O choque do real: estética, mídia e cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. Spreadable Media. Nova York: NYU Press, 2013.

KAPFERER, Jen-Nöel. Boatos: o mais antigo mídia do mundo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

LE BON, Gustave. Psicologia das multidões. Lisboa, Roger Delraux, 1980.

LEGROS, Patrick et al. Sociologia do Imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre; LEMOS, André. O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010

MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. O imaginário é uma realidade. Revista Famecos. Porto Alegre: FAMECOS PUCRS nº 15, agosto de 2001.

_____. O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MARTINS, José de Souza. Linchamentos: justiça popular no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTINUZZO, José Antônio; RIBEIRO, Renata. A opinião na rede: influência e dinâmica no Facebook. Revista Famecos. Porto Alegre: FAMECOS PUCRS, v. 22. Janeiro-março de 2015.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

MEZRICH, Ben. Bilionários por acaso: a criação do Facebook. São Paulo: Intrínseca, 2010.

MORIN, Edgar. O método 3: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PRIMO, Alex. Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. Interações em rede. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RECUERO, Raquel. A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RENARD, Jean-Bruno. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. Revista Famecos. Porto Alegre: FAMECOS-PUCRS. n. 32, abril de 2007.

RHEINGOLD, Howard. The virtual community: homesteading on the electronic frontier. 1993. Disponível em: <http://www.rheingold.com/vc/book>.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: Primo, Alex. Interações em rede. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Redes sociais digitais a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANT'ANNA, Lourival. O destino do jornal: a Folha de S. Paulo, O Globo e o Estado de S. Paulo na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Juremir Machado. As tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SILVERMAN, Craig. Lies, Damn Lies, and Viral Content – How news websites spread (and debunk) online rumors, unverified claims, and misinformation. Tow Center for Digital Journalism. 2015

TACUSSEL, Patrick. Imagem e contemporaneidade: entrevista com Patrick Tacussel. Revista Famecos. Porto Alegre: FAMECOS PUCRS.n. 31, dezembro de 2006.

TARDE, Gabriel de. A opinião e as massas. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIANA, César. Redes sociales y modelos de agencias ciudadanas de comunicación. Tesis Doctoral, Departament de Comunicació Audiovisual i Publicitat II, Universitat Autònoma de Barcelona, 2010. Disponível em: www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/31809/cv1de1.pdf?sequence..

WEBER, Max. Metodologia das ciências sociais – vol. 2. São Paulo: Cortez Editora, 1973.

WOLTON, Dominique. Informar não é comunicar. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Questionário:

- Com relação à segurança dos seus filhos/alunos, quais as ameaças que mais lhe assustam no dia a dia?
- O que você seria capaz de fazer para garantir a segurança do seu filho/aluno?
- Quais os meios vocês utilizam para se manter informado?
- Que tipo de notícias lhes chamam mais a atenção?
- O que vem à cabeça de vocês quando ouvem falar da mulher que foi morta após informações de que havia uma sequestradora de crianças no bairro?
- Antes do linchamento, qual foi o impacto das informações veiculadas?
- Como vocês avaliam o impacto da imagem neste caso?

Grupo 1 (pais):**Pergunta: Que tipo de ameaças vocês observam no dia a dia em relação à segurança dos seus filhos?**

Entrevistada 1 – Como assim ameaçadas? Sinceramente eu... assim, o que eu mais tenho medo é de os meus filhos sair de casa e ser roubado. Celular hoje em dia é o que mais roubam, assim dizendo.

Entrevistado 2 – O meu maior medo é que os meus filhos a gente tente educar o maximo possível pra que eles não cheguem a se envolver com a droga, porque é um caminho sem volta. Até por isso que a gente fala, porque talvez você sói sabe falar quando sente na pele, aí é um caminho sem volta. A ameaça maior que eu vejo é isso aí.

Entrevistada 1 – O que está mais consumindo o mundo é a droga, o muno todo é a droga. A droga, o tráfico. O que eu mais vejo, eu trabalho em hiospital, o que eu mais vejo é essas coisas, eu sei mais ou menos... e uma, eu tenho filho, já tive família, e tenho filho meu envolvido, então eu sei como é que é.

Entrevistada 3 – Exatamente, o medo de a gente perder para as drogas. Perder a criação pro envolvimento como usuário ou ser trazido a trabalhar. No caso eu criei o meu neto, mas eu perdi minha filha, a mãe dele, para as drogas. Hoje eu estou criando, mas eu cheguei a esse ponto por causa das drogas.

Pergunta – Mais alguém?

Entrevistada 4 – A gente sabe que a gente morando onde a gente tá a gente corre o risco, né. Cada esquina agora é isso. Então a gente tem que levar, buscar, ficar de olho. Vai ali, volta. Demora muito, vai buscar, porque eles pegam qualquer criança, de 3, 4, 5, 6 anos, é um perigo em qualquer lugar.

Entrevistada 1 – Não tem mais o seu status de vida, você morar numa vila, você morar... sabe? Não tem mais isso. Agora é assim, é de você ter classe média, classe alta. Por que estou dizendo isso? Porque eu vivi isso com uma amiga minha. Ela é enfermeira, trabalha comigo, entendeu? E o sobrinho dela, a mãe advogada, o pai advogado, o menino tem de tudo, sabe onde ele tava? Lá na Febem, junto com meu filho. Virou amigo do meu filho lá dentro. Ela chegou no plantão e falou pra mim, (nome da entrevistada 1) você não sabe quem tá? Aí ela pegou e falou pra mim. Eu fiquei indignada, fiquei indignada, entendeu? Então é o que eu falo gente, não é porque a gente mora em vila, mora... não, isso aí não tem mais onde correr. Tem mais uma coisa, vou falar pra vocês aqui. Eu lido com o público, eu sei. Até os grandão usa.

Entrevistada 3 – Não tem mais diferença de classe.

Entrevistada 1 – Não tem, é médico é tudo, gente. É médico, é tudo. Eu sei.

Pergunta: Mais alguém quer falar?

Entrevistada 5 – Não tem lugar seguro, qualquer lugar tá exposto a isso. Por isso que até mesmo quando meu filho vai do lado de casa ali comprar um doce eu fico no portão olhando, eu vou até com ele na vizinha comprar o docinho com ele porque eu não prefiro nem deixar

ele, mesmo sendo do lado, ele ir sozinho comprar. Eu não confio. Porque a maioria, todo mundo conhece a gente, mas também boa parte está todo mundo envolvido, a gente viu crescer ali, e tá envolvido com coisa errada. Até mesmo conversar, ah, só tá conversando, amigo pra lá, amigo pra cá, mas a gente não sabe a...

1 – Mentalidade, né?

5 – O que tá querendo realmente com essa conversa. Então eu crio o meu dentro de casa, ele não sai pra fora pra brincar na rua. Ele é criado dentro de casa, e quando sai, pra vir pra escola, pra ir pra igreja, pra casa da minha mãe, ou se for pra comprar uma coisa vai comigo, ou se for pro lado como eu falei, eu vou fico olhando, eu fico até a porta ou vou com ele. Não dá pra deixar ir sozinho.

3 – E quanto mais o tempo passa, quanto mais idade eles têm, mais medo a gente fica. Porque vai sair da infância, vai entrar na adolescência, aí começa a olhar pro outro, que vem fácil, a se iludir com aquilo que a gente não possa dar com o trabalho, com o suor do trabalho da gente. Então, que eles passem a admirar o outro porque tem o tênis da moda, tem o celular da moda, então quer dizer, é uma crescente isso, o medo só aumenta.

Pergunta: E o que vocês seria capazes de fazer pra proteger o filho de vocês? Como tentar cuidar diante desse cenário que vocês falaram?

3 – Olha, hoje, como ela está numa idade que onde ele está eu estou, eu trabalho aqui e ele estuda aqui, então por enquanto a vigilância. Daqui a pouco, atividades. Esporte, é projeto, educação dentro da escola. Quanto mais tempo ele ficar ocupado e se cansando, pra gente é melhor. Menos tempo ele tem pra olhar o que pode ser um atrativo, que sempre tem a curiosidade...

1 – Mas é mesmo.

5 – E onde pude levar, pra onde for, ir com ele, voltar com ele. Só confiar a família. Só confiar a família e vejo assim, vigilância total.

3 – Só que isso também, a gente não sabe até que ponto a gente pode controlar.

5 – Mas até onde dá, vamos levar.

3 – Vamos levando, só que a preocupação está lá mais adiante, porque eles não querem ser prisioneiros da gente.

5 – Uma hora eles vão crescer.

3 – E o trabalho da gente vai ser redobrado. Será que conseguiremos?

4 – Se a gente prende demais, dá errado, se você solta demais, dá errado. Você tem que dar a rédea, levando e segurando. Eu acho que aqui eles deveriam ter mais esporte para as crianças. Tipo assim, tem aquele lugar vago ali no Morrinho 1 que invadiram, quebraram tudo, até agora não fizeram nada. Sendo que podia ter uma escolinha igual aqui. Quero colocar meu filho na natação, vou ter que levar ele de bicicleta ou de carro até o Tejereba, então quer dizer, dificulta, se chove muito, ele já não vai. Eles fazem a função no Morrinhos 2. O teto está

furado. Se chove, não tem aula. Então é assim, é um dinheiro que a gente vê que tá entrando, mas não tá entrando pra eles. Entendeu? Então assim, eles só vão pra escola e vão pra casa, fica o dia inteiro em casa. Então meu filho: mãe, eu quero estudar de manhã, porque eu vou ficar o dia inteiro na rua, porque meus amigos ficam. Eu falei: tá enganado, vai entrar em alguma coisa, pra chegar em casa à noite, brinca um pouquinho e entra. Não dão oportunidade pras crianças. Não tem nada pra eles fazerem. Um negócio que é lá no Tejereba, a mãe já pensa: eu vou andar a pé até lá pra levar ele. Não. Um lugar que tem vaga ali, tem outro vaga ali que está tudo invadido eles quebraram, e até agora nada. Então assim, dizem que é da prefeitura, depois dizem que é da CDHU, e eles não investem. Não investem em nada. Eles não investem em mais nada, entendeu? Então assim, hospital pertinho também, a gente tem que ir até o Santo Amaro que é lotado.

5 – Espaço pra fazer é o que não falta. Tem um monte de terreno vago aí que podia fazer... esportes pra tirar eles da rua depois da escola, mas não tem nada para as crianças fazer. Desde os 4 anos que eu procuro pra esse aqui conseguir o taekwondo, só que ficou pouco tempo lá porque também tem que pagar, e muitas vezes pobre não tem como deixar, porque se for pagar o taekwondo vai faltar pra alguma coisa. Então é melhor... eu acabei tirando do taekwondo porque não tem dinheiro suficiente... seria bom um espaço público onde tivesse professores para ensinar as crianças, para poder ficar lá... nem que os pais fiquem lá por perto, olhando, observando, até o final da aula, mas devia ter. Não tem nada... para as crianças se ocupar. Porque tendo esporte, tendo ocupação, vai chegar em casa tão cansado, que vai jantar e vai dormir, não vai ter tempo pra mais nada.

Pergunta – Agora eu queria perguntar a vocês, em relação a como as informações circulam aqui na comunidade, eu queria saber de que forma que vocês buscam se informar, como que vocês buscam notícia? Em qual meio que vocês utilizam pra buscar informação?

3 – Mas notícia do quê, assim?

Pergunta – Geral.

1 – Facebook.

3 – Facebook, Internet e tevê.

1 – Televisão eu quase não assisto, gente.

3 – Eu assisto os noticiários, jornal, eu assisto o máximo que eu posso.

1 – Vejo muita desgraça.

3 – Mas a gente tem que assistir, né. E redes sociais. Não tem outro jeito.

5 – Daqui da baixada, TV Tribuna, que a gente assiste, a rede social.

1 – É o WhatsApp, eu fico muito no WhatsApp. No Face. Que tudo que acontece...

3 – A gente vai lá e acessa.

5 – E quando termina o jornal da Tribuna eu corro pra Band News, que é mais fácil. Ou então vai no celular mesmo.

Pergunta – E quais as notícias que chamam mais a atenção?

5 – Quando se trata da cidade do Guarujá principalmente. Porque é onde a gente tá morando. Eu procuro saber bastante coisa daqui, o que está acontecendo, que nem eu morro aqui no Morrinhos 4, eu congrego na Igreja lá no Carcará, na avenida Oswaldo Cruz. E eu tava no ponto lá de repente a minha irmã viu pela rede sociais que estava tendo tiroteio perto da pista onde o ônibus passa. Aí ela já me ligou, ligou pra minha mãe, preocupada, perguntando onde eu tava. Eu tava dentro do ônibus já a caminho da pista, passando por lá. Só que graças a Deus o ocorrido foi antes do ônibus passar pra ir embora. Então é assim que a gente fica sabendo das notícias pra poder se precaver também.

Pergunta – Mais alguém? Que tipo de informação que chama a atenção?

4 – Acho que as mais cruéis todas chamam a atenção, né. Tudo chama a atenção.

3 – Sempre envolvendo a violência, que é um medo constante da gente.

4 – É, um medo constante.

3 – Porque o resto a gente consegue até levando, mas com a violência, a gente sabe onde tá, né. Então acontece muito isso mesmo. Whatsapp, um já passa pro outro, já avisa. E agora, como estamos em ano político, também a política, né. Ano eleitoral, a política. Então quando acontece alguma coisa, todo mundo fiscalizando. Querendo saber o que está acontecendo. Ultimamente tá sendo isso, né gente.

5 – É muito raro encontrar notícia boa em relação ao nosso bairro, à nossa cidade...

3 – À nossa cidade.

5 – Para nós. É muito raro. É praticamente impossível. Então só o que a gente vê mesmo é assim os acontecimentos que tá gerando nos últimos momentos na cidade pra poder a gente ter uma orientação...

Pergunta – “Para nós” quer dizer o quê? Para o bairro?

5 – É, para o bairro. A gente espera notícia boa. Espera que vão fazer um...

1 – De promessa tem um monte, gente.

5 – É. Que vão urbanizar, vão asfaltar o nosso bairro até o 4, que é lama pura. A gente espera que vá construir alguma coisa para as crianças brincar, se divertir, nestes terrenos enormes que tem, principalmente aqui na frente do Super Xis. Tem um monte de terreno ali no ponto final. Espera que vá fazer uma rodoviária lá pra colocar os ônibus, a gente não precisa ficar no meio da rua, na lama, na chuva. Quando chove alaga tudo. Notícias boas pro nosso bairro. A gente não tem.

Pergunta – Pessoal, agora eu queria perguntar pra vocês do caso da página Guarujá

Alerta, que ocorreu há dois anos, quando houve o linchamento da Fabiane Maria de Jesus. O que vem à cabeça de vocês? O que vocês lembram?

4 – Que o Whats também e o Face é um risco. Já me mandaram também uns dias desses um cara que tava sequestrando criança, entendeu? Então, depois já do ocorrido, aí meu marido falou: ou pode ser verdade, ou também não.

4 – Diz que tava batendo na casa, pedindo informação, foi um copo de água, e só. Então assim, às vezes o Whats é bom, mas às vezes também não. Porque tudo começou pelo Face dela, entendeu? Me mandaram também dela e tudo e foi do lado de casa que levaram. Então assim, foi terrível.

3 – Ela havia saído do meu prédio. Desceu, quando ela foi abordada. Porque a prima dela, tia dela, é minha vizinha.

5 – Eu vi o alerta lá, o aviso, só que eu não dei importância. Aí quando foi no dia seguinte, no sábado de manhã, aquela muvuca na minha rua, cheio de gente, e aquele comentário que tavam trazendo uma mulher que estava sequestrando uma criança, e daqui a pouco eu olhei pela fresta do portão, passa arrastando a mulher pela minha rua, foi lá pro fundão. E encheu a rua de gente e queria até que eu abrisse o portão pra colocar. Não, de jeito nenhum, aqui dentro de casa não. Lotou de gente, de tudo quanto é lugar. Até dos bairros aqui em volta, veio todo mundo pra minha rua. Eu fiquei apavorada, falei “Jesus amado”, comecei a orar, falei: Deus, não deixa que matem essa mulher aqui. Porque eles já passaram arrastando, jogaram ela assim na frente do meu portão, no meio da rua, e começaram a chutar, bater, depois pegaram, ficaram arrastando. Eu já entrei em desespero, falei: Jesus, ponha tuas mãos aqui, não deixa matar ela aqui. De jeito nenhum. Aí levaram lá pro fundo, e aquela muvuca, chegando cada vez mais gente, cada vez mais gente, aí até que quase no final da tarde, chegou o Samu e o Samu não queria entrar lá, estava com receio de entrar, e aí a vizinhança gritando “mata, mata”, e eu: Jesus não deixa, não deixa. Até que chegou o corpo de bombeiros, a política, e eles falaram, vocês tem 20 minutos pra decidir o que vocês querem. Eles falaram.

1 – Olha só.

5 – 20 minutos pra decidir o que vocês querem. Se vocês quiserem que a gente leve ela, a gente leva, senão vocês resolvam aí. Falou bem assim. Deram 20 minutos pra resolver. E dentro desses 20 minutos, acabaram não fazendo nada, o corpo de bombeiros conseguiu ir com a polícia lá pro fundão, e pegaram ela. Quando ela passou na minha frente, meu filho também tava junto, quando ela passou pela gente ela passou viva, agoniada com aquele negocinho que põe no nariz, pra respirar. Ela passou agoniada tentando tirar, pedindo pro bombeiro tirar que estava agoniada com aquilo, e ela pedindo: tiro essa de mim, tira, tá agoniando aqui. Tá me deixando agoniada, tira, tira tira. Ela passou viva. Viva e consciente. Embora ela tava toda machucada, tava viva e consciente, quando ela passou. Pedindo pra tirar o negocinho do nariz.

3 – Ela faleceu na segunda, pela manhã. Isso foi no sábado. Estava em São Sebastião, eu cheguei no domingo à noite e fiquei sabendo. Porque eu não tava aqui. Aí na segunda de manhã ela faleceu.

1 – É, foi na segunda de manhã, no plantão que eu tava saindo...

5 – Ela passou por nós lá. Ela passou viva e agoniada, com o negocinho no nariz. Aí entrou na ambulância do Samu, a ambulância do Samu buscou ela. Mas quem foi lá buscar foi os bombeiros e a polícia.

Pergunta – E quando começou a circular a notícia de que havia uma sequestradora, qual foi o impacto que essa notícia teve aqui no bairro?

1 – Todo mundo ficou com medo.

4 – Todo mundo colocava as crianças cedo dentro de casa, não deixava ficar fora.

5 – Eu liguei pra minha irmã, pra minha mãe, avisei pra não deixar as crianças sair. Se sair, sair junto. Não largar a mão de ninguém.

1 – Eu fiquei preocupada.

5 – Foi preocupante.

Pergunta – Alguém mais gostaria de se manifestar? O que levou vocês a acreditar na história?

5 – Muita notícia ao mesmo tempo, dizendo que era verdade, e a história com relato tudo.

3 – Páginas né.

5 – Que aconteceu ali, que levou ali, que levaram uma criança.

1 – Foi, é mesmo.

5 – E aí depois surgiu, aqui mesmo, antes de levarem ela, que tinha pegado uma criança ali perto...

1 – Vila Baiana, depois.

5 – Não, aqui mesmo, no Morrinhos 4...

1 – Não, depois foi na Vila Baiana também.

5 - ... algumas ruas na frente da nossa, que tinha uma criança desaparecida, mas não sabia onde tava. Aí foi depois que, logo em seguida, demorou pouco tempo, vieram arrastando ela.

3 – Só que ninguém procurou saber se foi verdade, foi verídico, se tinha desaparecimento de crianças, nada... o povo já fez o julgamento, já condenou e já matou. Agora, vou te falar, foram as redes sociais. Cabeça das pessoas que não se deram conta de parar pra pensar, no que podiam estar fazendo. Porque nesse dia o que eu fiquei sabendo foi que o bairro inteiro, quando começou mais pra lá, começou no dia 3. Ela saiu do prédio em que eu moro. Quando ela saiu, ela parou e comprou banana.

5 – Isso.

3 – A prima dela é minha vizinha, eu não estava, ela me contou depois. Ela desceu, ela foi buscar uma bíblia, que ela era da comunidade católica. Ela foi pegar a bíblia que ela esqueceu na igreja, e a prima dela guardou. Aí ela desceu, passou na quitanda, ela estava de bicicleta, comprou banana, mais adiante um menininha, sentada com a mãe...

1 – Isso...

3 - ... uma jovem, né, com o filho, e ela achou que a criança, porque a criança olhou, ela ofereceu a banana... bastou a mulher, esta mulher, começou a gritar.

5 – Foi, “é a sequestradora”.

3 – Dali ela já foi arrastada, já foram batendo, já ficou tudo em polvorosa. A multidão... e ela foi arrastada apanhando até o final.

4 – Foi isso mesmo.

3 – Só que tudo começou lá atrás.. então aí já fizeram o julgamento, a condenação, deram a sentença, e foi esse absurdo que virou notícia no mundo inteiro.

4 – O que eu mais achei estranho, foi assim, ela morava aqui no 3. Mas aí ela trabalhava no Carol. Então assim, muita gente conhecia, porque nenhum familiar veio, desde que vieram arrastando ela. Ninguém apareceu pra falar, não, é minha prima, é minha tia, ela mora aqui. Isso que eu acho estranho.

Pergunta – O impacto específico da imagem, como vocês avaliam? Houve um retrato falado e uma fotografia...

1 – Mas não parecia nenhum pouco com a Fabiane.

3 – É que ela havia pintado os cabelos naquele dia.

5 – É isso mesmo, parecia que foi cosia assim de Deus.

3 – Os cabelos dela não pareciam com o do retrato falado. Ela teve vontade de pintar os cabelos, pintou os cabelos e saiu.

4 – Foi a mesma cor que postaram, mesmo antes, eles tinham postado a cor que ela saiu com o cabelo naquele dia. Foi o xeque-mate...

Pergunta – Não entendi. Acharam que ela tinha pintado o cabelo?

4 – Não, não. Foi assim, eles mandaram uma foto dessa sequestradora, com o cabelo pintado, cacheado...

3 – Dessa “suposta”, né...

4 - ... meio ruivo. E aí no dia da banana, ela estava com o cabelo ruivo, só que ela tinha acabado de pintar o cabelo.

5 – Nem tava tão ruivo assim. Estava mais abóbora do que ruivo.

4 – Então assim, juntaram uma coisa com a outra, e foi xeque-mate.

3 – Ela pintou os cabelos por vontade de mudar. Pintou os cabelos, saiu de casa. Veio buscar a bíblia, e aconteceu tudo isso.

5 – Inclusive essa bíblia, o rapaz lá da rua começou a levantar e esfregar, e gritar, com a bíblia dela pra cima e pra baixo, jogava no chão, catava, foi um alvoroço que só Jesus pra dar graça, o alvoroço que foi naquela rua.

3 – Quem presenciou diz que foi terrível.

4 – Eu não cheguei perto, só vi ela ali no...

5 – As pessoas de cima da casa gritando “mata, mata, mata”, e eu: sangue de Cristo, tenha poder. Jesus, tem misericórdia. Foi... nossa, o coração sai pela boca.

4 – Eu só vi gente gritando no meio rua, falando: pegaram a sequestradora. Meu filho estava em casa, eu falei, olha, ninguém sai pra rua, porque sai um tiroteio aí, de algum familiar que se eles pegaram errado vai... coloquei todo mundo pra dentro, e ninguém saiu, só olhei pela janela e o povo gritando: ah, ela foi por ali, levaram ela pra lá. Nem cheguei perto. E depois que eu vi o noticiário, falando...

3 – As imagens mais pesadas foram as do domingo seguinte no Fantástico. Porque isso aconteceu no sábado, aí domingo ela passou hospitalizada ainda, faleceu na segunda. No domingo, as primeiras chamadas do Fantástico é cenas que ainda não haviam sido mostrada.

5 – Foi, que foi chegando de celular.

3 – Exato. Aí nessa filmagem aí o áudio dá pra ouvir, gente que chegava e falava assim, como que uma pessoa que tá toda arreventada ali no chão, totalmente inchada, chega e fala: ih, não é que é ela mesma? E você via pessoas falando, a mulher já não tinha mais o que se fazer por ela, ela já estava em cima de umas madeiras nas palafitas, jogavam assim no brejo. E outras gritando “é ela mesma, é ela mesma”.

5 – Até saiu a foto do rapaz com aquela madeira enorme levantando...

3 – Então as pessoas ainda foram pegando carona na ignorância alheia e foram comprando aquilo como verdade, gente.

4 – Foi terrível.

5 – Ninguém pode paralisar nada.

4 – Foi assim, foi o que acabou com o resto que o Morrinho tinha... Quando a gente foi vender uma casa na imobiliária, teve tanta repercussão que eles falam que tá muito difícil pelo ocorrido dessa mulher, então assim, ficou terrível. Eles não querem mais comprar.

Pergunta – Pessoal, eu agradeço a participação de vocês, não sei se mais alguém tem

alguma consideração...

5 – No final do dia, a mulher que tinha acusado que o filho tinha desaparecido, depois descobriu que estava na casa de uma vizinha, brincando com outras crianças. A mulher que disse que ela tinha pegado a criança e foi quando começou toda essa confusão.

3 – Essa da banana, que foi a primeira, nunca apareceu. Quer dizer, as pessoas viram, contaram, mas tiveram medo de contar que ela que começou tudo.

5 – É um caso que além de ter chocado muito, deixou vários alertas. Porque só o fato de oferecer alguma coisa pra uma criança que tá olhando pra o que a gente tá comendo já fica até assim...

3 – Você fica com medo de oferecer, hoje em dia.

5 - ... pra chegar e já vir com uma história estapafúrdia que acabou vitimando uma pessoa inocente que não tinha nada a ver com a história. E depois descobriram que essa mulher que fazia isso e aquilo era lá de São Paulo.

Pergunta – A mulher da foto?

5 – A mulher da foto. Nunca nem tinha vindo aqui.

Grupo 2 (professores)

Pergunta – Com relação à segurança dos alunos, qual é a maior preocupação que vocês observam?

1 – A minha maior preocupação, e a gente até já colocou isso em pauta em algumas reuniões, é a questão do abuso, que é bastante presente, abuso sexual é presente na comunidade, e a gente sabe que todo o processo pelo qual passa, desde que a gente tenha algum questionamento, alguma dúvida, e até isso chegar ao poder público, nos serviços como Sentinela e Conselho Tutelar, a gente sabe que é uma questão bastante morosa. Então, pelo menos pra mim, a minha preocupação principal é essa, saber que pode estar acontecendo e até que algo seja efetivamente feito, essa criança vai passar um bom tempo ainda nesta situação. Essa é a minha principal preocupação.

2 – A minha é... complementando na verdade a dela, porque é uma preocupação também minha, mas outro tipo de preocupação com relação à segurança deles é quando eles não estão na escola, eles estão aonde. A gente sabe que no entorno do bairro tem muito problema com tráfico, né, de drogas, e a gente sabe que muitas crianças aqui já, não sei se fazem uso, mas já trabalham nesse meio, então às vezes não estão na escola porque estão servindo de aviãozinho, entregando droga, a gente sabe, é bem comum, escutar isso.

Pergunta – Mais alguém, pessoal?

(...)

3 – A preocupação é a mesma. Acredito que todas pensem da mesma maneira. A preocupação é a mesma.

Pergunta – E o que vocês tentam fazer pra cuidar, enfim, pra proteger, alertar, prevenir as crianças destas situações?

2 – Conversar, né. Independente da idade, claro, primeiro aninho, segundo talvez seja mais complicado, mas a gente tem que como ter uma abordagem sobre isso. Qual foi a data que...

1 – Não lembro a data corretamente, mas a gente abordou...

2 – Teve aqueles videozinho, que é pra idade deles, só pra ver se eles entendem, que ninguém pode tocar no corpo deles, em relação ao abuso sexual, que é bem comum aqui, no Brasil acontece, mas aqui a gente vê, eles agem com uma certa naturalidade, a gente consegue abordar, com os maiores é mais tranquilo que a linguagem deles já acompanha, eles já entendem nas entrelinhas. Então se a gente não falar tão direto eles entendem do que a gente está falando. A partir do terceiro ano, acho que já dá pra ter esse entendimento. E com relação ao tráfico, eu falo pra eles que o lugar deles é... tem que estar na escola, sei que nem todos conseguem estar, porque tem uma série de fatores que afastam eles da escola, mas eu falo pra eles que o que pode mudar a vida deles é a educação, é o estudo, pra eles saírem desse círculo vicioso que a gente vê que acontece aqui. É bem comum acontecer.

1 – Com relação à questão do abuso, e acho que a questão de qualquer violência, porque infelizmente toda a nossa clientela está exposta a várias situações diferentes de violência, que essa questão da conversa mesmo, de adotar uma prática dialógica que esteja sempre ouvindo a

fala deles, porque nisso eles trazem muito do que eles vivem pra gente, e ouvir isso sem aquele sentido de ficar horrorizado, porque a criança percebe, e aí ela mesmo já se tolhe nesse sentido. Mas a gente já conversou entre grupo, nós já pedimos ações que consigam fazer com que a nossa ação nesse sentido seja mais efetiva. A gente já tentou falar no Cras, a nossa orientadora está tentando inclusive manter contato, trazer um profissional justamente que oriente nessa fala. Por exemplo, alguns têm 6 anos. Então eu fico muito em dúvida porque a gente sabe que é uma cabecinha que também cria muito e se eu der muitas informações, eu posso estar fazendo um desserviço, né. Então a gente também procura uma orientação, pra que a gente possa ter esse diálogo com uma forma mais efetiva em sala de aula. É tudo muito moroso, que é o que a gente diz, se pergunta. Faz o relatório, mas a gente sabe que o relatório não resolve. Esse relatório anda, anda, anda. Então o que a gente tem tentado fazer é o que dá pra fazer no dia a dia mesmo, quando a gente percebe que algo mais comprometedor, a gente leva o caso pra orientação, conversa junto com a orientação, vê se tem como fazer esse atendimento de forma mais urgente, mas os caminhos são... é muito devagar.

Pergunta – Mais alguém? Bom, com relação a informações e notícias, quais são os meios que vocês utilizam preferencialmente pra buscar informações, pra se informar?

(...)

2 – Eu uso a internet. Sites seguros, né. Televisão vejo pouco. Revista. Jornal eu busco mais na internet, não o físico.

1 – Telejornal bastante, mas mais aquelas redes específicas de informação, Globo News, e tudo o que fala no telejornal o tempo todo, porque na rede aberta fica mais difícil pegar os horários e dar aula. Revistas específicas. Eu não busco muito na internet, não. Quando tem alguma informação que eu queira me aprofundar, eu vejo na internet, mas é difícil eu buscar informação sobre fatos, acontecimentos, diretos na internet, é mais em periódicos mesmo. Revista, jornal nem tanto. E os canais de notícia.

4 – Acho que é o mesmo meio, né. Internet, revista, jornais, telejornais, acho que a grande maioria, dentro do seu tempo, é isso que vai buscar, não tem muito o que falar.

Pergunta – Pode ser um pouco mais específica. Internet é algo muito amplo. Onde exatamente na internet?

4 - (...) Nos sites seguros, né. Jornais.

Pergunta – E que tipo de informação chama mais a atenção de vocês?

3 – Eu acho que depende da situação, da necessidade. A gente busca de acordo com a necessidade. E geralmente o tempo que sobra pra gente é pesquisa pra trabalhar em sala de aula. É o que eu mais procuro. Então, vou trabalhar com determinado assunto, é aquele assunto que eu vou pesquisar. O tempo livre que eu tenho, eu uso pra isso. Agora, difícil ter um tempo extra pra estar buscando coisas que não tenham nada a ver com a nossa necessidade. Não temos tempo. Falta tempo. De manhã é uma determinada turma, à tarde é outra. Tanto que ela falou, e é verdade, a gente acaba assistindo os telejornais que passam 11 horas, meia-noite. Porque durante o dia não tem condições.

Pergunta – Mas dentro destes telejornais e destes sites que tipo de informação que

chama mais a atenção de vocês?

2 – No momento pra mim é mais a situação econômica e política do país.

1 – Política, educação também, mas política.

3 - ...porque está atingindo muito.

Pergunta – Vocês veem algum reflexo da preocupação com a insegurança na forma como vocês procuram as notícias?

1 – É o que está estampado geralmente, né, você abre lá, você vê: matou, roubou, traficou, foi preso, então as notícias que estão lá levam você a ler isso. Induz. Não é uma coisa que eu vou... ele te induz, na hora que você abre o site está lá. Não tem mais (...)

Pergunta – O que vem à cabeça de vocês quando se fala naquele caso da mulher que foi linchada em 2014?

1 – Eu lembro bem que, eu estava há pouco tempo na escola, estava voltando da minha licença-gestante, minha irmã também, nós estávamos há pouco tempo na escola. Eu já tinha trabalhado em bairro bastante carente, entendeu, que a gente ouvia, mais assim, mas nunca um ato esteve tão próximo da escola, a meu ver, e um ato de tamanha brutalidade, tamanha violência, quanto desta vez, mesmo eu já tendo dado aula em vários outros lugares, nunca vi. Mesmo na Ilhópolis, às vezes eu ouvia, aconteceu, mas nunca esteve tão próximo das crianças, principalmente, como esse acontecimento.

2 – Isso foi assustador.

3 – Eu não li jornal, esse que você falou, eu fiquei sabendo dos fatos diretamente através das crianças. Na época eu estava de manhã com o 5º ano, à tarde com o 2º ano, na mesma escola, e as crianças do 5º ano relataram com requintes de detalhes. A turma do 2º ano, eles contavam o que tinham ouvido. Mas os “quintos” eles assistiram, eles ouviram. O que contaram pra mim na época, e que me deixou muito chocada, e com medo, inclusive, é que os homens deixaram as mulheres começarem o serviço. Então, ela foi primeiramente agredida pelas mulheres. As mães estavam revoltadas, porque ela supostamente era a mulher que estava fazendo mal para criança. Depois é que os homens finalizaram, teve filmagens. Inclusive as filmagens chegaram até a gente, na escola, através dos celulares dos alunos do 5º ano. Então eu vi no celular deles. Eu não vi na televisão, eu não vi... eu vi no celular dos alunos. E... era preocupante porque quando abriu o portão da escola, para os pais entrarem pra pegar os alunos, eu ficava olhando e... quem será que fez? Quem começou? Quem participou? Já que todos tinham participado, os meus alunos estavam falando. E era as mães deles que estavam ali. E foi muito chocante, foi terrível. Mas eu não tenho medo da comunidade, foi uma situação que aconteceu, e a gente percebe que eles são muito calorosos, né. E eles agiram sem pensar, simplesmente a notícia veio, disseram que era ela, e resolveram reagir da pior forma possível, sem ter certeza do que realmente estava acontecendo. Mas o bairro eu trabalho aqui e gosto demais de trabalhar aqui, gosto muito das crianças, me relaciono muito bem com os pais todos esses anos que eu estou aqui. Então eu não tenho medo do bairro e nem da comunidade. Foi uma situação a meu ver foi isolada, e tudo isso aconteceu infelizmente por causa da rede social. Então tem que tomar muito cuidado mesmo, não acreditar em tudo o que acontece, que passa na rede social. Tem até frases de pessoas importantes às vezes são

modificadas, né, modificadas e acabam influenciando...

4 – Eu moro aqui no bairro há aproximadamente 3 anos, minha mãe tá aqui há muitos anos. Nesse dia que aconteceu esse caso aí dela, eu como moradora não fiquei sabendo. Eu fiquei sabendo na TV à noite. Então assim, foi um local... o que aconteceu, não sei te explicar, acho que as elas tem mais informação passar do que eu, que sou moradora aqui. Não fiquei sabendo o que realmente aconteceu. Todo o acompanhamento foi nas redes sociais e eles aumentaram muitas coisas, diminuíram outras, mas foi próximo de mim ao mesmo tempo e muitos moradores ficaram sabendo como eu fiquei sabendo, então assim, foi um momento ali de pessoas, numa localidade, e não geradas a todo o bairro do Morrinhos, foi numa localidade que aconteceu isso. É como ela falou, eu moro aqui, não tenho medo, é um bairro bom, pessoas muito... extremamente carente, mas muitas pessoas desocupadas sem ter o que fazer, que levaram a isso. Falta de informação, né, acreditar aquilo que os outros falam, “foi aquela”, e não perguntar, “foi você?”, simplesmente pegaram ela com um instinto animal. Na minha visão foi um instinto animal que começou, mas nem todo mundo aqui que mora aqui tão próximo, porque foi aqui tão próximo, e confesso que você é muito corajoso em fazer perguntas pros pais, e sair depois daqui... então assim, (estar investigando) porque, como foi, é um pouco perigoso, porque da mesma maneira que não perguntaram pra ela, também podem não perguntar pra tu. Brincadeira. Mas assim, o que eu quero falar, tem muitas pessoas boas que moram aqui, tem muitos pais de família, mães de família, honestas, até aqui dentro... acho que foi algo do momento, que subiu o sangue, eles não pararam pra pensar, foi o instinto animal mesmo. Foi uma coisa horrorosa que aconteceu, mas foi uma coisa isolada que uns começaram e outros assistiram e não fizeram nada.

Pergunta – Antes do linchamento, como foi o impacto daquelas notícias que começaram a ser veiculadas, como isso afetou a comunidade?

1 – Isso não apareceu em momento nenhum. Eu nunca acompanhei esse Guarujá Alerta porque justamente você via o tom sensacionalista.

2 – Eu cheguei a ver algumas páginas de pessoas que tinham compartilhado, mas eu sempre... não sei se isso é verdade.

1 – Foi num final de semana que isso aconteceu, então quando a gente chegou na segunda-feira, já tinha passado no Fantástico... percebemos que era próximo quando começou a...

2 – Aí eu falei pra ela, o que aconteceu no final de semana deles (crianças), eles chegaram contando. Se morreu alguém, alguém se enforcou, eles sabem de tudo. Esse é o dia a dia deles, só coisa dolorida. Aí eu falei, se tiver sido lá, eu falei, tem uma moça internada em estado grave, acho que ela tava viva. Aí uma amiga nossa que trabalha com ela... essa amiga trabalhava no Morrinhos, por acaso trabalhou aqui na escola também. Eu falei, se aconteceu aqui, eles vão chegar e vão falar. Dito e feito. Cheguei na sala, a gente não deu nem aula aquele dia.

Pergunta – Mas eu me refiro a antes de ela ser morta.

1 – Não, não teve. Naquela foto que saiu na rede social... eu nunca tinha visto aquela foto. Surgiu aquela foto lá parecida com a nossa.

2 – Aconteceu que alguém falou “é ela” e aí...

3 – Perguntaram “você é a loira”, ela falou, “é, eu sou a loira”. Ela tinha pintado de loiro.

1 – Alguns alunos em momentos diferentes... porque eu acredito também que um linchamento pra acontecer é muita ausência do poder público e aí a justiça feita, são eles que decidem. Mais de uma aluna em momentos diferentes disseram que a polícia foi chamada, veio até determinado ponto, disse pra terminarem o serviço, pra depois recolher a moça, que no caso ainda estava viva, mas consciente de que o pior ia acontecer. Entre as crianças, entre os adolescentes, o que eu ouvi de alguns é que eles não tinham ideia que chegaria no ponto em que chegou. A ideia era dar uma surra, dar uma lição...

FOLHA DE S.PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 94 ★ TERÇA-FEIRA, 6 DE MAIO DE 2014 ★ Nº 31.079

EDIÇÃO SP/DF ★ CONCLUÍDA ÀS 05H05 ★ R\$ 3,00

Prefeito cogita regularizar área invadida perto do Itaquerão

O prefeito Fernando Haddad (PT) comprometeu-se a analisar a possibilidade de regularizar o terreno invadido no sábado por famílias sem-teto a cerca de três quilômetros do estádio de abertura da Copa, o Itaquerão, na zona leste de São Paulo.

Em março, Haddad prometeu regularizar ocupação na zona sul. Segundo o vereador opositorista Andrea Matarazzo (PSDB), há um "estímulo às invasões".

Grupo de sem-terra organiza hoje marcha de apoio aos sem-teto. **Cotidiano C4**

Mulher espancada após boato de magia negra morre em SP

Uma dona de casa de 33 anos, mãe de dois filhos, morreu em Guarujá (SP), após ser espancada por moradores sob acusação de sequestrar crianças para rituais de magia negra.

Segundo a família, a vítima foi confundida com retrato falado divulgado no Facebook. A polícia afirma que não há registro recente de desaparecimentos de crianças na região. **Cotidiano C1**

Polícia prende suspeito de jogar privada que matou torcedor

Esporte D3

Daniilo Verpa/Folhapress

Margem do rio Jacareí (SP), que integra o sistema

70% 23.ago.2012

60% 20.mai.2013

50,1% 18.ago.2013

40% 3.out.2013

30,2% 16.dez.2013

20,1% 8.lev.2014

5.mai.2014

CANTAREIRA, 10%

Sistema que abastece Grande SP atinge menor nível; para especialistas, solo ressecado atua como 'esponja' e deve atrasar recuperação de mananciais **Cotidiano C6**

Diretor da Petrobras omitiu riscos sobre aquisição no Japão

Compra de refinaria em Okinawa, coordenada por Nestor Cerveró, repetiu procedimento do negócio de Pasadena

A aquisição da refinaria Nansai, no Japão, pela Petrobras, em 2008, foi aprovada pelo conselho de administração da empresa sem que o órgão fosse informado dos riscos do negócio identificados por áreas técnicas da estatal.

O caso é similar ao que ocorreria antes em outra compra controversa da Petrobras, a da refinaria de Pasadena, nos EUA, em 2006.

O resumo executivo a favor da operação, de US\$ 311 milhões, não informou que a Nansai só se tornaria rentável se dobrasse a produção para 100 mil barris por dia — meta que se provou inviável por restrições ambientais.

Esse documento que embasou o negócio no Japão foi elaborado por Nestor Cerveró, então diretor da área internacional da Petrobras.

Também foi dele o resumo que sustentou a compra de Pasadena, considerado "falho" pela presidente Dilma. A petista presidia o conselho da estatal quando os dois casos foram avaliados. A Petrobras afirmou que adquirir a Nansai condizia com o planejamento da época. **Poder A4**

Planalto muda estratégia e agora quer negociar CPI mista sobre a estatal, com senadores e deputados. **A4**

MAURO ZAFALON

China ampliará dependência de alimentos que o Brasil produz

O mundo recebe a desaceleração chinesa. O país asiático poderá comprar menos minério, mas manterá o seu apetite por alimentos que o Brasil produz com destaque.

O governo dos EUA prevê que a importação chinesa de milho triplique e que a de soja cresça 62% em dez anos. O cenário também é promissor para as carnes. **Mercado B5**

Após crise, IBGE recua e retoma pesquisa sobre emprego no país

Após crise institucional, a direção do IBGE voltou atrás e decidiu retomar a divulgação da pesquisa nacional de emprego, que havia sido contestada por senadores.

A suspensão havia levado duas diretores a pedirem exoneração. A presidente do órgão, Wasmália Bivar, disse que a repercussão negativa pesou na decisão. "Seria bobagem [negar]." **Mercado B1**

PF indica que doleiro pagou lote de gado para deputado

Investigações da PF indicam que o doleiro Alberto Youssef, ligado ao ex-vice-presidente da Câmara André Vargas (PT-PR), bancou a compra de lotes de gado para o deputado federal Luiz Argôlo (Solidariedade-BA) em negócios que somaram cerca de R\$ 110 mil.

Procurado, Argôlo não respondeu às ligações da reportagem da **Folha**. **Poder A5**

EQUILÍBRIO

Donos de cães e gatos trocam a ração pela comida natural **C8**



Plínio, 4, come cookie integral

ESPORTE

Robinho pode ir à Copa por ser 'bom de pandeiro' e amigo de Neymar **D1**

OUTRO CANAL

Sucesso no teatro, 'Trair e Coçar' vai virar série na TV paga **Ilustrada E8**

ILUSTRADA

Brasileira Lygia Clark ganha primeira grande mostra nos EUA **E1**

PSB deve mudar seu manifesto até junho, diz Campos

O manifesto de 1947 sobre os princípios do PSB, que incluem limites à propriedade privada, será mudado até 10 de junho, data da convenção para oficializar a chapa da sigla à Presidência, disse o pré-candidato Eduardo Campos. Ontem, a **Folha** mostrou que tais ideais socialistas preocupam a campanha de Campos. **Poder A6**

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Racionamento afastado", a respeito de descarte de rodízio de água, e "Ceticismo à iranian", sobre declarações de porta-voz do aiatolá.

FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e a ombudsman fale.folha.com.br

300.207 exemplares impressos + digitais



Visitantes no MoMA (NY)

Divulgação

cotidiano C3

SP deve multar em R\$ 200 quem fumar em local proibido

ATMOSFERA Cotidiano C2

Tempo seco e quente na Grande SP
Mínima 18°C Máxima 28°C

RODÍZIO Cotidiano C2

Não devem circular carros com placas cujo final seja: 3 ou 4

SORENTO 2015

KIA SORENTO 2015: TECNOLOGIA, CONFORTO E DESIGN.
UM CARRO COMO ESSE MERECE MESMO A CAPA DO JORNAL.

MAIS DETALHES NA PÁGINA 5.

R\$ 114.900,00
À VISTA C00. 5.263.45
TEXTO LEGAL NA PÁGINA 5.



Respeite os limites de velocidade.



“Lamento muito por essa senhora, por essa mãe de família que foi cruelmente linchada por pessoas que não tinham qualquer conhecimento de que tudo não passava de um boato. Em nenhum momento citei o bairro Morrinhos, nem postei a foto da Fabiane, como disse o advogado da família

Denunciamos os problemas da cidade. Querem acabar com a página para deixarmos de fazer isso em ano eleitoral

CRIADOR DO “GUARUJÁ ALERTA”, página que divulgou boatos sobre suposta sequestradora de crianças

Estão fazendo novo linchamento comigo, diz dono do ‘Guarujá Alerta’

Autor de site responsável por divulgar boato que motivou morte de mulher afirma ser ameaçado



Página “Guarujá Alerta”, que publicou boato sobre sequestradora de crianças na cidade

Rapaz diz ter informado que relatos eram falsos e nega ter publicado na página o bairro onde houve o crime

DIÓGENES CAMPANHA
ENVIADO ESPECIAL A GUARUJÁ

O criador do “Guarujá Alerta”, página noticiosa no Facebook que divulgou boatos sobre uma sequestradora de crianças, diz estar sendo “linchado” como foi a dona de casa Fabiane Maria de Jesus, 33. Ela foi confundida com a suposta criminosa e espancada no sábado, no bairro de Morrinhos, periferia de Guarujá (a 86 km de São Paulo). Morreu dois dias depois. O rapaz não quer se iden-

tificar, pois conta estar sofrendo ameaças de morte. Ele aparenta ter 25 anos e diz apenas que não é jornalista, nem tem formação acadêmica. Segundo ele, no primeiro texto publicado sobre o caso, em 25 de abril, afirmava ter recebido informações de que uma sequestradora agia em bairros como Pernambuco, Maré Mansa e Areião. No fim, dizia: “Se é boato ou não, devemos ficar alerta”. A seguir, trechos da entrevista concedida ontem em um escritório de Guarujá, ao lado de seus dois advogados.

Folha - Por que postou relatos sobre a sequestradora sem saber se eram verdadeiros?

Colocamos não para alertar a população, mas para que pudessem chegar mais informações. Fomos logo checar com policiais. Assim que tivemos confirmações de que não havia sequestradora, começamos a informar quase diariamente que tudo não passava de um boato. Começaram a cobrar que colocássemos fotos da suposta sequestradora, afirmavam que ela tinha passado na casa de alguém, que arranhou os braços de uma criança, depois pintou o cabelo. Nossa equipe nunca afirmou nada. Mas as pessoas têm preguiça de ler. No dia 29, colocamos matéria totalmente detalhada sobre como tudo começou em uma cidade do Rio.

Por que não esperou a confirmação da polícia antes de fazer a primeira publicação?

Porque o intuito é levar a informação, tranquilizar e ajudar a população, como já ajudamos em outros casos. Não tem por que ter arrependimento disso tudo.

Lamento muito por essa senhora, por essa mãe de família que foi cruelmente linchada. Em nenhum momento citei o bairro Morrinhos nem postei foto da Fabiane, como disse o advogado da família.

Como soube da agressão?

Comecei a receber mensagens na página de que tinham pego a sequestradora. Pessoas enviando fotos da moça amarrada, machucada. Começamos a informar que não iríamos publicar foto nenhuma e que tudo não passava de um boato.

Minha cabeça virou: pessoas chamando você de assassino, pessoas cultas, advogados perguntando o que a pessoa acha de um linchamento do dono da página.

Um blogueiro escreveu: “Quem é o culpado? Quem puxa o gatilho ou quem fabrica a arma?” Queremos que a polícia descubra quem foi que a apontou e disse: “Essa é a suposta sequestradora”.

Você considera ter “fabricado a arma”?

Não.
Como surgiu “Guarujá Alerta”?
Após eu sofrer um assalto em uma praia, em 2012, quando me roubaram um relógio. Voltei para casa muito frust-

IA DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ

Tragam a quem dedicação a você.

vivo SMARTVIVO CONTROLE

PAGUE NO CARTÃO DE CREDITO

R\$ 41,90/mês

Ligue *8003 e peça o seu.

LG Smartphone LG D175 L40 Dual TV

Desbloqueado + Vivo Chip

De R\$ 599,00

Por **R\$ 529,00** à vista (cada)

0*10 R\$ 52,90 sem juros no cartão*

2 chips
3G
WIFI
Módulo câmera 13 MP
Módulo câmera 4 MP
Autenticação de 1 Dígito

3.5" TV digital

Android 4.4

SAMSUNG Smartphone Samsung Galaxy Young Plus

Desbloqueado + Vivo Chip

De R\$ 479,00

Por **R\$ 429,00** à vista (cada)

0*10 R\$ 42,90 sem juros no cartão*

2 chips
Autenticação de 1 Dígito
Módulo câmera 13 MP

3.2" TV digital

RECARGA DE CELULAR E NA CASAS BAHIA



Android 4.1

o cartão de crédito. Para mais informações sobre promoções, acesse www.vivo.com.br/promocoes. IOF incluso. Consulte outras condições sujeito a aprovação de crédito. As ofertas anunciadas não são válidas para a loja virtual nem para o Televidas. Mais informações, acesse

s: 4003-2773 seg. a sex.: 8h às 22h - sáb. e dom.: 8h às 20h

Meu Bahianinho
Baixe o aplicativo gratuito e divirta-se com atividades surpreendentes!

Disponível na App Store e Google play

tuato e criar uma página com o slogan "Fui assaltado no Guarujá" para que as pessoas desabafassem, apontassem os locais onde foram roubadas, para deixar o pessoal alerta.

A gente denuncia os problemas da cidade. Estão querendo acabar com a nossa página para deixarmos de fazer isso em ano eleitoral. Estão pegando a gente para bode expiatório. Até o dia 2, era só "por favor" na página, de pessoas pedindo ajuda.

O que entristece é ver pessoas linchando nossa equipe. Estão fazendo comigo o que fizeram com ela [Fabiane].

cotidiano inclui esporte

NÃO SÓ O BAR
Fumante também
será multado por
fumar em local
proibido
Pág. C3

SEM-TETO
Haddad admite
regularizar
invasões próximas
ao Itaqueroão
Pág. C4

GUARUJÁ MEDIEVAL

Vídeo mostra dona de casa sendo agredida após acusações de magia negra em cidade do litoral paulista

- 1 Amarrada de bruços, a dona de casa Fabiane Maria de Jesus, 33, é jogada de uma palafita por um homem. Ela gira e cai no chão
2 Uma pedaço de madeira é arremessado contra a cabeça de Fabiane. Um homem pega a tábua e acerta novamente a dona de casa
3 Em outro vídeo, Fabiane aparece desamarrada e deitada. Após ser puxada pelos cabelos, seu rosto bate contra o chão
4 Um homem de bicicleta atropela Fabiane e a atinge duas vezes na cabeça com a roda. Em seguida, ela é amarrada e arrastada



Espancada após boatos sobre magia negra, mulher morre em Guarujá

Fabiane de Jesus, 33, foi confundida com falso retrato falado espalhado em redes sociais, diz família

Família diz que site divulgou a imagem; organizador da página afirma ter citado caso apenas como 'rumor'



Fabiane Maria de Jesus, 33

DIÓGENES CAMPANHA
ENVIADO ESPECIAL A GUARUJÁ (SP)

Uma dona de casa de 33 anos, mãe de dois filhos, morreu ontem em Guarujá (SP), após ser espancada por moradores insuflados por notícias falsas divulgadas em redes sociais. Ela foi confundida a partir de um retrato falado de uma suposta sequestradora de crianças, segundo a família. Os moradores acusavam Fabiane Maria de Jesus de sequestrar os menores para rituais de magia negra. Segundo a polícia, não há registro recente de desaparecimento de crianças na cidade e as histórias sobre sequestros na região são falsas. O linchamento ocorreu na tarde de sábado, quando Fabiane voltava para casa, no bairro de Morrinhos, periferia de Guarujá. Sob o olhar de dezenas de pessoas, que se aglomeraram, inclusive crianças, a dona de casa foi agredida com pauladas, socos e chutes. Com celulares, moradores da região gravaram a ação. Airton Sinto, advogado da família de Fabiane, entregou ontem ao delegado dois vídeos que mostram trechos do ataque. A polícia usará as imagens para buscar os responsáveis pelo linchamento. Em um dos vídeos, ela aparece estendida no chão, é jogada contra o solo, chutada, arrastada e tem os cabelos puxados. Em seguida, um homem passa com uma bicicleta sobre a cabeça de Fabiane. As imagens mostram que ela teve uma mão amarrada com uma corda e seu corpo

diz que ela foi vítima de um engano e que o linchamento foi uma "crucificação em vida". "Essa história de magia negra é mentira. Ela era católica e quis dar nome bíblico, Esther, para a nossa filha", diz Jailson Alves das Neves, marido da vítima. O advogado atribuiu a divulgação da informação falsa ao "Guarujá Alerta", um perfil noticioso no Facebook. Em nota, a página na rede social afirmou ter citado o caso como rumor e com um aviso: "Se é boato ou não, vamos ficar alertas". O "Guarujá Alerta" ainda afirmou repudiando o linchamento. O delegado diz não ter visto o retrato falado que teria motivado a agressão e disse ser "prematureo" responsabilizar o "Guarujá Alerta". Segundo ele, o responsável pela página se apresentou e se comprometeu a ajudar nas investigações

'JUSTIÇA POPULAR'
Casos de justicamento sempre ocorreram, principalmente fora dos grandes centros, diz Renato Sérgio de Lima, coordenador do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pesquisador da FGV. "A diferença é que a internet potencializou essa cultura

Fabiane apresentou transtorno após parto, diz família

DO ENVIADO A GUARUJÁ (SP)

Parentes e amigos dizem que Fabiane de Jesus tinha problemas psiquiátricos, mas negam seu envolvimento com sequestro de crianças. Ela tinha sido diagnosticada havia mais de dez anos com transtorno bipolar, caracterizado por alternâncias de estados de agitação e depressão. As crises aumentaram no último ano e a família restringiu suas saídas. No sábado, saiu sem ser notada. Nascida no Rio, Fabiane foi criada em Guarujá. Sofreu aborto espontâneo na primeira gravidez e, diz a família, desenvolveu o transtorno após o parto da filha, hoje com 12 anos. O quadro se agravou quatro anos depois, quando o segundo filho nasceu morto. Há um ano, ela deu à luz outra menina.

Advertisement for Colégio Brasília de São Paulo. Includes logo, slogan 'TODA MÃE SONHA COM O SUCESSO DE SEU FILHO!', and a grid of 100 student portraits with names and schools.

foi arrastado por alguns metros. "Já era", diz um homem presente. Outras pessoas dizem frases como "é ela mesmo" e "é a mesma cara". Outros, porém, repudiam a ação.

Fabiane foi levada em estado gravíssimo a um hospital da cidade e morreu ontem.

A Polícia Civil afirmou que a história sobre o suposto sequestro de crianças na região é falsa. "Essas reportagens sobre uma loira que sequestrava crianças foram veiculadas em São Paulo, Rio de Janeiro e outros Estados", disse o delegado Luiz Dias Jr.

A família da dona de casa

ra de ódio. O que está em xeque é a figura do Estado", diz.

O antropólogo e professor da Unesp Claudio Bertolli Filho concorda. "Onde o Estado não está, a chamada 'justiça popular' aparece", diz.

A empregada doméstica Nilda Mota, 43, se surpreendeu ao saber que a vítima dessa "justiça popular" era sua vizinha. Ela diz que tentou ir até o local da confusão, mas foi barrada por moradores.

Segundo ela, Fabiane teria tingido os cabelos de loiro no dia do linchamento para ir à igreja e visitar amigos. "Ela foi crucificada viva", diz Nilda.

**HOMENAGEM DO COLÉGIO BRASÍLIA
ÀS MÃES DOS APROVADOS
de ontem, hoje e amanhã!**

Rua Angá, 395 - Vila Formosa - São Paulo/SP - F. 2211-0066
www.colegiobrasilia.com.br

MARIA F. DE ALMEIDA Mãe de: M. F. 1999 UNESP
 TATIANA DE ALMEIDA Mãe de: T. 2009 UNESP - UNICAMP
 VANILZA M. VIEIRA Mãe de: V. 2009 UNESP - UNICAMP
 BRUNO M. DA SILVA Mãe de: B. 2011 FAP
 TÁBIA F. SOARES Mãe de: T. 2007 FAP
 CARLOS C. DA SILVA Mãe de: C. 2002 UNICAMP - UNICAMP
 VICTOR M. L. OLIVEIRA Mãe de: V. 2001 UNICAMP
 LARISSA F. MARQUES Mãe de: L. 2009 UNESP
 FLÁVIA C. MONTEIRO Mãe de: F. 2009 UNICAMP
 JOHANNA F. M. DE LIMA Mãe de: J. 2007 UNICAMP
 TAYNA M. MACHADO Mãe de: T. 2014 UNICAMP - UNICAMP UNICAMP

FOLHA DE S.PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 94 ★ QUARTA-FEIRA, 7 DE MAIO DE 2014 ★ Nº 31.080

EDIÇÃO SP/DF ★ CONCLUÍDA À 1H46 ★ R\$ 3,00

OS 4 MISTÉRIOS DE FELIPÃO

Técnico anuncia hoje, às 11h30, os 23 jogadores que irão à Copa, incluindo as 4 vagas em que ainda há dúvida **Esporte D1**

1 GOLEIRO
Diego Cavalieri (Fluminense) ou Victor (Atlético-MG)

2 ZAGA
Henrique (Napoli), Miranda (Atlético de Madrid), Dedé (Cruzeiro) ou Marquinhos (PSG)

3 LATERAL DIREITA
Rafinha (Bayern de Munique) ou Maicon (Roma)

4 MEIO E ATAQUE
Robinho (Milan), Lucas Leiva (Liverpool) ou Hernanes (Inter de Milão)

'Não está tudo bem' com a inflação no país, admite Dilma

Em jantar com jornalistas no Palácio da Alvorada, a presidente Dilma Rousseff alfinetou adversários e afirmou ser "absurda essa história de o Brasil explodir em 2015". "Pelo contrário, o Brasil vai bombar", completou.

Dilma disse que a inflação está controlada, mas admitiu que "não está tudo bem" com o nível dos preços. Sobre a compra de refinaria nos EUA pela Petrobras, afirmou: "Pode ter [havido] equívoco, mas não má-fé". **Poder A6**

COMIDA

Restaurante em SP cobra R\$ 267 por bife de boi da raça wagyu **F1**

ALEXANDRA FORBES

Lista dos 'top 50' é termômetro dos restaurantes da moda **Comida F2**

COTIDIANO

Flip confirma Fernanda Torres como 1ª brasileira na programação **C3**

Câmara libera publicação de biografia não autorizada

Texto ainda precisa passar no Senado antes de ir à sanção da presidente Dilma

Após três anos de tramitação, a Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei que permite a publicação de biografias não autorizadas.

Para entrar em vigor, o texto ainda precisa obter o aval do Senado e, depois disso, ser sancionado pela presidente Dilma Rousseff.

A proposta altera o Código Civil e acaba com a brecha que permite a proibição de livros sem autorização prévia de biografados ou familiares. Emenda ao texto estabelece prioridade na Justiça para os julgamentos de ações em que biografados se sintam atingidos.

A questão das biografias não autorizadas voltou a debate no fim de 2013, quando o grupo Procure Saber se manifestou contra o projeto.

Posteriormente, artistas como Roberto Carlos, Caetano Veloso e Djavan voltaram atrás e negaram ser a favor da proibição das biografias.

A porta-voz do Procure Saber, Paula Lavigne, não atendeu às ligações da reportagem. Escritores e editores celebraram a aprovação. "É uma vitória da sociedade, não dos autores", disse o biógrafo Fernando Morais. Outra ação sobre o tema ainda tramita no STF. **Poder A8**

Bilhete Único Mensal atinge só 4% do esperado

Bandeira eleitoral do prefeito Fernando Haddad (PT), o Bilhete Único Mensal, que permite uso livre de ônibus, metrô ou trem por um mês a preço fixo, de até R\$ 230, foi usado só por quase 33 mil pessoas em abril.

Em novembro, Haddad dizia que 862 mil usuários teriam vantagem em aderir à novidade. **Cotidiano C1 e C3**

Em sabatina, Padilha promete mais subsídio ao transporte em SP

Poder A10

Amazônia passará por megatestes sobre aquecimento global

Cientistas começaram nesta semana na Amazônia a tirar medidas de árvores que ficarão cercadas por torres emissoras de gás carbônico, dando início ao ambicioso projeto Amazon Face.

Até 2027, o programa manterá as árvores sob concentração elevada de CO₂ para descobrir se o efeito benéfico do aquecimento global vai compensar o estresse causado pela seca. **Ciência C9**



São Paulo, ontem

Poluição e tempo seco pioram a qualidade do ar paulistano **C4**

EDITORIAIS Opinião A4

Leia "Pior que eleitoral", a respeito de aumento de gastos do governo Dilma Rousseff, e "Injustiçamento", sobre linchamento cometido em Guarujá.

299.933 exemplares impressos + digitais



Familiares e amigos no enterro de Fabiane de Jesus, que foi linchada, em Guarujá (SP)

Maluf oferece US\$ 1 mi para pôr fim a ação em NY

Os advogados de Paulo Maluf (PP-SP) propuseram acordo à Promotoria de Nova York no qual ele pagaria multa de US\$ 1 milhão para se livrar da ordem de prisão decretada em 2007, pelo fato de um banco da cidade ter recebido recursos supostamente desviados da Prefeitura de São Paulo. Maluf nega os desvios, mas não quis comentar o acordo. **Poder A9**

do medo à barbárie

Um retrato falado de uma sequestradora de criança no Facebook levou medo a Morrinhos, em Guarujá. Mães pediam aos filhos cuidado com estranhos. Creche temia entregar criança em mãos erradas. O boato só acabou com o linchamento de Fabiane de Jesus e com a descoberta de que o retrato foi feito em 2012 pela polícia do Rio. **Cotidiano C8**

RUY CASTRO

Fica combinado: em tiroteios nas favelas do Rio, a bala é sempre do policial

Opinião A4

RODÍZIO Cotidiano C2

Não devem circular carros com placas cujo final seja: **5 ou 6**

FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e a ombudsman [fale.folha.com.br](mailto: fale.folha.com.br)

ATMOSFERA Cotidiano C2

Chove fraco no fim do dia
Mínima 16°C. Máxima 28°C

www.kia.com.br

5 ANOS GARANTIA

QUER ECONOMIA?
SÓ COM UM MOTOR 1.0.
QUER CONFORTO?
SÓ COM UM CÂMBIO AUTOMÁTICO.
QUER OS DOIS?
SÓ COM O KIA PICANTO FLEX.

R\$ 44.900,00
A VISTA
TODOS LEGAIS NA PAGINA 7.

picanto

Respeite os limites de velocidade.

MAIS DETALHES NA PAGINA 7.

ARTUR RODRIGUES
DIÓGENES CAMPANHA
ENVIADOS ESPECIAIS A GUARUJÁ

A imagem de um retrato falado fazia as mães do bairro de Morrinhos, em Guarujá, tremerem de medo há pelo menos duas semanas.

Crimes macabros passaram a ser atribuídos à figura do desenho em preto e branco divulgado pela página do Facebook "Guarujá Alerta". Ela era descrita como uma suposta sequestradora que matava crianças em rituais de magia negra.

"Disseram que ela tinha arrancado o olho de um bebê de dois meses", contou a Folha uma jovem de 14 anos.

Com mais de 55 mil seguidores, a página "Guarujá Alerta" é uma referência em Morrinhos, bairro pobre da cidade. Ela presta serviços como divulgação de documentos perdidos e cães sumidos.

"De cada dez, oito conhecem o Guarujá Alerta", diz a dona de casa Ivete dos Santos, 37. "No caso desse post, uma pessoa foi falando para a outra e a história cresceu". "A toda hora chegavam novas histórias de crianças sequestradas", diz Fabiana Ferreira, 36, funcionária de uma creche no bairro. "Fiquei com medo de entregar alguma em mãos erradas."

Na escola, a segurança Alessandra Rodrigues, 33, já havia recomendado que a filha tomasse cuidado com estranhos. "Até hoje as crianças continuam com medo que alguém venha pegá-las."

O boato terminou no sábado com a morte da dona de casa Fabiane de Jesus, 33, num crime que chocou o país. Confundida com a suposta criminosa, ela foi linchada. A sessão de espancamento foi presenciada por dezenas de moradores do lugar, entre eles mulheres e crianças.

Ontem, parte da história do boato começou a ser explicada. A Polícia Civil do Rio anunciou que fez o retrato falado em 2012. O objetivo era localizar uma mulher negra e gorda, acusada de tentar sequestrar uma criança e agredir sua mãe na capital fluminense. A suspeita até hoje não foi encontrada.

De acordo com o advogado do administrador do "Guarujá Alerta", essa mesma imagem chegou à página por volta do dia 25 de abril, atribuída a uma mulher que supostamente sequestrava crianças para magia negra.

Ainda segundo a defesa, a imagem foi retirada após o responsável pela página perceber que era um boato.

Dias antes de morrer, Fabiane de Jesus trocou o corte de cabelo longo e avermelhado por um mais curto e com mechas loiras. O resultado lembra pouco a pessoa do re-



Cerca de cem pessoas participam de passeata após o enterro de Fabiane Maria de Jesus, 33, ontem de manhã, no Guarujá

DO boato À BARBARIE

Como um falso retrato falado gerou pânico em um bairro e acabou na morte de uma dona de casa em Guarujá

ONDE FICA MORRINHOS

Bairro periférico de Guarujá foi palco de linchamento



trato, exceto pelo cabelo.

Familiares contam que Fabiane era conhecida no bairro. Após perder dois filhos em dois dos quatro partos que fez, ela desenvolveu um distúrbio bipolar que a fazia perder "noção da realidade".

"Ela costumava sair de bicicleta, conversava com todos e dizia que era assessora da Maria Antonieta [de Brito, prefeita do Guarujá]", conta o amigo Márcio Silveira, 40.

Apesar de não trabalhar para a prefeitura, a dona de



Retrato com o qual Fabiane de Jesus, 33, foi confundida

casa frequentava a mesma igreja de Maria Antonieta, que é do bairro.

Fabiane foi vista saindo de casa na noite de sexta-feira. Não voltou mais.

Por volta do meio-dia de sábado, passou em frente a uma área movimentada onde há um mercado e um ponto de venda de drogas.

Carregava uma Bíblia que havia emprestado a uma amiga e pegara de volta. A publicação foi confundida com um livro de magia negra, e al-

guém gritou que Fabiane era a criminosa procurada.

Ainda segundo relatos, a mulher disse algo desconexo que foi interpretado como uma confissão e, então, começou o ataque.

A mulher foi arrastada a uma área mais pobre conhecida como Morrinhos 4, onde a população vive em palafitas.

Um vídeo gravado durante o ataque mostra ela sendo chutada, arrastada e puxada pelos cabelos. Um homem passa com uma bicicleta sobre sua cabeça. Entre os agressores, estavam frequentadores do ponto de tráfico.

Policiais disseram à Folha que o local é perigoso e não costumam trafegar em menos de duas viaturas por ali.

Morador de Morrinhos 1, uma área mais tranquila, o marido, o porteiro Jailson Alves das Neves, 40, só soube do caso sete horas depois.

Viu fotos da sua mulher, de quem não tinha notícias desde o dia anterior, divulgadas em páginas do Facebook como se fossem de uma criminosa agredida.

"As irmãs dela acharam que podia não ser, mas eu conheço a minha mulher", disse Neves, que se apaixonou por Fabiane, sua prima, na festa de 15 anos dela.

Horas após o enterro, ontem, ele fez um apelo. "As pessoas têm que parar de fazer justiça com as próprias mãos porque correm o risco de matar outras mães de família como a minha mulher."

FÚRIA POPULAR

Veja casos em que suspeitos foram agredidos

31.jan.2014

Jovem acusado de assalto é espancado e preso pelo pescoco a um poste no Rio



13.fev

Suspeito de roubar lanchonete é amarrado a um poste e espancado em Itajaí (SC)

18.fev

Adolescente de 16 anos é amarrado a grade e agredido por suspeita de roubar uma moto em Goiânia

20.fev

Vídeo mostra suspeito de roubo a uma casa em Teresina sendo jogado em formigueiro

21.fev

Suspeito de assaltar padaria é amarrado e agredido por moradores em Natal

'Não sabia se ela era inocente', diz suspeito preso

DE SÃO PAULO
DO ENVIADO A GUARUJÁ

O eletricista Valmir Dias Barbosa, 47, foi preso na tarde de ontem em Morrinhos, sob suspeita de participar do linchamento de Fabiane Maria de Jesus.

Segundo a polícia, ele confessou ter dado três pauladas em Fabiane, uma na cabeça. O eletricista aparece em destaque no vídeo do espancamento. De acordo com o delegado do caso, Barbosa disse que estava sob efeito de drogas.

"Eu também tenho filhos e o papo que rolava é que estavam matando crianças. Não sabia se ela era inocente ou não", disse Barbosa. Segundo a polícia, ele ainda não tem advogado.

A Justiça decretou sua prisão temporária por 30 dias. Até o início da noite de ontem, outras sete pessoas já tinham sido ouvidas e já aguardavam para prestar depoimento.

A 86 km da capital paulista, Guarujá é a décima cidade com mais mortes violentas do Estado. São 15,2 homicídios a cada 100 mil habitantes. A taxa estadual é de 10,5.

MORTES

PETER MANHARDT (1940-2014)

Iluminou o Cristo Redentor

FABRÍCIO LOBEL

to. Chegou aqui aos 11 anos, iluminar, era saber o que não

FRANCISCO LEITE FILHO - Aos 68, viúvo de Terezinha Sobral Leite. Era motorista. Deixa quatro filhos. Cemitério e Crematório Metropolitano Primavera.

HAYDEE FORSAIT - Aos 67. Deixa o ir-

18h30, na capela do Colégio Sta. Cruz, av. Arruda Botelho, 255, Alto de Pinheiros.

MARIA STELLA ROCHA DE MACEDO VIEIRA - Hoje, às 11h, na igreja S. José, r. Dinamarca, 32, Jd. Europa.

SERVIÇO

VOCÊ DEVE PROCURAR O SERVIÇO FUNERÁRIO MUNICIPAL DE SP: tel. (11) 3247-7000 e 0800-10-9850 fax (11) 3242-1203

DE SÃO PAULO

Para quem olhar para o alto do Corcovado à noite e vir o Cristo Redentor, saiba que está vendo um dos projetos de Peter Manhardt, ou Peter Gasper, como era conhecido.

Não que o alemão radicado no Brasil tenha construído um dos mais famosos pontos turísticos do Brasil, mas o fez ser visto todas as noites no Rio de Janeiro.

Peter foi um dos iluminadores mais conceituados do país. Nascido na Alemanha em plena 2ª Guerra, desde cedo fugiu das zonas de conflu-

com as irmãs e a mãe.

Quando a irmã mais velha virou uma atriz famosa, sob a alcunha de Elizabeth Gasper, também adotou para si o sobrenome já conhecido.

Durante o curso de arquitetura no Rio de Janeiro, começou a fazer cenários para a TV Tupi, que ficava perto de sua faculdade. Por essa época, especializou-se em iluminação. Trabalhou ainda por anos para a TV Globo.

Sua experiência com iluminação cênica o fez ter uma visão inovadora sobre o uso da luz na arquitetura. Dizia que, mais importante do que

devia ser iluminado.

Além do Cristo Redentor, fez projetos para diversas obras do amigo Oscar Niemeyer. Entre elas estão o Museu de Arte Contemporânea, em Niterói (RJ), a Sapucaí, no Rio, a Catedral de Brasília e a Praça dos Três Poderes, também na capital federal.

Em seu currículo também estão o show de Frank Sinatra no Maracanã, em 1980, e a missa de João Paulo 2º no aterro do Flamengo, em 1997.

Morreu de infarto na sexta-feira, aos 73 anos. Deixa um filho e a companheira.

coluna.obituario@uol.com.br

mao Arnaldo, tiuna e netos. Lemiterio Israelita do Butantã.

7º DIA

ANSELMO CARLOS TURRER - Amanhã, às 20h, na igreja velha de S. Judas Tadeu, av. Jabaquara, 2.682, Jabaquara.

ANTONIO CRUZ (TÔEDA MÁQUINA) - Hoje, às 17h, na igreja velha de S. Judas Tadeu, av. Jabaquara, 2.682, Jabaquara.

DOM TOMÁS BALDUINO - Hoje, às 19h, na igreja dos Padres Dominicanos (S. Domingos), r. Calubi, 164, Perdizes.

JOSÉ EDUARDO NEIVA DE LIMA - Hoje, às 18h30, na paróquia Assunção de N. Sra., al. Lorena, 665, Jd. Paulista.

LUIS MARQUES DE ASSIS - Hoje, às

MARINA MARINHO DE MELLO MEDEIROS - Hoje, às 13h, na paróquia S. Pedro e S. Paulo, r. Circular do Bosque, 31, Jd. Guedala.

30º DIA

GOMIDES VAZ DE LIMA NETO - Amanhã, às 19h, na paróquia N. Sra. Mãe do Salvador (Cruz Torta), av. Prof. Frederico Hermann Jr., 105, Alto de Pinheiros.

MARIA LUIZA VASCONCELLOS DE AZEVEDO - Amanhã, às 7h, na igreja N. Sra. de Fátima, av. Dr. Arnaldo, 1.831, Sumaré.

9º ANO

ANTONIA CUENCA - Hoje, às 20h, na igreja S. Judas Tadeu, av. Jabaquara, 2.682, Jabaquara.

Serão solicitados os seguintes documentos do falecido: Cédula de Identidade (RG); Certidão de Nascimento (em caso de menores); Certidão de Casamento.

ANÚNCIO PAGO NA FOLHA:

tel. (11) 3224-4000
segunda à quinta, das 8h às 20h, sexta das 8h às 21h, sábados e domingos, das 9h às 17h.

AVISO GRATUITO NA SEÇÃO:

tel.: (11) 3224-3505 ou (11) 3224-3305
e-mail: necrologia@uol.com.br
até as 15h, ou até as 19h da sexta-feira para publicação aos domingos. Se utilizar o e-mail, coloque um número de telefone para a checagem das informações. Aos domingos, ligue par (11) 3224-3602, das 15h às 18h.

‘Mata sem dó’, diz internauta em site que divulgou boato

Texto que levou a linchamento em Guarujá foi publicado em 25 de abril

Relato sobre suposta sequestradora foi compartilhado no Facebook por mais de 700 usuários

EMILIO SANT'ANNA
DE SÃO PAULO

“Boatos rolam na região da praia do Pernambuco, Maré Mansa, Vila Rã e Areião, que uma mulher está raptando crianças para realizar magia negra... Se é boato ou não devemos ficar alerta.”

Começou assim o roteiro que terminou com o linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, 33, confundida com a suposta sequestradora, no sábado, em Guarujá. A mensagem é de 25 de abril, publicada às 14h15, no “Guarujá Alerta”, página noticiosa no Facebook —apesar de ter sido apagada, é possível achá-la em sites de busca. A ela se seguiram 139 comentários e 765 compartilhamentos.

Pouco mais de uma hora depois, a primeira reação: o link do perfil de uma usuária da rede social, apontada como a tal sequestradora, foi postado por outra internauta.

Com esse link, o seguinte comentário: “Pessoal não sei se é ela porém acabei de compartilhar a foto da mulher, caso ajude em alguma coisa é só sair compartilhando”.

A partir daí, o boato se espalhou rapidamente. Minutos depois, novo comentário: “Se vir [sic] pro Morrinhos [bairro de Guarujá] vai tomar só rajada essa cachorra”.

“Mata essa filha da puta. Sem dó”, diz outro internauta.

Depois, vieram vários outros comentários, entre eles um com o retrato falado com o qual Fabiane foi confundida (veja alguns no quadro).

Fabiane foi linchada em Morrinhos. Morreu na segunda-feira, dois dias depois.

O boato da sequestradora não ficou restrito a Guarujá.

‘NUNCA SEQUESTREI’

“Gostaria de esclarecer que não sequestro e nunca se-

questrei criança alguma.” A costureira Diane Silva Piniheiro postou essa mensagem em sua página no Facebook no sábado, o mesmo dia em que Fabiane foi linchada.

Morada do interior — com medo, ela pede para que o nome da cidade não seja publicado —, ela diz que há mais de um ano não vai à cidade do litoral paulista.

Diane diz que passou a ser ameaçada após a publicação do boato. Segundo ela, sua foto foi postada e depois retirada, quando seu filho contactou o administrador da página.

Outras pessoas tiveram também seus perfis divulgados no espaço para comentários —nenhum continua no ar.

“Mandaram mensagens ameaçadoras para mim pelo Facebook e telefonaram”, dis-

se a costureira. Uma dizia, segundo ela: “Desgraçada, já estava na sua hora de morrer”. Ontem, ela registrou um boletim de ocorrência.

O retrato falado não foi a única publicação do “Guarujá Alerta” a causar polêmica.

Em fevereiro, a página divulgou a informação que seringas descartáveis estavam sendo reutilizadas em uma unidade de saúde da cidade.

A Prefeitura de Guarujá diz que “considerando que é público e notório que a referida página é objeto de investigação policial, reserva-se [o direito] de não fazer qualquer tipo de pronunciamento”.

Pouco tempo depois, a página informou que uma mulher estaria se passando por enfermeira e oferecendo exames de sangue com uma se-

ringa propositalmente contaminada com HIV.

PARANÁ

O mesmo retrato falado circulou por outros Estados. Em Pontal do Paraná, o blog “Pontal Notícias” publicou a imagem no começo de abril.

O boato correu a região. Ontem, a Promotoria desmentiu o caso. Em nota, pediu aos cidadãos para não adotarem “medidas extremas [...]”, pois, além do risco de cometerem injustiças, podem ser responsabilizados criminalmente”.

Um dos últimos comentários no post do “Guarujá Alerta” que motivou a morte de Fabiane diz: “Parabéns pela morte da mulher INOCENTE, mãe de duas filhas. Tai a justiça que vocês, gente de bem, tanto prezam.”

GUARUJÁ ALERTA

Veja algumas das mensagens publicadas na página após a divulgação do boato sobre sequestradora



CASAS BAH

Nossa homenagem mais entende de d

2 chips **WiFi**

t f **Clássico**

NOKIA
Nokia Asha 501
Desbloqueado + Vivo Chip
De R\$ 339,00
Por **R\$ 299,00**
0+10 R\$ 29,90 à vista (cada)
sem juros no cartão*

2 chips **3G**

SAMSUNG
Smartphone Samsung Galaxy Trend Lite
Desbloqueado + Vivo Chip
De R\$ 599,00
Por **R\$ 549,00**
0+10 R\$ 54,90 à vista (cada)
sem juros no cartão*

4 GB

MEU SN23
Desbloqueado + Vivo Chip
à vista **R\$ 129,00** (cada)

MEU

MEU

Android 4.2

FELIZ

D

M

3.0"

4 GB

3G

4.0"

3G

4 GB

Android 4.2

AVIAÇÃO

Greve atrasa entrega de malas e voos em Cumbica

DE SÃO PAULO - Uma greve de funcionários da Swissport atrasou voos e afetou a retirada de bagagens no aeroporto de Cumbica, em Guarulhos (Gran- de SP). A paralisação durou da meia-noite às 18h de ontem.

Segundo o Sindicato dos Aeroviários de Guarulhos, o protesto era contra a ampliação dos turnos de trabalho.

A empresa, que presta serviço a companhias aéreas, desistiu de elevar a jornada. A administração do aeroporto não informou o número de atrasos.

COLISÃO

Avião que ia para Lisboa bate em ave e

volta para Brasília

DE SÃO PAULO - Cerca de 20 minutos depois de decolar, um avião da TAP Airlines bateu em um pássaro e precisou retornar ao aeroporto de Brasília.

O voo, com 261 passageiros e 11 tripulantes, decolou por volta das 17h de ontem com destino a Lisboa. Segundo a companhia, a ave entrou na turbina, que ficou danificada.

Por segurança, o piloto preferiu voltar. O pouso foi tranquilo, segundo a Infraero. Os passageiros devem ir hoje para Lisboa, em outra aeronave.



A Via Varejo está com vagas abertas para profissionais com deficiência. Os candidatos deverão cadastrar o currículo pelo site www.casasbahia.com.br/trabalheconosco.

Aceitamos cartões de crédito/débito: 

Ofertas válidas no dia 8/5/2014 ou enquanto durarem os estoques. *Condição exclusiva para os produtos anunciados. Vício: Formas de pagamento: à vista; a prazo em 10X sem juros no de pagamento. Não vendemos por atacado. 20 peças por produto, exceto para saldo/mostruário. Fotos ilustrativas. Eventuais erros neste impresso têm preservado o direito de retificação. www.casasbahia.com.br ou ligue para 4003-2773.

Acesse: casasbahia.com.br | televenda

Polícia prende mais dois por morte de mulher em Guarujá

Ajudante geral admitiu ter golpeado a vítima com a roda de uma bicicleta quando ela estava desmaiada

'Não cheguei a matar', disse terceiro detido; ele foi identificado em imagens feitas por testemunhas do crime

DIÓGENES CAMPANHA
ENVIADO ESPECIAL A GUARUJÁ (SP)

O terceiro suspeito de participar do linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, 33, foi preso na tarde de ontem em Guarujá, na Baixada Santista.

O pintor Carlos Alex Oliveira de Jesus, 23, foi identificado nas imagens feitas por testemunhas do crime, que ocorreu no sábado.

Ele aparece amarrando Fabiane pelas pernas, levantando sua cabeça e golpeando-a contra o chão. Jesus também chutou a cabeça da vítima.

A polícia solicitou sua prisão temporária por 30 dias.

Diante dos jornalistas, Jesus inicialmente negou sua participação no crime.

"Segurei a sua cabeça para ver se a reconhecia. Duas primas me seguraram e eu fui embora", afirmou.

Um policial interrompeu as declarações para afirmar que Jesus aparecia nas imagens e descreveu as condutas imputadas a ele. Depois disso, o

pintor afirmou: "Não cheguei a matar. Foi muito rápido".

Ele disse que havia consumido cocaína antes do crime.

Na madrugada de ontem, a polícia já havia prendido o segundo suspeito de participar do crime.

Lucas Rogério Fabrício Lopes, 19, um ajudante geral, admitiu ter golpeado a cabeça de Fabiane duas vezes com a roda da bicicleta quando ela já estava "machucada e desmaiada".

Lopes também disse ter reconhecido um homem com quem jogava futebol, chama-

do Alex, que agrediu "muito" a dona de casa enquanto dizia para as pessoas: "É ela mesma, tem que matar".

"A acusação era que ela arrancava o coração e os olhos de crianças para rituais", disse Lopes em seu depoimento para a polícia.

O primeiro a ser preso por envolvimento no caso, na terça-feira, foi o eletricista Valmir Dias Barbosa, de 47 anos.

Ele confirmou sua participação no linchamento, mas se negou a indicar mais envolvidos no crime.

MAGIA NEGRA

Fabiane foi atacada e morta no último sábado ao ser apontada como praticante de magia negra e responsável por sequestros de crianças.

Os agressores a identificaram com um retrato falado falso que circulava desde abril por redes sociais.

O desenho, no entanto, não era dela, mas de uma mulher acusada por tentativa de sequestro no Rio de Janeiro há dois anos.

Segundo o delegado Luiz Ricardo de Lara Dias Júnior, há rumores de que Fabiane foi confundida ao oferecer uma fruta para um garoto. De acordo com ele, no entanto, até agora não há evidências de que isso de fato ocorreu.

“Segurei a sua cabeça para ver se a reconhecia. Duas primas me seguraram e eu fui embora”

CARLOS ALEX OLIVEIRA DE JESUS
pintor

A acusação era que ela arrancava o coração e os olhos de crianças para rituais

LUCAS ROGÉRIO FABRÍCIO LOPES
ajudante geral



Reprodução
Vídeo mostra bicicleta sendo usada para golpear Fabiane



Velório de Fabiane Maria de Jesus, em Guarujá, na terça (6)

Prefeitura vai fechar feira da madrugada mais uma vez

Objetivo é retirar quem invadiu boxes no local

DE SÃO PAULO

A Prefeitura de São Paulo decidiu fechar novamente a Feira da Madrugada, no Pari (região central), a partir da próxima segunda-feira.

Segundo o secretário municipal das Subprefeituras, Ricardo Teixeira, o fechamento vai acontecer para que sejam retiradas pessoas que invadiram boxes no local.

"A gente fecha e tira os irregulares, que devem chegar perto de 1.700 dos 4.000 boxes do local", afirmou.

De acordo com ele, o tempo estimado para que o local reabra é de dez dias úteis.

Ontem, centenas de comerciantes da feira fizeram protesto em frente à prefeitura. O medo dos comerciantes é que o fechamento se prolongue, como no ano passado.

Apesar da proibição de comercialização de boxes, há casos de pontos colocados à venda por até R\$ 500 mil.

Em investigação de suposta corrupção na feira, o Ministério Público Estadual conseguiu a quebra de sigilo do ex-gestor da feira na gestão Kassab, João Roberto da Fonseca, e do presidente Comissão dos Comerciantes da Feira da Madrugada, Manoel Simião Sabino Neto.

TRANSPORTE PÚBLICO

Bilhete Único Diário em São Paulo começa no dia 19

DE SÃO PAULO - O Bilhete Único Diário, que permitirá uso livre de ônibus e metrô por valor fixo durante um dia, vai começar a funcionar no dia 19, segundo a Secretaria Municipal de Transportes. O valor ainda não foi definido, mas será maior do que a tarifa básica, de R\$ 3.

A modalidade é a última que faltava na meta da gestão Fernando Haddad (PT), que já implantou os bilhetes mensal e semanal — apesar da adesão abaixo do esperado, como a **Folha** mostrou nesta semana.

Haverá cartões pessoais, que exigem cadastro, e versões mais simples, para turistas. A prefeitura também estuda criar nova tarifa para finais de semana.

SAÚDE

Governo federal prorroga vacinação contra gripe

DE BRASÍLIA - Com apenas 53,6% da meta atingida, o Ministério da Saúde decidiu prorrogar a campanha de vacinação contra a gripe. Até ontem, 21,3 milhões de pessoas haviam sido imunizadas, da meta de vacinar 39,68 milhões.

A orientação é para que as cidades continuem a campanha até alcançar 80% da população-alvo vacinada — composta por grávidas, mulheres que deram à luz recentemente, crianças com idades entre seis meses e cinco anos, pessoas com 60 anos ou mais, tra-

REDATORES,
FAÇAM COMO
OS JOGADORES.
USEM O FUTEBOL
PARA EMPLACAR
MAIS UM TÍTULO.

anos



Local onde moradores de rua foram baleados em São Paulo

Moradores de rua são baleados perto da marginal Tietê

Atirador fugiu após balear três próximo à ponte Freguesia do Ó; vítimas sobreviveram

DE SÃO PAULO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Três moradores de rua que dormiam perto da ponte da Freguesia do Ó (zona norte de São Paulo) foram alvo de um ataque a tiros na madrugada de ontem. Eles estavam na lateral da via, próximo à pista

timas foram levadas para hospitais próximos ao local e já não correm risco de morrer.

Em novembro, outros três moradores de rua foram feridos a tiros em caso semelhante, no bairro do Campo Limpo (zona sul). Uma das vítimas morreu no local.

Os três foram baleados à

Anuncie
na edição de
49 anos do
propmark.

propmark
www.propmark.com.br

Data de capa: 19/5/2014 • Fechamento comercial - Reserva: 13/5/2014 • Arquivo: 15/5/2014 • Mais informações:
Oswaldo Castilho: castilho@editoriareferencia.com.br / Antonio Moreira: moreira@editoriareferencia.com.br / Sergio Ricardo: sergio@editoriareferencia.com.br

sentido Castelo Branco da marginal Tietê.

Segundo a polícia, um carro não identificado parou ao lado do local onde as vítimas dormiam, por volta da 1h45. Um homem desceu do veículo e efetuou vários disparos, atingindo os três.

Oficiais do 13º Distrito Policial (Casa Verde), que investiga o caso, afirmam que as vi-

noite por um atirador enquanto dormiam dentro de um estacionamento na rua Monsenhor Luís Gonzaga de Almeida. O criminoso fugiu.

Em depoimento, um sobrevivente disse que os três eram autorizados pelo dono do estabelecimento a passar a noite ali. O caso foi registrado como homicídio qualificado e tentativa de homicídio.

balhadores da saúde, indígenas, pessoas privadas de liberdade, funcionários de prisões e pessoas com doenças crônicas.

Segundo a pasta, grávidas, indígenas e trabalhadores de saúde foram os que menos se vacinaram na campanha. As grávidas estavam entre as principais vítimas do vírus H1N1, que circulou com força nos últimos anos no mundo.

Excepcionalmente, a seção Atmosfera e a coluna Barbara Gancia estão na **pág. 2** de **Cotidiano 2**

★ ★ ★ Nº 97 10 E 11 DE MAIO DE 2013

FOLHA 10

O MELHOR DA SEMANA EM 10 TEXTOS

HORROR

Boatos sobre suposta sequestradora de crianças levaram ao linchamento de Fabiane Maria de Jesus

Joel Silva - 5.mai.2014/Folhapress



BÁRBARIE NA TELINHA

Celulares e câmeras de segurança mostram cenas de violência que por anos foram só estatísticas; no Guarujá, moradores filmaram linchamento

1

DO BOATO À BARBÁRIE

Como um falso retrato falado gerou pânico em um bairro e acabou na morte de uma dona de casa em Guarujá

ARTUR RODRIGUES
DIÓGENES CAMPANHA
ENVIADOS ESPECIAIS A GUARUJÁ



ERRO
Retrato fala-
do de suposta
sequestradora
foi feito em
2012, pela po-
lícia do Rio

A imagem de um retrato falado fazia as mães do bairro de Morrinhos, em Guarujá, tremerem de medo há pelo menos duas semanas.

Crimes macabros passaram a ser atribuídos à figura do desenho em preto e branco divulgado em uma rede social. Ela era descrita como uma suposta sequestradora que matava crianças em rituais de magia negra.

“Disseram que ela tinha arrancado o olho de um bebê de dois meses”, contou à **Folha** uma jovem de 14 anos.

“Boatos rolam na região da praia do Pernambuco, Maré mansa, Vila Rã e Areião, que uma mulher está raptando crianças para realizar magia negra... Se é boato ou não devemos ficar alerta.”

A mensagem é de 25 de abril, publicada às 14h15, no “Guarujá Alerta”, página noticiosa na rede social —apesar de ter sido apagada, é possível achá-la em sites de

“BOATOS ROLAM NA REGIÃO [...], QUE UMA MULHER ESTÁ RAPTANDO CRIANÇAS PARA REALIZAR MAGIA NEGRA... SE É BOATO OU NÃO DEVEMOS FICAR ALERTA”, DIZIA A PÁGINA ‘GUARUJA ALERTA’ EM 25 DE ABRIL

busca. A ela se seguiram 139 comentários e 765 compartilhamentos.

Pouco mais de uma hora depois, a primeira reação: o link do perfil de uma usuária da rede social, apontada como a tal sequestradora, foi postado por outra internauta.

Com esse link, o seguinte comentário: “Pessoal não sei se é ela porém acabei de compartilhar a foto da mulher, caso ajude em alguma coisa é só sair compartilhando”.

A partir daí, o boato se espalhou rapidamente. Minutos depois, novo comentário: “Se vir [sic] pro Morrinhos [bairro de Guarujá] vai tomar só rajada essa cachorra”.

“Mata essa filha da puta. Sem dó”, diz outro internauta.

Depois, vieram vários outros comentários, entre eles um com o retrato falado com o qual Fabiane foi confundida.

Com mais de 55 mil seguidores, a página “Guarujá Alerta” é uma referência em Morrinhos, bairro pobre da cidade. Ela presta serviços como divulgação de documentos perdidos e cães sumidos.

“De cada dez, oito conhecem o Guarujá Alerta”, diz a dona de casa Ivete dos Santos, 37. “No caso desse post, uma pessoa foi falando para a outra e a história cresceu”.

“A toda hora chegavam novas histórias de crianças sequestradas”, diz Fabiana Ferreira, 36, funcionária de uma creche no bairro. “Fiquei com medo de entregar

alguma em mãos erradas.”

Na escola, a segurança Alessandra Rodrigues, 33, já havia recomendado que a filha tomasse cuidado com estranhos. “Até hoje as crianças continuam com medo que alguém venha pegá-las.”

O boato terminou no sábado com a morte da dona de casa Fabiane de Jesus, 33, num crime que chocou o país. Confundida com a suposta criminosa, ela foi linchada. A sessão de espancamento foi presenciada por dezenas de moradores do lugar, entre eles mulheres e crianças.

Na terça-feira, parte da história do boato começou a ser explicada. A Polícia Civil do Rio anunciou que fez o retrato falado em 2012. O objetivo era localizar uma mulher negra e gorda, acusada de tentar sequestrar uma criança e agredir sua mãe na capital fluminense. A suspeita até hoje não foi encontrada.

“A TODA HORA CHEGAVAM NOVAS HISTÓRIAS DE CRIANÇAS SEQUESTRADAS”, DIZ FABIANA FERREIRA, 36, FUNCIONÁRIA DE UMA CRECHE NO BAIRRO. “FIQUEI COM MEDO DE ENTREGAR ALGUMA EM MÃOS ERRADAS”

Segundo a defesa do dono da página, a imagem foi retirada após o responsável pela página perceber que era um boato.

“Logo depois tivemos confirmações concretas de que não havia sequestradora na cidade e começamos a informar quase diariamente que tudo isso não passava de um boato. Mas as pessoas têm preguiça de ler”, diz o responsável pela página não quer se identificar porque diz estar sofrendo ameaças de morte. “Estão fazendo comigo o que fizeram com ela [Fabiane].”, afirma. Ele criou o “Guarujá Alerta” após sofrer um assalto em uma praia da região em 2012.

CORTE DE CABELO

Dias antes de morrer, Fabiane de Jesus trocou o corte de cabelo longo e avermelhado por um mais curto e com mechas loiras. O resultado lembra pouco a pessoa do retrato, exceto pelo cabelo.

Familiares contam que Fabiane era conhecida no bairro. Após perder dois filhos em dois dos quatro partos que fez, ela desenvolveu um distúrbio bipolar que a fazia perder “noção da realidade”.

“Ela costumava sair de bicicleta, conversava com todos e dizia que era assessora da Maria Antonieta [de Brito, prefeita do Guarujá]”, conta o amigo Márcio Silveira, 40.

Apesar de não trabalhar para a prefeitura, a dona de casa frequentava a mesma igreja de Maria Antonieta, que é do bairro.

Fabiane foi vista saindo de casa na noite de sexta-feira. Não voltou mais.

Por volta do meio-dia de sábado, passou em frente a uma área movimentada onde há um mercado e um ponto de venda de drogas.

Carregava uma Bíblia que havia emprestado a uma amiga e pegara de volta. A publicação foi confundida com um livro de magia negra, e alguém gritou que Fabiane era a criminosa procurada.

Ainda segundo relatos, a mulher disse algo desconexo que foi interpretado como uma confissão e, então, começou o ataque.

A mulher foi arrastada a uma área mais pobre conhecida como Morrinhos 4, onde a população vive em palafitas.

Um vídeo gravado durante o ataque mostra ela sendo

[FABIANE] CARREGAVA UMA BÍBLIA QUE HAVIA EMPRESTADO A UMA AMIGA E PEGARA DE VOLTA. A PUBLICAÇÃO FOI CONFUNDIDA COM UM LIVRO DE MAGIA NEGRA, E ALGUÉM GRITOU QUE ELA ERA A CRIMINOSA

chutada, arrastada e puxada pelos cabelos. Um homem passa com uma bicicleta sobre sua cabeça. Entre os agressores, estariam frequentadores do ponto de tráfico.

Policiais disseram à **Folha** que o local é perigoso e não costumam trafegar em menos de duas viaturas por ali.

Até sexta-feira, três suspeitos de participar do linchamento haviam sido presos.

O ajudante geral Lucas Rogério Fabrício Lopes, 19, admitiu ter passado com a bicicleta na cabeça de Fabiane por duas vezes quando ela estava “machucada e desmaiada”.

O eletricista Valmir Dias Barbosa, 47, segundo a polícia, teria confessado ter dado três pauladas na dona de casa. “Eu também tenho filhos e o papo que rolava é que estavam matando crianças. Não sabia se ela era inocente ou não”, disse Barbosa.

EXEMPLO

Morador de Morrinhos 1, uma área mais tranquila do que onde aconteceu o crime, o marido de Fabiane só soube do caso sete horas depois.

Jaílson Alves das Neves, 40, viu fotos da sua mulher, de quem não tinha notícias desde o dia anterior, divulgadas em páginas do Facebook como se fossem de uma criminosa agredida.

“As irmãs dela acharam que podia não ser, mas eu conheço a minha mulher”, disse o porteiro, que se apaixonou por Fabiane, sua prima, na festa de 15 anos dela.

Horas após o enterro, ele fez um apelo. “As pessoas têm que parar de fazer justiça com as próprias mãos porque correm o risco de matar outras mães de família como a minha mulher.” ★ ★ ★

2

OPINIÃO

DATENIZAÇÃO DO BRASIL

Celulares e câmeras de segurança mostram o que há alguns anos eram só estatísticas. Hoje, imagens da violência entram por todos os lados

POR **FERNANDO CANZIAN**
DE SÃO PAULO
EM 8 DE MAIO

A profusão de celulares e câmeras de segurança mostra o que há alguns anos eram só estatísticas e notícias de pouco impacto. Hoje, imagens da violência entram por todos os lados.

Na TV vespertina, a competição por uma audiência cada vez mais consumista e rentável capturou a violência como matéria-prima essencial.

Na guerra pelo Ibope, um programa imita o outro, com pitadas de jornalismo meio humorístico e discursos reacionários.

O novo caso de fúria popular contra a inocente Fabiane de Jesus, 33, em Guarujá, espancada brutalmente no sábado e morta na segunda, foi um prato cheio.

Ele nos lembra das piores periferias e favelas em que vivem milhões de brasileiros. Onde cenários e vítimas da violência são os maiores protagonistas dos programas

A MORTE DE FABIANE NOS LEMBRA DAS PIORES PERIFERIAS E FAVELAS EM QUE VIVEM MILHÕES DE BRASILEIROS. ONDE CENÁRIOS E VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA SÃO PROTAGONISTAS DOS PROGRAMAS POLICIALESCOS

policialescos. “A gente se vê na TV”, pode-se dizer.

É tudo feio no vídeo horrível do massacre de Fabiane. O entorno, a rua sem calçamento, os chinelos escapando dos pés, muitos só de bermuda e sem camisa. Um retrato acabado do Brasil pobre.

Guarujá foi o sexto caso de agressões de populares contra supostos criminosos neste ano. Em todos eles, a exploração midiática foi um show.

No episódio de Fabiane, como em dezenas de outros, a polícia alimentou o ciclo: obrigou um dos linchadores, Valmir Barbosa, 47, a conceder uma “entrevista coletiva” na delegacia.

Quando ele se calou e virou de costas, um policial mandou que respondesse: seja homem e assumo o que fez!

Segundo a Organização Mundial da Saúde, o Brasil vive uma “epidemia” de assassinatos, com a relação homicídios/habitantes sendo 150% maior do que o aceitável internacionalmente.

É TUDO FEIO NO VÍDEO
HORRÍVEL DO MASSACRE
DE FABIANE. O ENTORNO,
A RUA SEM CALÇAMENTO,
OS CHINELOS ESCAPANDO
DOS PÉS, MUITOS SÓ DE
BERMUDA E SEM CAMISA.
UM RETRATO ACABADO
DO BRASIL POBRE

São 50 mil assassinatos todos os anos. Mais grave, só 4.000 deles (8%) têm seus autores identificados e presos.

Uma coisa puxa a outra: não admira que polícia e mídia “especializada” explorem ao máximo quando alguém é apanhado.

Nem que o fazer justiça com as próprias mãos esteja em alta no Brasil. ★ ★ ★



O marido de Fabiane Maria de Jesus, Jaílton, com as duas filhas do casal, Yasmin e Esther



Fabiane, 33, morta após boatos falsos



Bilhete da dona de casa, um dia antes do ataque

Família de morta em Guarujá temia boatos sobre 'bruxa'

Parentes acreditavam que, se a suposta sequestradora se aproximasse de Fabiane, tomaria suas duas filhas

Mãe de dona de casa conta que avisou a filha sobre a história; 'isso é mentira', respondeu a vítima sobre o rumor

DIÓGENES CAMPANHA
ENVIADO ESPECIAL A GUARUJÁ (SP)

Uma família de Guarujá via-via angustiada nas últimas semanas com boatos sobre uma sequestradora de crianças à solta na periferia da cidade do litoral paulista. O medo naquela casa do

bairro de Morrinhos era que a criminoso se aproximasse de Fabiane Maria de Jesus, 33, casada e mãe de duas filhas. "Se ela chegasse na minha irmã, tomava as crianças dela. Porque a Fabiane é assim: se alguém começa a conversar com ela no ônibus, ela já conta a vida inteira."

O desabafo, com os verbos no presente, é de Leidiane, 31, irmã mais nova de Fabiane, linchada na semana passada por moradores de Morrinhos após ser confundida com a tal sequestradora que nunca agiu no município.

O que se soube após a morte de Fabiane é que tudo não passava de um boato. Um retrato falado feito em 2012 pela polícia do Rio foi divulgado em uma página na internet voltada à população de Guarujá e a falsa informação levou pânico aos moradores.

Na família de Fabiane, por exemplo, apenas ela não dava muita atenção à história da "bruxa" que levava crianças para rituais macabros.

A mãe, Raimunda Maria de Jesus, 50, conta que chegou a alertar a filha, mas Fabiane não acreditou na conversa.

"Ela me disse: 'Isso é coisa do satânico. Isso é mentira'."

A opinião de Fabiane, porém, era minoria em casa e também em Morrinhos.

Na tarde de sábado, dia 3, ela foi cercada e atacada por uma multidão.

Ao longo de pelo menos duas horas, nas ruas de terra e nas palafitas do bairro, foi arrastada, levou chutes e pauladas e foi jogada ao chão.

Internada em estado crítico após as agressões, morreu às 6h40 de segunda-feira.

O linchamento foi registrado em fotos e vídeos gravados com celulares, o que já permitiu à polícia prender suspeitos de agredir Fabiane —mãe das meninas Yasmin, 12, e Esther Nicolly, 1.

DIA DAS MÃES

Na véspera do crime, Yasmin aproveitou o feriado prolongado para desenhar. Fez uma flor colorida, um dos temas preferidos de Fabiane, e um cartão de Dia das Mães.

Ao receber o presente com nove dias de antecedência, a dona de casa aproveitou um espaço em branco no pedaço de papel para responder.

"Eu sempre te amei e nunca deixarei você por nada, princesa. Te amo. Fabi, sua mãe", escreveu.

Há 12 anos, após o nascimento de Yasmin, Fabiane passou três meses internada com depressão pós-parto.

Diagnosticada em seguida com transtorno bipolar, tomava diariamente três medicamentos e, quando tinha crises, não reconhecia as pessoas e falava coisas desconexas, como dizer que tinha R\$ 1 milhão guardado.

Durante os surtos, a família tentava evitar que ela saísse. No dia em que ganhou o cartão, escondeu as chaves da casa, devolveu-as mais tarde a uma sobrinha, mas guardou uma reserva para abrir o portão na manhã seguinte, dia em que foi atacada.

Yasmin estava dormindo e não viu a mãe sair. À tarde, soube que estavam compartilhando fotos no Facebook de uma mulher loira que havia apanhado em Morrinhos.

Viu a foto e achou que pudesse ser a mãe. Mas ficou em dúvida, já que Fabiane havia tingido os cabelos de ruivo.

à vista R\$ 699,00 ou 10x no cartão

R\$ 69,90 sem juros

31 litros

BRASTEMP COOKTOP 4 BOCAS à vista R\$ 499,00 ou 10x no cartão

R\$ 49,90 sem juros

Acendimento automático

31 litros

GOLEADA DE CARROS

PROMOÇÃO

1 CARRO ZERO POR DIA

A CADA 300 REAIS EM COMPRAS, CADASTRE-SE E CONCORRA.

Saiba mais em: casasbahia.com.br/promocaoogoleadadecarros

CASAS BAHIA DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ

5 bocas

HOJE aproveite!

Acendimento automático

Electrolux FOGÃO CHEF 4 BOCAS Forno autolimpante, mesa de inox. à vista R\$ 699,00 ou 10x no cartão

R\$ 69,90 sem juros

Queimador quadrichama

Timer

BRASTEMP FOGÃO ATIVE FLAT TOP Forno Smart Clean, acendimento automático. à vista R\$ 1.499,00 ou 10x no cartão

R\$ 149,90 sem juros

Meu Bahianinho

CHUVA DE APRESENTAÇÃO

Foi então que ela achou um frasco de descolorante vazio no armário. "Mostrei para todo mundo e aí caiu a ficha."

“ Ela me disse: 'Isso é coisa do satânico. Isso é mentira' ”

RAIMUNDA MARIA DE JESUS, 50
mãe de Fabiane Maria de Jesus, 33, sobre a reação da filha após alertá-la a respeito da história da "bruxa" que levava crianças para rituais macabros



Aceitamos cartões de crédito/débito:



A Via Varejo está com vagas abertas para profissionais com deficiência. Os candidatos deverão cadastrar o currículo pelo site www.casasbahia.com.br/trabalheconosco.

Ofertas válidas no dia 11/5/2014 ou enquanto durarem os estoques. Formas de pagamento: à vista; a prazo em 10X sem juros no cartão de crédito. IOF incluso. Consulte outras condições de pagamento. Não vendemos por atacado. 20 peças por produto, exceto para saldo/mostruário. Fotos ilustrativas. Eventuais erros neste impresso têm preservado o direito de retificação. Sujeito a análise de crédito. *Condição exclusiva para os produtos anunciados. As ofertas anunciadas não são válidas para a loja virtual nem para o Televendas. Mais informações, acesse www.casasbahia.com.br ou ligue para 4003-2773. Promoção válida de 11/5/2014 a 6/7/2014. Sorteio dia 16/7/2014 via Extração da Loteria Federal. Consulte Regulamento completo no hotsite www.casasbahia.com.br/promocaoaleadecarros. Informações 0800 5960 596. Certificado de Autorização CAIXA n°. 4-0872/2014.



Acesse: casasbahia.com.br | televendas: 4003-2773 seg. a sex.: 8h às 22h - sáb. e dom.: 8h às 20h

'Datenas' do Facebook têm 20 milhões de seguidores

Segundo pesquisa, há 5.000 páginas no país explorando casos violentos

Exemplo é a 'Guarujá Alerta', que ganhou notoriedade após o linchamento de dona de casa no litoral paulista

ARTUR RODRIGUES
EMILIO SANT'ANNA
DE SÃO PAULO

Sangue. Quanto mais, melhor. A lógica é a mesma dos programas policiais da TV. A diferença é que a luta pela audiência se dá em outra plataforma: o Facebook.

Páginas noticiosas dedicadas a casos violentos se multiplicam na rede e atraem cada vez mais seguidores, como na "Guarujá Alerta", que ganhou notoriedade após publicar boato sobre uma falsa sequestradora, que gerou o linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, 33.

E há público para isso: 20 milhões de pessoas seguem 5.000 páginas nacionais com essa temática, segundo pesquisa do Labic (Laboratório de Estudos Imagem e Ciberultura) da Universidade Federal do Espírito Santo.

Exemplo disso é a "Plantão Policial", página de Caldas Novas (GO) com 471 mil seguidores —quase a mesma cifra que a da presidente Dilma Rousseff (PT), com 480 mil.

Seu criador, o PM Alison Maia, 40, assessor de imprensa da polícia na cidade, tornou-se uma celebridade local devido à página. Assim como os programas televisivos, seus vídeos têm boa qualidade e até vinheta. A diferença é a violência, bem maior.

"Mostro em forma de alerta. A pessoa, quando compra o cigarro, vê pedaços de corpos nas embalagens. E aquilo reduziu o fumo", afirma.

Sua linha editorial gerou quatro suspensões no Facebook. "A última vez foi naquele caso de Pamamirim (RN), onde um homem arrancou o pênis [após descobrir que era traído pela mulher]. Mas a foto que divulguei foi com ele colocando a mão na frente", diz.

Alerta com a repercussão do caso envolvendo a página "Guarujá Alerta", o policial diz checar as informações. "Retrato falado eu só divulgo se vier de fonte oficial."

O PM, no entanto, admite ter divulgado recentemente o vídeo de um homem que estava expondo o pênis para crianças, e que acabou preso.

Autor da pesquisa do Labic, Fabio Malini diz que as páginas são muito mais influentes do que parecem.

"É uma saída do armário generalizada, de milhões de pessoas que seguem essas páginas e nutrem uma relação com esse discurso de que ban-

do de investigações da polícia. Uma delas é o "Polícia do Estado de São Paulo", que divulga um vídeo mostrando criminosos baleados, um deles agonizando.

No ano passado, após pressão de empresas preocupadas com sua peças publicitárias serem associadas a conteúdo violento ou sexual, o Facebook anunciou a proibição de anúncios em páginas com esse tipo de material.

QUANTO MAIS SANGUE, MELHOR Páginas em redes sociais reúnem histórias de violência



PLANTÃO POLICIAL - A REALIDADE DOS FATOS
> Feita pelo policial militar e radialista Alison Maia, de Caldas Novas (GO), já foi retirada do ar quatro vezes
> Mostra fotos de casos violentos por todo país e tem vídeos reportagens locais feitas pelo autor da página



FACA NA CAVEIRA
> Sem autor identificado, traz conteúdo que mescla discurso policialístico e sátira a criminosos
> O blog da página traz conteúdo mais chocante, com sessões de fotos dedicadas apenas a bandidos mortos e a casos de justicamento



POLÍCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO
> Sem autor identificado, a página recentemente divulgou vídeo de um criminoso baleado agonizando
> A página é investigada pela polícia paulista pelas suas postagens



PLANTÃO POLICIAL
> Abastecida pelo radialista Léo Penteado, de Santa Helena de Goiás (GO), a página traz posts com acidentes automobilísticos, criminosos mortos e cães perdidos
> Tem uma sessão apenas para fotos chocantes em geral

CASAS BAHIA DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ

Práticos, rápidos, modernos. E tudo isso fica ainda melhor com os nossos preços.

Hoje aproveite!

Samsung Tablet T110N
 + Processador Dual-Core™ de 1,2 GHz
 + Capacidade multitarefas
 + Câmera traseira 2 MP
 A vista R\$ 499,00 (cada) ou 10x no cartão
R\$ 49,90 Sem juros*

Samsung Tablet TAB 3 T211M A vista R\$ 999,00 (cada)

Lenovo Tablet LN1107 Processador Intel® Atom™. Desempenho A vista R\$ 599,00 (cada)

Samsung Tablet A vista R\$ 799,00 (cada)

didado bom é bandido morto."

Em Santa Helena de Goiás, cidade com 36.469 habitantes, o jornalista Léo Penteado mantém o seu "Plantão Policial" e se dedica há quatro anos integralmente ao site —replicado no Facebook.

A página tem notícias com mais do que o dobro de acessos que o número de habitantes da cidade. "O ser humano é assim, quanto pior, melhor", diz. Quatro pessoas trabalham com ele e a renda vem somente da venda de anúncios para a versão original do site. "Dá para viver bem", afirma.

Páginas desse tipo já foram

ou 10X no cartão

- Processador Dual-Core™ de 1,2 GHz
- Memória 8 GB
- Câmera Digital 3 MP
- Tela de 7"
- Wi-Fi

R\$ **99,90**
Sem juros*

ou 10X no cartão

Para levar, usar e se conectar aos seus amigos, com tamanho prático para levar aonde precisar.

- Câmera traseira 2 MP
- Câmera frontal

R\$ **39,90**
Sem juros*

ou 10X no cartão

Samsung T111M

- Processador Dual-Core™ de 1,2 GHz
- Memória 8 GB
- Câmera traseira 2 MP
- 3G

R\$ **79,90**
Sem juros*

Aceitamos cartões de crédito/débito: 

 **A Via Varejo está com vagas abertas para profissionais com deficiência. Os candidatos deverão cadastrar o currículo pelo site www.casasbahia.com.br/trabalheconosco.**

Ofertas válidas no dia 11/5/2014 ou enquanto durarem os estoques. Formas de pagamento: à vista; a prazo em 10X sem juros no cartão de crédito; IOF incluso. Consulte outras condições de pagamento. Não vendemos por atacado. 20 peças por produto, exceto para saldo/mostruário. Fotos ilustrativas. Eventuais erros neste impresso têm preservado o direito de reificação. Sujeito a análise de crédito. *Condição exclusiva para os produtos anunciados. **Os produtos e marcas anunciados possuem seus direitos protegidos por lei. As ofertas anunciadas não são válidas para a loja virtual nem para o Televentas. Mais informações, acesse www.casasbahia.com.br ou ligue para 4003-2773.

FAÇA HOJE O SEU CARTÃO CASAS BAHIA EM QUALQUER LUGAR DE ISSUAS LULAS E COVESSE A COMPRAR AGORA 

Acesse: casasbahia.com.br | televendas: 4003-2773 seg. a sex.: 8h às 22h - sáb. e dom.: 8h às 20h

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM
1875



JULIO MESQUITA
(1862 - 1927)

Terça-feira

6 DE MAIO DE 2014 R\$ 3,00 ANO 135 Nº 44030 EDIÇÃO DE 0H30

estadão.com.br

Adriana Calcanhoto.
Cantora lança CD e DVD com show de Portugal.
PÁG. C5



FABIO MOTTASTADÃO

Caderno2
Brasil na Bienal
Mais dois artistas brasileiros estarão no evento em SP



Viagem
Estilo uruguaio
Simpatia e um ritmo informal de tocar a vida



Faculdade já
Universidades federais têm vagas para o 2º semestre

Por eleição, Dilma dá diretoria da Caixa ao PTB

Tesoureiro do partido assumirá vice-presidência do banco, vaga tradicionalmente ocupada pelo PMDB

Para conseguir o apoio do PTB a sua candidatura à reeleição, a presidente Dilma Rousseff nomeou ontem Luiz Rondon Teixeira de Magalhães Filho, primeiro-tesoureiro do partido, para uma das vice-presidências da Caixa, tradicionalmente ocupada pelo PMDB. O partido que já foi presidido pelo delator do mensalão, o deputado cassado Roberto Jefferson, não ocupa ministérios na Esplanada. Mas já havia sido contemplado em junho com uma das vice-presidências do Banco do Brasil. A vaga era ocupada pelo atual presidente do PTB, Benito Gama, que deixou o posto para se candidatar a deputado pela Bahia. O PTB deve formalizar neste mês o apoio à

● **Oposição vai ao TSE**
O PSDB e o DEM pediram ao Tribunal Superior Eleitoral punição à presidente Dilma Rousseff por suposta propaganda eleitoral no pronunciamento em rede nacional de TV sobre o Dia do Trabalho. PÁG. A4

candidatura de Dilma. Benito foi um dos aliados presentes no encontro nacional do PT, realizado na sexta-feira. O Palácio do Planalto quer que a formalização do apoio do PTB ajude a neutralizar as ameaças de rebelião da base por partidos como o PR e o PROS. POLÍTICA / PÁG. A4



Copa das invasões

Desde sábado, cerca de 2,5 mil barracos já foram erguidos em ocupação de terreno em Itaquera, em movimento chamado de "Copa do povo". A alta do aluguel nos bairros próximos à Arena Corinthians é apontada como fator de estímulo às invasões. METRÓPOLE / PÁG. A12

Acertos nos Estados ditam CPI da Petrobrás

O Congresso deve iniciar hoje investigação parlamentar sobre denúncias de irregularidades na Petrobrás. A expectativa é de que o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), instale CPI exclusiva na Casa e peça aos líderes no Senado e na Câmara que indiquem os integrantes para uma segun-

da comissão, mista. O futuro das investigações terá relação direta com as alianças estaduais para as eleições. Renan recorreu ao STF contra decisão da ministra Rosa Weber de instalação de CPI exclusiva da Petrobrás. Para ele, a liminar é "ingerência" do Judiciário sobre o Legislativo. POLÍTICA / PÁG. A7

OMS faz alerta por poliomielite

A Organização Mundial da Saúde decretou emergência sanitária global por risco de contágio, após detectar casos de poliomielite em uma dezena de países. METRÓPOLE / PÁG. A17

ONG denuncia casos de tortura na Venezuela

INTERNACIONAL / PÁG. A8

Trapezistas brasileiras são operadas nos EUA

METRÓPOLE / PÁG. A14



Barbárie e dor

O porteiro Jailson das Neves é consolado em delegacia no Guarujá; confundida com suposta sequestradora, sua mulher, Fabiane de Jesus, de 33 anos, foi linchada. O enterro acontecerá hoje. METRÓPOLE / PÁG. A15

IBGE recua e volta a divulgar a Pnad Contínua

O IBGE recuou e decidiu voltar a divulgar a pesquisa Pnad Contínua. Com a mudança, os dados referentes ao primeiro trimestre sobre mercado de trabalho, de abrangência nacional, serão conhecidos no dia 3. A diretora do IBGE, Wasmália Bivar, admitiu que houve crise entre a diretoria e o corpo técnico. ECONOMIA / PÁG. B1

Preso assassino de torcedor no Recife

Denúncia anônima levou à prisão de Éverton Santana, um dos responsáveis pela morte de Paulo Ricardo Gomes da Silva, atingido por vaso sanitário diante do Estádio do Arruda. ESPORTES / PÁG. A18

DORA KRAMER

Dilma paga o pato
As insatisfações com a presidente dizem respeito à pessoa jurídica do PT S/A, que assumiu com o propósito de construir uma hegemonia política. POLÍTICA / PÁG. A6

JOSÉ PAULO KUPFER

Padrões elásticos
São os juros, e não fundamentos econômicos, que definem o grau de "confiança" ou de "desconfiança" dos investidores estrangeiros. ECONOMIA / PÁG. B9

ARNALDO JABOR

O País está com ódio de si mesmo
Cria-se um desespero e o País começa a se atacar. E vêm a desesperança e a tristeza. O Brasil está triste e envergonhado. CADERNO2 / PÁG. C8

Tempo em SP
27° Máx. 16° Min.

Tempo firme. Pág. A14



Esta publicação é impressa em papel certificado FSC® (garantia de manejo florestal responsável, pela S.A. O Estado de S. Paulo)



NOTAS & INFORMAÇÕES

A segunda unção de Dilma
Lula e a cúpula do PT cumpriram a inadiável tarefa de relançar a candidatura de Dilma à reeleição. PÁG. A3

HYUNDAI HR EURO V A PARTIR DE
O MAIS PREMIADO DA CATEGORIA **R\$ 59.700,00**
AGORA COM DESCONTO ESPECIAL. COM FRETE INCLUSO

Respeite os limites de velocidade. Veja na página 5.

NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

O ESTADO DE S. PAULO



Ferrari. O raro 225 S, de 1952, foi a estrela da festa

ROBERTO BASCCHERA/ESTADÃO

FUNDADO EM
1875



JULIO MESQUITA
(1862 - 1927)

Quarta-feira 7 DE MAIO DE 2014 R\$ 3,00 ANO 135 Nº 44031

EDIÇÃO DE OH30 estadão.com.br

Jornal do Carro

• **Clássicos.** Encontro Paulista de Antigos reúne cerca de 500 raridades em Campos do Jordão



• **Com grife** Aceleramos a Ducati Panigale S Senna. **PÁG. 9**

Caderno2 Portinari em Paris Grand Palais inaugura mostra para receber 'Guerra e Paz'

Aneel vê atraso em obras que garantem energia para Copa

Abastecimento do Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, é o que mais preocupa

Relatório de fiscalização da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), com data de 30 de abril, mostra que o órgão regulador identificou atrasos nas obras de metade das 12 cidades-sede da Copa do Mundo e se preocupa com o fornecimento de eletricidade para pelo menos um estádio que será sede do Mundial. Ao todo, 29 obras já deveriam estar prontas nas cidades-sede. Outras nove, que atendem are-

• **Aumentos avançam no País** Reajuste de tarifas autorizado pela Aneel supera os 10% em 16 de 22 distribuidoras que atuam no Brasil. **PÁG. B3**

nas onde serão realizados jogos da Copa, também ainda não foram concluídas. O documento alerta que a principal fonte de abastecimento do Está-

dio Beira-Rio, em Porto Alegre, estava com apenas 85% das obras civis e 42% da montagem realizadas. A data original para a entrega da obra era abril de 2013, mas, com um atraso de um ano, o prazo previsto para a conclusão do empreendimento era 30 de abril de 2014. Outras sedes com algum tipo de atraso nas obras são Manaus, Curitiba, Belo Horizonte, Cuiabá e Distrito Federal. **ECONOMIA/PÁG. B1**

Câmara libera biografias sem autorização antecipada

Câmara dos Deputados aprovou a liberação de publicação de biografias sem autorização prévia. O projeto cria a possibilidade de quem se sentir atingido em sua honra com a obra buscar um juízo especial para uma decisão que retire da biografia o trecho questionado em edições futuras. O pedido andaria em paralelo a ações civis ou criminais. O projeto segue para o Senado. **METRÓPOLE/PÁG. A21**



MARCOS ALVES/O GLOBO

Suspeito é preso

Fabiane Maria de Jesus foi enterrada no Guarujá. Suspeito de ter participado do linchamento foi preso após uma denúncia anônima. **METRÓPOLE/PÁG. A15**

Deputados aprovam Orçamento impositivo

POLÍTICA/PÁG. A4

Traficante incrimina assessor na Colômbia

INTERNACIONAL/PÁG. A10

Alinhado com Planalto, Renan adia CPI da Petrobrás

O presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), adiou para hoje o início das indicações de representantes para a instalação de uma CPI mista da Petrobrás, em uma ação combinada com o Palácio do Planalto. O PT apresentará recurso na tentativa de protelar a instalação da comissão mista. **POLÍTICA/PÁG. A4**

DIRETO DA FONTE

• Leonardo Meirelles, dono do Labogen, vai entrar na Justiça contra Pedro Paulo Leoni Ramos, que desistiu de ser sócio do laboratório, informa Sonia Racy. **CADERNO2/PÁG. C2**

Fórum repudia ataque à imprensa

Investidas de líderes do PT contra a imprensa foram repudiadas em encontro sobre liberdade de informação, em Brasília, que discutiu desafios na cobertura das eleições. **POLÍTICA/PÁG. A9**



WILTON JUNIOR/ESTADÃO

Esportes Mundial começa hoje para 23 jogadores



Felipão (foto) deixa hotel para se exercitar, no Rio; hoje, o técnico da seleção anuncia a lista de 23 jogadores convocados para a Copa. Ao contrário de outros Mundiais, desta vez a lista não terá surpresas, segundo o próprio treinador. Jérôme Valcke, secretário-geral da Fifa, afirmou que viveu um inferno na relação

• **Antero Greco** Na véspera da lista dos 23, não há clamor popular. O jeito é fechar com a turma de agora e acreditar. **PÁG. A24**

com o governo brasileiro nos últimos anos e admitiu que o torneio começará com obras inacabadas. **PÁGS. A22 e A23**

NA WEB: Informações da seleção a partir das 10h no estadão.com.br/e/selecao vivo

CLÁUDIO WEBER ABRAMO

Cartéis sem controle

Governos desconhecem o fato econômico básico de que, se não forem vigiadas, empresas formarão cartéis para acertar preços e dividir mercados.

ESPAÇO ABERTO/PÁG. A2

DORA KRAMER

Sem fio nem meada

Dá a impressão de que a ideia é deixar a Copa chegar e as eleições se aproximarem para que a CPI da Petrobrás tenha menos chance de acontecer.

POLÍTICA/PÁG. A6

ROBERTO DAMATTA

Ainda surtado

Você acha que John Rockefeller compraria a refinaria de Pasadena? O governo pensa que estamos no tempo em que sapos não tinham veneno.

CADERNO2/PÁG. C10

Tempo em SP
27° Máx. 17° Mín.

Sol; chuva isolada.
Pág. A20



Esta publicação é impressa em papel certificado FSC® garantindo o manejo florestal responsável, pela S.A. O Estado de S. Paulo



ISSN - 1516-293-1
9 771516 293040

NOTAS & INFORMAÇÕES

O negócio é ganhar tempo

Por alguns segundos no horário eleitoral, Dilma nomeou o tesoureiro do PTB para a Caixa. **PÁG. A3**

Respeite os limites de velocidade.

HYUNDAI HR EURO V

SÓ QUEM CONFIAR MUITO NA PRÓPRIA QUALIDADE PODE OFERECER

4 ANOS DE GARANTIA SEM LIMITE DE QUILOMETRAGEM.

VEJA NO CADERNO DE CLASSIFICADOS DO JORNAL DO CARRO.

A PARTIR DE **R\$ 59.700,00** COM FRETE INCLUSO

NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

GARANTIA HYUNDAI

4 ANOS

SEM LIMITE DE QUILOMETRAGEM

Governo multará voos atrasados em até R\$ 60 mil

Diretor-presidente da Anac diz que tolerância será de 15 minutos; pilotos de jatos particulares podem ter até licença suspensa

Eduardo Rodrigues
BRASÍLIA

Para não repetir os problemas que a África do Sul enfrentou na Copa do Mundo de 2010, o governo confirmou ontem o pacote de medidas duras para as empresas aéreas e jatos particulares que causarem congestionamento nos aeroportos do Brasil. A partir do Mundial, ocorrências de atrasos e uso indevido dos slots (horários reservados para pousos e decolagens) serão punidos com multas pesadas e até mesmo a suspensão de licenças de pilotos e aeronaves.

“Será inadmissível uma operação com atrasos, ou com pousos de aviões em terminais onde não há slots para eles alocados”, afirmou o diretor-presidente da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), Marcelo Guarany. Haverá reforço de inspetores do órgão regulador em 42 aeroportos, 16 deles nas cidades-sede da Copa. Até mil servidores da agência estarão envolvidos na operação. A ação foi divulgada ontem pelo jornal *Folha de S.Paulo*.

Caso o slot solicitado e autorizado não for utilizado, a companhia aérea poderá pagar uma multa de R\$ 12 mil a R\$ 30 mil, enquanto pessoas físicas com aeronaves particulares poderão ser punidas em R\$ 7 mil a R\$ 21 mil. Se o espaço reservado para a aeronave for utilizado em

um horário diferente do autorizado, a multa será de R\$ 24 mil a R\$ 60 mil para as aéreas, e de R\$ 21 mil a R\$ 42 mil para a aviação particular. “A tolerância será de apenas 15 minutos”, reforçou Guarany.

Em casos de pousos ou decolagens sem slots autorizados em um determinado aeroporto, a punição é maior: de R\$ 36 mil a R\$ 90 mil para as empresas aéreas e de R\$ 21 mil a R\$ 63 mil para os jatos executivos.

“No caso das aeronaves particulares, os pilotos responsáveis ainda poderão ter a licença suspensa por até 180 dias. Isso é uma dor para quem depende disso para trabalhar”, acrescentou o diretor. Se o operador for estrangeiro, a autorização para voar no Brasil poderá ser cancelada, obrigando a aeronave a deixar o País. “É uma medida necessária para garantir que o planejamento vai ser executado.”

Essa será a primeira vez em que o uso indevido do agendamento dos aeroportos será punido com multa no Brasil. Se-

Medidas duras
“Desejamos não precisar usá-las (as punições). Queremos que as normas sejam cumpridas, por isso, as normas serão divulgadas o mais rápido possível.”
Marcelo Guarany
DIRETOR-PRESIDENTE DA AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL (ANAC)

gundo Guarany, as medidas entram em vigor no dia 5 de junho e continuarão valendo após o Mundial. “A estrutura dos aeroportos dá condições para que horários sejam cumpridos. Hoje sabemos a capacidade de cada aeroporto e temos um colchão para acomodar eventuais imprevistos”, disse o diretor, assegurando que não haverá punição quando os atrasos se derem por problemas meteorológicos.

Viracopos. O diretor da Anac confirmou ontem que os atrasos na obra do novo terminal do Aeroporto de Viracopos, em Campinas, devem acarretar uma multa pesada para os concessionários do empreendimento. O novo terminal deveria ter sido entregue no domingo, mas, de acordo com Guarany, a estrutura ainda não está funcional.

As obras são tocadas pelo consórcio Aeroportos Brasil Viracopos, formado por Triunfo Participações, UTC Participações, Infraero e Egis Airport Operation. “Já percebíamos, desde o começo do ano, que havia atraso nas obras de Viracopos, mas confiamos que os concessionários poderiam acelerar a execução. No entanto, verificamos que nenhuma parte do novo terminal está funcional da data prevista”, relatou.

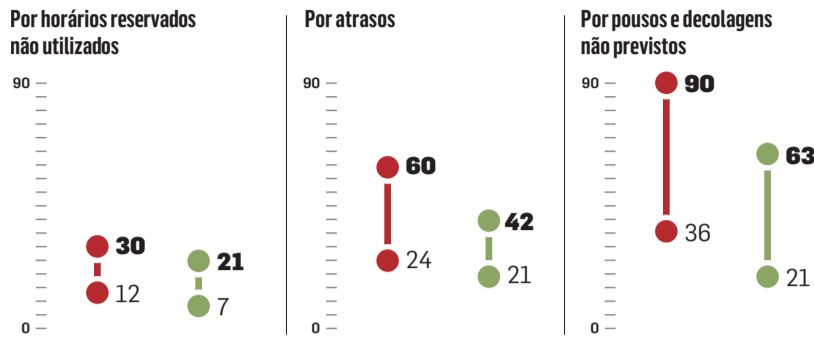
Segundo ele, o contrato de concessão prevê multa de até R\$ 170 milhões por atraso na execução das obras, com mais até R\$ 1,7 milhão de multa diá-

PUNIÇÕES

• Atrasos e voos imprevistos durante o Mundial terão penalidades inéditas no País

Multas

EM MILHARES DE REAIS



FONTE: AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL (ANAC)

Outra punições para jatos particulares

- BRASILEIROS**
Suspensão da carteira do piloto por até 180 dias e perda de slots até fim da Copa
- ESTRANGEIROS**
Cancelamento de autorização de voo no Brasil e saída compulsória da aeronave do País

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Contra a Copa



REYNALDO PAGANELLI/FUTURA PRESS

Investigação. Polícia apura participação de 4 suspeitos

EMBAIXADA DO BRASIL É ATACADA EM BERLIM

Prédio foi apedrejado por grupo de esquerda

Andrei Netto
CORRESPONDENTE / PARIS

Exatos 30 dias antes do início da Copa do Mundo de 2014, a Embaixada do Brasil na Alemanha foi alvo de um ataque de

vândalos contrários à realização do evento. Quatro homens encapuzados depredaram vidros de uma das fachadas do prédio, atirando mais de 80 pedras contra a representação brasileira na capital, Berlim. A ação do grupo foi flagrada por câme-

ras de segurança de um circuito interno de TV, mas os responsáveis ainda não foram identificados.

O ataque aconteceu por volta de 1h de segunda-feira. Aciionada, a polícia chegou após a fuga dos vândalos, que continuavam foragidos até a noite de ontem.

As 11h de ontem, os supostos autores do ataque divulgaram um manifesto, em que assumem a autoria da ação. De acordo com o serviço brasileiro da rede pública de rádio e TV *Deutsche Welle*, o texto foi escrito em alemão e publicado em um site de movimentos de esquerda radical. O documento critica os gastos excessivos com o Mundial e usa o slogan dos movimentos contrários à realização da Copa do Mundo no Brasil: “Não vai ter Copa”.

O ataque em Berlim acontece na mesma semana em que a revista alemã *Der Spiegel* publicou reportagem de dez páginas, em que adverte para o risco de caos no País em razão dos protestos que podem acontecer.

Greve paralisa museus a partir de quinta-feira

Caio Junqueira / BRASÍLIA

Servidores do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), órgão ligado ao Ministério da Cultura, decidiram ontem que entrarão em greve a partir da quinta-feira desta semana.

A organização do movimento grevista informa que, com a decisão, praticamente todos os 30

museus ligados ao órgão correm o risco de não estarem abertos ao público, justamente no mês que antecede a Copa do Mundo. Dentre os locais, destacam-se o Museu Imperial de Petrópolis e o Museu da República.

Os servidores reivindicam o atendimento, pelo governo, de uma pauta de negociações acertada nos anos anteriores, como

plano de cargos, titulação e gratificações, entre outros. O indicativo de greve já havia sido aprovado no final de abril.

Segundo o Ministério do Planejamento, o momento de negociação com todos os servidores federais ocorreu em 2012, faltando apenas uma categoria ligada à Polícia Federal. Na ocasião, os servidores receberam

e, segundo o governo, aceitaram, um reajuste escalonado de 5% em 2012, 5% em 2013 e 5% em 2014. Também constou da negociação a revisão do acordo em 2015. Uma reunião entre o secretário de Relações do Trabalho do ministério, Sérgio Mendonça, e lideranças grevistas ocorrerá na quinta-feira em Brasília.

No Estado do Rio, a paralisação dos servidores do Ministério da Cultura começou ontem e, segundo líderes da categoria, prejudicou o funcionamento de 18 museus, institutos e escritórios do Ministério.

Entre eles, estão o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu Histórico Nacional, o Museu da República e a Biblioteca Nacional, no Rio, além do Museu Imperial, em Petrópolis (Região Serrana). / COLABOROU FABIO GRELLET

Motoristas do Rio também vão parar

• Motoristas e cobradores de ônibus do Rio decidiram ontem à tarde fazer greve de 48h, a partir da 0h de hoje. Cerca de 1,8 milhão de pessoas usam diariamente ônibus na cidade. Eles já pararam por 24h, na quinta, quando foram depredados 531 coletivos.

VIOLÊNCIA

Quinto suspeito de linchamento no Guarujá é preso e nega participação

Quinto acusado de participar do linchamento de Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, Abel Vieira Batalha Júnior, de 18, conhecido como Pepê, entregou-se ontem no 1.º Distrito Policial de Vicente de Carvalho, no Guarujá. Ele negou envolvimento no crime. Em imagens divulgadas na internet, Pepê é apontado como o jovem que aparece amarrando as mãos da dona de casa e lançando-a em uma vala.

O depoimento foi tomado pelo delegado Luís Ricardo La-



ra Dias Júnior. “A identificação dele é clara pelas imagens recolhidas pelos moradores, que filmaram tudo”, afirmou. Pepê deve ser indiciado por homicídio. Outros quatro suspeitos estão presos.

ADMINISTRAÇÃO

Prefeitura tira feira de orgânicos do Ibirapuera

A Feira de Produtos Orgânicos do Ibirapuera, na zona sul de São Paulo, terá de mudar de lugar – e não há data nem local para que ela volte a funcionar. Segundo a Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SME), a “realização da feira interfere no funcionamento do equipamento, que é destinado para a prática esportiva e o lazer”, e que somente ruas e parques municipais podem receber feiras de alimentos. Em protesto, no sábado, os produtores realizaram a feira na Rua Curitiba, na frente do parque.

CRIME

6 PMs são indiciados por arrastar mulher

Após dois meses, a polícia do Rio concluiu o inquérito da morte de Claudia Ferreira, de 38 anos, arrastada por uma viatura da Polícia Militar após ter sido baleada na zona norte. Seis PMs foram indiciados. O tenente Rodrigo Boaventura e o sargento Zaquie Pereira Bueno responderão por homicídio culposo (sem intenção). Todos são acusados de fraude processual. Três PMs estão presos.

VIOLÊNCIA

Ladrões queimam 90% do corpo de vítima

Um homem teve 90% do corpo queimado, ontem, durante um assalto na zona oeste de São Paulo. Os criminosos incendiaram a Kombi em que a vítima estava, na Rua João José de Araújo, no Rio Pequeno. Os bombeiros apagaram o fogo e levaram o homem, que não teve o nome divulgado, para o Hospital das Clínicas. A vítima permaneceu internada em estado grave até as 21h de ontem.

JULGAMENTO

Mulheres dizem ter sido assediadas por Farah

Testemunhas de acusação do júri do médico Farah Jorge Farah, acusado de matar e esgar-tejar uma paciente e amante, trouxeram à tona casos de supostos abusos sexuais contra mulheres cometidos na clínica onde ele trabalhava. O delegado responsável pelo inquérito, em 2003, Italo Miranda Júnior, contou que pacientes o procuraram dizendo que foram assediadas. Maria das Graças Amaral, ex-paciente, disse que se sentia diferente depois de ir à clínica: “Ele falava no meu ouvido: ‘quer namorar comigo?’”.

Falecimentos

Para publicar anúncio fúnebre: Balcão Iguatemi – Shopping Iguatemi 1a - 04, tel. 3815-3523 / fax 3814-0120 – Atendimento de 2ª a sábado, das 10 às 22 horas, e aos domingos, das 14 às 20 horas. Balcão Limão – Av. Prof. Celestino Bourroul, 100, tel. 3856-2139 / fax 3856-2852 – Atendimento de 2ª a 6ª das 9 às 19 horas. Só serão publicadas notícias de falecimento/missa encaminhadas pelo e-mail falecimentos@estadão.com, com nome do remetente, endereço, RG e telefone, ou para a redação no fax 3856-2560

Serviço funerário da Prefeitura: 0800-109850 (24 horas) www.prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Carolina Levy – Aos 90 anos. Filha de Selma Levy e Salomão Levy. O enterro foi realizado no Cemitério Israelita do Butantã.
♦ **Ida Luciano** – Aos 89 anos. Filha de Victoria Chrichia e Donato Luciano. O enterro foi realizado no Cemitério do Carmo.
♦ **Bethi Tachlitsky** – Aos 84 anos. Filha de Martha Novodvorsky e Jaime Novodvorsky. Era viúva de Rubem Tachlitsky. Deixa os filhos Jeanete, Denise, netos e bisnetos. O enterro foi realizado no Cemitério Israelita do Butantã.
Lindaura Ferreira Mendes – Aos 80 anos. Filha de Edésia Ferreira Mendes e Filomeno Mendes de

Almeida. Era solteira. Deixa os filhos José Darci, Walter, Aldeivo, Cleusa, Vera, Adailton, Velson, Vanuzia e Vagna. O enterro foi realizado no Cemitério do Carmo.
Therese Celestino da Cunha – Aos 71 anos. Filha de Rosa Francisca da Cunha e Joaquim Dias Celestino. Era casada com Cícero Manoel dos Santos. Deixa filhos. O enterro foi realizado no Cemitério Parque dos Girassóis.
Tatiana Stuart Fortes – Aos 40 anos. Filha de Maria Célia de Almeida Fontes e Antônio Stuart Fontes. Deixa os filhos Daniel, Danilo e Welison. O enterro foi realizado no Cemitério do Carmo.

Alexandre Fordiani – Dia 7, aos 93 anos. Era casado com Maria Ortegá Fordiani. Deixa filhas, netas, bisnetos e familiares. O corpo foi trasladado para o Crematório da Vila Alpina.
Gerhard Max Israel Steinberg – Aos 92 anos. Filho de Emmy Sara Steinberg e Martin Israel Steinberg. Era viúvo de Maia Ruhman Steinberg. Deixa os filhos Claudio, Sergio, netos e familiares. O enterro foi realizado no Cemitério Israelita do Butantã.
Erasmio Mariano da Silva – Dia 16, aos 77 anos. Era solteiro. Deixa familiares. O enterro foi realizado no Cemitério da Vila Formosa.

Nilton Mariano Ribeiro – Aos 61 anos. Filho de Alice Ribeiro do Nascimento e Celestino José Mariano. Era casado com Judite Almeida Ribeiro. Deixa os filhos Marcelo, Rafael e Luciana. O enterro foi realizado no Cemitério do Carmo.
Sidney Chede – Aos 61 anos. Era divorciado. Não deixa filhos. Deixa amigos e familiares. O enterro será realizado hoje, às 14h30, no Cemitério São Paulo.
Emídio Dias Carvalho – Dia 9. Era casado com Maria Carolina Pinto Coelho Carvalho. Deixa os filhos Guiomar e Emídio Junior, netos, bisnetos, amigos e familiares. O corpo foi trasladado para o Cemitério e

Crematório do Horto da Paz.
MISSAS
Guinar Calfat Andraus – Amanhã, às 12h45, na Paróquia Nossa Senhora do Brasil, na Praça Nossa Senhora do Brasil s/nº, Jardim Paulista (7º dia).
Maria Elena Pileggi – Amanhã, às 19 horas, na Paróquia de São Dimas, na Rua Domingos Fernandes, 588, Vila Nova Conceição (7º dia).
Natal Rubens Aleotti – Hoje, às 11 horas, na Paróquia São José, na Rua Dinamarca, 32 (7º dia).
Dr. Dácio Broggiato Jr. – Hoje, às 18h30, na Paróquia do Santíssimo Sacramento, na Rua Tutoia,

1.125, Paraíso (30 dias).
Selem Nelson Bussab – Hoje, às 19 horas, na Paróquia São Luís Gonzaga, na Av. Paulista, 2.378, Cerqueira César (30 dias).
Dr. Fábio Lira – Hoje, às 19 horas, na Igreja São Francisco de Assis, na Rua Borges Lagoa, 1.209, Vila Clementino (7º dia).
Ruy de Mello – Amanhã, às 10 horas, na Capela do Instituto Meninos de São Judas Tadeu, na Avenida Itacira, 2.801, Planalto Paulista (8 anos).
Alcides Diniz Garcia – Amanhã, às 20h15, na Igreja de Santa Rita de Cássia, na Praça de Sta. Rita de Cássia, 133, Mirandópolis (7º dia).

Mulher é linchada após boato no litoral

Dona de casa morreu depois de ser espancada acusada de sequestrar crianças; polícia analisa imagens postas na internet e vê 10 agressores

Zuleide de Barros

ESPECIAL PARA O ESTADO
GUARUJÁ

A Polícia Civil vai analisar imagens divulgadas na internet e um perfil em rede social para identificar os responsáveis pelo espancamento e pela morte da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 31 anos. O crime aconteceu no sábado no Guarujá, na Baixada Santista, após ela ter sido confundida com uma suposta sequestradora de crianças capturadas para rituais de magia negra. Pelo menos dez pessoas participaram do linchamento. Fabiane morreu ontem de manhã.

Até as 21h, ninguém havia sido preso pelo crime. Os responsáveis pela página Guarujá Alerta no Facebook, que postou a foto da mulher que teria sequestrado crianças, serão ouvidos na manhã de hoje pelo delegado Luís Ricardo Lara, do 1.º Distrito Policial de Vicente de Carvalho, responsável pelo bairro de Morrinhos 1, onde vivia Fabiane. A polícia, no entanto, informou que não há registro de desaparecimentos na cidade.

Ontem, autores da página foram à delegacia central do Guarujá, onde se colocaram à disposição para prestar esclarecimen-



Luto. Parentes e amigos confortam o porteiro Jaílson Alves das Neves, marido de Fabiane

tos. Eles garantiram que não publicaram a foto da suposta sequestradora. A postagem teria sido feita por um dos seguidores da página.

Fabiane sofreu várias escoriações e deu entrada no Hospital Santo Amaro com traumatismo craniano. No domingo, foi transferida para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI), onde,

após ficar internada em coma induzido, morreu ontem. Ela será enterrada às 10h de hoje no Cemitério de Morrinhos 1.

Violência. O espancamento revoltou a Baixada Santista. O clima era de revolta ontem, entre parentes e vizinhos da vítima. O sepultamento será realizado hoje. Inconformado com a morte

ROGÉRIO SOARES/AGÊNCIA A TRIBUNA DE SANTOS

PARA LEMBRAR

Jovem nu foi preso a poste

Em 31 de janeiro, um adolescente de 15 anos foi agredido, deixado nu e preso a um poste no Flamengo, zona sul do Rio, sob a suspeita de cometer roubos na região. Uma semana depois, dois jovens detidos por tentar agredir outros adolescentes no bairro admitiram ter marcado encontro para "patrulhar o Aterro em busca de potenciais autores de delitos". Os dois já respondiam por outros crimes, como estupro. O jovem preso ao poste foi detido no mesmo mês por assaltar turistas.

desde domingo e disse concordar com o marido da vítima de que a retrato publicado na rede social foi o estopim do ataque. "Ela foi espancada porque acharam que era a pessoa da foto", afirmou. Ele solicitou à polícia a análise dos vídeos feitos por moradores durante o espancamento de Fabiane. "Não tenho dúvidas de que o site é responsável. Foi uma barbárie cometida por uma injustiça", disse.

Apelo. Na mesma página que alertava a população sobre a presença da provável sequestradora, uma amiga da vítima protestava em um comentário: "Só tenho a dizer que Fabiane é minha amiga há anos, tem duas filhas, família e amigos e jamais seria capaz de fazer algo do tipo com uma criança. Só porque uma pessoa tem cabelo loiro é sequestradora? A justiça de Deus tarda mais não falha e, como sempre, vou estar com ela para o que der e vier".

Antes do linchamento, outra mulher se pronunciava na página Guarujá Alerta, garantindo que não era Fabiane a sequestradora: "Sou mãe, avó e uma pessoa temente a Deus. Tenho ainda a acrescentar que ela não é pessoa da foto. Estou morando no interior e há mais de um ano não vou a Guarujá", afirmou.

Pai de Bernardo pede separação de madrasta e abre mão de bens

Elder Ogliari / PORTO ALEGRE

O médico Leandro Boldrini, de 38 anos, pediu ao advogado Jáder Marques que encaminhasse a ação de dissolução de união estável que mantém com a enfermeira Graciele Ugolini, de 32, e disse ao defensor que quer abrir mão dos bens do filho Bernardo em favor da avó materna do garoto, Jussara Uglione.

Bernardo foi encontrado enterrado em um matagal, em Frederico Westphalen, a 80 km de Três Passos, onde morava, no dia 14 de abril. O pai, a madrasta e uma amiga dela, a assistente

social Edelvânia Wirganovicz, estão presos temporariamente, até 13 de maio, prazo de conclusão do inquérito. Graciele admitiu que o garoto morreu em suas mãos, mas alegou que o motivo foi ingestão accidental de calmantes que deu a ele.

Edelvânia confessou ter ajudado a ocultar o cadáver, mas diz que não participou do "evento morte". Boldrini sustenta que é inocente. A polícia considera que os três participaram do crime.

O advogado disse ainda que o médico vai pedir que Graciele fique sem direito a qualquer va-

lor e vai lutar pela guarda da filha de um ano e meio que tem com a enfermeira.

Desde que assumiu a causa, Marques vem sustentando que Boldrini desconhecia a participação da mulher no desaparecimento da criança. Os policiais que levaram a notícia relataram que ele reagiu com frieza. O advogado de Graciele, Vanderlei Pompeo de Mattos, diz que ela inocentou o médico, em depoimento na semana passada.

Mãe. O advogado Marlon Balbon Taborda, representante da avó de Bernardo, Jussara Uglione, vai pedir à Justiça a reabertura do inquérito que investigou a morte da mãe do menino, Odilaine Uglione, em 2010.

Odilaine estava separando de Boldrini e a polícia concluiu que ela se suicidou dentro da clínica do médico.

Furto de leão pode render multa de R\$ 1 mi

Rene Moreira

ESPECIAL PARA O ESTADO

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) estuda

multar o suspeito de furtar um leão no interior paulista. O valor a ser definido pode chegar a R\$ 1 milhão, considerando uma série de infrações cometidas por Ary Marcos Borges, que já adiantou que vai recorrer.

De acordo com o órgão, como fiel depositário ele deveria manter o animal sob sua responsabilidade o tempo todo, ou seja, não poderia tê-lo doado a um terceiro nem transportado a fe-

ra pelas estradas do País.

O leão foi entregue a Borges, que mora em Maringá (PR), há mais de cinco anos, após o fechamento de um circo. Sem estrutura para mantê-lo, diz ter feito a doação provisória a uma instituição de Monte Azul Paulista (SP). Depois alega que, como o homem que recebeu o bicho não queria devolvê-lo, resolveu pegar de volta o leão por conta própria, na semana passada.

A VIDA DEVERIA SER MEDIDA EM MOMENTOS, NÃO EM MINUTOS.

APROVEITE O QUE O MAR TEM DE MELHOR: A TEMPORADA 2014/2015 DA MSC.

Não são os minutos ou dias das suas férias que vão ficar na sua memória. São os momentos que você vivencia a bordo do elegante MSC Poesia, pela 1ª vez no Brasil, e dos modernos e charmosos MSC Preziosa e MSC Lirica, que oferecem conforto, design, entretenimento e diversão em itinerários que passam pela Argentina, Uruguai e Nordeste brasileiro.

FAÇA A SUA RESERVA COM ANTECEDÊNCIA E GARANTA AS MELHORES PROMOÇÕES DA TEMPORADA.

SANTOS > PUNTA DEL ESTE > PERNOITE EM BUENOS AIRES > MONTEVIDÉU	Pela 1ª vez no BRASIL	A partir de 10% de entrada: R\$ 126,27 + 10x de R\$ 113,64 ⁽¹⁾ Total: R\$ 1.262,70 por pessoa
MSC POESIA	Embarque em SANTOS	
7 noites Saídas todos os sábados de dezembro/14 a março/15		

SANTOS > BÚZIOS > SALVADOR > ILHÉUS > ILHA GRANDE		A partir de 10% de entrada: R\$ 133,17 + 10x de R\$ 119,85 ⁽²⁾ Total: R\$ 1.331,70 por pessoa
MSC PREZIOSA	Embarque em SANTOS	
7 noites Saídas de dezembro/14 a março/15		

SOMENTE PARTE MARÍTIMA

SUPER BINGO MSC

CONSULTE OUTRAS SAÍDAS E DESTINOS

www.msccruzeiros.com.br

@msccruzeiros

msccruzeirosbrasil



O estilo mediterrâneo de viver bem

CVC
(11) 2107-3500

NASCIMENTO
0800-774-1110

AGAXTUR
(11) 3067-0900

TAM VIAGENS
(11) 3274-1313

Preço base em dólares, por pessoa, convertidos em reais do dia efetivo da aquisição. Câmbio de referência publicado de US\$ 1,00 = R\$ 2,30, de 05/05/2014. (1) Tarifa publicada referente à saída de 06/12/2014, no navio MSC Poesia, a partir de R\$ 1.262,70 (US\$ 549) por pessoa, acomodação em cabine interna dupla, na experiência Bella. (2) Tarifa publicada referente à saída de 12/12/2014, no navio MSC Preziosa, a partir de R\$ 1.331,70 (US\$ 579) por pessoa, acomodação em cabine interna dupla, na experiência Bella. *Consulte as regras e restrições da tarifa Super Bingo MSC em nosso website: www.msccruzeiros.com.br. Ofertas válidas por tempo indeterminado ou até o limite de 10 cabines por saída, sujeitas a alteração sem prévio aviso. Condições não cumulativas às demais promoções MSC. Forma de pagamento: cheque ou cartão de crédito, sujeitos a aprovação de crédito. Taxas de serviço, aéreas, operacionais e portuárias não incluídas.

Eleições 2014
Regras e temas polêmicos

VENHA SABER MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO!

PALESTRANTES
Henrique Neves
Ministro do TSE (Tribunal Superior Eleitoral)

Hélio Freitas de Carvalho da Silveira
Advogado especialista em Direito Eleitoral

Pedro Barbosa Pereira Neto
Procurador-chefe da Procuradoria Regional da República 3ª região

Flávio Luiz Yarshell
Yarshell, Mateucci e Camargo Advogados, foi juiz eleitoral e é professor da USP

José Eduardo Rangel de Alckmin
Alckmin Advogados

INSCREVA-SE
www.eleicoes2014.migalhas.com.br

INFORMAÇÕES E PROGRAMAÇÃO
(16) 3617-1344 · contato@migalhas.com.br
[VAGAS LIMITADAS]

Segunda-feira, 12 de maio
13h30 às 18h30
Renaissance São Paulo Hotel
Alameda Santos, 2233 - São Paulo

INVESTIMENTO: R\$ 1.000,00

broadcast político
REALIZAÇÃO

Migalhas
www.migalhas.com.br

www.broadcastpolitico.com.br

Metrópole



Proteção
Cavalaria da PM
ganha armadura para
a Copa. Pág. A16

Barbárie. Eletricista foi detido após denúncia anônima e, em entrevista coletiva, disse que pensou que boato sobre sequestros de crianças fosse 'verdade'; Justiça decreta prisão preventiva. Delegado identifica mais 5 suspeitos e diz que prisão é 'questão de tempo'

Polícia prende suspeito de participar de linchamento de dona de casa no Guarujá

Bruno Ribeiro
ENVIADO ESPECIAL/ GUARUJÁ

Uma denúncia anônima levou a Polícia Civil à prisão do primeiro acusado de participar do linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, no Guarujá, na Baixada Santista. Ela morreu anteontem, depois de ter sido espancada por mais de 2h no sábado, quando foi acusada de sequestrar crianças e usá-las em rituais de magia negra. A agressão foi motivada por um boato divulgado em uma rede social. Ontem, o corpo de Fabiane foi enterrado entre gritos por justiça.

O eletricista Valmir Dias Barbosa, de 47 anos, foi preso ao lado de casa, no bairro Morrinhos, perto de onde Fabiane foi atacada. Segundo a polícia, ele já foi identificado em imagens divulgadas na internet. A Justiça decretou a prisão preventiva do acusado. De acordo com o delegado Cláudio Rossi, que atua nas investigações, outros cinco suspeitos também foram identificados. "A prisão deles agora é uma questão de tempo", afirmou o policial.

Barbosa foi obrigado a conceder uma entrevista coletiva na Delegacia Seccional do Guarujá, no centro da cidade, três horas após ser preso. "Também tenho filho, achei que (o boato) fosse verdade", disse. Ele, porém, não deu detalhes sobre o crime.

Barbosa disse apenas que não responderia a outras perguntas. Ficou em silêncio por um minuto e, em seguida, virou de costas. Foi repreendido por um policial que disse que ele deveria "ser homem" e assumir o que fez. À polícia, ele informou que mais de cem moradores de Morrinhos, onde vivia Fabiane, participaram do linchamento.

Rede social. Fabiane foi agredida após um suposto caso de sequestro de crianças para rituais de magia negra ser publicado na página no Facebook de responsabilidade do "Guarujá Alerta" foi feito há dois anos pela Polícia Civil do Rio de Janeiro. Fabiane, de 33 anos, foi espancada no sábado pelos moradores do Guarujá, supostamente depois de ser confundida com a mulher que aparece no retrato falado, acusada de tentar sequestrar um bebê recém-nascido em Ramos, na zona norte carioca.

O retrato falado que teria sido atribuído a Fabiane Maria de Jesus e acabou divulgado pela página no Facebook de responsabilidade do "Guarujá Alerta" foi feito há dois anos pela Polícia Civil do Rio de Janeiro. Fabiane, de 33 anos, foi espancada no sábado pelos moradores do Guarujá, supostamente depois de ser confundida com a mulher que aparece no retrato falado, acusada de tentar sequestrar um bebê recém-nascido em Ramos, na zona norte carioca.

O retrato foi feito em agosto de 2012 pela Polícia Civil do Rio, com base em características físicas passadas pela vítima do crime. Na ocasião, a mãe do bebê informou aos agentes da 21.ª Delegacia de Polícia, com sede em Bonsucesso, que a autora do ataque era "negra, forte, tinha cerca de 1,60 metro de altura e aproximadamente 25 anos".

Ainda em investigação. "A in-



Despedida. Corpo de Fabiane foi enterrado no Cemitério Jardim da Paz sob forte comoção; parentes pedem justiça

Olheiros do tráfico dominam bairro onde foi o crime

● Com 30 mil habitantes, Morrinhos fica isolado do restante da cidade do Guarujá, na Baixada Santista. O bairro está à margem esquerda da Rodovia Cônego Domenico Rangoni, no sentido litoral norte. A comunidade é carente. Começa com ruas de asfalto,

que mudaram para vias de terra, e termina em palafitas.

Para percorrer a comunidade, é necessário cruzar pelos olheiros do tráfico, munidos de celulares. Eles intimidam nas esquinas. Ontem não houve ameaças.

O clima sempre foi tenso na área onde no sábado a dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, foi atacada. "Nenhuma criança ficava na rua. Todo mundo tinha medo da sequestradora", disse a balconista do açou-

gue, que não quis se identificar. Ela tem dificuldade de explicar como o boato ganhou o bairro. "Estava no Facebook. Todo mundo falava disso."

Com o risco de prisões em massa por homicídio, a lei do silêncio impera. "Não vi nada. É que eu nunca saio daqui de dentro", diz a dona da copiadora. Segundo parentes de Fabiane, o espancamento começou ali. A polícia estima que mil pessoas testemunharam o crime. /B.R.

Distrito Policial de Vicente de Carvalho. O homem é visto como testemunha.

Ele disse ter publicado informações sobre o boato no dia 29 de abril. Contou que postou reportagens de casos semelhantes. Afirmou, no entanto, que a

foto foi publicada por um seguidor. "Conseguimos os perfis das pessoas que enviaram as imagens", disse o delegado.

Enterro. O corpo de Fabiane foi enterrado às 10h15 de ontem no Cemitério Jardim da Paz, no

Guarujá, sob forte comoção. Cerca de 200 pessoas acompanharam a cerimônia. Parentes e amigos seguiram em passeata pelas ruas de Morrinhos. "Confundir uma Bíblia com um livro de magia negra é o fim do mundo. Mataram uma pessoa inocente", dizia um dos cartazes.

Os participantes fizeram uma oração e cantaram músicas religiosas. Uma das pessoas mais emocionadas era Maria José Dias. "Era uma alma boa, incapaz de fazer mal", afirmou a vizinha. / COLABOROU ZULEIDE DE BARROS, ESPECIAL PARA O ESTADO



NA WEB
Portal. Professor da USP fala sobre linchamentos

estadao.com.br/e/usplinha

Retrato falado foi feito há 2 anos, no Rio

RIO

O retrato falado que teria sido atribuído a Fabiane Maria de Jesus e acabou divulgado pela página no Facebook de responsabilidade do "Guarujá Alerta" foi feito há dois anos pela Polícia Civil do Rio de Janeiro. Fabiane, de 33 anos, foi espancada no sábado pelos moradores do Guarujá, supostamente depois de ser confundida com a mulher que aparece no retrato falado, acusada de tentar sequestrar um bebê recém-nascido em Ramos, na zona norte carioca.

O retrato foi feito em agosto de 2012 pela Polícia Civil do Rio, com base em características físicas passadas pela vítima do crime. Na ocasião, a mãe do bebê informou aos agentes da 21.ª Delegacia de Polícia, com sede em Bonsucesso, que a autora do ataque era "negra, forte, tinha cerca de 1,60 metro de altura e aproximadamente 25 anos".



Suspeita. Mulher jovem e negra nunca foi identificada

investigação da subtração do bebê e lesão corporal da mãe da criança ainda está em andamento", informou a Polícia Civil fluminense. A suspeita ainda não foi identificada pelos investigadores.

FABER-CASTELL

acesse **Kalunga.com** +120 lojas

VENDAS PARA EMPRESAS GRANDE SÃO PAULO 11 3347-7000 OUTRAS LOCALIDADES 0800-0195566

costacruzereiros.com.br

VERÃO 2014/2015 AMÉRICA DO SUL

Antecipe sua reserva e garanta vantagens exclusivas, aproveite!

MINI II | 4 noites | Costa Favolosa
Embarque/desembarque Santos visitando Porto Belo, Ilhabela, Angra dos Reis

Cat. interna Premium, saída 16 DEZ 2014 a partir de, total: R\$ 2.049 ou

1.º HÓSPEDE 10x R\$ 204,90
2.º HÓSPEDE grátis* até 31/05

Preço em REAIS, somente marítimo, POR PESSOA, 10x SEM JUROS no cartão.

Aproveite, preços em Reais em 10x SEM JUROS

CVC 113003-9282 www.cvc.com.br	NASCIMENTO TURISMO 0800-774-1110 www.nascimento.com.br	ABREU MORUMBI SHOPPING 112389-3108 morumbi@abreutur.com.br	AGAXTUR ID. EUROPA 113067-0900 www.agaxtur.com.br	AHOBA VIAGENS VL. MARIANA 115594-2023 www.ahobaviagens.com.br
--------------------------------------	--------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------

DESCONTOS, PROMOÇÕES E VANTAGENS: devem ser solicitados exclusivamente no ato da reserva e estão sujeitos a alterações sem prévio aviso e à disponibilidade. | FORMA DE PAGAMENTO: CARTÃO DE CRÉDITO EM ATÉ 10x SEM JUROS. | Valor 1.º passageiro: R\$ 2.049,00 + taxas portuárias: R\$ 260,00 + taxas de serviços: R\$ 96,00. 2.º passageiro: Grátis + taxas específicas anteriormente, em cabine dupla, mencionados em Reais, para pagamento SEM ENTRADA, referindo-se somente à parte marítima, sujeito à confirmação de disponibilidade de cabines e tarifas. | *Promoção válida até 31/05/2014 com limite de 20 cabines por saída, para cruzeiro especificado neste anúncio. Grátis 2.º hospede, na mesma cabine dupla, exceto cabine Samsara e Suite, sobre a Tarifa Tabela aplicada ao preço, condicionada à compra do 1.º + 2.º hospede na mesma cabine, promoção cumulativa ao CostaClub. | Não estão incluídos nos preços: trecho aéreo, taxas portuárias, de serviço e de assistência ao viajante, impostos e taxas incidentes sobre o cruzeiro. | Valores sujeitos a alteração sem aviso prévio | RESERVAS: Consulte seu agente de viagens ou acesse costacruzereiros.com.br

Presos mais 2 acusados de linchamento

Terceiro suspeito foi localizado em Peruíbe e segundo no Guarujá, onde mulher foi espancada; ele diz que tráfico matou 2 agressores

Zuleide de Barros

ESPECIAL PARA O ESTADO / GUARUJÁ

A Polícia Civil prendeu ontem mais dois suspeitos de terem participado do linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, no Guarujá. Os três homens já detidos confessaram o crime. Em depoimento, um dos presos contou que dois homens envolvidos no espancamento de sábado foram executados pelo tráfico. Fabiane morreu na segunda-feira e deixou marido e duas filhas.

O pintor Carlos Alex Oliveira de Jesus, de 22 anos, foi preso ontem à noite em Peruíbe, no litoral sul. Ele foi reconhecido em vídeos feitos por moradores de Morrinhos durante a agressão à dona de casa, que foi acusada de sequestrar crianças para rituais de magia negra. As imagens foram postas na internet.

Em depoimento no 1.º Distrito Policial de Vicente de Carvalho, Jesus disse que foi para a cidade do litoral sul para realizar serviços de pintura na casa de parentes. Ele contou também que chegou a puxar o cabelo da vítima para ver seu rosto.

No início da madrugada de ontem, foi detido o segundo acusado. O ajudante de pedreiro Lucas Rogério Lopes, de 19 anos, surpreendeu o delegado Luís Ricardo Lara Dias Júnior, responsável pelas investigações, ao afirmar que dois homens foram executados por traficantes de Morrinhos.



Na mira. Eletricista Valmir Dias Barbosa foi o primeiro suspeito detido pela polícia; ele foi preso após denúncia anônima

Ele contou que uma das duas vítimas seria Pepê, seu vizinho, que aparece nas imagens com um fio elétrico que seria usado em seguida para amarrar a dona de casa para arrastá-la. O outro suposto executado seria conhecido como Pote.

Ele afirmou que várias pessoas que participaram do linchamento já desapareceram do Guarujá para fugir tanto da polícia quanto dos bandidos. O deti-

do afirmou também que crianças participaram do linchamento, munidas de paus e pedras. Pelas imagens, Lopes é o homem que passa com uma bicicleta sobre a cabeça de Fabiane.

De acordo com o ajudante de pedreiro, os boatos que corriam pela região eram de que a suposta sequestradora capturava crianças. “A conversa era de que a mulher arrancava o coração e os olhos das crianças para

os rituais”, afirmou o delegado.

Arrependimento. Capturado em casa, em Morrinhos, Lopes afirmou que está arrependido. Disse que só pode pedir desculpas à família de Fabiane. Ele cuida de uma enteada de 4 anos. Quando menor de idade, chegou a ser apreendido por tráfico de drogas, quando morava em Ilha Comprida, no litoral sul.

Dias Júnior disse também

que mais duas pessoas foram identificadas. Os homens tiveram a prisão temporária decretada e estão foragidos.

Na terça-feira, o primeiro preso detido foi o eletricista Valmir Dias Barbosa, de 48 anos. Ele também confessou o crime. À imprensa, disse que achou que o boato “fosse verdade”. Ele aparecia nas imagens golpeando a cabeça de Fabiane com um pedaço de madeira.

Dono de site avisou PM sobre boatos no meio do feriado

● A Polícia Militar confirmou ontem que o dono do perfil Guarujá Alerta – página do Facebook apontada como principal canal de propagação dos boatos que terminaram com o linchamento de Fabiane Maria de Jesus – enviou um e-mail à PM pedindo que a corporação se manifestasse sobre as informações de uma sequestradora que atuaria na cidade. Mas esclareceu que a mensagem foi enviada no meio do feriado de 1º de maio, para um endereço que só funciona em horário administrativo. Ou seja: a mensagem não foi lida.

“O perfil Guarujá Alerta encaminhou uma mensagem eletrônica ao setor de comunicação do 21º Batalhão, apenas pedindo informações sobre a veracidade de um boato envolvendo uma suposta sequestradora. O e-mail não foi lido porque, como o dia 2 era meio de feriado, as unidades administrativas da PM estavam fechadas. É importante ressaltar que, mesmo pensando se tratar de boato, a administração do perfil não retirou a postagem, como deveria”, diz nota da PM.

“Lamentamos que o perfil Guarujá Alerta esteja tentando se eximir de culpa sobre um episódio”, diz a nota. / BRUNO RIBEIRO

Jovens são acusadas de apedrejar e matar garota de 13 anos no PR

Taís Cristina Martins teria sido atraída para uma cilada depois que menor descobriu que ela saía com seu namorado

Julio Cesar Lima

ESPECIAL PARA O ESTADO CURITIBA

A estudante Taís Cristina Martins, de 13 anos, foi apedrejada e morta em Foz do Iguaçu, nesta segunda-feira. Duas jovens, de 15 e 18 anos, acusadas do crime, estão detidas. No momento da prisão, a menor e Jéssica Culo-del, que, segundo a polícia, con-

fessou o envolvimento na morte, quase foram linchadas pela vizinhança.

Segundo o delegado da Delegacia de Homicídios de Foz do Iguaçu, Marcos Araguari, os depoimentos colhidos até agora indicam que Taís estaria saindo com o namorado da menor, que teria pedido a ajuda de Jéssica para armar uma cilada.

“Foi uma falsa amiga que levou ela para a emboscada”, afirmou a mãe de Taís, Maria Aparecida Gonçalves Martins. Suspeita-se que dois rapazes estejam envolvidos no crime, mas, até a noite de ontem, a informação não havia sido confirmada.

De acordo com Araguari, Jéssica afirmou que a menor teria

● **Indignação**
“Quero justiça. Cada um que fez isso vai ter de pagar. Minha filha era uma criança.”

Maria Aparecida Gonçalves Martins
MÃE DE TAÍS CRISTINA MARTINS, DE 13 ANOS

afirmou que a menor teria golpeado Taís com pedras e madeira.

Ela disse que a estudante morreu afogada após ter sido jogada na Subestação de Furnas, onde o corpo foi encontrado, e não

por causa do espancamento. Em entrevista à Rádio Cultura, de Foz do Iguaçu, o delegado, porém, afirmou que a versão de Jéssica contradiz os laudos do Instituto Médico-Legal (IML). De acordo com Araguari, os exames comprovaram a morte da garota por causa dos ferimentos provocados pelos golpes.

Ao serem presas, as duas acusadas tiveram de ser protegidas pelos policiais, pois vizinhos tentaram linchá-las. Suspeita-se que dois rapazes também estejam envolvidos no crime.

Família. Segundo a mãe de Taís, a garota morava na casa da avó, no Jardim Canaã, periferia da cidade, e estava sob a guarda do pai. “Ela estava fora havia dois dias, e ele (pai) não me avisou que ela tinha sumido.”

Moradores de rua são baleados na Freguesia

Luciano Bottini Filho

Três pessoas foram baleadas na Ponte da Freguesia do Ó, zona norte de São Paulo, na madrugada de ontem. Segundo a Polícia Militar, eram moradores de rua que estavam debaixo da ponte, no estavim Rodovia Castelo Branco. Um veículo teria passado próximo das vítimas e um dos passageiros fez os disparos.

A ocorrência foi registrada por volta da 1h45 pela PM, quando uma equipe fazia patrulhamento na região. Os policiais avistaram os três homens feridos e chamaram o resgate. Segundo a polícia, uma das vítimas afirmou que teve um “de-

sentimento” com um homem na quarta-feira e ele voltou, acompanhado por outra pessoa, em um Voyage. As vítimas estariam dormindo quando foram abordadas.

Os três foram socorridos e levados ao pronto-socorro. Eles encontravam-se em observação até a tarde de ontem, mas a polícia não soube informar que tipo de ferimentos tiveram. A perícia foi realizada no local, mas não foram encontrados marcas de sangue nem vestígios de projéteis.

No dia 29, o morador de rua Jorge Afonso Rafael, de 49 anos, foi incendiado e morto em Jacupiranga, no interior paulista. De acordo com o Centro Nacional de Defesa dos Direitos Humanos da População em Situação de Rua e Catadores (CNDDH), há pelo menos uma morte de morador de rua a cada dois dias no País.

GCMs vão fiscalizar Lei Maria da Penha em SP

Rafael Italiani

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), assinou ontem um decreto autorizando a Guarda Civil Metropolitana (GCM) a fiscalizar a situação de mulheres beneficiadas por medidas de proteção da Lei Maria da Penha. Os guardas serão treinados pela Secretaria Municipal de Política para Mulheres.

Batizada de Guardiã Maria da Penha, a iniciativa será feita em parceria com o Ministério Público Estadual e o governo federal. Daqui a um mês, 20 guardas-civís começarão a visitar mulheres que obtiveram medidas de proteção na Justiça. A Lei Maria da Penha determina que o agressor pode ser afastado do lar, proibido de se aproximar da vítima ou de locais que ela frequen-

ta. O texto também prevê que a Justiça pode requisitar auxílio da força policial para garantir a efetividade da proteção.

“A ideia é iniciar pelo centro da cidade, abordando mulheres com medidas preventivas. O projeto contempla também as visitas domiciliares”, disse Denise Motta Tau, secretária de Política para Mulheres.

Segundo Denise, em janeiro e fevereiro deste ano, 1.484 mulheres ganharam a proteção de medidas restritivas na cidade. Os guardas-civís vão verificar se os agressores estão mantendo distância das vítimas. A Pre-

feitura espera reduzir em 70% os casos de reincidência de agressões.

O secretário municipal de Segurança Urbana, Roberto Porto, explicou que os guardas vão fazer relatórios periódicos que serão encaminhados ao Ministério Público para que os promotores, caso seja necessário, peçam a prisão dos homens acusados de violência. “O Judiciário, quando emite a medida, pressupõe uma fiscalização mas não mediante essas visitas. Muitas vezes, a mulher consegue a medida judicial, mas ela ainda continua à mercê do

agressor”, afirmou Porto.

Durante a assinatura, Haddad disse que o decreto é um “presente de Dia das Mães” para as vítimas. “O agressor é um covarde por excelência que vai se inibir diante da presença do poder público”, disse.

Ainda neste ano, o projeto deve chegar a outras regiões da cidade, principalmente na periferia. Segundo Porto, os guardas inscritos na operação delegada dos GCMs (o “bico oficial”) também poderão participar da Guardiã Maria da Penha. Ainda de acordo com o secretário, o projeto que permite que os guar-

das, assim como os PMs, trabalhem oficialmente durante as folgas deve ser encaminhado “em breve” para a aprovação da Câmara Municipal.

Exemplo. O Rio Grande do Sul foi o primeiro Estado a ter uma guarda específica para verificar se as medidas da Lei Maria da Penha estão sendo cumpridas. A Patrulha Maria da Penha é composta pela Brigada Militar (a PM local). Assim como em São Paulo, o programa também é feito em parceria com a Secretaria de Política para Mulheres do governo federal.

FAÇA MESTRADO E DOUTORADO MACKENZIE.

Mestrado e Doutorado*: Administração de Empresas • Arquitetura e Urbanismo • Ciências e Aplicações Geoespaciais • Direito Político e Econômico • Distúrbios do Desenvolvimento • Educação, Arte e História da Cultura • Engenharia Elétrica • Letras

Mestrado: Ciências da Religião

Mestrado Profissional: Ciências Contábeis • Engenharia de Materiais



* A Bolsa Integral, modalidade isenção integral de mensalidades e taxas, será oferecida aos seis primeiros colocados de cada curso, conforme condições previstas em edital.

facebook.com/mackenzie1870

Últimos dias de inscrições: www.mackenzie.br

Guarujá: medo e vergonha após o crime

Linchadores foram ao enterro, afirma testemunha; sobrinha de mulher assassinada conta que a filha da vítima vive em silêncio

Paulo Saldaña

ENVIADO ESPECIAL / GUARUJÁ

O linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, é o mais desagradável assunto do qual os moradores do bairro Morrinhos, no Guarujá, não têm como fugir. Digerir uma cena de espancamento na porta de casa não é fácil em nenhuma circunstância, muito menos entender como tantos parentes, amigos e até mesmo crianças participaram da morte de uma vizinha inocente, mãe de duas filhas. Agora, a comunidade transformada tenta seguir a vida.

“A cidade está estranha”, diz em voz baixa a cabeleireira Maria Aparecida Oliveira, de 38 anos, dona de um salão a poucos metros de onde a agressão começou, no dia 3, um sábado. “Ficou uma imagem muito feia do bairro, tenho até vergonha de dizer onde moro”, diz ela, que sempre achou o lugar sossegado. Localidade pobre do Guarujá, com cerca de 20 mil habitantes, Morrinhos tem parte das ruas de terra e alguns prédios de habitação popular.

O clima entre a maioria dos moradores é um misto de medo, revolta e, para alguns, vergonha. Fabiane foi vítima de uma multidão que a agrediu, filmou e tirou fotos. Ela havia sido confundida com uma sequestradora de crianças – que, segundo a polícia, nem existe. Um fim trágico de um boato amplificado pelo Facebook.

Poucos moradores que presenciaram ou participaram do espancamento se dispõem a falar abertamente sobre o assunto. Há medo de represálias de criminosos. A polícia também procura responsáveis, o que colabora com o silêncio. “É hipócrita quem diz que não viu nada. No enterro dela, havia muita gente que antes estava batendo e gritando ‘mata, mata!’”, diz uma comerciante, que pediu anonimato. “Eu não durmo direito desde aquele dia.”

A chance de encontrar pelas ruas da comunidade conhecidos que participaram do linchamento de sua tia tem feito a dona de casa Andressa Oliveira Gino das Neves, de 23 anos, evitar sair de casa – principalmente ir aos lotes 3 e 4 do bairro, onde os ataques ocorreram. “Me revolta ouvir que a culpa foi da internet. Foi culpa de todo mundo, de quem bateu, gritou, presenciou”, afirma. “E se fosse uma criminosa, faria diferença?”

Pelos vídeos, Andressa já reconheceu três pessoas, informação repassada a seu advogado. Mãe de duas filhas, ela tem cuidado das duas crianças de Fabiane – uma de 1 ano e outra de 12. “A mais velha chorou, chorou, mas agora está quietinha no canto dela”, conta.

Para a vendedora Maria de Lourdes, de 49 anos, a violência e a dinâmica do ataque lembraram cenas bíblicas. “Eu vi de longe a multidão, ela foi apedrejada como Maria Madalena, morreu com as mãos amarradas”, diz. “E o povo em fúria, endemoniado, falando que tinham acha-

do brinquedo na bolsa, peruca, tudo mentira. Muita gente gritou, mas ninguém impediu.”

Segundo familiares e amigos, Fabiane voltava da Igreja São João Batista, ali em Morrinhos, quando foi confundida com a suposta sequestradora. O padre Felipe Gonzalez, de 30 anos, conhecia a dona de casa. “Agora é buscar reconciliação,

● Futuro

“Queremos sair daqui. Não tem como pensar que no futuro alguém que jogou pedra na minha tia pode vir a namorar minha filha.”

Andressa Neves, de 23 anos
SOBRINHA DE FABIANE

até mesmo com quem participou. Sem ser omissos, precisamos fomentar ainda mais a misericórdia na comunidade.”

Crianças. Na Escola Municipal Professora Maria Aparecida de Araujo, onde Fabiane completou o ensino fundamental em 1996 em curso supletivo, a direção passou nas salas para falar do assunto. “As crianças só falavam disso, muitas tinham visto a cena. Precisamos fazer uma reflexão sobre justiça com as próprias mãos, o papel da internet e das redes sociais”, diz a vice-diretora, Clara Miranda.

A escola tem mais de mil alunos do segundo ciclo do ensino fundamental (6.º ao 9.º ano). “Não sei se dá para reverter, mas temos de refletir e agir.”



‘Pacto’. Na rua onde começou ataque, poucos ousam falar sobre episódio de agressão

‘Barulho da paulada está na minha cabeça’

Quinto suspeito identificado pela polícia de ter participado do linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, Abel Vieira Batalha Junior, de 18 anos – o Pepê –, teria iniciado a agressão. Segundo três testemunhas, ele teria dado o primeiro golpe na cabeça da vítima.

“Aquele barulho da paulada na cabeça dela ainda está na minha cabeça”, diz uma comerciante, que pediu anonimato. “Já tinha muita gente em volta dela, depois que alguém disse que era a sequestradora. Ele (Pepê) perguntou para outro rapaz: ‘É ela mesma, boy?’ O cara disse que sim e ele deu a paulada”, conta. “Depois não param mais de bater”, diz outra testemunha.

Segundo a polícia, Pepê teria ajudado a amarrar e arrastar a vítima. Ele é considerado foragido e, segundo moradores, não é visto no bairro desde o início da semana passada. O jovem também mora em Morrinhos, na área conhecida como palafitas.

A comerciante diz que a reação foi de desespero. “Eu saí correndo para dentro de casa, como se tivesse havido um tiro.” Conta que não tem conseguido dormir. “Fico pensando se fosse minha filha, mas temos de tocar a vida”, diz, chorando.

A polícia tem recorrido aos vídeos para fazer a identificação dos agressores. Entre os presos, o ajudante de pedreiro Jair Batista dos Santos, de 35 anos, é apontado como o responsável por jogar o corpo da dona de casa em uma vala.

Os outros presos são: o electricista Valmir Barbosa, de 48 anos, o ajudante de pedreiro Lucas Rogério Lopes, de 19, e o ajudante de pintura Alex Oliveira de Jesus, de 23. O advogado Marco Botelho, que defende os últimos três acusados, diz que não há argumentos para negar a autoria. “Vamos lutar para atenuar a pena. Há um multidão envolvida e não pode haver só quatro responsáveis.” /P.S.

OFERTAS CONFIRA! IMPERDÍVEIS

Calculadora científica 10S HP
Cód. 158115



R\$ 37,90, à vista
pac. c/ 1 unid.

Calculadora financeira 12C Platinum HP
Cód. 158101



R\$ 249,00, à vista
ou em 3X sem juros nos cartões

HD externo portátil HP
Com 1 TB, USB, slim preto
Cód. 229910



R\$ 359,90, à vista
ou em 3X sem juros nos cartões

HD externo portátil TOSHIBA
Conexão USB, 3.0



500 GB
Cód. 229911
R\$ 229,90, à vista
ou em 3X sem juros nos cartões

1 TB
Cód. 229912
R\$ 339,90, à vista
ou em 3X sem juros nos cartões

Calculadora financeira 12C Gold HP
Cód. 158100



R\$ 239,00, à vista
ou em 3X sem juros nos cartões

Kalunga.com
+120 lojas

VENDAS PARA EMPRESAS GRANDE SÃO PAULO 11 3347-7000 OUTRAS LOCALIDADES 0800-0195566

Não abrimos embalagens. Ofertas válidas até 18.5.2014 ou enquanto durarem nossos estoques.

As ofertas anunciadas terão validade em nossas lojas, na internet e no TeleVendas. No caso de promoções que envolvam trocas, a apresentação de NF e outras similares terão validade apenas em nossas lojas. Garantimos o estoque de 40 unidades de cada produto ofertado na rede até o término desta promoção ou enquanto durarem nossos estoques. No TeleVendas, exclusivamente para a capital de São Paulo e Grande Rio de Janeiro, o frete é grátis para compras acima de R\$ 250,00. Para os pedidos abaixo desse valor, o frete será por conta do cliente. Promoção para todos os tipos de mercadorias. Para vendas a prazo em cheque, com ou sem juros, somente com aprovação cadastral. Apresentação de CPF, RG, referências pessoais, comprovantes de residência e de rendimentos para Pessoa Física. Para Pessoa Jurídica, acrescer CNPJ, documentos dos sócios, referências comerciais e bancárias. As parcelas mínimas em cheques são de R\$ 30,00 cada. SAC - Serviço de Atendimento ao Cliente Kalunga: 11 3346-9966 *Linha completa de Smartphones na Kalunga.com. Consultar disponibilidade nas lojas.

No Rio, homem mantém motorista e mulher reféns em ônibus por 2h

Sequestrador libertou vítimas após negociação com o Bope; jovem de 18 anos ficou com tesoura apontada para pescoço

Antonio Pita / RIO

Um ônibus foi sequestrado com dois reféns por duas horas e meia no fim da tarde de ontem na Avenida Brasil, zona norte do Rio. Paulo Roberto Ferreira da Silva, de 33 anos, se entregou após negociar a libertação dos reféns com policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope). Durante a ação, ele man-

teve uma tesoura apontada para o pescoço de Rafaela Lobo, de 18 anos.

Após o sequestro, Silva, que já tem cinco passagens pela polícia, foi levado para a 39.ª Delegacia de Polícia (Pavuna), onde ficará preso. Prestaram depoimento o motorista e a jovem.

A ação teve início por volta das 17h, quando Silva entrou no veículo e ordenou que o motorista o parasse. Os passageiros, então, desceram. Com a aproximação de um carro da polícia, ele teria feito a jovem refém.

Impedido de deixar o coletivo, o motorista acabou por auxiliar os negociadores a acalmar o sequestrador.

Silva é usuário de crack e, segundo a Polícia Militar, estava transtornado e possivelmente sob efeito da droga. Ele obrigou o motorista a atravessar o veículo na pista, na altura do bairro de Guadalupe. Cerca de 15 passageiros estavam no ônibus e ninguém ficou ferido. O coletivo fazia a linha 723 (Mariópolis-Cascadura).

Em alguns momentos de tensão, policiais do Bope se aproximaram e ameaçaram invadir o ônibus. O sequestrador exigia a presença de seus familiares, que seriam moradores do Morro do Chapadão. Os pais de Rafaela também acompanharam as negociações.



Pânico. Coletivo foi sequestrado na Avenida Brasil

Ônibus 174. Em ação semelhante, o sequestro do ônibus 174, em 2000, terminou de forma trágica no Jardim Botânico, na zona sul, e marcou a memó-

ria dos cariocas. Uma refém, a professora Geisa Firmo, de 20 anos, foi morta por um disparo de um policial do Bope que mirava o criminoso.

Pouco depois, dentro da viatura da polícia, o sequestrador Sandro do Nascimento, de 21 anos, também foi morto por asfixia. O criminoso era um dos moradores de rua sobreviventes da chacina da Candelária, em 1993. O sequestro durou quase sete horas e foi transmitido ao vivo em rede nacional. O caso ganhou repercussão internacional e virou documentário do diretor José Padilha.

Em 2006 e 2011, outros dois casos também abalaram o Rio. No primeiro, um vigilante desempregado manteve a ex-mulher e 50 passageiros reféns por mais de dez horas.

No caso de 2011, cinco pessoas foram baleadas durante a operação de resgate. Três assaltantes mantiveram 20 passageiros reféns e tentaram fugir em um carro roubado, mas foram interceptados pela polícia. / COLABOROU CLARISSA THOMÉ

Guarujá: dono de site diz que alertou a PM sobre boatos

Responsável por perfil no Facebook afirma que, um dia antes do crime, acionou batalhão para desmentir história que levou a linchamento

Bruno Ribeiro

O dono do perfil no Facebook *Guarujá Alerta*, apontado como o catalisador da onda de boatos que terminaram com o linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, no sábado, disse ao Estado, depois de evitar a imprensa por dois dias, que procurou a Polícia Militar na sexta-feira para pedir ajuda para desmentir a boataria sobre a sequestradora que atuaria na cidade.

O homem, que não revela nome, idade nem profissão porque diz já ter recebido mais de 600 ameaças, disse que seu papel durante os dias que antecederam o espancamento de Fabiane foi informar que as histórias que circulavam pela internet não eram verdadeiras. Ele

conta que a onda de histórias sobre a sequestradora crescia na rede, e o que ele fez foi repercuti-la. Até constatar que os casos não eram verdadeiros.

“As pessoas publicavam nos perfis delas e em outros perfis. Tinha gente publicando que havia uma criança morta dentro de caçamba de lixo no bairro Maré Mansa e gente dizendo que viu a sequestradora”, diz o dono da página.

“O que fizemos? Detalhamos direitinho, dissemos que no Rio havia o mesmo boato, que uma foto que haviam publicado era de um site de humor, mas não teve como segurar esse boato. O pessoal começou a extrapolar”, continua. “Nem é nosso papel segurar boatos.”

Sem força para acalmar a população, segundo afirma, o dono da página decidiu pedir aju-

da à polícia. “Um dia antes do acontecido, enviamos um e-mail para o 21.º Batalhão de Polícia Militar do Guarujá, pedindo que enviasse uma nota oficial para tranquilizar a população da cidade, esclarecendo que tudo era um boato, para que a população ficasse mais calma. Mas, infelizmente, não tivemos resposta”, lamenta.

Na tarde do sábado, ele diz que começaram a aparecer mensagens com fotos de Fabiane, dizendo que a sequestradora havia sido presa. “Dissemos que não publicaríamos nenhuma foto”, afirma.

O homem prestou depoimento na Delegacia Seccional do Guarujá anteontem e foi liberado. O delegado do caso, Luiz Ricardo Lara Dias Júnior, trata o dono da página como uma testemunha e diz que ele tem colabo-



Protesto. Parentes de Fabiane culpam o 'Guarujá Alerta'; secretaria fala em 'escapismo'

● Audiência 55 mil

pessoas curtem a página *Guarujá Alerta* no Facebook. O bairro Morrinhos, onde Fabiane morreu, tem 30 mil moradores, segundo a prefeitura do Guarujá.

rado, chegando a enviar suas senhas do Facebook para a polícia. Mas diz que o material publicado no *Guarujá Alerta* ainda está sendo analisado.

“Não me sinto culpado pelo ocorrido. A todo momento, tudo o que quis foi dizer que aqui-

mo era um boato, sempre quis. Mas, infelizmente, não posso me responsabilizar por aquelas pessoas que fizeram aquela atrocidade”, alega.

Não é o que pensam outras pessoas, também segundo o dono da página. “Até gente instruída, advogado, pergunta se eu não deveria ser linchado também”, afirma, ao relatar as ameaças que está sofrendo.

Escapismo. A Polícia Militar foi procurada, no começo da noite de ontem, para comentar as declarações. Por causa do horário, fora do expediente administrativo, informou não ter co-

mo confirmar se o e-mail realmente havia sido enviado à corporação. A PM se comprometeu a apurar o caso hoje.

Em nota, a Secretaria de Segurança Pública “lamenta profundamente que a defesa do responsável pelo perfil *Guarujá Alerta* queira empurrar para a Polícia Militar a responsabilidade pelo boato que resultou na morte de uma pessoa inocente no Guarujá”. “Tal comportamento demonstra escapismo.”

Moradores do bairro – e parentes de Fabiane – dizem que só souberam da história após ler os boatos do *Guarujá Alerta*. E culpam a divulgação feita.

Mulher foi linchada após dar fruta a criança

Em depoimento à Polícia Civil na tarde de ontem, uma testemunha do linchamento de Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, informou que a fúria da população começou quando Fabiane tentou brincar com uma criança e ofereceu uma fruta para um garoto. Foi nesta hora que as pessoas começaram a gritar “é a bruxa”, agredindo a víti-

ma com paus e pedras. Ela afirmou ainda que a Bíblia que a dona de casa havia buscado e carregava no momento da agressão foi confundida com um livro preto de magia negra.

A testemunha foi uma das duas pessoas ouvidas ontem pela polícia sobre o caso. Ao todo, cinco já prestaram depoimento na delegacia. Todas elas apare-

cem nas imagens da ação, tentando, sem sucesso, evitar que as pessoas agredissem Fabiane. Nenhuma nova prisão foi feita ontem.

A única pessoa presa até o momento, o electricista Valmir Dias Barbosa, de 47 anos, disse que cem pessoas participaram do linchamento. Ele foi detido após uma denúncia anônima en-

tregar sua localização. O delegado que investiga o caso, Luiz Ricardo Lara Dias Júnior, disse que outras mil testemunharam as agressões, que duraram cerca de duas horas e só acabaram com a chegada da PM.

Até o momento, também segundo a polícia, cinco pessoas tiveram a identidade obtida a partir de parte das diversas ima-

gens do linchamento feitas pela população. A promessa do delegado é que essas pessoas também sejam presas.

Alckmin. O governador Geraldo Alckmin (PSDB) esteve ontem no Guarujá para entregar uma maternidade no Hospital Santo Amaro – onde Fabiane ficou internada e teve de esperar um dia para conseguir vaga na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), segundo parentes.

Durante a cerimônia, ele co-

mentou o episódio. “Foi um fato muito triste”, disse, ao manifestar a sua solidariedade com a família da vítima.

“É inadmissível um ato de barbaridade como esse, tirando a vida de uma pessoa que não tinha nada a ver com a desconfinança da população, até porque tudo não passou de um boato”, disse, falando em seguida sobre o empenho da polícia em identificar e prender rapidamente os criminosos. / **B.R. e ZULEIDE DE BARROS, ESPECIAL PARA O ESTADO**

Leve hoje o presente da sua mãe com descontos imperdíveis.



Compre com o cartão Itaucard Pontofrio e comece a pagar em até **70 dias**.



Tablet Samsung T111M

- Wi-Fi
- Processador Dual Core™ 1.2 GHz
- Câmera traseira 2 MP
- Capacidade Multitarefa

10x R\$ 79,90

sem juros** à vista R\$ 799,00

Memória 8 GB 3G

Lavadora/Secadora

- Cesto de inox
- Painel Touch LED
- 14 programas de lavagem
- 6 movimentos de lavagem
- Diagnóstico inteligente

10x R\$ 239,90

sem juros** à vista R\$ 2.399,00

8,5 QUILOS



LG TV 32" LED 3D com conversor digital

32" LED

- Acompanham 4 óculos 3D

10x R\$ 129,90

sem juros** à vista R\$ 1.299,00

CASO BRUNO

TJ-MG nega recurso de sequestradores do filho de Eliza e ainda agrava pena

O Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ-MG) negou recursos a dois condenados pelo sequestro e cárcere privado do bebê que o goleiro Bruno Fernandes teve com a ex-amante Eliza Samudio. O caseiro Elenilson Vitor da Silva e Wemerson Marques de Souza, o Coxinha, tentavam reverter as penas de 3 anos e de 2 anos e 6 meses, respectivamente.

O tribunal ainda acatou pedido do Ministério Público Estadual (MPE) e converteu a pena de Silva do regime aberto para



o semiaberto por ele não ser réu primário.

A dupla foi condenada em 28 de agosto do ano passado. Antes deles, Bruno já havia sido condenado a 22 anos e 3 meses de prisão pela morte de Eliza.

CRIMINALIDADE

Bando com fuzil leva R\$ 3 mi de carro-forte

Quatro ladrões encapuzados, armados com fuzis, explodiram um carro-forte e roubaram R\$ 3 milhões, ontem, na Rodovia Engenheiro João Baptista Cabral Rennó, em Santa Cruz do Rio Pardo. Os criminosos dispararam mais de 30 tiros – um deles atingiu o motorista do carro-forte de raspão. O bando obrigou os seguranças a deitar na pista. “Somos terroristas”, teriam dito, segundo a polícia.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Assédio moral rende indenização a demitido

A juíza Maria da Graça Bonança Barbosa, da 5.ª Vara do Trabalho de São José dos Campos, condenou a multinacional Ericsson a pagar indenização ao técnico em eletrônica Maximiliano Galvão, de 31 anos, ex-funcionário da fábrica na cidade. Galvão é homossexual e diz que sofreu assédio moral por quase quatro anos, até ser demitido em 2013. Procurada, a Ericsson não se manifestou.

R\$ 90 mil
É O VALOR DA INDENIZAÇÃO A SER PAGA PELA MULTINACIONAL

CÂMARA DOS DEPUTADOS CCJ aprova tráfico de pessoa como hediondo

A Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados aprovou ontem um projeto de lei que torna crime hediondo o tráfico internacional e interno de pessoas para fins de exploração sexual. Pelo texto, essas práticas se tornam crimes inafiançáveis. A proposta, de autoria do deputado licenciado Giroto (PR-MS), precisa ainda ser analisada pelo plenário da Câmara. Depois, ela segue para o Senado.

ASSOCIAÇÃO MÉDICA

Site tem 2,4 mil queixas contra sistema de saúde

Um documento com mais de 2,4 mil denúncias contra o sistema público e privado de saúde será entregue amanhã ao Ministério Público Federal por representantes da Associação Médica Brasileira. As queixas foram encaminhadas por internautas de todo o País por meio do site Caixa Preta da Saúde, criado pela AMB em março. A entidade vai entregar uma solicitação para que os fatos sejam apurados pelo MPF.

profissionais com o currículo pelo

com o vencimento da fatura) incluso. Consulte preços dos produtos de cada tipo anunciado os produtos anunciados. Ofertas ***Consulte o vendedor sobre neste impresso têm preservado

pontofrio
viva a inovação

- 3 0 5 0 seg. a sáb.: das 8h à 0h - dom.: das 8h às 20h

Preso suspeito de jogar dona de casa em vala no Guarujá

Ajudante de pedreiro que se apresentou à polícia é o 4º detido por participar de linchamento; pai de 6 filhos, ele se diz arrependido

Zuleide de Barros
ESPECIAL PARA O ESTADO / GUARUJÁ

O homem que aparece em imagens divulgadas na internet jogando o corpo da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, em uma vala durante o linchamento em Morrinhos, no Guarujá, foi preso ontem. O ajudante de pedreiro Jair Batista dos Santos, de 35 anos, era considerado foragido e se apresentou no 1.º Distrito Policial de Vicente de Carvalho, onde o caso de homicídio é investigado. Ele já teve a prisão temporária decretada pela Justiça e é o quarto detido no caso de espancamento.

Desde anteontem, o advogado do acusado, Vinícius Ferreira Santos, negociava a apresentação de seu cliente à Polícia Civil. Ao meio-dia de ontem, Jair se entregou ao delegado Luís Ricardo Lara Dias Júnior. O ajudante de pedreiro é casado e pai de seis filhos e, assim como Fabiane, que deixou marido e duas filhas, vive com a família na comunidade de Morrinhos.

Segundo Vinícius, Jair está muito abalado e bastante arrependido de ter participado do linchamento de Fabiane, no sábado passado. Ela foi morta por ter sido confundida com uma suposta mulher que sequestrava crianças para rituais de magia negra. A repercussão em redes sociais levou ao crime, mas

Polícia divulga identidade de 5º acusado do crime

● A identidade do quinto suspeito de participar do linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, foi divulgada ontem pela Polícia Civil do Guarujá, na Baixada Santista. Abel Vieira Batalha Júnior, de 18 anos, teve sua prisão temporária decretada. Conhecido como Pepê, Batalha é considerado foragido da Justiça e também mora em Morrinhos, onde a dona de casa foi espancada.

De acordo com o delegado Luís Ricardo Lara Dias Júnior, do 1º Distrito Policial de Vicente de Carvalho, que preside as investi-

gações, Batalha é o rapaz que amarrou e jogou a dona de casa no mangue, conforme mostram imagens de vídeos divulgados pelos moradores na internet.

Ele não tem passagem pela polícia e a família está ajudando os investigadores a localizá-lo. Há o temor de que os envolvidos corram o risco de também serem linchados pela população.

Até ontem, quatro acusados haviam sido presos. Batalha seria o quinto envolvido no caso.

A missa de 7º dia da dona de casa será realizada hoje à noite na Igreja São João Batista, que ela frequentava. Seus vizinhos e amigos também prometeram promover uma manifestação na Praça Mário Covas, amanhã. Eles vão pedir justiça no caso do linchamento de Fabiane. / Z.B.

nenhuma criança, segundo a polícia, desapareceu no Guarujá recentemente. Um quinto suspeito é procurado pela polícia (leia mais nesta página).

Logo após o enterro de Fabiane na terça-feira – ela morreu na segunda –, a polícia deteve o primeiro suspeito. O electricista Valmir Barbosa, de 48 anos, confessou a autoria do crime, diante das evidências das imagens que o identificavam golpeando a vítima com um pedaço de madeira na cabeça.

Na madrugada de quinta-fei-

ra, foi preso o ajudante de pedreiro Lucas Rogério Lopes, de 19 anos, que chegou a pedir desculpas à família da vítima. Ele afirmou que os moradores de Morrinhos estavam em pânico com os boatos, razão pela qual estavam prendendo as crianças em casa por medo da sequestradora. “Diante da gritaria das pessoas que teriam reconhecido a mulher, não tive dúvidas em participar do tumulto”, disse o acusado.

Na noite do mesmo dia, o terceiro acusado, o ajudante de pin-



Na prisão. Polícia apresenta dois acusados de linchamento: Carlos de Jesus e Lucas Lopes

tura Alex Oliveira de Jesus, de 23 anos, também morador de Morrinhos, foi capturado em Peruibe, a mais de 100 quilômetros do Guarujá. Ele disse que estava na cidade do litoral sul para realizar serviços de pintura para parentes.

Jesus confessou sua participação no linchamento e assumiu que puxou o cabelo da vítima para se certificar de que se tratava da suposta sequestradora, cujo retrato falado foi postado na página Guarujá Alerta no Facebook, chamando a atenção da

comunidade para os riscos com as crianças.

Violência. Fabiane tinha uma filha de 12 anos e outra de 1. Ela foi violentamente espancada no momento em que voltava da igreja, onde tinha ido buscar uma Bíblia. No meio do caminho, ela parou sua bicicleta na frente de um bar para tomar um copo de água. Na ocasião, encontrou um garoto e, depois de passar a mão em sua cabeça, ofereceu uma banana, da penca que havia comprado em um

sacolão. Uma mulher que estava perto gritou que se tratava da “bruxa da internet”. Começou então o linchamento da mulher.

A dona de casa foi arrastada e golpeada com paus e pedras por adultos e crianças. Ela foi resgatada pela Polícia Militar, que a encaminhou ao Hospital Santo Amaro, onde chegou em estado gravíssimo. Morreu na madrugada de segunda-feira, em consequência do traumatismo craniano e de escoriações por todo o corpo.

46 são afastados por tortura em unidade de internação em AL

Adolescentes teriam sido agredidos um dia após criticarem monitores durante visita de Joaquim Barbosa

Mateus Coutinho

Quarenta e seis monitores de unidades de internação de jovens em conflito com a lei em Alagoas foram afastados de suas funções após serem acusados de torturar adolescentes. A informação foi divulgada ontem pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Entre os relatos que estão sendo investigados pelo Ministério Público e pela Defensoria, existe a denúncia de que um grupo de monitores mascarados teria invadido os alojamentos onde jovens dormiam em uma unidade de Maceió e os agredido, em 16 de abril, um dia após a visita do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) e do CNJ, Joaquim Barbosa, ao local em uma vistoria.

Na visita ao Núcleo Estadual de Atendimento Socioeducativo (Neas) e à Unidade de Internação de Jovens e Adultos (Uija), em Maceió, Barbosa ouviu críticas de adolescentes sobre problemas no fornecimento de alimentação, serviços de saúde e tratamento dado pelos funcionários dos locais. “Encontramos uma série de problemas graves, que envolvem instalações inadequadas, pessoal não capacitado e penúria de pessoal”, disse, na ocasião, o presidente do STF.

No dia seguinte, segundo relatos feitos pelos internos, funcionários teriam agredido os adolescentes com socos, chutes e golpes de vassoura. “Foram produzidos laudos de corpo de deli-

to que comprovam a prática de tortura por parte de 18 dos 46 monitores afastados. Nesses casos, há comprovação material das agressões em procedimentos instaurados pelo Ministério Público e pela Defensoria, que lutam incessantemente contra a tortura”, afirmou a juíza Ana Cristina Borba Alves, designada pelo CNJ para verificar a situação do sistema socioeducativo de Alagoas.

Ana Cristina coordena desde segunda-feira passada o mutirão Eficiência e Socioeducação do CNJ. A ação visa a fiscalizar as unidades de internação socioeducativa. Só em Maceió, cinco unidades já foram visitadas.

‘Caótica’. Ainda segundo o CNJ, a situação do sistema socioeducativo alagoano também foi debatida durante a 228.ª Assembleia Descentralizada do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), realizada nesta semana em Maceió. Na ocasião, a juíza auxiliar da Presidência do CNJ, Marina Gurgel, que representou o órgão na audiência pública realizada na quarta-feira, apresentou balanço da situação “caótica” encontrada nas unidades de internação.

“Em alguns casos, a situação de adolescentes internados aqui em Maceió consegue ser pior do que o Regime Disciplinar Diferenciado (RDD), reservado a presos adultos de alta periculosidade. Muitos adolescentes passam 23 horas segregados em alojamentos imundos e recebem alimentação imprópria para o consumo humano”, disse Marina. A magistrada se reuniu com integrantes da Justiça do Estado para esboçar uma força-tarefa contra as violações dos direitos humanos de adolescentes em Alagoas.

A Megaloja inteira para você inovar no presente da sua mãe.



Wi-Fi



Tablet Samsung T110N

- Câmera traseira 2.0 MP • Wi-Fi • Tela 7"
- Memória interna 8 GB
- Processador Dual Core™ 1.2 GHz
- Capacidade multitarefa

10X R\$ 49,90
sem juros** à vista R\$ 499,00

ECONOMIZA 6X MAIS ÁGUA

Lava-Louças

- 8 serviços
- 5 ciclos de lavagem
- Função Acquaspray

10X R\$ 99,90
sem juros** à vista R\$ 999,00



Compre com o cartão Itaucard Pontofrio e comece a pagar em até 70 dias!

pontofrio
viva a inovação

MEGALOJA
na Marginal Tietê

Marginal Tietê, entre as pontes do Piqueri e Freguesia

A Via Varejo está com vagas abertas para profissionais com deficiência. Os candidatos deverão cadastrar o currículo pelo site www.pontofrio.com.br/trabalheconosco

ciclo) com prazo de 40 a 70 dias (de acordo com o vencimento da fatura) está condicionada às compras parceladas realizadas nos dias 2, 3, 4, 9, 10 e 11 de e outras condições de pagamento na loja Pontofrio mais próxima. Consulte o CET no momento da contratação. A compra parcelada compromete seu limite de erros neste impresso têm preservado o direito de retificação. Sujeito a análise de crédito.* Condição exclusiva para os produtos anunciados. Ofertas válidas no mostruário. Não vendemos por atacado.*** Consulte o vendedor sobre os modelos disponíveis. Condição de pagamento: sem juros para financiamento em 10X direito de retificação. Fotos ilustrativas. As ofertas anunciadas não são válidas para a loja virtual www.pontofrio.com.br nem para o Televentas.

- 3 0 5 0 seg. a sáb.: das 8h à 0h - dom.: das 8h às 20h